ESPECIAL ANDRE MATOS

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

- ★ A CARREIRA
- ★ DISCOGRAFIA
- ★ MEMORIAL
- ★ PÔSTERES
- ★ BLIND EAR

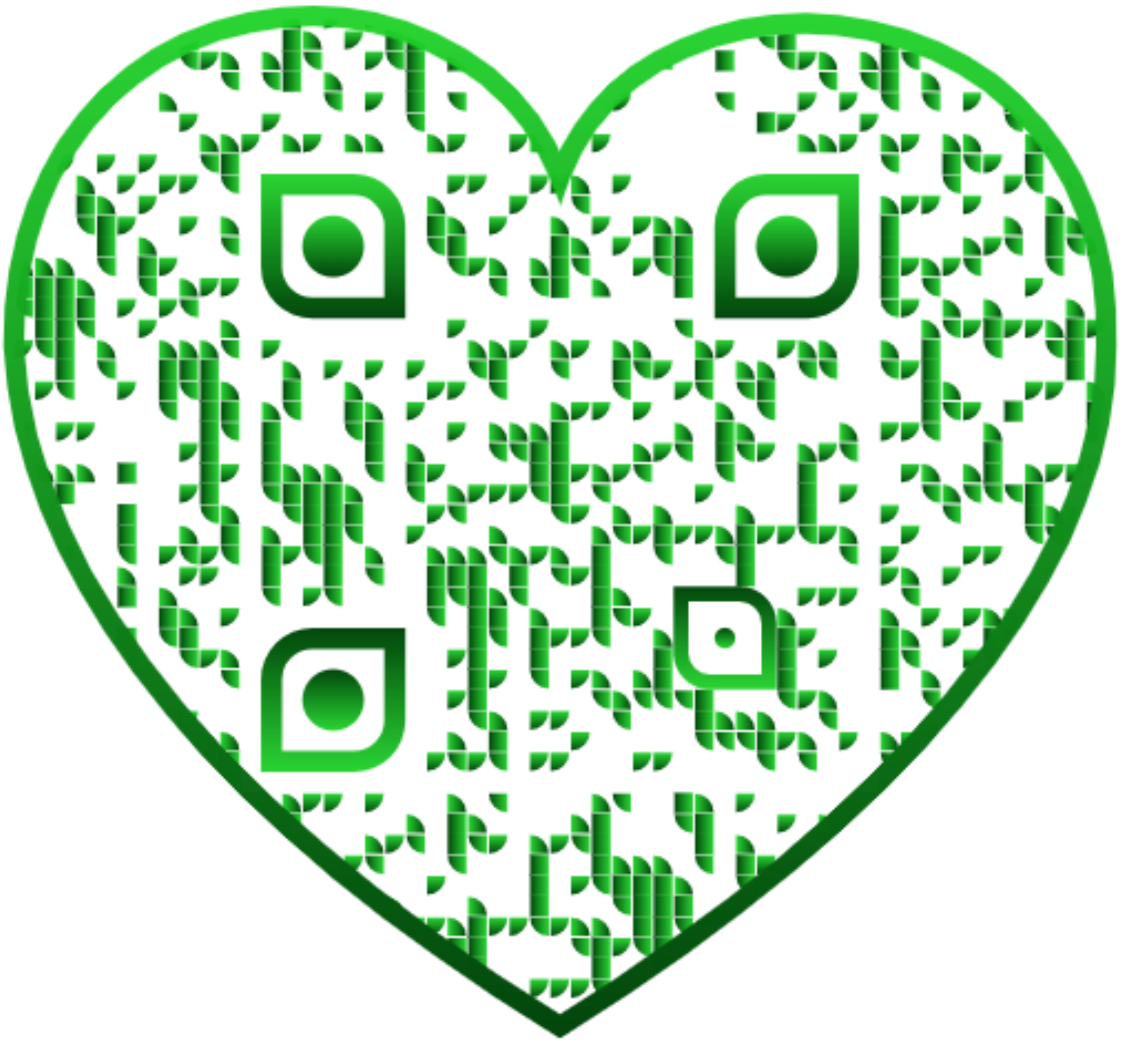
Grupo Único

ANDRE MATOS

★14/09/1971 ✝08/06/2019

ENTREVISTAS

VLTIMAS • SYMPHONY X • DOCTOR PHEABES • S.O.T.O.
DEMONS & WIZARDS • ANTHEM • BURNING RAIN
DIAMOND HEAD • NERVOCHAOS • POSSESSED



NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com

DIGIPACK com bônus limitado

DESTRUCTION
BORN TO PERISH

A novíssima formação com Randy Black (bateria) e Damir Eskić (guitarra), juntamente com os veteranos Schmier e Mike, está aqui para lhe trazer a destruição musical. Este é um novo capítulo na longa e impressionante história da banda.

Formatos JEWELCASE e DIGIPACK

DEATH ANGEL
HUMANICIDE

O novo álbum da lendária banda de Thrash Metal da Bay Area
Inclui uma faixa bônus

POSSESSED
REVELATIONS OF OBLIVION

Novo álbum dos pioneiros do Death Metal, e criadores dos lendários álbuns "Seven Churches" e "Beyond The Gates", depois de mais de três décadas. Mixado e masterizado pelo renomado Peter Tägtgren (Hypocrisy, Pain, Bloodbath)

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

REDEMPTION TOUR 2019
NOTURNALL
+
NIKE PORTNOY
31-10 - FORTALEZA/CE
Local: COMPLEXO ARMAZÉM - quinta - 20h
01-11 - BELO HORIZONTE/MG
Local: MISTER ROCK - sexta - 21h
02-11 - BRASÍLIA/DF
Local: CC ULYSSES GUIMARÃES - sábado - 21h
03-11 - GOIÂNIA/GO
Local: BOLSHOI PUB - domingo - 18h
07-11 - SÃO PAULO/SP
Local: TROPICAL BUTANTÃ - quinta - 20h
08-11 - NOVA FRIBURGO/RJ
Local: À CONFIRMAR - sexta - 21h
09-11 - LIMEIRA/SP
Local: BAR DA MONTANHA - sábado - 21h
10-11 - PORTO ALEGRE/RS
Local: OPINIÃO - domingo - 18h
14-11 - UBERABA/MG
Local: À CONFIRMAR - quinta - 21h
15-11 - RECIFE/PE
Local: À CONFIRMAR - sexta - 21h
16-11 - MANAUS/AM
Local: À CONFIRMAR - sábado - 21h
Grupo Único
SPECIAL GUEST
EDU FALASCHI
+BANDAS CONVIDADAS
ATTRACTHA
DARKSHIP
DISLAZE
HAMMATHA
IGNITED
KATHARSIIS
KAMERATTA
MADJOKER
PERFECT ELEMENT
SEVENTH SIGN HEAVEN
UNTHOLD
VERSOVER
VIENNA
Violet
VOCIFER

ÍNDICE

6 CENÁRIO
16 ROADIE MAIL
18 ESPECIAL ANDRE MATOS
24 MEMORIAL ANDRE MATOS
30 DISCOGRAFIA COMENTADA ANDRE MATOS
42 BLIND EAR
ANDRE MATOS
44 RELEASES
54 PLAYLIST
MARCOS DANTAS (AZUL LIMÃO)
56 DEMONS & WIZARDS
60 ANTHEM
62 S.O.T.O. (JEFF SCOTT SOTO)
66 BURNING RAIN
70 VLTIMAS
74 SYMPHONY X
76 HEADPHONES IN FURY
EDU FALASCHI
78 DOCTOR PHEABES
80 HIDDEN TRACKS
ACID STORM
82 BACKGROUND
RUSH (PARTE 8)
88 DIAMOND HEAD
90 NERVOCHAOS
92 POSSESSED
96 COLUNISTAS
IT'S ONLY ROCK'N'ROLL / BROTHERHOOD /
A LOOK AT METAL / CAMPO DE BATALHA
98 PROFILE
LEANDRO CAÇOILO (VIPER, ENDUST E OUTROS)

FOTO: FERNANDO PIRES

Grupo Único

CARTA DO EDITOR

NOSSA HOMENAGEM A ANDRE MATOS

Cumprindo o que prometemos na edição do mês passado, a ROADIE CREW de julho traz matéria especial dedicada a prestar uma homenagem ao ídolo e amigo ANDRE MATOS, que nos deixou tão precocemente no último dia 8 de junho. Temos consciência de que esta homenagem não é suficiente para amenizar a dor que sentimos pela sua perda. Fãs, amigos e familiares, teremos todos que nos conformar com sua ausência física, mas sua arte permanecerá contribuindo para manter o brilho de um cenário artístico-musical que traz muita alegria a uma quantidade enorme de pessoas esparramadas por todos os continentes deste mundo. Um mundo que ficou mais pobre em cultura, infelizmente.

Neste tributo à vida e à obra do Maestro Andre apresentamos um pouco da sua história como um protagonista dos mais destacados no cenário do heavy metal desde o início da adolescência. Colhemos e reproduzimos depoimentos emocionados, e emocionantes, de amigos e parceiros com os quais conviveu compartilhando palcos e estúdios; reportamos todos os discos que gravou e com os quais contribuiu não apenas participando como vocalista - um "frontman" admirável -, mas também como musicista, compositor e arranjador. Como parte da matéria especial, publicamos o poster duplo, com fotos do Andre, que certamente merecerão um lugar especial na casa de cada fã de música de qualidade.

É fato que um acontecimento como esse causa um impacto gigantesco nas pessoas com as quais ele se relacionava pessoal ou profissionalmente. Mas mesmo quem não conhecia o Andre fica sensibilizado ao receber uma notícia dessa e toma conhecimento do quanto é importante o trabalho que ele sempre fez como profissional de altíssimo nível, e que valorizou o nome do Brasil no exterior.

Mas é uma pena que a imprensa "mainstream" no Brasil não conta com profissionais capacitados para cobrir a área de cultura adequadamente. Muitos dos "jornalistas de carteirinha" jamais tomaram conhecimento do respeito e admiração que artistas brasileiros que trabalham com rock/heavy metal desfrutam em países como Alemanha, França, Japão etc. E entre eles sempre brilhou a figura de Andre Matos.

Na verdade, não é somente no jornalismo cultural que alguns padecem da pobreza de conhecimento na área em que atuam. Na economia, na política, no esporte, e outros segmentos, enfrentamos problemas piores que a ignorância. Os ditadores de pauta vão continuar encomendando aos "foquinhas amestrados" as matérias de seu interesse, e o rock não está entre suas prioridades. É por isso que a morte de Andre, um artista que honrou seu país com um trabalho digno e criativo, não teve a repercussão que merecia nos veículos de comunicação da grande mídia, sejam emissoras de rádio e TV, ou os portais jornalísticos na internet.

Além da matéria especial sobre o Andre, completamos o conteúdo da edição com a costumeira variedade de estilos e bandas de diferentes gerações. A entrevista com Brian Tatler do Diamond Head, tradicional representante da NWOBHM, me instigou a curiosidade em conferir seu novo lançamento: *The Coffin Train*. O heavy metal é mesmo imortal.

AIRTON DINIZ

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 246
JULHO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Ámler e Vinicius Neves

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Nando Machado e Thiago Rahal Mauro

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

SITE: WWW.ROADIECREW.COM
FACEBOOK/TWITTER: ROADIECREWMAG

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

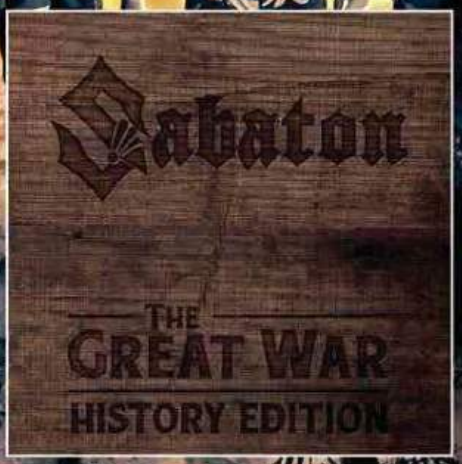
SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records
SOUND CITY RECORDS

Disponível em **JEWELCASE** com capa especial para o Brasil e **DIGIPACK** *HISTORY EDITION* com narração introdutória para cada música.



SABATON
THE GREAT WAR

A banda mais original e excitante do metal contemporâneo.
Um álbum conceitual sobre a Primeira Guerra Mundial.

TURILLI / LIONE RHAPSODY
ZERO GRAVITY – REBIRTH AND EVOLUTION

Luca Turilli (Rhapsody) e Fabio Lione (Angra) juntos novamente. 2 dos músicos pioneiros do metal sinfônico! Sempre e onde o guitarrista, tecladista e compositor Turilli e o vocalista Lione trabalharam juntos, o resultado foi algo extraordinário. E aqui não é diferente!

MEMORIAM
REQUIEM FOR MANKIND

Terceiro lançamento de uma das maiores bandas de death metal na atualidade. Grande produção, vocais agressivos, uma abordagem épica.

TAMBÉM DISPONÍVEL

THE SILENT VIGIL

FOR THE FALLEN

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

anúncio: www.jduartedesign.com

MOFO: SEM MAIS MUROS NO CAMINHO

Rodrigo "Shakal", Arthur Colonna, Pedro Dinis, Emiliano Gomes e João Paulo "Mancha" promovem EP, mas já planejam álbum de estreia

Letras ácidas, repletas de críticas à maneira como o mundo é conduzido e àqueles que o conduzem. Críticas ao conformismo social, ao desrespeito generalizado que praticamente virou uma regra de conduta. Nada escapa dos olhos aguçados dos letristas do Mofo, mais uma banda de thrash metal que chegou chamando atenção no cenário nacional. Com um som calcado (mas não limitado) na escola americana, eles chegam reivindicando seu lugar no topo em seu EP de estreia, o ótimo *Empire of Self Regard*. Prometendo uma nova oferta de estúdio, o guitarrista Rodrigo 'Shakal' Loreto atendeu a ROADIE CREW.

Falando do ponto de vista estritamente musical, quais foram as bandas que serviram como base no início da jornada do Mofo? De que maneira foram moldando a sonoridade para chegar ao que a banda é hoje?

Rodrigo 'Shakal' Loreto: De início, é obrigatório citar Iron Maiden e Metallica. A banda começou muito cedo, então essas eram as maiores referências. Mas acredito que ao longo dos anos elas deixaram de ser referências só musicais e viraram referências maiores de show. Quanto mais animado, quanto maior a conexão com o público, quanto mais suado e descabelado sairmos do palco, melhor. Apesar de faltar verba para usar fogos de artifício, pirotecnia, robôs, telões, fantasias e outras peças de shows mais teatrais, nosso sangue, suor e lágrimas são derramados no palco em todos os shows, seja para cem pessoas ou dois moradores de rua e mesário do evento. Hoje já temos muitas outras influências na conta, como Death, Coroner, Havok, Kreator antigo, Slayer, Morbid Angel, Suffocation, Sepultura... Então, fomos pegando um nível maior de agressividade e técnica no som, buscando aquele limiar entre o mais difícil e o mais rápido que conseguimos tocar ainda fazendo sentido, sem ficar chato e 'aloprando' no palco.

O mesmo processo se deu quando o assunto são as letras? Existia uma banda cujas letras despertaram o interesse e a vontade de enveredar por aquele caminho?

Shakal: Pessoalmente, sou muito fã das letras e melodia de Megadeth e Anthrax, mas acredito que não tivemos essa melodia muito forte no EP. É justamente nesse ponto onde buscamos maior evolução em relação ao EP. Falando estritamente da 'poesia', aí a coisa já fica mais dispersa. A inspiração maior vem do jeito que essas duas bandas escrevem e não necessariamente sobre o que escrevem. A maioria das letras são sobre raivas que passamos, outras são histórias fictícias à la filme B de terror e algumas ainda sobre fatos que nos chamam a atenção.

Falando sobre letras, alguns temas são considerados quase que clichês dentro de gêneros específicos: as sagas de capa e espada no metal melódico, o horror e a morte no death metal, e, no caso do thrash, é muito comum a crítica social. Isso chega a ser um problema na hora de escrever as letras, a vontade de abordar um assunto e a vontade de não soar repetitivo?

Shakal: É um problema, mas também é um desafio. Acho que ajuda a atiçar a criatividade. Usar de ironias e o outro ponto de vista dessas histórias escrotas ajudam a fugir do clichê e aumentar a indignação.

Em 2017, vocês lançaram o EP de estreia, *Empire of Self Regard*. Com base nas perguntas anteriores, temos uma noção de como funciona o processo de composição de vocês, então, resta saber como foi o caminho que percorreram até chegar a tê-lo pronto e lançado. O que podem nos contar sobre esse período inicial?

Shakal: Muito ensaio, muita reunião, muita discussão, muito show, muita enrolação, mudança de formação... Aconteceu de tudo porque demoramos como banda até lançar esse material. A banda é de 2010, mas a formação só se estabilizou em 2015. Trocamos de baixista, baterista, vocalista, guitarra, teve gente que foi e voltou, só resta eu de original. Para mim já era um ponto de 'ou vai ou racha'. Se não gravássemos em 2016 não teria para que continuar a banda. Mas ainda bem que gravamos, porque mudou muita coisa para nós. Banda sem disco não é banda, agora tínhamos um material de qualidade para provar nossa existência fora dos palcos.

A primeira coisa que chama atenção no EP é o título. Que ideia quiseram transmitir com ele? Já que não existe uma faixa-título, embora apareça na letra de *Eternal Stealing of Souls*, é correto pensar que essa ideia se expande para todo o conteúdo lírico do disco?

Shakal: Estava me perguntando sobre isso um dia desses. Dá para traçar um paralelo de egoísmo de *Mountain* até *Black Squad*. O maluco assassino em *Mountain* que só quer saciar suas vontades, a punição do babaca egocêntrico em *Tartarus*, os manda chuvas com fome de poder em *Eternal* e os comandantes racistas em *Black Squad*. No fim vem nossa música de união, *We Are Metal*, sobre a paixão de tocar, de ouvir, de participar da família que é o metal.

***Eternal Stealing of Souls* traz parte do célebre discurso que o ex-presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan fez diante do Portão de Brandenburgo (Berlim), pedindo ao então líder da União Soviética, Mikhail Gorbatchev, que 'derrubasse o muro'. Historicamente, o Muro de Berlim foi o desperdício de todo tipo de recursos imagináveis e uma prova inequívoca da imensa capacidade humana de cercear direitos civis, ao passo que a frase citada resta como uma prova do nosso inconformismo diante da adversidade e espírito de luta. O que podem nos contar sobre esta música, e o que quiseram evocar ao inserir esta pequena vinheta?**

Shakal: Perfeito! Esse trecho no começo da música é para nos lembrar do que os chefes de Estado são capazes de fazer com a população só para provar suas teorias, sua capacidade, seu poder, sua tirania. Não podemos nunca nos esquecer de que nós mandamos no Estado, nunca o contrário. O povo tem que saber reivindicar seus direitos de maneira objetiva para reaver nosso poder de população. Afinal, eles são servidores e nós somos o público.

Pelo que ouvimos, o Mofo tem planos para o lançamento de seu primeiro full-length. Como estão as coisas neste sentido, já existe um cronograma de lançamento?

Shakal: Ainda não temos cronograma de lançamento do disco, mas já o temos pronto nos ensaios e tocaremos grande parte dele nos nossos shows no Estado de São Paulo. Assim que voltarmos vamos começar as negociações com os estúdios. Já temos alguns na mira para visitar e outros que já conhecemos de trabalhos anteriores. Pedimos desculpas pela demora a todos que nos ajudaram nessa campanha. Já devíamos estar com tudo pronto, mas queremos ter a certeza de trazer o nosso melhor trabalho possível para todos!

E quanto às novas músicas, vocês já compuseram todo o material necessário? O que podemos esperar do novo material?

Arthur Colonna: Sim, as músicas para o novo disco estão praticamente prontas. Faltam alguns detalhes pequenos, como algumas frases e solos. Velho, modéstia à parte, no meu ponto de vista o Mofo se superou nessas composições. Esse full está completíssimo! Tem músicas focadas mais em peso, outras em velocidade, muitas letras fortes... O que posso dizer é que esse disco novo vem mais técnico, mais pesado e, com certeza, mais rápido.

Valtemir Amler

KRYOUR: PRODÍGIOS DO DEATH METAL MELÓDICO

Com média de idade de 20 anos, Gustavo Iandoli (vocais e guitarra), Wesley Peira (guitarra), Gustavo Muniz (baixo) e Matheus Carrilho (bateria) fizeram bonito na estreia fonográfica do Kryour, com *Where Treasures Are Nothing*. Trata-se de um trabalho conceitual, que aborda males como a depressão e a ansiedade, guiado por um death metal melódico de primeira classe. Conversamos com Gustavo Iandoli a respeito dessa nova pérola do metal nacional.

Wesley Peira, Gustavo Muniz, Gustavo Iandoli e Matheus Carrilho praticam um som versátil, entre o death metal melódico e o metalcore

FOTO: RENAN FARCOOLO

Em minha opinião, *Where Treasures Are Nothing* já é um dos melhores discos nacionais do ano. O álbum parece agradar em cheio fãs de Children of Bodom e Soilwork, mas deve angariar admiradores de várias vertentes do metal. Você concorda com isso? E de onde vêm as inspirações da banda?

Gustavo Iandoli: Muito obrigado pelo elogio. E, sim, queremos agradar o maior número possível de pessoas. Há faixas muito pesadas, mas também tem algumas instrumentais mais leves. Ou seja, há música para diferentes tipos de pessoas. Cada membro da banda tem suas influências. Amo Children of Bodom, Gojira, Kreator, escutava muito Sonata Arctica... Gosto de coisas dentro e fora do metal.

Que tipo de coisas fora da cena metal o influencia?

Gustavo: Nosso álbum é conceitual e fala sobre sensações humanas. Nesse aspecto, alguns artistas meio indie me inspiram, como Twenty One Pilots e Aurora, esta, inclusive, traz belas melodias nórdicas. Coisas que influenciam de forma inconsciente.

O quanto o Gojira o influencia? Pergunto isso porque não detectei muita coisa deles no instrumental de vocês.

Gustavo: (risos) Realmente, na questão instrumental, tem algumas coisas que não soam tão próximas ao Gojira, que é uma banda com mais groove. Só que a gente gosta muito daquelas dobras de guitarra deles. E a influência é mais no conceito mesmo.

Musicalmente, faixas como *Anxiety* são mais rápidas, enquanto outras, vide *Chaos of My Dream*, são mais cadenciadas. O quão intencional e o quão natural foi ter essa versatilidade no álbum?

Gustavo: Não foi tão intencional assim, creio que foi algo muito natural. Existem músicas que começam mais rápidas e depois ficam lentas, e tem aquelas com riff mais pegado e se tornam 'clean'. Houve ocasiões em que apareceram melodias como se eu estivesse fazendo-as para uma orquestra ou trilha sonora de um filme, coisas que vêm de arranjos de piano. Aí eu pegava essas melodias e transformava-as em riffs, por exemplo.

Quais canções você acredita que funcionam como epítome do disco?

Gustavo: Se eu tivesse que listar duas músicas, acho que seriam a *Restless Silence* e a *Anxiety*, esta última pela intensidade do tema em si.

É um álbum conceitual que aborda temas vigentes, como depressão e ansiedade. Como se deu a decisão de tratar de temas tão delicados?

Gustavo: Eu sofri muito com ansiedade, e a galera da banda também tem algumas intimidades com ela. Acho que comecei a abordar assuntos mais sensíveis em 2015, época em que eu estava muito ruim com relação à ansiedade. Uma angústia e uma depressão me levaram a ter uma crise de pânico. Eu chegava ao hospital com a absoluta certeza de que estava com sintomas de infarto, mas o médico, ao me analisar, constatava que não havia nada disso. Eu sentia coisas horríveis. Hoje em dia estou bem melhor. Resolvemos falar sobre esses temas. A depressão é o mal do século, e acho que o disco pode fazer as pessoas se sentirem melhor.

Diante dessa história que você acaba de me contar, existe um tom biográfico na história narrada em *Where Treasures Are Nothing*?

Gustavo: Certamente, existe algo sim. Quando escrevi algumas músicas, as primeiras compostas para o álbum, pensei em como seriam todas as fases da minha vida até a morte. A *Chaos of My Dream* e *Falling in Oblivion* falam um pouco sobre mim. Mas, ao mesmo tempo, tentei ser o mais genérico possível para as pessoas se identificarem de alguma forma.

No mundo corrido em que vivemos, você acredita que esse disco seja uma lição ou uma ajuda a pessoas que, às vezes, sequer têm tempo para respirar?

Gustavo: Sim, acredito que nós, seres humanos, não conseguimos aproveitar nosso tempo. Não é incomum alguém utilizar a Netflix e não aproveitar a experiência completa de um filme, porque fica pensando logo nas outras opções à disposição. Olhando questões assim, chega-se a um ponto em que é preciso uma 'trégua'. Eu tenho seis jogos de videogame e sofro com esse tipo de coisa (risos). Mal começo a jogar um e já penso em jogar outro. Falta aproveitar o agora, curtir os amigos em vez de ficar só no celular.

Nesta união entre conceito e música, qual a importância das quatro músicas instrumentais, sendo duas 'vinhetas', uma introdução e um encerramento?

Gustavo: Por incrível que pareça, não houve algo que tenha nos influenciado nessa decisão de fazer faixas instrumentais. Bem, talvez o Gojira tenha nos inspirado um pouco nisso, como aquelas passagens inseridas no meio do disco *Magma* (2016). Mas as compomos para causar algumas nuances. O disco narra uma história de vida. E a vida de um ser humano não é intensa o tempo todo. Há coisas leves, mais calmas. E vem a pauleira também (risos).

A banda tem apenas cinco anos, e essa formação existe há cerca de três, mas o grupo já desenvolve um som acima da média. O quanto cada integrante acrescentou nesse processo?

Gustavo: Fico feliz pelas pessoas maravilhosas que formam o Kryour. Todo mundo acrescenta muito para o grupo. Não seria possível um trabalho tão bom se não fossem essas pessoas. Os quatro integrantes são competentes, tocam muito bem e estudam bastante. E a gente tem uma disciplina grande. Essa sincronia e essa química resultaram em algo importante para nós.

Quais os próximos passos do Kryour?

Gustavo: Primeiramente, no dia 22 de junho (N.R.: a entrevista foi realizada no fim de maio) faremos o show de lançamento do disco. Pensamos em tocar em vários estados do país. E algumas novas composições já estão rolando.

Por fim, uma pergunta não menos importante: o que significa o nome da banda?

Gustavo: Lembro-me que, com 14 anos, quando comecei a banda, fui pensando em várias palavras, até chegar em 'cry' (choro) e 'our' (nosso). Então ficaria 'cryour', algo como 'nosso choro'. O ápice de emoções como ódio, raiva e tristeza é o choro. Ou seja, o choro é uma forma de botar emoções para fora. Com a banda, queríamos colocar nossas emoções, ou seja, nossa música, para fora. Acredito que a música seja o ápice de nossas emoções, entende? Agora, coloquei o 'K' como primeira letra apenas por questão estética (risos).

Thiago Prata

NEURO RUPTURA: SENTIMENTOS ALÉM DA MÚSICA

A gaúcha Neuro Ruptura chega ao seu primeiro disco, *2K18*, desfilando mensagens positivas em uma sonoridade que mescla escolas modernas do metal, porém sem se prender a uma em específico e cantando sempre em português. Segundo a banda, sua essência transmite os sentimentos de seus integrantes. Mas qual seria essência? Vamos descobrir na entrevista a seguir por meio das palavras de Marcos Ramírez que, com muita versatilidade, divide os vocais do grupo ao lado de Jean Kaiser.

Marcus "Titânio", Diego Lucher, Jean Kaiser, Marcos Ramírez, Guilherme Carvajal e Rodrigo Carpes: mensagens positivas no debut 2K18

O debut *2K18* foi lançado quatro anos depois do EP *Caminho*. Qual a principal diferença entre eles?

Marcos Ramírez: A principal diferença foi que projetamos músicas mais pesadas em relação ao EP *Caminho*. Baixamos a afinação das cordas e entramos um pouco no metal core com guitarras mais graves, vocais com maior uso de gutural e mais velocidade na bateria, principalmente nos bumbos. Apesar de as letras continuarem na mesma linha de pensamento positivo e motivacional, notamos uma evolução considerável na forma de transpor essas mensagens positivas a quem nos escuta, cada vez mais direta e verdadeira.

No material de divulgação da banda está escrito que este novo álbum ficou marcado por algumas renovações. Quais?

Marcos: A exploração de novas sonoridades, ou seja, um maior desapego em seguir um estilo único ou rótulo musical. Uma renovação na forma de escrita, de expressão. A maturidade pessoal e profissional de cada integrante foi essencial para a realização do CD *2K18*. A renovação passa da questão técnica, são pontos mais intrínsecos de cada um, e que reflete no coletivo, que por sua vez é o que chega ao ouvinte. São mais de 17 anos de banda, a renovação de como e por onde seguirmos foi de certa forma natural. Novos caminhos, mesmas ideologias.

E como está a recepção de *2K18*? Existe planos para clipe, ou mesmo uma turnê de divulgação?

Marcos: O CD *2K18* chega como 'um soco no estômago' de quem o escuta, seja para quem nos conhece desde o início ou para novos ouvintes. Os feedbacks recebidos são sempre parecidos: 'legal que é em português', 'o som está mais pesado', 'os vocais estão mais alinhados', 'me identifico com a letra de tal música'... Quanto aos próximos passos em relação ao CD, estamos em processos avançados para a realização do clipe de uma das faixas, assim como agenda segue aberta para shows promocionais do CD *2K18* durante o ano de 2019.

Ao ouvir com calma o CD, pensei algo próximo ao metalcore, a princípio, porém acho que a ideia não é se prender a um rótulo, certo?

Marcos: Sim, quem escuta o CD consegue identificar mais de um estilo, gostamos de explorar o momento que estamos vivendo e o que estamos usando de referência. Mas a ideia é não nos prendermos a um estilo único, a um rótulo musical em específico.

O Rio Grande do Sul é um berço de grandes nomes do metal extremo com, logicamente, uma grande legião de fãs do estilo. Em qual espaço a Neuro Ruptura consegue se encaixar?

Marcos: Aí está uma questão sempre debatida nas rodas de conversa. Em suma, não conseguimos ver a banda como um 'metal extremo', o que, de certa forma, nos distancia dessa real legião de fãs do estilo. Digo isso, pois os subgêneros do metal extremo acabam sendo, com toda razão, bandas de thrash metal, doom metal, black metal e outros nessa linha. A nossa sonoridade pode até ter nuances que nos enquadrem no metal extremo, mas com a pegada dos vocais, os sentimentos e mensagens impostos nas letras são difíceis de achar uma identificação real com esse movimento. E sem problema algum, após mais de 17 anos de banda, entendemos que existem rótulos e que isso ajuda a fortalecer um estilo, uma comunidade, que por sua vez engrandece a cena local com um todo. Mas há muito tempo abdicamos de rótulos e denominações, somos rock, somos metal, somos underground, somos o que o cada receptor de nossas mensagens nos disser que somos e que faz sentido a ele. Nos encaixamos na cultura rock, e cada um tem a sua percepção de rock, não é mesmo?

Como funciona a criação e divisão de suas linhas vocais com as de Jean Kaiser? Para mim, essa alternância vocal é um ponto alto do grupo!

Marcos: Isso é algo que sempre foi muito intuitivo entre os vocalistas, a criação ocorre de forma tão natural, pois cada um sabe a sua linha de sonoridade (mais agudo ou mais grave, mais suave ou mais agressivo) assim como aspectos pessoais de cada um, por isso, na hora da composição das letras, um já escreve sabendo o que o outro gostaria de expressar, o tipo de frase, o tipo de entonação. São mais de 17 anos com os mesmos vocalistas, pensa aí, como seria uma seleção com os mesmos atacantes a mais de 17 anos juntos? Óbvio que nesse processo natural, também aprendemos e desenvolvemos técnicas especificas para atuarmos com dois vocais tão diferentes.

Aliás, por que a escolha de cantar em português? Fica claro que a ideia é sempre transmitir mensagens positivas nas letras, certo?

Marcos: Nossas músicas têm a intenção de passar algo bom, algo que toque a vida das pessoas, tanto as que gostam de som pesado quanto as que não se identificam com o peso, mas se identificam com as letras. Sempre foi uma prioridade enquanto banda, ou seja, enquanto expressão cultural, sermos entendidos claramente e podermos atingir as pessoas de uma forma positiva. E para nossa realidade atual, letras em português foi uma escolha para atingirmos nosso publico alvo. Se a pessoa escuta uma única música da Neuro Ruptura, eu preciso ter certeza que naqueles 3 ou 4 minutos, esse ouvinte vai receber e entender a positividade das nossas composições.

Para finalizar, a escolha do nome Neuro Ruptura sugere algum conceito ligado à existência humana. Esse é o caminho?

Marcos: O conceito de romper pensamento, quebrar paradigmas, despedaçar a negatividade da mente humana. Entendemos que todos têm um grande conflito na mente e lutamos a cada momento contra nosso próprio lado negativo. E se de alguma forma ele nos corrói, devemos romper de vez esses maus pensamentos e apostar no bem, na positividade, naquilo que nos move sempre à frente.

Matheus Vieira

Hammerheart Records Brasil apresenta

NERVOCHAOS ABLAZE

Ablaze, o oitavo álbum de estúdio da banda brasileira NervoChaos.

Disponível na loja virtual:
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

MALEVOLENT CREATION
THE TEN COMMANDMENTS

Relançamento deluxe do Death Metal álbum de 1991 e os demos 1987-1990.

Disponível na loja virtual:
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

DEADHEAD
THE FEAST BEGINS AT DAWN

Relançamento deluxe do Death Thrash álbum de 1991 e os demos 1989-1990.

Disponível na loja virtual:
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

E MAIS UMA GRANDE SELEÇÃO DE TÍTULOS NACIONAIS E IMPORTADOS!
www.hammerheartbrasil.loja2.com.br

ORTHOSTAT: UM MEMORIAL PARA O METAL DA MORTE

O nome da banda não é dos mais comuns, mas a relação com o som que ela pratica não poderia ser mais clara e justa. Perguntado sobre o assunto, o guitarrista e vocalista David Lago, nosso entrevistado, esclareceu que ortostatos são "monumentos de pedra geralmente em formatos verticais que possuem algum sentido cultural ou simbólico", como o Stonehenge, no Reino Unido. "Existe uma relação muito próxima entre os ortostatos e a morte, e isso chamou muito a nossa atenção quando propus o nome para o projeto", ele acrescenta. Pronto, agora basta você colocar o ótimo álbum de estreia dos catarinenses, *Monolith of Time*, para tocar, e tudo fará sentido. O nascimento do grupo, sua evolução e o primeiro álbum, tudo foi abordado por David Lado na entrevista, que será melhor apreciada quando acompanhada por ótimo death metal.

Igor Thomaz, David Lago, Rudolph Hille e Eduardo Rochinski revivem antigas civilizações ao som do death metal

O Orthostat surgiu em 2015, em Jaraguá do Sul/SC. Vocês já se conheciam antes? Qual é o background musical de vocês, e como elaboraram o caráter musical do Orthostat?

David Lago: Orthostat começou numa brincadeira nos aquecimentos para os ensaios do Impiedoso, banda de black metal que também sou guitarrista. O baterista Marcio Coelho e eu sempre brincávamos com alguns riffs, e algumas músicas saíram daquelas brincadeiras. Alguns riffs eram de um projeto chamado Hellfrost, que possuía quando morei na Bahia. Mudamos e adicionamos alguns elementos a mais nas músicas, e, com a ajuda de Eduardo Rochinski (baixo), gravamos uma demo em 2016, *Into the Orthostat* e oficializamos um projeto. O Eduardo e o Márcio já eram amigos de longa data. Todos nós sempre gostamos muito de death metal com uma característica mais obscura, assim como também gostamos bastante de composições elaboradas. Isso se reflete muito no que é possível observar no nosso full-length: guitarras pesadas, graves potentes, ritmos elaborados, solos modais, vocais soturnos – mixados ao conteúdo instrumental como outro instrumento, e não como ponto de atenção principal –, entre outros detalhes que fazem parte da originalidade do nosso som. Os primeiros dias foram muito divertidos, a época de moldar o som da banda, de compor e arranjar músicas é sempre uma parte muito gratificante para quem gosta de tocar um instrumento. Depois que lançamos a demo fizemos alguns shows muito legais. Fomos muito bem recebidos por algumas pessoas que gostam dessa vertente do death metal, e fizemos uns ótimos amigos, como o pessoal do Khrophus, Chemical Disaster em Santos, entre vários outros, e tocamos em festivais excelentes, como o Deathkult Warfest do nosso parceiro Leandrinho.

Quando começou o processo de composição para este primeiro full-length, *Monolith of Time*?

David: Foi logo um pouco depois do lançamento da demo e ter feito alguns shows. A recepção dos nossos amigos e do pessoal que frequenta a cena de Santa Catarina, assim como algumas mensagens na nossa página do Facebook, nos incentivou a mobilizar os esforços para trabalhar num full-length, e transformar o projeto em banda fixa. O Márcio Coelho participou ativamente de todo este trabalho, compondo boa parte das linhas de bateria, mas, infelizmente, foi obrigado a deixar a banda por motivos profissionais pouco antes da gravação do disco. Então, o nosso amigo de longa data Thiago Nogueira (ex-Headhunter D.C., Ungodly) assumiu as baquetas para a gravação do *Monolith of Time*.

Logo de cara, se percebe em *Monolith of Time* que vocês optaram por não seguir o caminho mais fácil, apostando no 'brutal death metal' que é tão tradicional no Brasil.

David: Costumamos nos referir a proposta sonora do Orthostat não como uma opção ou um direcionamento previamente estabelecido, mas um resultado ou consequência da forma como entendemos death metal, aliadas com nossas influências pessoais de bandas como Immolation, Dead Congregation, Krypts, Incantation, Disma, etc. Compreendemos que os elementos de doom, como partes mais cadenciadas e arrastadas conseguem passar o clima soturno que imaginamos para a essência do nosso som. Ah, e todos nós curtimos várias bandas clássicas de doom metal: Pentagram, Reverend Bizarre, Pallbearer, Cirith Ungol, Uncle Acid, Witchfinder General... A lista vai longe (risos).

Além da música em si, outra coisa que chama muita atenção é o aspecto lírico, que traz uma forte conexão com o passado, com civilizações antigas.

David: *Monolith of Time* é um disco conceitual. Trata sobre temas do passado na totalidade do seu conteúdo lírico, orientado a temas sobre civilizações antigas, como a antiga mesopotâmia (os sumérios, seus costumes, suas guerras), os astecas com seus deuses tenebrosos (Tezcatlipoca), as primeiras civilizações da história (Eridu), o famoso cavalo de Calígula (Incitatus), entre outros relacionados ao assunto. Na época que escrevi as letras estava estudando história e pré-história por interesse próprio. A vontade de escrever sobre o assunto era constante e, além disso, é muito importante que todas as informações passadas ali sejam fidedignas, ou seja, é necessário um cuidado e um esforço em pesquisa histórica.

E como se deu o processo de gravação, produção e mixagem do debut?

David: Esta foi uma das grandes vantagens que tivemos no processo de gravação, pois tivemos a oportunidade de gravar tudo com calma e paciência, até ficar no jeito que queríamos. A vantagem de ter um home estúdio é que não existe a pressão de gravação em estúdio alugado, onde cada hora vale uma fortuna. A gravação da bateria foi uma parte mais complicada, considerando que o Thiago Nogueira não conhecia as músicas antes da gravação, ele teve pouco tempo para aprender e criar sobre elas. Para ajudar, gravei uma demo tocando bateria nas músicas, indicando os compassos e mudanças mais complexas, assim o Thiago conseguiu compor em cima delas com mais praticidade.

E quanto a arte da capa? Ela é uma ideia de vocês, desenvolvida com o artista, ou ele teve liberdade completa para criar?

David: A arte da capa foi uma história interessante. Em um chat sobre Lovecraft conheci o artista mexicano Carlos Bercini (que na época morava na Áustria) e gostava de death metal, enviei para ele uns vídeos da banda e ele se ofereceu para fazer uma capa para a nossa demo, *Into the Orthostat*, e acabou fazendo toda a arte desenhada do *Monolith of Time* de brinde. Na época demos umas pequenas indicações, mas a arte é completamente idealizada pelo Carlos Bercini.

Já existe um planejamento para o sucessor de *Monolith of Time*?

David: Já temos o segundo disco engatilhado e estamos trabalhando nos arranjos com bastante empolgação. Posso adiantar que está mais elaborado, explorando bastante os poliritmos, e mais arrastado e pesado, assim como death metal deve ser. A temática também muda: a imensidão do universo e as leis da física. No momento estamos curtindo os ótimos comentários e reviews que surgiram na internet e aproveitando os shows.

Valtemir Amler

BRADO: SEM LIMITES PARA O METAL

Charlles Pazin, Eric Bruce, Kiyo Ishikawa e Rick Koba destilam metal sem se prender a rótulos

FOTO: MATT GARCIA

Quem conhece o trabalho desenvolvido por Eric Bruce nos tempos de Harppia, ouvirá um "outro" vocalista no debut do Brado, intitulado *We Are*. Graças à experiência adquirida ao longo dos anos e umas dicas do "professor" Thiago Bianchi, Eric teve passe livre para transitar por áreas melódicas e agressivas. Mas sua voz é apenas um dos atrativos do grupo paulistano Brado, que, em sua estreia, traz um som versátil, moderno e empolgante. Cortesia de Eric – que também ataca de guitarrista –, Charlles Pazin (guitarra e vocais), Kiyo Ishikawa (baixo, ex-J-Rox) e Rick Koba (bateria, ex-J-Rox e X Tears).

Apesar de *We Are* representar a estreia do Brado, o grupo tem músicos com uma boa bagagem musical. Assim ficou fácil de fazer um disco de alto nível, certo?

Eric Bruce: Para ser sincero não foi fácil gravar o disco (risos). Até que o Rick e eu já vínhamos de um bom tempo tocando juntos, desde 2005, mas com os outros dois integrantes não havia ainda esse entrosamento comigo. E o Thiago Bianchi (produtor, Noturnall, ex-Shaman) é um pouco exigente. Eu mesmo tive que me adaptar a uma nova forma de cantar, com mais drive.

Você citou seu entrosamento com Rick. E algo interessante é que seu primeiro show, aos 13 anos de idade, em Barueri (SP), com o Tears of Fire, foi no mesmo evento em que Rick se apresentava com uma banda cover. Vocês já eram amigos naquela época?

Eric: Se não me engano o show aconteceu em um parque. O Rick e eu não éramos amigos ainda. Na verdade, eu não ia muito com a cara dele (gargalhadas gerais). Mas vimos que ele tocava muito, e o convidamos a entrar na banda. Aí sim começou nossa amizade.

Por que você não ia com a cara dele?

Eric: (risos) É porque havia uma 'rixazinha' entre bandas locais. Ele tocava ao lado de um vocalista com quem eu não me dava muito bem. Mas hoje, o Rick e eu somos melhores amigos (risos).

Seu começo na música foi bem prematuro, inclusive assumindo os vocais do Harppia dos 14 para os 15 anos. Hoje, com 31, de que forma você analisa aquela fase e o quanto o Harppia acrescentou em sua trajetória, e vice-versa?

Eric: Para mim foi muito difícil no começo. Entrei numa banda que tinha uma bagagem desde os anos 70, praticamente. Lembro que o Percy Weiss (N.R: vocalista, que morreu em 2015) me ajudou, cantando comigo no meu primeiro show com o Harppia. Conheci pessoas maravilhosas e cresci na música, além de fazer contato com outros grandes músicos.

Voltando ao disco, *We Are* foi gravado no Fusão VM&T estúdios, em Cotia, produzido, mixado e masterizado por Thiago Bianchi, que vem sendo bastante requisitado no meio. O que ele tem de tão especial, em sua opinião, nessa área?

Eric: Já havia trabalhado com ele no Harppia, pois parte do meu último disco com o Harppia (*3.6.9. H.A.A.R.P.*, de 2017) foi gravado no Fusão. Na época, o Thiago viu que eu poderia fazer mais coisas com meu vocal. Quando o Brado ia gravar o disco, o procurei. Foi muito legal gravar com ele, um cara superexperiente, humilde, tranquilo e brincalhão. É fácil demais trabalhar com ele. Mas o Thiago também é exigente. Ao fim da gravação, ele me abraçou e disse que sou o melhor vocalista do Brasil.

A faixa *Becoming Prey* soa moderna, com peso e melodia e vocais que vão do hard rock a algo mais próximo do Pantera. Como foi o desafio de você transitar por áreas melódicas e até mais agressivas?

Eric: É aí que entra a grande questão. Para mim foi um grande estudo. O Thiago quis explorar tudo que eu podia fazer, até coisas que eu sequer pensava que conseguiria. Saímos do padrão de ser só thrash ou só melódico ou hard. Juntamos tudo isso em músicas como *Becoming Prey*. Nela, há influências de coisas mais pesadas como Stone Sour, Alter Bridge, Disturbed...

Nas partes melódicas, há um quê de Jon Bon Jovi e Andre Matos em alguns momentos, pelo menos, em minha opinião. Eles seriam algumas influências suas?

Eric: Sim, com certeza. Mas posso dizer que minha principal influência é o Sammy Hagar. Ele é referência total, como vocalista e compositor.

Enquanto *Gimme a Reason* segue esse padrão que você disse, *Everything... Is Pain* é uma balada hard. No álbum, há músicas que começam mais melodiosas e se tornam furiosas, e outras em que o inverso acontece. Como se deu o processo de composição para chegar a esses resultados?

Eric: Para ser sincero, foi tudo bem pensado. A gente percebeu que a galera não para mais para ouvir um disco inteiro e acaba fazendo playlists nas plataformas digitais. Então fizemos um disco como se ele fosse uma playlist. Isso porque cada música é diferente uma da outra, embora façam parte de um todo. Então, há coisas mais pesadas, outras mais baladas, umas com mais pegada... É uma surpresa por faixa.

As músicas não têm longa duração. Das dez, sete não ultrapassam quatro minutos, e nenhuma delas chega a cinco minutos. Isso também foi proposital?

Eric: Sim, também foi bem pensado. A galera de hoje não costuma ouvir músicas com mais de seis minutos. Até uma galera mais velha não costuma ouvir canções extensas. Tem gente que ouve os primeiros minutos e já diz 'tchau' para a música. Não queríamos fazer música enjoativa, queríamos algo forte, em termos de letra e música. Então tudo isso foi pensado.

O texto de apresentação da banda, em seu release de divulgação, diz que Brado significa uma "voz que quer ser ouvida por longas distâncias". Pegando como base essa máxima, quais as ambições e os objetivos da banda?

Eric: É algo que, inclusive, se conecta com a capa do disco. Sou muito apegado à questão de vida fora do planeta. Fizemos a capa do disco como se fosse uma caixa de som, em que a energia vai de dentro para fora e depois retorna. Como uma mensagem que é enviada e que depois regressa para você. É o que queremos com a banda, enviando uma mensagem muito forte para as pessoas.

Passada a estreia, o que o Brado anseia em termos de shows e um novo trabalho?

Eric: Estamos em busca de shows de divulgação. Depois vamos compor novas músicas, talvez mais singles, que é algo que está na moda. Há artistas que soltam três ou quatro singles para só depois gravarem um disco. Pode ser uma ideia. No momento, porém, estamos focados em shows.

Para finalizar, você tem planos além do Brado?

Eric: Sim, eu trabalho com outras bandas, inclusive cover. E estou com projetos para o futuro, nos quais quero mostrar outro lado da minha voz.

Thiago Prata

THE UNDEAD MANZ: MUITO ALÉM DO CONVENCIONAL

A primeira coisa que você perceberá ao colocar qualquer música destes catarinenses para rolar é que é muito difícil encaixar a banda em um rótulo. Quase que de imediato, você perceberá que existe uma enorme preocupação com o aspecto criativo, e que ele extrapola também para as letras, sempre pensadas para que cada verso desperte a reação do ouvinte. Se tiver a chance de assistir aos vários vídeos oficiais da banda, o impacto será ainda maior. Praticando uma sonoridade que ainda engatinha no Brasil, o The Undead Manz é o resultado prático das ideias do seu fundador, Z – The Undead, o nosso entrevistado. Em uma conversa que começa aqui e segue no site da ROADIE CREW, ele nos conta como funciona o seu processo criativo, e como ele deu vazão a um dos grupos mais inspirados do nosso cenário.

Reactor, Z, Jaws e A. K.: ironia em tom provocativo no trabalho dos catarinenses

FOTO: JULIA DE LA O PONATIAN REICH

Lendo a biografia, é fácil perceber que a banda surgiu de uma maneira diferente do usual. Saem as festas e a diversão, e entra o trabalho duro e o estudo. Pelo que li, o processo de criação do The Undead Manz veio de um profundo processo de reflexão e aprendizado. O que pode nos contar sobre esses estudos que antecederam o nascimento da banda?

Z – The Undead: Desde sempre tive o 'lado rebelde' bem aflorado, no sentido de questionar o porquê das coisas e de tudo, de buscar respostas a fim de completar o 'vazio da vida' no lugar de simplesmente 'curtir adoidado'. A partir daí, iniciei estudos para a compreensão das questões que me causavam 'curiosidade'. As mais habituais perguntas – 'por que estamos aqui?' e 'qual o sentido da vida?' – eram aprofundadas ainda mais durante o processo de formação de minha personalidade. E, desta fusão energética do crescimento humano em amálgama ao espiritual, surge o Alter Ego 'Z'. É válido dizer que a The Undead Manz é solidamente a personificação de Z, do Grimorium Verum lapidado através de anos de estudos das ciências ocultas, das artes negras e dos dogmas religiosos, por fim contextualizados com a observação da leviandade da vida humana, da sua evolução e também sua dissolução iminente diante da vivência.

Essa elucubração precisava, por fim, ser levada da mente para a música. Como foi esse processo?

Z: Todo esse conjunto de atividades que nomeamos meramente como estudo descrito acima, inicialmente teve a finalidade de buscar respostas, de realmente entender 'os porquês', para não simplesmente aceitar cair de paraquedas 'na vida' e seguir os ordenamentos que ditam a atual sociedade. A música, para meu ser, é tida como sagrada, muito mais que apenas ondas sonoras, é sim um veículo de meditação e transgressão, ou no presente caso, de doutrinação. A meu ver, foi a melhor maneira de expressar o teor deste 'livro de conhecimentos'. O processo de composição por si só dá-se de forma natural, as músicas surgem, letras e melodias, assim como uma semente brota da terra. A nossa música tem vida própria.

Quanto ao aspecto visual, a banda também chama a atenção. Como foi concebido esse aspecto do The Undead Manz?

Z: Assim como de meu corpo humano nasceu a personalidade 'Z', de todo ser humano que evoluiu nasce uma nova persona. É como eu mencionei, são nossos Alter Egos internos, produtos da própria vivência amalgamados com a descoberta da Verdade. O processo de emersão pode ser diferente com cada um, pois cada vida é um universo inteiro a ser explorado, por cada um. Eu fui presente na afloração de cada um de meus nobres irmãos, na exploração de seus 'eus' até o descobrimento de quem realmente são como 'undeadz'.

No ano passado foi lançado o segundo álbum, *The Rapture of Undead's Bride*. As letras mantêm o foco, mas ganham em ironia e provocação. Esse foi um passo planejado, como um novo capítulo, ou é mais reflexo de uma maior experiência de criação?

Z: Penso que seja um pouco de ambos. Acredito que na vida, por mais que tentamos planejar nossos próximos passos, nosso futuro, algo sempre pode mudar. Nada é definitivo, e o acaso é livre para agir quando bem entender. Você acerta quando menciona que houve um acrescento de 'ironia em tom provocativo', na verdade, é exatamente isto! O álbum vislumbra a sequência do que foi mostrado em *The Rise of the Undead*, e tem como vetor principal a quebra dos paradigmas sociais do que se tem como verdades absolutas, religião, política, a sociedade em si, do jeito que a encontramos quando nascemos. Procuramos 'chacotar' essa rocha, mostrar que ela é quebrantável. Somos todos peças de um Plano Maior? O que nos espera além deste plano? Estas são algumas das indagações que iniciamos neste segundo capítulo.

O que podem adiantar sobre o EP *The Cluster*? E para quando podemos esperar por um novo álbum completo do The Undead Manz?

Z: O lançamento do EP, ainda sem título, mas que contará com a faixa *The Cluster*, na verdade, foi um daqueles eventos em que o acaso agiu. Tínhamos planos de gravar e lançar nosso terceiro disco ainda este ano. Entretanto, a nova mudança de formação acabou atingindo nosso cronograma de produção. Nutrimos a resiliência, portanto, nos adequamos aos fatos, e decidimos por manter a meta de termos um lançamento por ano. Como a *The Cluster* é proveniente da segunda fase da banda, e ela exala um sentimento que habita entre *The Rapture of Undead's Bride* e o próximo disco, definimos pelo lançamento dela em uma esfera própria. O EP será disposto como um mini disco, com sua ambiência particular, contendo cinco faixas, e ainda trará um material bônus consistente dos dois discos anteriores.

Valtemir Amler

NOVO ÁLBUM DO FURIA INC.

Grupo Único

DISPONÍVEL EM STREAMING

Spotify MUSIC DEEZER Google play

FURIA INC.STORE

ASE MUSIC

www.furiainc.com.br

CAVINA: TIPO EXPORTAÇÃO

Quantas vezes você já ouviu falar que a melhor saída para um brasileiro é o aeroporto? Na música isso também acaba sendo a solução para muita gente e os irmãos Matteus (guitarra) e Eduardo Cavina (baixo e vocal) mudaram para Londres há três anos. Lá recrutaram o baterista de origem boliviana Javier Sanchez (o batera original, Avner Bonifacio, não acompanhou a dupla por questões pessoais) e começaram a se apresentar no circuito de pubs. Até que recentemente saiu seu primeiro álbum, *Howls of Mind* – que, a despeito do peso envolvido, a banda considera um disco mais voltado ao blues do que ao heavy metal. Os irmãos explicam isso e muito mais na conversa a seguir.

Matteus Cavina, Eduardo Cavina e Javier Sanchez conquistaram Londres

Vocês surgiram em 2013 e logo soltaram o primeiro EP, *Cavina*, que obteve boa repercussão, contando inclusive com transmissão do show de lançamento pela MTV e pelo site da revista Rolling Stone. Mesmo assim, em 2016 vocês decidiram mudar para Londres. O que os levou a tomar essa decisão?

Eduardo Cavina: Na verdade, eu sempre quis morar em Londres desde pequeno, mas nunca tive uma oportunidade real de fazer isso. Depois de muito planejamento, em 2015 eu mudei primeiro para Londres. O Matteus veio um ano depois e o baterista, que na época era o Avner, não pôde vir por questões pessoais. Escolhemos Londres para morar pelo fato de a cena musical ser muito mais forte e presente aqui. Toda a cultura britânica, no que tange à música, é basicamente rock'n'roll e você pode encontrar, principalmente em Londres, casas de shows e bares com bandas tocando em todo lugar.

Hoje vocês consideram que valeu a pena a mudança para Londres?

Eduardo: No aspecto profissional, sem dúvida valeu e continua valendo a pena, já que aqui temos muito mais espaço para o nosso tipo de música e uma conexão rápida com toda Europa e com outros lugares. Aqui é um polo cultural muito forte, todos os olhos estão voltados para cá.

Vocês sofreram algum tipo de preconceito por se tratar de banda de estrangeiros fazendo rock, que é muito mais uma música 'deles' do que nossa?

Matteus Cavina: Muito pelo contrário! Aqui pudemos perceber que o público e as bandas com que tocamos respeitam muito o fato de sermos brasileiros. Falou que é brasileiro em uma banda de rock/metal, os caras param pra assistir e piram (risos).

O Cavina não se intitula simplesmente heavy metal, mas também uma banda de blues pesado. A que se deve isso? O que afinal influencia vocês?

Matteus: Nunca pensamos em seguir um estilo dentro do heavy metal. As composições saem de uma forma natural, mas afetadas por um grande leque de referências e influências que vão desde o rock dos anos 50, passando por punk rock, hard rock, metal clássico até grunge. Porém, o blues é realmente nossa grande fonte, especialmente Muddy Waters, Howlin' Wolf e Robert Johnson.

Uma das coisas que impressiona no disco é a qualidade da gravação. Dá pra concluir que os estúdios daí são muito melhores que os brasileiros?

Eduardo: Também gostei muito do resultado final do disco. Porém, isso não significa necessariamente que os estúdios daqui são melhores do que os Brasil. Talvez a questão dos equipamentos e instrumentos aqui serem mais acessíveis do que no Brasil facilite as coisas. Mesmo assim, o disco foi masterizado no Brasil pelo Alberto Sabella, que tem um grande estúdio no interior de São Paulo (Area 13 Studios) e faz grandes produções por lá. A arte da capa também foi feita por um brasileiro, Wildner Lima, que é um grande artista.

***Howls of Mind* está saindo apenas no formato virtual. Essa é a forma de se comercializar música hoje em dia? Investir em vídeos seria a melhor solução?**

Eduardo: A ideia do lançamento apenas virtual foi a melhor forma que encontramos para conseguir soltar o material por agora, com fácil e livre acesso. Mas ainda estamos procurando parcerias para a distribuição do material físico. Se essa é ou não a melhor forma de se comercializar música hoje em dia, eu realmente não sei. Eu continuo comprando meus vinis.

A faixa *Breaking the Shell* traz uma introdução interessante, misturando Robert Johnson, música sertaneja de raiz e flautas bolivianas. O que isso representa?

Matteus: *Breaking the Shell* é uma dessas 'vozes' que dizem para você parar, olhar à sua volta e perceber que o tempo está passando e a vida é apenas uma. A introdução é interessante porque começa com Robert Johnson, fazendo referência ao blues, nossa maior influência, como já falei. Depois entra um clássico de Tião Carrero & Pardinho, que faz referência às raízes minha e do meu irmão, pois somos do interior de São Paulo e crescemos ouvindo moda de viola. E, por fim, uma música Indígena de uma tribo boliviana, que faz referência à America do Sul, nosso lugar de origem, inclusive do Javier, cujo pai é boliviano.

Está fácil se apresentar aí?

Matteus: Tocamos bastante em Londres e também nos arredores no verão passado. Tem muitos locais aqui, especialmente em Londres, onde o circuito é enorme. Recebemos por diversas vezes este ano propostas para nos apresentarmos em outros países da Europa, principalmente Alemanha, Suíça, França e Itália.

Eduardo: Achar gigs aqui em Londres não é difícil ou mesmo em outras cidades na Inglaterra. Em Londres tem lugares como o The Unicorn em Camden Town que todos os dias quase você encontra bandas tocando e tem sempre coisas novas surgindo.

E no Brasil, há planos de vocês se apresentarem?

Eduardo: Depois de mais de quatro anos sem pisar em um palco brasileiro, eu gostaria muito de voltar em breve. O calor e a energia do publico brasileiro são intensos e únicos. Por enquanto, não surgiu nenhuma proposta sólida ainda, mas estaremos sempre dispostos a voltar.

Como vocês planejam o futuro? Já pensam em mais um disco?

Matteus: Sim, com certeza. Neste ano, eu e meu irmão também estamos trabalhando em um novo projeto chamado Madre Sun, com o baterista Flipi Stippi, que também é brasileiro, e com o guitarrista britânico Tyson Schenker, que é filho do Michael Schenker. O Madre Sun é uma banda diferente do Cavina, pois é rock'n'roll mas com uma identidade muito forte também. O disco sai no segundo semestre.

Antonio Carlos Monteiro

PLAYLIST ROADIE CREW Heavy Metal & Classic Rock + DEEZER

Playlist do conteúdo da edição #246 da Revista Roadie Crew.
Ele abrange bandas entrevistadas, alguns álbuns resenhados
e seções internas com os artistas comentados.
Acesse o link: http://dzr.fm/roadiecrew246 e nos acompanhe

MARCUS VIANA: A PARCERIA COM ANDRE MATOS

Com a cordialidade de sempre, mas dessa vez envolto a camadas de saudade e lamentações pela perda do amigo e parceiro de música Andre Matos, o multi-instrumentista Marcus Viana atendeu à reportagem da **ROADIE CREW**, na noite de 13 de junho, cinco dias após a morte do ícone do metal nacional. Durante o papo, confessou que, ainda este ano, ele e o cantor retomariam uma aliança que, outrora, rendeu bons frutos em discos do Shaman e do Sagrado Coração da Terra, banda mineira de rock progressivo liderada por Viana.

"O Sagrado Coração da Terra está completando 40 anos (em 2019). A gente estava com um projeto de fazer um material em inglês, e nessa parte ele (Andre Matos) estaria presente. Estava tudo alinhado, e a gravação aconteceria no segundo semestre. A morte do Andre foi uma verdadeira tragédia, uma grande perda para a música brasileira", declarou o maestro mineiro.

A empreitada, interrompida por obra do destino, serviria – além da comemoração em si, obviamente –, para ratificar o poder da simbiose musical da dupla, que arquitetou e deu à luz a algumas obras de valor incomensurável dentro do heavy metal e do rock progressivo.

Viana, por sinal, recorda-se do primeiro encontro que teve com Andre, na década de 1990, o qual classificou como "paixão à primeira vista". "Ele gostava de clássico e de rock. O Andre era do metal, mas também curtia progressivo. Quando ele ouviu o Sagrado Coração da Terra, pirou e 'cismou' que o Sagrado era o melhor grupo do Brasil. Falava isso para a imprensa. Quando o Andre veio a Belo Horizonte, quis me conhecer. Começamos a trocar figurinha. Viramos amigos particulares. Ele vinha e ficava na minha casa, e meus filhos ficaram amigos dele. E eu visitei a casa dele na Suécia. O carinho que o Andre tinha comigo era uma coisa impressionante, como se ele me conhecesse há um século", recorda Marcus, que, admite, não estava familiarizado com todo o talento do paulista nos primeiros encontros.

"Eu admirava bastante a capacidade dele. Aliás, não sabia que, além de cantar bem, ele era um supermúsico. E o Andre apreciava muito o que eu fazia e o que eu queria fazer com a música", diz.

Aquelas "resenhas" se metamorfosearam numa notável parceria, culminando em épicas participações do vocalista no Sagrado Coração da Terra e de Viana no Shaman. Detalhe: acostumado a cantar em inglês, desde os tempos de Viper e Angra, Andre utilizou a língua-mãe em duas faixas de um álbum do Sagrado.

"Ele participou do último disco do Sagrado Coração da Terra, *A Leste do Sol, Oeste da Lua* (2000), cantando no final da música *Terra*, do Caetano Veloso, numa versão prog muito doida que fizemos, e numa canção nossa chamada *Bem-Aventurados*", relembrou Viana, que, por sua vez, exibiu sua maestria no Shaman.

"Fiz as cordas do primeiro (*Ritual*, de 2002) e do segundo (*Reason*, de 2005) discos do Shaman. Fiz toda a parte de cordas, além dos violinos, e de ambientação do disco", recordou-se. O músico mineiro também marcou presença no álbum ao vivo *RituAlive* (2003), mandando ver no violino durante a execução das clássicas *Over Your Head* e *Fairy Tale*.

A aliança resultou em outros trabalhos, desconhecidos do grande público. "Na época (N.R: referindo-se à década passada), eu estava fazendo trilha de novela, e o Andre cantou em alguns corais. Ele chegou e gravou para a Globo, ninguém sabe disso", relembra.

Marcus Viana enfatizou ainda que havia uma "deferência entre os dois na música que era além do normal". E fez uma revelação. "Nunca tive uma pessoa com quem eu me desse tão certo na música quanto o Andre. E olha que eu já toquei com bastante gente, com todo mundo do Clube da Esquina, com todos, com Milton (Nascimento), Flavio (Venturini), Beto (Guedes), Lô (Borges)... Toquei com O Terço, com o 14 Bis... E posso falar que Andre era especial, não era só um bom cantor, mas também um grande instrumentista e um excelente arranjador", crava.

Se a morte levou uma referência do metal nacional, ficam as lembranças e um legado que nunca se apagará. E as brincadeiras...

"A última vez que a gente se viu foi em dezembro de 2018, num show do Shaman, no Rio. Nesse show, meu violino deu um 'pire-paque', ficava ligando e desligando toda hora. A tomada de força não ficou bem fixada. E cada vez que dava um problema, saía um barulhão dos PAs. Aí o Andre gozava da minha cara, dizendo: 'lá no seu planeta é assim que você faz?' (risos). Em cima de palco ele tinha o dom de transformar um problema em entretenimento. Ele era um showman", relatou Marcus Viana.

E prossegue: "O Andre fazia piadas quando ocorria algo errado no palco. Ele dizia para o público: 'Gente, é impressionante, a gente passa o som antes do show umas 20 mil vezes e não dá problema, e agora dá problema no show. Isso é coisa da Lei de Murphy. Temos que fazer reverência: 'Oh grande Murphy...', e aí ele levantava as mãos, e todo mundo do público fazia o mesmo (risos)", pontua.

Na última passagem do Shaman por Belo Horizonte, no dia 1° de dezembro de 2018, Andre fez questão de reiterar sua admiração por Viana. "A gente gostaria de tê-lo aqui conosco nesse show tão especial. Só que ele está no Rio de Janeiro. Mas, prometemos, na próxima vez que viermos aqui, ele tocará com a gente no palco para vocês", dizia o vocalista naquele concerto.

A promessa, infelizmente, não pôde ser cumprida, para a tristeza de seu público e o amigo maestro. "A memória que fica dele é do ser humano maravilhoso e do grande mágico que era nos palcos. A música brasileira perdeu um grande nome. Música brasileira não é só samba e tal. É metal também. Então o metal brasileiro e a música brasileira perderam. Estamos órfãos. E o Andre não deixou herdeiros, era o grande cara que tínhamos nesse meio. Vamos falar do Andre por muitos e muitos anos. É uma luz que não se apaga", sacramenta Viana.

Thiago Prata

Atila Viggiani, Anderson Mattiello, Marvin Rodrigues e Renan CM mudaram o nome da banda, mas a atitude continua a mesma

SHOW MARCANTE

Fala Claudio, beleza? O show que me marcou foi o primeiro que fui na vida: Shaman em Belo Horizonte, em 2004, na turnê do *Ritualive*, num festival chamado Rockstory. Comprei o ingresso antecipado com direito a sessão de autógrafos com a banda, mas deu tudo errado. Acabei chegando atrasado. Como chovia muito, a banda atrasou e iam cancelar a sessão, mas, no fim, deu tudo certo e consegui. Esse show foi no dia do aniversário do Hugo. Ainda não acredito que Andre Matos se foi... Então, fica aqui a minha pequena homenagem a essa grande pessoa, que trouxe tantas alegrias por onde passou. Obrigado a você, Claudio, e a todos da revista pela oportunidade.

Ivan Lúcio Diniz
Juatuba/MG

Oi Ivan. É muito provável que eu também tenha estado nesse show, porque nessa época eu viajava bastante com o Shaman, fazendo a cobertura de alguns shows. E foram momentos especiais poder ver o Andre Matos e toda a banda em atuação muitas vezes. Sim, Matos será lembrado sempre, ele é inesquecível! Tomara que tenha gostado dessa edição, dedicada a um dos nossos maiores ídolos na música.
(Claudio Vicentin)

GRANDES MEMÓRIAS

Há muito tempo venho ensaiando para escrever e simplesmente agradecer por vocês existirem aqui no Brasil, não deixando nada a dever para revistas lá de fora. E olha que eu posso falar. Vivi os anos 80 em frente a Woodstock e conhecia muitas revistas. Fui assinante até da Music Life, japonesa – tinha que ir retirar na Liberdade. Enfim, parabéns. Não há muito o que dizer em termos de elogios, porque tudo já foi dito. Peço apenas que continuem desta forma e sempre evoluindo, a leitura é tão boa que eu leio até as matérias de bandas que não gosto.

Mauro Mendonça Soares
Curitiba/PR

Mauro, grandes lembranças da época em que algumas bancas de jornal eram famosas no nosso meio, como essa que citou da Liberdade e a da banca Mingrone, no Viaduto do Chá, no centro de São Paulo. Walcir Chalas me disse que o dono está vivo e passou na Woodstock Discos recentemente. Ele e o Toninho Pirani, da Rock Brigade, também lembraram de uma na Galeria Zarvos. Pirani lembrou também de uma no Conjunto Nacional, que existe até hoje. E, segundo Chalas, a mais importante, no início dos anos 70, eram a Siciliano e a Saraiva, localizada ao lado do Museu do Disco, na Rua Dom José de Barros. E tinha ainda uma na República e a Banca Ibirapuera, localizada do lado oposto ao Monumento às Bandeiras, que era uma das únicas que funcionava até a meia-noite. Eu também costumava ir muito à Banca Europa, que ainda existe no mesmo endereço, na avenida Europa com a rua Groenlândia, na do Aeroporto de Congonhas e em uma antiga livraria do Shopping Ibirapuera. Você realmente fez um filme passar na minha mente. Grande abraço.
(Ricardo Batalha)

ANDRE MATOS

O momento é de dor e de tristeza, mas chegou a hora de, além da ROADIE CREW prestar uma bela homenagem a Andre Matos, emocionar seus leitores e fazer história. Este é o momento de se fazer uma edição tributo em homenagem ao grande ícone de metal nacional, recentemente falecido de forma precoce. Vocês "perderam" esta oportunidade com o também lamentável falecimento repentino e precoce do grande Hélcio Aguirra, outro que merecia uma edição tributo. Portanto, não cometam o mesmo "erro" novamente. Não percam esta oportunidade de serem grandes, emocionarem seus leitores e fazerem história, por favor! Obrigado!

Cleibsom Carlos Alves Cabral
Diadema/SP

Erro? Julgo injusta esta comparação. A seção Eternal Idols serve como um tributo à memória de nossos ídolos. Hélcio Aguirra, obviamente, foi muito importante para o cenário do hard rock e heavy metal do Brasil com o Harppia, Golpe de Estado e Mobilis Stabilis. É um de nossos heróis e teve um resumo de sua trajetória publicado na referida seção, na ed. #182, e, mais recentemente, foi ao ar um especial no programa É Noize, de Paulinho Heavy, do qual participei com um depoimento. Inclusive, na edição #245, lembrei, na coluna Campo de Batalha, de uma passagem inesquecível da minha vida, quando eu tocava bateria na banda Cizânia e nós abrimos um show do Golpe de Estado, em 1989. Com relação a Andre Matos, houve uma comoção geral, de amplitude mundial, pois seu trabalho era venerado nos quatro cantos do mundo. Espero que goste desta edição. Abraço. (Ricardo Batalha)

ESPECIAIS

A edição especial de 1989 fez com que eu tivesse mais certeza de uma posição que defendo: a ROADIE CREW deveria ser 60% de histórias/experiências dos jornalistas da revista, ou matérias sobre outros tempos rock, e o restante de novidades. Peço, no mínimo, três edições especiais por ano. Quem não gosta é uma minoria, que não deve ser levada em consideração.

Brenno Amazonas Galvão
Caruaru/PE

Caro Brenno, nós ouvimos sempre a posição das minorias e entendemos as reclamações, mas jamais vamos deixar de criar especiais com momentos marcantes e históricos dos estilos de rock e metal que amamos. Nós vivemos por isso, passamos por diversas fases, e julgamos necessário não só apresentar novidades, mas resgatar o passado. Legal que esteja conosco nessa. Abraço. (Ricardo Batalha)

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

Grupo Único - CLAU.

CLAUDIO VICENTIN (DIRETOR/EDITOR)
Rush - *Hold Your Fire*
Slipknot - *All Hope is Gone*
U.D.O. - *Steel Factory*

FERNANDO PIRES (DIRETOR DE ARTE)
Death - *Individual Thought Patterns*
Candlemass - *King of the Grey Islands*
Memoriam - *Requiem for Mankind*

LEONARDO DE ABREU DOS SANTOS (LEITOR)
Ayreon Universe - *Best of Ayreon Live*
Accept - *Symphonic Terror-Live at Wacken 2017*
Tarja - *Act II*

RICARDO BATALHA (REDATOR CHEFE)
Tony Mills - *Beyond the Law*
Flotsam and Jetsam - *The End of Chaos*
Holocaust - *Elder Gods*

RICARDO ALEX NUNES MARTINS (LEITOR)
Behemoth - *Satanica*
New Model Army - *Between Dog and Wolf*
Nervosa - *DownFall of Mankind*

ALAN MENEZES (LEITOR)
Sabaton - *Carolus Rex*
Dream Theater - *Distance Over Time*
Deep Purple - *Infinite*

GRUNGE

Equipe da melhor revista sobre música pesada da língua portuguesa, escrevo ainda acerca do especial grandes vocalistas de alguns meses atrás, edição que deu muito que falar por conta da ausência de muitas e boas figuras. Não fiquei descontente com a lista, visto que se tratava de apenas 50 escolhas dentro de um núcleo vasto de centenas de hipóteses. E, considerando que vocês se protegeram bem pelo título "grandes" e não "melhores", a única questão que eu tenho é o porquê da ausência do Layne Staley. Será que por o Chris Cornell ter ficado como representante do grunge? Por linha editorial? É que o cara era elogiado pelo próprio Dio... Só gostaria de entender se o pessoal da revista o esqueceu, se foi pela sua filiação ao grunge e respectivo filtro editorial ou por mera opção. Por falar nesse movimento musical, e não querendo dirigir a revista, penso que a ROADIE CREW poderia dar abertura ao grunge. Se não para o Pearl Jam e Nirvana, pelo menos adicionar ao Alice in Chains e Soundgarden grupos como Mad Season, Green River, Mother Love Bone, Temple of the Dog, Screaming Trees, Mudhoney e Hole. Fica a sugestão e espero que saia alguns especiais sobre prog, tecladistas e baixistas! Continuem o excelente trabalho desenvolvido. Grande abraço de Portugal.

Miguel Ângelo Rocha
Quinta do Conde/POR

Realmente, uma lista com apenas 50 vocalistas acaba deixando muita gente boa de fora. Não tem nada a ver com "ser grunge", mesmo porque o saudoso Layne Staley começou sua carreira no hard rock/glam com a banda Sleze. Depois, desenvolveu seu estilo próprio e se tornou influente com o Alice in Chains. Portanto, veja alguns outros vocalistas que ficaram de fora: Bernie Shaw, Bobby "Blitz" Ellsworth, Brad Delp, Damian Wilson, Dan McCafferty, Devin Towsend, Hansi Kürsch, Jimi Jamison, Joe Lynn Turner, Jon Bon Jovi, Lou Gramm, Michael Sweet, Mike Reno, Myles Kennedy, Ralph Scheepers, Russel Allen, Steve Lee, Stevie Nicks, Tom Keifer... É, como pôde notar, a lista é enorme, caro amigo. Suas sugestões anotadas. Grande abraço. (Ricardo Batalha)

MEMÓRIA

"Os elogios dos fãs que nos agradavam muito mais como músicos não eram aqueles que diziam 'nossa como você toca rápido'; 'como você tem um agudo legal' e, sim, 'nossa, como sua música mudou minha vida'; 'como você me incentivou a fazer música'; 'como sua mensagem me tocou'. Com certeza, isso é o mais importante de tudo", Andre Matos, em entrevista do Shaman publicada na ed. #23 (setembro, 2000).

FOTO: FERNANDO PIRES

Grupo Único

ANDRE MATOS ETERNO

NO DIA 8 DE JUNHO, UM INFARTO FULMINANTE ENCERROU A CARREIRA DE UM DOS MAIORES ARTISTAS DO ROCK E DO HEAVY METAL DO BRASIL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

Foi como se um furacão tivesse passado pelo mundo do heavy metal: algumas notícias começaram a pipocar nas redes sociais – no início timidamente, mas, em seguida, de maneira intensa. Ou seja, era verdade. No dia 8 de junho de 2019, um infarto fulminante encerraria a carreira de um dos maiores artistas do rock e do heavy metal do Brasil: Andre Matos. O que se seguiu foi uma emocionante enxurrada de depoimentos nas redes sociais, todos saudando não apenas o músico, mas também a pessoa que dedicava enorme atenção aos fãs e era um apaixonado pelo que fazia.

Paixão essa que veio desde a infância. Nascido Andre Coelho Matos em São Paulo no dia 14 de setembro de 1971, aos 10 anos já estudava piano. Ele lembrava que o gosto pelo rock veio junto com as aulas de música erudita. "Comecei a tirar rocks de ouvido para tocar ao piano. Fazia versões de Iron Maiden, Judas Priest e Manowar e cantava junto", revelou a Guilherme Spiazzi, da ROADIE CREW.

O início no rock veio com amigos da vizinhança do tradicional bairro de Higienópolis, em São Paulo, através do chamado para participar do que viria a ser o Viper. "Eu pensei que queriam que eu fosse o tecladista, pois na época o que eu sabia fazer era tocar piano", disse à ROADIE CREW. "Mas disseram que não queriam teclado e eu nunca tinha cantado para valer. Aí veio o argumento de que entre todos da turma eu era o que cantava menos mal e tinha o visual parecido com o do Bruce Dickinson." Ele contava que penou nos primeiros ensaios, "pois estragava a voz e ficava rouco, mas continuei tentando e o primeiro show rolou no dia 8 de abril de 1985 no extinto Teatro Lira Paulistana." Andre, os irmãos Yves (guitarra) e Pit Passarell (baixo), Felipe Machado (guitarra) e Cássio Audi (bateria) eram adolescentes na faixa dos 16 anos quando iniciaram a banda – mais jovem da turma, Andre tinha 13. Mesmo assim, mostraram que não estavam a passeio. A primeira demo, *The Killera Sword*, saiu em 1985 e, apesar da gravação sofrível, mostrava que ali tinha algo de diferente. Isso se comprovou com o primeiro disco, *Soldiers of Sunrise*, que saiu em 1987 e contou com a produção do lendário André "Pomba" Cagni, baixista do Vodu.

No encarte do relançamento do disco, Matos disse que "o estúdio ficava num bairro distante, levávamos quase duas horas para chegar. Costumava repassar as letras e melodias todos os dias dentro do ônibus antes de gravar."

O álbum logo chamou a atenção não apenas pela pouca idade dos integrantes, mas pela consistência do trabalho. Em entrevista a este repórter para revista Metal logo após o lançamento do disco, Andre comentou que a banda pretendia "montar um show bem produzido".

Aos poucos, o Viper começava a experimentar o gosto do sucesso. "Nessa época, minha cabeça ficou pipocando ideias de arranjos e composições", disse ao site Whiplash. "Então, no disco *Theatre of Fate* (1989) fiz todos os arranjos e convidei um quarteto de cordas para tocar." Isso fez do disco um sucesso mundial. "*Theatre of Fate* foi um divisor de águas. Se tiver que falar sobre apenas um álbum que não pode faltar na minha discografia, ele é *Theatre of Fate*", declarou Andre à ROADIE CREW.

Porém, Andre queria mais. E como não conseguia conciliar seus estudos de música com a banda tomou a decisão de deixar o Viper. Assim, teve tempo para concluir a faculdade de música. Ainda na faculdade, foi convidado para participar de um novo grupo que estava sendo formado, o Angra. "Foi uma banda montada buscando um 'dream team' de músicos na época", disse à ROADIE CREW. "A vontade de montá-la foi genuína, a gente estava bem entusiasmado com essa possibilidade de formar uma banda que fosse, digamos, imbatível."

> SE VOCÊ FICA APENAS OUVINDO UM ÚNICO ESTILO DE MÚSICA, DIFICILMENTE VAI CONSEGUIR INVENTAR ALGO DE NOVO

Após algumas mudanças na formação, o grupo se estabilizou com Andre, Rafael Bittencourt e Kiko Loureiro (guitarras), Luis Mariutti (baixo) e Marco Antunes (bateria). Marco saiu pouco antes da gravação do primeiro disco, *Angels Cry* (1993), que teve as baquetas comandadas pelo convidado Alex Holzwarth – antes o quinteto gravara a demo *Reaching Horizons* (1992).

Ainda em 93, surgiu a história de que Andre era um forte candidato para substituir Bruce Dickinson, que acabara de sair do Iron Maiden. "Se aquilo foi jogada de marketing eu não sei", afirmou, "mas eu tinha claro em minha mente que não seria escolhido. Primeiro porque eu era muito jovem, tinha 21 anos. Segundo, porque eu sou brasileiro e seria muito difícil o Iron Maiden escolher um não britânico para o posto. Mais tarde eu soube pelo próprio Rod Smallwood (empresário do Iron) que tinha ficado entre os três finalistas."

Independentemente disso, *Angels Cry* foi saudado por público e crítica. A gravação, realizada na Alemanha sob o comando de Charlie Bauerfeind e Sascha Paeth, foi algo totalmente novo para a banda. "A gente aprendeu muito sobre como se portar numa situação dessas", confessou Andre a este redator em entrevista para a Rock Brigade.

Em 1994, a banda soltou o EP *Evil Warning*, que continha algumas músicas de *Angels Cry* com o novo baterista, Ricardo Confessori. Em seguida, Andre finalmente concluiu seus estudos. "Minha formatura aconteceu em 1995, justamente na época em que o Angra estava praticamente embalado no exterior. Deu tempo certinho de pegar o diploma e cair na estrada", contou ele à ROADIE CREW.

Depois da turnê, era hora de pensar no segundo disco, que foi antecipado pela demo *Eyes of Christ* (1995). "*Holy Land* (1996) serviu pra gente se afirmar em termos de identidade da banda. Então, *Holy Land* serviu pra gente mostrar nossa identidade", disse Andre.

O processo de composição, com todos morando num sítio no interior para não sofrerem qualquer interferência externa, e a gravação, novamente comandada por Charlie e Sascha, levou o Angra ao sucesso, principalmente no mercado externo. Europa, Japão e Argentina receberam Andre e Kiko em promo tours e nem o fato de o Sepultura estar lançando um álbum com temática semelhante, *Roots*, interferiu no resultado. *Holy Land* também levou a banda pela primeira vez ao Japão.

Os EPs *Freedom Call* e *Holy Live* (gravado em Paris), ambos de 1997, vieram a seguir. E logo era hora de gravar um novo álbum. Porém, o clima já não era dos melhores. "Teve um momento em que o Andre saiu da banda, logo após a turnê de *Holy Land*. Ele não queria mais: queria fazer o Virgo, que era um trabalho solo dele, e não iria fazer *Fireworks* (1998)", contou Kiko Loureiro recentemente. Mas, de acordo com Kiko, "um executivo da gravadora francesa da banda resolveu agir." Ele veio ao Brasil e levou Andre e Kiko a um restaurante. "Em certo momento, ele ficou de canto e lembro daquela lavação de roupa suja,

eu e Andre falando abertamente. Essa conversa fez com que o Andre voltasse."

Antecipado pelo EP *Lisbon, Fireworks*, produzido pelo saudoso Chris Tsangarides, mostrava um Angra muito mais voltado para o heavy metal. "Se *Holy Land* serviu pra mostrar nossa identidade, agora a gente se sente livre pra soar do jeito que quiser. Por isso é um disco que prima mais pelo lado pesado, pelas raízes da banda", declarou Andre em entrevista a este repórter na época de lançamento do disco.

Durante a turnê do álbum aconteceu a participação de Bruce Dickinson, um dos grandes ídolos de Andre, durante um show na França. No entanto, as divergências internas se acentuaram e culminaram na saída de Andre, Luis e Ricardo. Ele disse que não foi uma fase tranquila: "Chegou um momento em que a coisa realmente não estava mais dando certo no lado pessoal e no lado musical também. Então, onde iríamos achar motivação para continuar? No dinheiro? Na fama? Não, isso nunca funcionou para mim."

Logo, ele, Mariutti e Confessori começaram outro projeto, Shaman, que contava com o irmão de Luis, Hugo, na guitarra. E, em paralelo, Andre colocou em prática um antigo projeto que tinha com Sascha Paeth, o Virgo. O embrião do projeto remonta à época da gravação de *Angels Cry*. "Fazia pouco mais de um ano que Freddie Mercury tinha morrido e a gente comentava a falta que a banda estava fazendo", disse o vocalista à Rock Brigade. "Falamos que ninguém estava fazendo um som como o que eles faziam e, numa de viagem, mesmo, pensou em tentar fazer uma música desse tipo: um rock'n'roll eclético e bombástico." O resultado foi o disco homônimo que saiu em 2001 e que mostrava Andre bem distante do heavy metal que o consagrou.

Ao mesmo tempo, Andre prosseguia com o Shaman. A primeira demo também saiu em 2001 e no ano seguinte veio o álbum de estreia, *Ritual*. Querendo exorcizar os problemas do passado, Andre falou sobre a nova banda à ROADIE CREW: "Mesmo que o Shaman não faça nenhum sucesso, nossa ideia é fazer música com prazer e ter uma excelente harmonia, apenas como amigos, curtindo o que estamos fazendo."

Só que *Ritual* fez sucesso. Muito sucesso, na verdade. Além de ter sido lançado por uma gravadora major, a Universal, teve uma de suas músicas, *Fairy Tale*, escolhida como tema da novela "O Beijo do Vampiro", da TV Globo. Isso fez com que o Shaman ficasse mais conhecido no Brasil do que no exterior, resultando numa turnê de mais de 130 shows da qual saiu o DVD *Ritualive* (2003), filmado no Credicard Hall, em São Paulo.

Em paralelo a isso, Matos participou de incontáveis projetos, como *Hamlet* (2001) e Avantasia (2002).

Em 2005 foi a vez do segundo disco do Shaman (que a essa altura, por questões legais, alterara seu nome para Shaaman), *Reason*, um trabalho mais simples e direto. "É como se tivéssemos dado uma enxugada nos excessos de *Ritual*", declarou Andre mais uma vez à ROADIE CREW.

Seguiu-se mais uma bem sucedida turnê mas, no final do ano seguinte, a banda anunciou uma parada nas atividades – alguns meses depois, foi anunciado que o grupo voltaria à ativa contando apenas com Ricardo Confessori da formação original. "Alguma coisa aconteceu em relação ao Ricardo, e falo isso sem mágoa ou inimizade, mas foi em função dele que a banda se separou", declarou Andre em entrevista a

◇◇◇◇

O DEPARTAMENTO FINANCEIRO NÃO É A ÚNICA COISA QUE A GENTE TEM QUE VER QUANDO PENSA EM MÚSICA E EM UMA BANDA

◇◇◇◇

Ricardo Batalha para a ROADIE CREW. "De repente, ele já não estava mais em sintonia com o resto da banda."

Ainda em 2006 saiu o documentário *Viper 20 Years – Living for the Night* e no mesmo ano Andre participou de uma versão da ópera-rock *Tommy* com a Banda Sinfônica Jovem do Estado, com regência da maestrina Monica Giardini. Ele também atuaria em outros dois espetáculos do gênero, *Rei Arthur* e *Viagem ao Centro da Terra*, ambas de autoria do tecladista Rick Wakeman.

Com o encerramento das atividades do Shaman, Andre Matos começou sua carreira solo. O primeiro disco nesse formato foi *Time to Be Free* (2007) e ele falou a respeito para a ROADIE CREW: "Em muitas entrevistas para o exterior os jornalistas me perguntaram se o título tinha a ver com o fato de eu estar sozinho. Essas perguntas partem de uma conclusão mais imediata, e eu não nego 100%. Talvez por tabela também represente isso, pois hoje em dia sinto uma liberdade muito maior de decisão, criação, interpretação e execução."

Não demorou muito e em 2009 foi lançado seu segundo disco solo, *Mentalize*. A coprodução coube a Corciolli, músico brasileiro que tem forte influência de new age. "Corciolli foi importante para eu achar o conceito do novo álbum. Eu sempre gostei de new age", confessou ele.

Seu trabalho seguinte foi o mais polêmico de sua carreira: Symfonia, que tinha na guitarra Timo Tolkki, ex-Stratovarius. O disco *In Paradisum* (2011) não foi mal sucedido, mas a turnê de lançamento teve vários de problemas. Por fim, o temperamental guitarrista decretou o encerramento do projeto. "Para mim, o resultado foi bastante satisfatório", avaliou Andre. "O que eu não contava era que a banda terminasse de maneira tão abrupta e inesperada. Mas eu seguia com minha banda solo no Brasil e ela sempre foi prioridade."

O terceiro e último disco solo, *The Turn of the Lights*, saiu em 2012 e no mesmo ano Andre embarcou na turnê To Live Again Tour, junto com seus antigos companheiros de Viper, com Hugo Mariutti no lugar de Yves, já no Capital Inicial, e Guilherme Martin na bateria. A turnê comemorava 25 anos de *Soldiers of Sunrise* e apresentava o repertório desse disco e de *Theatre of Fate* na íntegra. "A ideia nasceu de forma espontânea", lembrou ele. "Sempre surgia aquela coisa de 'vamos tocar os dois discos inteiros?'"

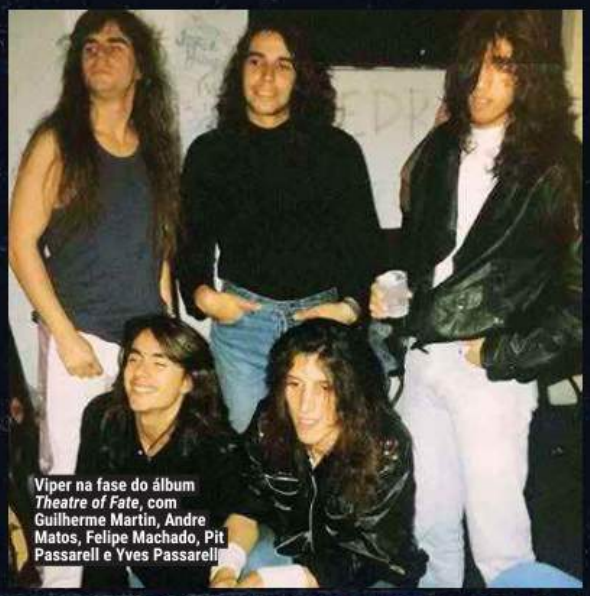
Acabou tendo repercussão muito maior do que a inicialmente prevista e culminou com o convite para Andre se apresentar pela primeira vez no Rock in Rio (edição 2013) levando o Viper como convidado especial. Matos declarou a Ricardo Batalha que "tive a chance de conhecer Roberto Medina e falei: 'Queria só te agradecer por uma coisa: por você ter feito o 'Rock In Rio 1'." Andre esteve na primeira edição do festival e ficou maravilhado com Iron Maiden, Queen e Whitesnake.

A turnê com o Viper rendeu mais um DVD, *To Live Again – Live in São Paulo*, que por conta de alguns problemas acabou saindo apenas em 2015.

O ano de 2014 foi dedicado à estrada, divulgando seu último disco solo e também tocando *Angels Cry* na íntegra, algo que ele já vinha fazendo desde o ano anterior para marcar os vinte anos de seu lançamento.

Em 2015, Andre comemorou três décadas de carreira com a turnê Andre Matos 30 Anos. E em maio de 2018, o Shaman anunciou um show com a formação original em São Paulo, o que acabou culminando na volta da banda. Falando a respeito para Guilherme Spiazzi, da ROADIE CREW, Andre resu-

Viper: Yves Passarell, Felipe Machado, Andre Matos, Pit Passarell e Cassio Audi foram apelidado de "Menudos do Metal"



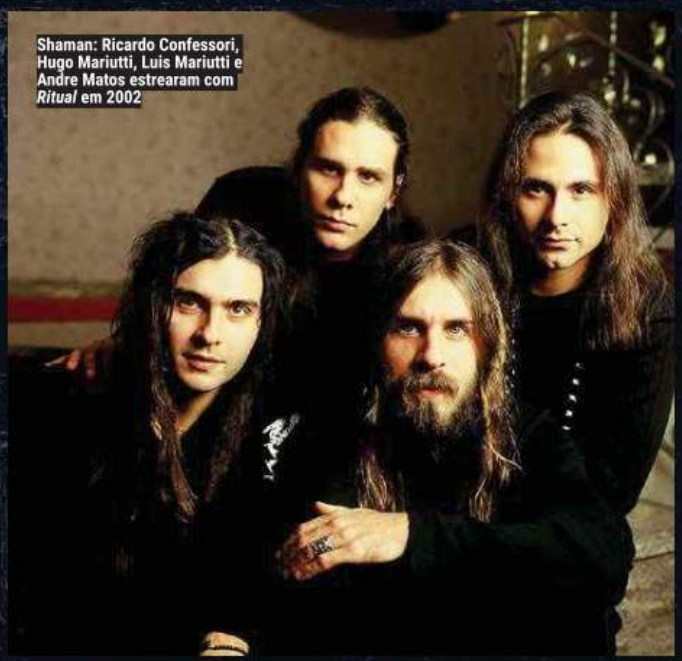
Viper na fase do álbum *Theatre of Fate*, com Guilherme Martin, Andre Matos, Felipe Machado, Pit Passarell e Yves Passarell

Angra: Kiko Loureiro, Andre Matos, Ricardo Confessori, Luis Mariutti e Rafael Bittencourt chamaram a atenção do mundo com *Angels Cry*

Angra na fase da demo-tape *Reaching Horizons*, com Rafael Bittencourt, Marco Antunes, Andre Matos, Luis Mariutti e Kiko Loureiro

O Maestro Andre Matos se destacou por suas performances ao vivo

FOTO: FERNANDO PIRES



Shaman: Ricardo Confessori, Hugo Mariutti, Luis Mariutti e Andre Matos estrearam com *Ritual* em 2002

miu o que motivara o retorno: "Foi restabelecida entre todos uma parte que considero a mais importante: respeito."

A turnê mostrou-se totalmente bem sucedida e no domingo anterior à morte de Andre, dia 2 de junho, o Shaman fez seu último show no Free Pass Festival, em São Paulo, ao lado do Avantasia.

O que se seguiu ao anúncio de sua morte foi uma das maiores séries de manifestações lamentando o ocorrido (veja seção Memorial). Todos, de seus parceiros de banda a nomes como João Gordo, de músicos internacionais a incontáveis fãs anônimos, saudaram um músico talentoso e um artista que sabia como fazer um fã se sentir importante ao seu lado.

Kiko Loureiro foi um dos primeiros a se manifestar e o fez através de dois vídeos emocionados. Em um deles, comentou que, finalmente, Andre estava considerando a possibilidade de voltar a se apresentar com o Angra. E ainda declarou: "Nunca ninguém conseguiu ser igual ao Andre."

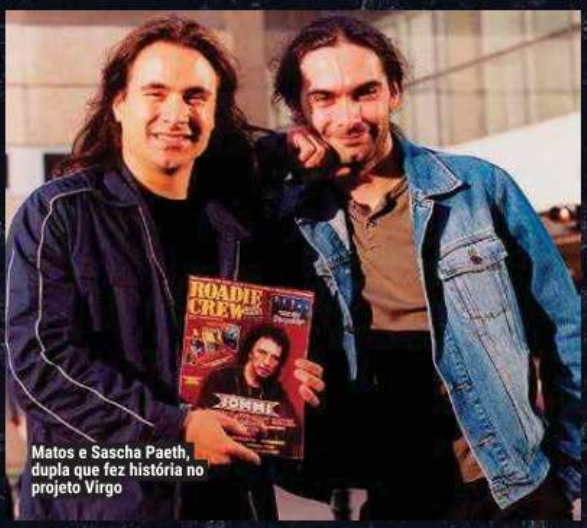
Por fim, no dia 15 de junho viu-se uma cena inimaginável: a igreja da Consolação, em São Paulo, estava lotada de cabeludos, tatuados(as) e camisetas pretas para uma celebração em homenagem a Andre Matos. Todos cantaram temas acústicos (Rafael Bittencourt era um dos que tocava violão) e, no final, o comentário do celebrante: "Vocês gostam de barulho, então podem fazer barulho!" Seguiu-se o maior aplauso que se pode imaginar, com direito a gritos e assobios. Do jeito que Andre merecia.

Além disso, o dia 8 de junho acabou sendo oficializado como o "Dia Municipal do Metal" em São Paulo. A notícia foi dada no palco, em um evento realizado no dia 13 de julho (Dia Mundial do Rock), no centro de São Paulo. Na ocasião, quando a Prefeitura de São Paulo realizou, através da lei nº 17.077, dos vereadores Aline Cardoso e Caio Miranda Carneiro, a "Semana Municipal do Rock" (de 6 e 14 de julho), Angra e convidados realizaram uma bela homenagem a Andre Matos. Merecida e inesquecível, como o nosso Maestro.

> SERÁ QUE NÃO TERIA SIDO MELHOR EU SER UM MÚSICO CLÁSSICO? UM PRODUTOR? OU ATÉ MESMO NEM TER FEITO MÚSICA, TER FEITO OUTRA COISA DA VIDA? NÃO, EU FIZ O CORRETO

FOTO: RICARDO FERREIRA

Andre Matos: do Viper à carreira solo, sempre buscando a excelência



Matos e Sascha Paeth, dupla que fez história no projeto Virgo

FOTO: RAONY CORREIA

Angra & Friends prestaram uma bela homenagem a Andre Matos no último dia 13 de julho em São Paulo

ROADIEMETAL

WEB RÁDIO • SITE • ASSESSORIA

Atualmente um dos maiores veículos de divulgação especializada em música pesada. A Roadie Metal atua em vários campos, sendo o primeiro programa de rádio via streaming pelo Facebook e YouTube no Brasil. Atuamos também como assessoria de imprensa de várias bandas brasileiras e recentemente a empresa se transformou em um selo digital com distribuição mundial de artistas do nosso cast em todas as plataformas de Streaming do mundo.

(The Gard – Classic/Hard Rock – Campinas/SP)

Resgatando toda a essência de bandas clássicas como Led Zeppelin, Queen, Black Sabbath e vários outros, o The Gard é a aposta certa em se eletrizar com uma sonoridade descontraída e muito bem produzida. A banda possui o Full "Madhouse" e dois singles disponíveis em todas as plataformas de Streaming. Não perca um segundo dessa belíssima obra e confira o resgate nostálgico de estilos épicos e clássicos, que somente o The Gard irá proporcionar aos seus timpanos.

Formação: Beck – voz e guitarra base/Lucas Mandelo – bateria/Enrico Ghirello – baixo/Bruno Paulinetti – guitarra solo/Allan Oliveira – guitarra solo

Facebook: facebook.com/thegardband/

(Overhead - Rock/Country – Bauru/SP)

O álbum "Na Madrugada, De Bar em Bar" é o segundo registro de estúdio da banda Overhead. Nome consolidado do Rock nacional, ao ouvir o material da banda, o fã terá a certeza que velocidade, diversão e cerveja, é o que há de melhor! O álbum foi produzido por Josiel Rusmond, Marcelo Pompeu e Heros Trench. Todos os registros do Overhead se encontram disponíveis em versão física e digital em todas as plataformas de Streaming.

Formação: André Moreno (Vocal/Guitarra), Bruno Bevenutti (Guitarra), Ivo Ferreira (Baixo) e Brendel Alba (Bateria).

Facebook: facebook.com/overheadrock

(Brutallian - Heavy/Thrash – São Luís do Maranhão/MA)

O segundo álbum da banda Brutallian é uma verdadeira aula de Metal bem trabalhado. Vocais fortes, riffs pesados, cozinha precisa, fazem do álbum "Reason For Violence" um dos melhores lançamentos de 2018. Com dois discos lançados, o material do Brutallian encontra-se disponível em formato físico e digital, sendo possível conferir todas as músicas nas principais plataformas de Streaming.
Formação: Pablo Barros (Vocal), Lex Wave (Guitarra), Fabio Matta (Baixo) e Raul Campos (Bateria).

Facebook: roadie-metal.com/press/brutallian/

(Escola Alemã - Thrash Metal – Goiânia/GO)

Uma das primeiras bandas a surgir no cenário goiano, o Escola Alemã retornou suas atividades, após um hiato que perdurou por mais de 26 anos. Com a casa arrumada e com um time de músicos veteranos, a banda disponibilizou recentemente seu primeiro trabalho com a atual formação. O EP "Back To The Front" encontra-se disponível para audição completa em todas as plataformas de Streaming.

Formação: Allan Paulino (Vocal), Carlos D'Boa (Guitarra), Cláudio Bezerra (Guitarra), Breno Pessoa (Baixo) e Acir Júnior (Bateria).

Facebook: facebook.com/bandaescolaalema/

(Monday Riders - Hard Rock – Goiânia/GO)

Resgatando aquela eletricidade de bandas nostálgicas dos anos 80/90, o Monday Riders, anuncia o lançamento de seu segundo álbum de estúdio."Fire Blood and Gasoline" (2019), é uma aula de balanço, energia e força, um disco feito por que entende do assunto e que consolida de vez a banda, no seleto grupo de grandes artistas do estilo no país. A banda disponibilizou seu trabalho em todas as plataformas de Streaming e em seu canal oficial de YouTube, onde inclusive, é possível assistir aos clipes e lyric videos oficiais da Monday Riders.

Formação: Jairo Resenrods (Vocal), Renato Teixeira (Guitarra), Wagner Felix (Baixo) e Paulo Meneses (Bateria)

Facebook: facebook.com/mondayriderspage

(Feios Sujos e Malvados - Crossover/Horror/Thrash – Marabá/PA)

Explorando letras que abordam temas sobre sociopatia e insanidades geradas por maltrato na infância e descuido social, os pesos pesados do Feios Sujos e Malvados, são responsáveis por fomentar e ser referência do estilo em sua região. Recentemente foi lançado o álbum "Tortura" em todas as plataformas digitais, e muito em breve, a banda estará disponibilizando seu novo álbum de estúdio para delírio dos que acompanham os trabalhos da FSM.

Formação: Rugal (Vocal), Geraldo Capilé (Guitarra), Carlos Cerqueira (Bateria) e Mauro Cavera (Baixo).

Facebook: facebook.com/fsmfeiossujosemalvados/

(Mofo - Thrash Metal – Brasília/DF)

Oriundos de Brasília, a banda MOFO é a personificação de peso, velocidade e muita técnica em seu Thrash Metal rasgado. Em 2019, o grupo estará disponibilizando aos fãs seu novo álbum de estúdio. Confira em todas as plataformas de Streaming o EP "Empire Of Self-Reggard" e comprove toda essa maldade oriada por esses grandes músicos.

MOFO é formado por: Vocal: Emiliano Gomes Guitarra: Arthur Colonna Guitarra: Rodrigo "Shakal"
Bateria: João Paulo "Mancha" Baixo: Pedro Dinis

Facebook: facebook.com/mofothrash/

(Eros - Thrash Metal – Rio de Janeiro/RJ)

Após um hiato que perdurou por 24 anos, o EROS retoma suas atividades em 2016 e em seguida apresenta aos fãs o EP "Back With Wisdom", além de um clipe em animação da nova música "Assassin". Para 2019, a banda organiza a produção de um novo álbum e muito em breve estará revelando novidades em suas redes sociais.

Formação: Vocal/Guitarra: Themys Barros Guitarra: Raphael Marins Bateria: Gabriel Barros Baixo : Thomas Abrantes

Facebook: facebook.com/erosthеofficial/

(Krakkenspit - Heavy Metal – Goiânia/GO)

Mesclando tradição com modernidade, a banda Krakkenspit é uma das melhores e mais vibrantes bandas do rotulo "Modern Heavy Metal. Atualmente a banda possui o EP "Fear My Name" disponível em várias plataformas de Streaming e para 2019, promete o lançamento oficial de seu primeiro full da carreira.

Formação: Vocal: Marcio Cruvinel Guitarra : Aldo Guilherme
Bateria: Bruno Dias Baixo : Julian Stella

Facebook: facebook.com/krakkenspit/

(Magnética - Rock And Roll/Grunge – Bebedouro/SP)

Contagiante, enérgico e eletrizante, são algumas das características musicais do excelente power-trio do Magnética. O grupo lançou em 2018 o primeiro álbum "Homo sapiens brasiliensis" e apresenta acima, a capa oficial do novo álbum "Frankenstein" que tem previsão de lançamento ainda no primeiro semestre de 2019.

Formação: Vocal/Guitarra: Rafael Musa – Baixo: Anderson Pavan – Bateria: Marcos Ribeiro

Facebook: facebook.com/magneticaoficial/

Confira nossas condições e traga sua banda para a assessoria que mais cresce no país.

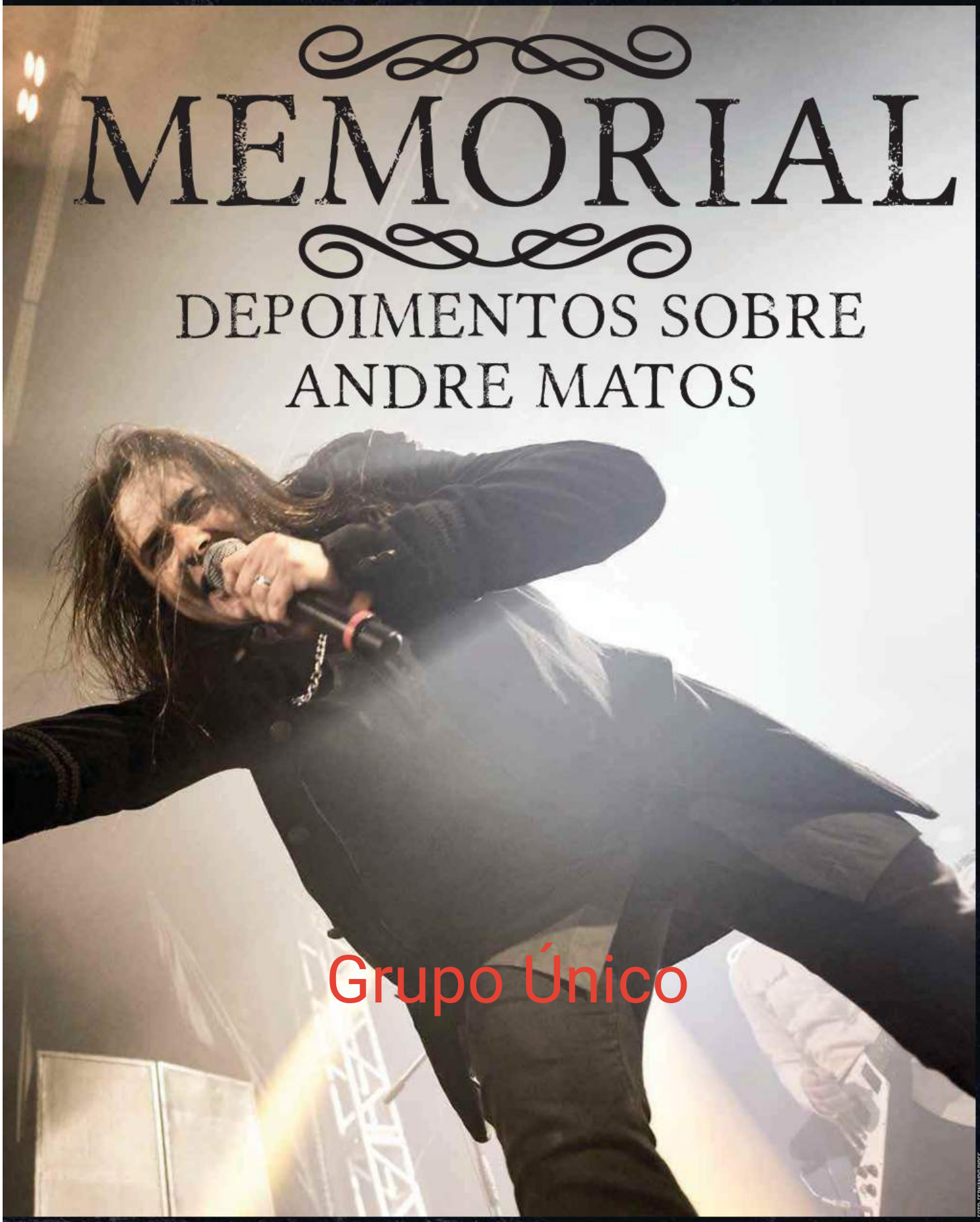
gleison@roadie-metal.com
@roadie_metal
facebook.com/RoadieMetal
facebook.com/roadiemetalassessoria

Site oficial
WWW.ROADIE-METAL.COM
Assessoria
WWW.ROADIE-METAL.COM/PRESS
YouTube /roadiemetal

Grupo Único

MEMORIAL

DEPOIMENTOS SOBRE ANDRE MATOS



Grupo Único

FOTO: FERNANDO PIRES

"A morte é irreversível. Uma coisa tão óbvia que a gente esquece como isso é uma verdade absoluta. O Andre era um daqueles caras que não deviam morrer, podiam simplesmente viver para sempre. Na verdade, ele vai viver para sempre nas canções que escreveu e que cantou, mas que infelizmente vão ficar restritas ao fatídico limite de 8 de junho de 2019."

FELIPE MACHADO (VIPER), GUITARRISTA

"Andre Matos, meu grande irmão, amigo e companheiro de infância e de toda a vida, vivemos histórias inacreditáveis. Nos divertimos muito! Isso é o que vale. Amor e amizade. Além de gênio musical, perdi uma referência! E isso tudo começou quando chutei uma bola de futebol que caiu no prédio que ele morava e eu fui buscar. Ficamos amigos. O resto é história... Fica em paz."

YVES PASSARELL (CAPITAL INICIAL, EX-VIPER), GUITARRISTA

"Foi muito difícil essa perda. Não conseguiria resumir em poucas palavras tudo que eu queria dizer sobre Andre Matos, que conheci quando criança e se tornou o meu parceiro musical, com aquela sua voz maravilhosa. Para mim, ele é uma lenda."

PIT PASSARELL (VIPER), BAIXISTA E VOCALISTA

"Andre, lembro quando estávamos montando o Viper e éramos quatro integrantes. Fizemos um teste para adicionar um vocalista à banda, e o primeiro ensaio contigo foi péssimo! Lembro que você investiu em braceletes, roupas, pulseiras e etc., e meu voto na época foi 'que deveríamos dar mais uma chance', afinal você fez um investimento importante em acessórios! Você se dedicou e se tornou o maior vocalista que eu já ouvi cantar. Tivemos uma adolescência maravilhosa e inesquecível juntos. Nossos caminhos se separaram, mas carregarei para sempre a nossa amizade no coração, e admiração pelas tuas obras. Adorei te rever no aniversário de 31 anos da banda, tocar *Soldiers of Sunrise* contigo, e te dar um abraço. Sinto muito que tenha sido o último."

CASSIO AUDI (VIPER), BATERISTA

"É muito difícil expor em palavras o que estou sentindo. Desde o surgimento do Viper acompanho, admiro e torço por Andre e pelo heavy metal brasileiro. O Andre elevou a qualidade da nossa cena e ajudou a quebrar as fronteiras que nos separavam dos olhares e aplausos do mundo. Nunca vou deixar de vê-lo como o menino de voz angelical e certa pureza de espírito, que despontou precocemente inspirando o público e os que o rodeavam. Assisti ao Viper no Espaço Mambembe, na Aclimação, tocando o primeiro álbum, *Soldiers of Sunrise*. Era difícil não ser cativado por sua presença. Tive o privilégio de criar músicas com ele e viajar o mundo compartilhando os palcos do Angra por nove anos, mas foi como fã do Andre que passei a maior parte da minha vida. Admirando de longe. Sempre foi um exemplo, uma referência importante. Confesso que tinha esperança de reconquistar sua amizade e confiança para envelhecermos criando mais músicas para as pessoas. Que é o que dá sentido à minha vida. O destino não quis, aparentemente. Temos agora a dura responsabilidade de manter o legado e a qualidade do que foi construído. Morre um gênio, nasce uma lenda imortal. R.I.P. Andre Matos."

RAFAEL BITTENCOURT (ANGRA), GUITARRISTA

"Nesses longos 30 anos de carreira, o Andre foi o músico que mais vezes subiu ao palco ao meu lado e eu fui o músico que mais subiu ao palco ao lado dele. Nossas alegrias e conquistas se misturam (grandes shows, discos de sucesso...), mas uma das melhores lembranças vai ser de uma longa conversa que tivemos um pouco antes da sua ida. Descanse, meu velho!"

LUIS MARIUTTI (SINISTRA, SHAMAN, ANGRA, ANDRE MATOS, HENCEFORTH, FIREBOX), BAIXISTA

"Na minha adolescência, ouvia Viper e jamais imaginaria, hoje em dia, ser a pessoa que por mais tempo esteve ao lado do Andre. Eu tenho muita gratidão de poder ter aprendido muito, ter feito muita coisa junto e poder contribuir com uma carreira tão maravilhosa como foi a dele, além de poder dividir muitas coisas das vidas pessoais. Mais do que um parceiro de bandas, um amigo partiu. Ele vai deixar um vazio grande nas nossas vidas, mas também deixa uma obra maravilhosa que ficará para sempre."

HUGO MARIUTTI (ANDRE MATOS, SHAMAN, REMOVE SILENCE, HENCEFORTH), GUITARRISTA

"Que manhã triste! Um telefonema e a notícia que Andre Matos faleceu. A vida é frágil demais. Chorei. Desde os 14 anos, lá nos tempo do Colégio Rio Branco o Andre já era referência. A gente queria ser como ele. A voz inigualável, o talento para o piano. Felizmente, o destino nos uniu por nove anos. Nos anos que passamos juntos, criamos e vivemos coisas incríveis, que estão guardadas no lugar mais especial da minha memória. Andre, você foi e sempre será muito importante para todos nós. Na semana em que ele falou que gostaria de tocar juntos de novo, após 20 anos. Triste demais. Sua voz, suas músicas e seu piano serão eternos para todos nós fãs. Obrigado, Andre. RIP"

KIKO LOUREIRO (MEGADETH, ANGRA), GUITARRISTA

"Falar sobre o imenso talento e a genialidade musical do Andre é desnecessário. Sua obra fala por si. Quero falar do meu amigo Andre. Aquele com o quem não fazia diferença se você passava 20 anos, um mês, um dia ou alguns minutos, porque bastavam alguns segundos com ele para você se tornar um fã, um admirador, um amigo. Assim era o xará, um cara simples, gentil, bondoso, daquelas pessoas que faziam o mundo um lugar melhor."

ANDRÉ "ZAZA" HERNANDES (ANDRE MATOS, ANGRA), GUITARRISTA

"Toquei com diversos músicos consagrados nestes 35 anos de carreira no universo da música. Todos muito capacitados tecnicamente, mas poucos com a alma musical do Andre. Um artista por natureza, com todas as qualidades e todas as excentricidades de quem colocava toda a sua existência em sua arte. Tenho plena convicção de que deixamos este plano somente após cumprirmos o que nos foi determinado. Certamente o Andre cumpriu sua missão com louvor."

FABIO RIBEIRO (ANDRE MATOS, ANGRA, SHAMAN E REMOVE SILENCE), TECLADISTA

"O melhor elogio que posso fazer ao Andre, além do seu talento, era sua generosidade. Sempre foi um cara muito bacana, do bem, e sempre o vi ajudando quem precisava. Isso faz sua perda ser maior ainda, e mais triste. Perdi um amigo e um ídolo."

VAL SANTOS (VIPER, FM, TOY SHOP), GUITARRISTA/BATERISTA

"É difícil descrever o Andre em poucas palavras, ele foi muito mais que isso: honesto, corajoso, entusiasmado, amante da arte musical, talentoso, inteligente, determinado, profissional e atencioso com seus fãs. Saudades, amigo."

LECK FILHO (ANGRA), TECLADISTA

"Difícil falar algo, sentimento estranho, pois 'um de nós' se foi. 'Um de nós', que começamos há um longo tempo a criar, tocar e divulgar um 'som diferente' para nós, brasileiros: o heavy metal! Crescemos juntos fisicamente e musicalmente. Essa evolução (musical) ficou

nítida quando fui convidado para gravar o segundo álbum do Viper, quando Andre cantou muito e mostrou que seria um grande músico. *Theatre of Fate* foi um divisor de águas, que projetou a banda internacionalmente e foi um dos principais trabalhos que participei. O sentimento de orgulho, de felicidade em ter participado da sua carreira hoje me deixa mais forte para superar a perda. Muita luz para você, Andre, e muita força para todos os fãs, amigos e companheiros de banda."

SERGIO FACCI (VODU), BATERISTA

"Conheci o Andre quando éramos pré-adolescentes e seu talento era nítido de longe. Quero, além de exaltar o talento, falar sobre a pessoa, o amigo. O primeiro programa que fiz na minha vida foi no Wandeco Pipoca, da TV Gazeta, em meados de 1983. Fui fantasiado de Gene Simmons e Andre foi de Ace Frehley, algo que nunca esquecemos. A primeira banda que tive foi o Netuno, com Andre, Yves Passarell e eu na bateria. O dia que o Andre entrou no Viper foi em uma festa de aniversário que fiz, em 3 de janeiro de 1985. Também estivemos juntos na empreitada como entregadores de Pizza para comprar equipamentos. São memórias afetivas que vou levar comigo para o resto da vida e agradeço o Cosmos por ter tido a chance de ser amigo de um talento e uma pessoa tão bacana. Descanse em paz brother."

MARCOS KLEINE (ULTRAJE A RIGOR, PAD, EX-EXHORT)

"Vodu e Viper eram bandas irmãs. Tocamos muito juntos, viajamos juntos. Por um tempo, durante os anos 80, onde estava o Vodu, estava o Viper. Eu cantei no primeiro disco, *Soldiers of Sunrise*, fazendo backings. O Serginho gravou o *Theatre of Fate* inteiro. O Pomba produziu o *Soldiers*... Eu substituí o Andre numa tour pelo Nordeste porque ele não pôde ir. Cantava três músicas porque o Pit ainda não segurava o show inteiro. Foi das melhores noites da minha vida. Cantar no Viper! Andre era um grande companheiro de shows e viagens. Sempre de boa, gentil. Me sentia conectado a ele por sermos os dois, vocalistas, que tinham mais ou menos as mesmas influências, que gostavam de cantar melódico, de voz aguda... O Andre era o melhor de todos nós. Sempre admirei demais o músico, maestro e a pessoa que ele era. Que falta você vai fazer, cara. Fica em paz..."

ANDRÉ GÓIS (VODU), VOCALISTA E APRESENTADOR DA RÁDIO ELDORADO FM

"Produzir o primeiro álbum do Viper hoje, para mim, é a certeza de um legado. Lembro de ter visto vários ensaios da então 'banda teen', proposto uma ou outra mudança de arranjos, mas eles já tinham um repertório redondo e bem acessível. Além das boas composições do Pit, evidente que o que mais realçava a banda era os vocais do Andre Matos. Bem educado musicalmente e claramente afinado - o que já seria difícil pela sua idade e mudança de voz que um adolescente passa -, gravou quase tudo de primeira e em pouco tempo. Convivemos e tocamos muito juntos por cerca de cinco anos. Foram vários shows juntos, com o auge a abertura do Motörhead em 1989, no Ginásio do Ibirapuera. A lembrança que fica para mim do Andre é quase como um reality show, em que vislumbramos o crescimento de um garoto e músico ímpar que conquistou o mundo e morava do nosso lado."

ANDRÉ POMBA CAGNI (VODU), BAIXISTA

"Posso dividir minha carreira na bateria e na música entre antes e depois de ter feito *Time to be Free*. Não foi só um disco, foi uma faculdade... Angra e Shaman sempre fizeram parte da minha lista de cabeceira. Sempre uma grande influência para mim, ouvi e toquei junto com os discos centenas de vezes. Ter tido a oportunidade de fazer uma obra com aquele time foi um presente único, de uma magnitude imensa. Sou eternamente grato pelo Andre ter confiado no meu trabalho. Dei tudo de mim e me orgulho muito do primeiro álbum solo dele, que fizemos todos juntos. Orgulho não só pela obra, mas também de ter compartilhado vários momentos, simples ou geniais, com esse cara que era um gigante em muitos sentidos."

RAFAEL ROSA (SINISTRA, ANDRE MATOS, ANCESTTRAL, MOTORGUTS), BATERISTA

"Sou privilegiado por ter tocado nove anos com Andre. Músico ímpar, dono de uma voz única, compositor e arranjador genial. Como pessoa um cara extremamente generoso, educado, engraçado, culto, perfeccionista e de personalidade forte. A vida me presenteou de trabalhar com o cara que me fez querer ser músico de heavy metal. Lembro-me com 15 anos ouvindo seus discos, tentando tocar suas composições e hoje, depois de viver tantos momentos especiais com o Andre, tenho certeza absoluta que valeu a pena cada segundo dedicado para chegar onde estou. Obrigado por tudo, Andre. Você sempre estará vivo no meu coração e nos meus pensamentos!"

BRUNO LADISLAU (ANDRE MATOS, ACLLA, HARDSHINE E PAGAN JOHN), BAIXISTA

"Pessoa querida e generosa, o Andre! Como músico, profissional, amigo, ser humano... Deixou tantas lembranças, histórias e estórias que permanecerão nesse mundo. Esse era o Andre que eu conheci. Aquele cara que quase perdia os vôos de volta do show para atender e conversar com aqueles que foram lá para ouvi-lo. Que sabia conceder um elogio sincero, pedir e criticar com elegância. Era uma pessoa de grande sensibilidade em um mundo que costuma massacrar quem é assim, mas ele não deixou de fazer sua arte, e de ter amor pelo que fazia. Pelo contrário. Três bandas e uma carreira solo que marcaram bem seus lugares na história. Me sinto sortudo além da conta de o ter acompanhado como grande admirador desde a minha adolescência e, mais tarde (num momento mágico e inesquecível da minha vida), como seu parceiro de banda e amigo. Obrigado pela tua passagem maravilhosa por aqui, você somou em incontáveis vidas! Nos vemos nas estradas do universo."

JOÃO MILLIET (ANDRE MATOS, PAGAN JOHN E SANDY), GUITARRISTA E PRODUTOR

"Andre era um artista bem diferente de todos que conheço. Não fazia as coisas pensando muito no business, era um cara da arte mesmo, que fazia tudo por amor e convicção, e nem gostava da fama e da exposição, pelo contrario, era extremamente reservado. Apesar de toda sua história e genialidade na música e também sua extensa cultura, era uma pessoa muito simples e humilde, bom de papo, que conversava com qualquer um sobre qualquer assunto. Muito generoso conosco da banda, sempre nos dando total liberdade criativa, e até procurando nos colocar em destaque. Pra mim foi um privilégio enorme poder conviver e trabalhar com ele, viagens inesquecíveis, inúmeros shows, além de gravar um disco de que tenho muito orgulho. Fica a saudade, mas também as ótimas lembranças e aprendizados, que foram muitos! Só tenho a agradecer, obrigado Andre."

RODRIGO SILVEIRA (ANDRE MATOS), BATERISTA

"A partida do Andre foi um baque muito grande. Ele foi um artista e ser humano especial e não merecia uma homenagem menor. Ver aquelas centenas de camisas pretas aplaudindo efusivamente um ícone do metal brasileiro, a pedido do próprio padre que conduzia a missa, foi um dos momentos mais únicos e emocionantes que presenciei na vida. Acho que nunca senti um orgulho tão profundo num momento tão desolador."

RICHARD NAVARRO, CRIADOR DO FESTIVAL "BRASIL METAL UNION"

FOTO: FERNANDO PIRES

"Nesta jornada pela estrada do rock brasileiro, acredito que o Viper se destacou por surgir praticamente pronto. Os garotos me pararam no Largo do Arouche (SP) e um deles, inseguro, perguntou: 'O senhor é que é o apresentador da Praça do Rock?'. Através deste encontro, eles conseguiram uma data para apresentarem-se, no dia 8 de abril de 1985, no Projeto SP Metal, que eu produzia no Teatro Lira Paulistana. Naquele momento, o destino de Andre Matos estaria selado e ninguém poderia imaginar que ele conquistaria fama internacional. Ele foi, desde o começo, um artista diferenciado. Neste momento que vivemos, de cultura 'zero', a perda deste artista foi nada mais nada menos do que uma tragédia! Mais uma luz intensa apagou-se no universo do rock brasileiro!"

ANTONIO CELSO BARBIERI

"Andre Matos, o 'Maestro do metal'. O conheci ainda garoto, por volta dos 14 anos, comprando discos de heavy metal na Woodstock, em 1984 ou 1985, bem antes do Viper, Angra e Shaman, e antes de ele conquistar o mundo com sua voz. Pois ele tinha, no meu ponto de vista, o que é necessário para se tornar um artista: atitude, imagem e música. A última vez que nos vimos foi em 2004, nos estúdios da 89FM, no retorno do Comando Metal. Conversamos – coisas que não foram ao ar – exatamente sobre a adolescência dele na Woodstock, bem como a sessão de autógrafos do *Soldiers of Sunrise* do Viper na loja. Será lembrado pelo que viveu, pois a arte é imortal!"

WALCIR CHALAS (WOODSTOCK DISCOS)

"Andre Matos se foi fisicamente, mas o seu legado viverá para sempre. Ele sempre será o gênio que trazia aquela voz de anjos, e levava alegria tanto para os amigos como para os fãs. Tive oportunidade de trabalhar com Andre como promotor de shows na época do Angra, quando levei-os ao México. Ajudei a formar duas etapas muito importantes: uma foi a formação do Shaman, e outra a de sua carreira solo. Também trouxe-o para participar em duas edições do festival Live N' Louder, uma com o Shaman (2005) e outra em carreira solo (2006). Fizemos inúmeros shows juntos. Éramos amigos próximos, daqueles que ficam na alma, mesmo não precisando se falar regularmente. Ficarão aqui gravadas minhas tentativas de que ele se reunisse com seus antigos companheiros do Angra, para pelo menos fazer uma reunião de amigos, ou quem sabe uma turnê. Se eu pudesse definir minha amizade com Andre, falaria alegria de viver e felicidade pela natureza. Andre eterno."

PAULO BARON (TOP LINK MUSIC), MANAGER/EMPRESÁRIO

"Numa brincadeira que se tornou séria demais, o Hugo Mariutti me desafiou a empresariar e trazer de volta o Shaman. No decorrer de quase quatro meses, até assinarmos todos os contratos, fui conhecendo um pouco mais cada um dos outros músicos. O Andre foi o artista mais enigmático, pragmático, burocrático e, ao mesmo tempo, empático que tive a honra de conviver. Um ser humano de alma evoluída, que alçou os voos mais altos, os mergulhos mais profundos, mas que, às vezes, vivia preso e atormentado pelos demônios que criava. Tivemos, de cara, uma sintonia forte. Tínhamos muito em comum. Ele me entendia e eu o entendia, e ele, de certa forma, era grato por isso. Um dia antes da sua partida, tivemos uma conversa burocrática. Enviei uns papéis para ele assinar e, na sequência, reconhecer firma, mas o único reconhecimento verdadeiro que tive foi que Andre Matos era um turbilhão de emoções. Passou pela minha vida e deixou um autógrafo na história da música, que cartório nenhum será preciso pra validar seu verdadeiro reconhecimento."

RICK DALLAL (FREE PASS), MANAGER/EMPRESÁRIO

"Eu tive a honra de fazer a produção musical, juntamente com o Brendan Duffey, do último trabalho do Andre. Saiu uma obra chamada *The Turn of the Lights*. Mais um trabalho fantástico deixado pelo mestre. Perdemos um grande compositor, artista, vocalista, amigo e um cara que influenciou muito mais que uma geração. Infelizmente, o mundo teve uma perda irreparável."

ADRIANO DAGA (MALTA), BATERISTA E PRODUTOR

"Andre chegava ao estúdio todo dia e cumprimentava todo mundo sem falta. Ele deitava no chão com a Betty Boop e o Pepe Legal (os cães do estúdio) e passava um tempão dando carinho neles. Depois, passava entre 1 e 2 horas só tocando piano e conversando com quem estava no estúdio. Rolavam altas piadas e conversas profundas, mas sempre num clima bem relaxado. Ele confiava, escutava e abraçava as ideias de todo mundo que estava no projeto com ele. Muito além do legado musical, ele será lembrado pela pessoa que foi e pelos amigos que cultivou durante a jornada. Obrigado por tudo meu amigo!"

BRENDAN DUFFEY, PRODUTOR

"Andre Matos, o que dizer dele? Um grande amigo, um grande ídolo... Headbanger brasileiro que escreveu seu nome na historia do metal. E o principal: mudou a voz do metal brasileiro! Com muita tristeza no meu coração que escrevo essas humildes linhas. Jamais esqueceremos de você, bro. Is we."

MARCELLO POMPEU (KORZUS), VOCALISTA

"Andre Matos foi um verdadeiro cavalheiro e um excelente artista. Fizemos cerca de 30 shows com o Angra, entre 1995 e 1997. Estou totalmente chocado."-

TERENCE HOLLER (ELDRITCH), VOCALISTA

"O Brasil foi a última parada da turnê (Avantasia), e não poderia haver maneira melhor de encerrar em São Paulo. Infelizmente, logo depois perdemos o Andre, e a sua morte foi uma surpresa para todos nós. A performance dele, cantando com o Tobias (Sammet), foi incrível, então foi um choque quando eu soube da notícia uma semana depois. Nós não pudemos conversar profundamente naquela noite, mas passamos alguns momentos juntos, e foi a primeira vez que falei com ele pessoalmente, na verdade. Eu conhecia o seu trabalho e sua voz, claro, além de sempre ter escutado histórias maravilhosas sobre ele, vindas de diferentes pessoas que o conheciam bem. É muito triste que um talento como o Andre tenha partido tão cedo."

GEOFF TATE (SOLO, SWEET OBLIVION, OPERATION: MINDCRIME, EX-QUEENSRŸCHE), VOCALISTA

"Andre era um amigo muito querido, uma pessoa muito humilde pela capacidade que ele tinha. Ele era muito acessível, muito honesto e muito amoroso com as pessoas. Fiquei muito triste com a morte dele. Tínhamos muitos planos ainda, queríamos fazer as composições dele orquestradas e uma turnê pelo Brasil. Infelizmente não deu certo, vai ficar para a próxima encarnação..."

MONICA GIARDINI, MAESTRINA DA BANDA SINFÔNICA JOVEM DO ESTADO DE SÃO PAULO

"Sintetizar o que o Andre significa para mim é um pouco complexo. Indiretamente, comecei a cantar de maneira profissional por intermédio dele, sem ele saber, porque eu ainda era adolescente lá em Petrópolis. Andre foi, sem sombra de dúvidas, a minha maior influência para que eu me interessasse em cantar profissionalmente. Graças a Deus, pude mostrar isso para ele diversas vezes e, muito devido a isso, ele foi um cara que sempre foi muito generoso comigo e me ajudou quando teve oportunidade. Só me resta muita saudade e muita gratidão a ele."

BRUNO SUTTER, VOCALISTA

DISCOGRAFIA COMENTADA

Grupo Único

01

VIPER

SOLDIERS OF SUNRISE

(1987)

FOTO: HELO MACHADO

Ainda com o apelido de "Menudos do metal", o Viper surpreendeu em seu debut

O primeiro que conheci foi o Felipe Machado. Num sábado no começo de 1985 acabamos no mesmo time de futebol. Cabelos compridos, era a senha para "o que você escuta?". Acabei o dia no ensaio do Viper, que se preparava para o primeiro show, abrindo para o Platina.

Eu me situava em idade entre o caçula Andre Matos e o próprio Felipe. Yves Passarell era dois anos mais velho e o Pit Passarell, três. O Cassio Audi regulava com o Felipe, acho.

Viramos amigos de encontrar todos os dias, já que morávamos perto, e quando você encontrava um headbanger da sua idade na ocasião era como entrar para uma seita secreta e identificar um igual.

Éramos realmente iguais, com a diferença de que eles eram muito mais talentosos musicalmente. Acho que virei jornalista no primeiro ensaio do Viper a que assisti.

Estavam no meio da composição (o Pit) das músicas que viriam a demo *The Killera Sword – Law of the Sword, Signs of the Night, Nightmares, Heavy Rock* (que viraria *H.R.*), *The Whipper* e *Killera (Princess of Hell)*.

Dois anos depois, quando saiu *Soldiers of Sunrise*, ganharia três irmãs caçulas – *Knights of Destruction* (até hoje a minha favorita), *Wings of the Evil* e *Soldiers of Sunrise*. Foi a base do primeiro show, em 8 de abril de 1985, quando engordaram o set-list com *Night of the Demon* (Demon) e *Countess Bathory* (Venom). Quão louco era o Andre emular o Cronos? Mas vá lá.

Nos finais de semana, tínhamos um ritual, que começava no Rainbow Bar (sim, nós tivemos nosso Rainbow). As manhãs de sábado eram da Woodstock. De lá, o Carbono 14, com as matinês da Rock Brigade. Rolava o tradicional futebol e à noite, pizza frita em um bar na Henrique Schaumann. Os domingos eram no cine Rock Show, algum show na Praça do Rock e o programa de rádio do Beto Peninha, na 97FM.

Foi lá que a demo do Viper estreou. Na primeira vez que tocou, foi como na cena do The Wonders, comemorado como gol em final de Copa.

Chego aqui e pouco falei do *Soldiers*. Minto. Falei quase tudo. Pois as músicas estão aí para todos ouvirem e já foram mais que dissecadas.

O que coloco é a gênese do metal paulistano, quando seus iguais se atraíam como por mágica e formávamos o time mais sólido de que participei, pois além de todos se amarem, tínhamos um propósito comum, que era a música. Tudo valia pela música. E ela fazia tudo valer a pena.

Até o dia 8 de junho recente, quando a principal voz entre os amigos e uma das maiores vozes do gênero que tanto amamos se calou.

Luiz Cesar Pimentel

Grupo Único

Grupo Único

ACID TREE LOGO
CAMISETA

ARKAN
CAMISETA

RIGHTEOUS VIOLENCE
CAMISETA LETRA

AWAKE THE IRON
CAMISETA

AWAKE THE IRON
CAMISETA LETRA

ARKAN
DEMO CD

ARKAN
CD

AWAKE THE IRON
CD

ARKAN
CADERNO ARTESANAL

AWAKE THE IRON
CADERNO ARTESANAL

SO SINGS THE CROW
ILUMINURA MEDIEVAL

ACID TREE LOGO
BOTOM

ACID TREE LOGO
PALHETA

ACID TREE
LOGO CHAVEIRO

ACID TREE
LOGO CANETA

foto: Renan Facciolo anuncio: www.jduartedesign.com

ELECTRIC STUDIO MARS

www.acidtree.com.br

ASE MUSIC

02
VIPER
THEATRE OF FATE
(1989)

FOTO: CRISTINA MOCHETTI

Na turnê de *Theatre of Fate*, o Viper abriu para o Motörhead no Ginásio do Ibirapuera (SP)

Não é preciso fazer muito esforço para lembrar a sensação que causou *Theatre of Fate* na sua primeira audição: nunca tinha se ouvido nada parecido por aqui. O heavy metal brasileiro ainda não tinha o protagonismo que viria ostentar tempos depois e mesmo com várias bandas caminhando a passos largos rumo ao profissionalismo, havia muito chão a ser trilhado.

De repente, veio *Theatre of Fate*. OK, o disco tinha muito do que o Helloween fazia na época, mas trazia alguns elementos inéditos em se tratando de uma banda brasileira. De cara, a produção do inglês Roy Rowland fazia toda a diferença, já que esse era um aspecto em que boa parte dos lançamentos nacionais ainda deixava a desejar. A isso se aliavam as composições primorosas de Pit Passarell, com riffs inesquecíveis e refrãos marcantes. E acima de tudo isso vinha o principal: os arranjos geniais de Andre e seu vocal inesquecível. Raciocinando em retrospectiva, ficam evidentes a classe e o talento de Andre quando se presta atenção aos arranjos, elaborados e refinados, contando até com um quarteto de cordas (nas faixas *At Least a Chance* e *Prelude to Oblivion*). Tudo fica mais impressionante quando se leva em conta que ele tinha de 17 para 18 anos quando o disco foi concebido e gravado.

A única música assinada por Andre causou certa controvérsia na época, já que *Moonlight* é baseada *Sonata Op. 27 n. 2*, de Beethoven, informação que não constava no disco, mas que nunca foi negada por Andre. Independente disso, trata-se de um tema inspiradíssimo e sua performance é inigualável.

Chega a chamar a atenção o fato de *Theatre of Fate* ter pouco mais de 34 minutos de duração, tal a consistência e qualidade ali existentes. Eram tempos em que as bandas não precisavam de uma hora e meia de música para tentar dizer alguma coisa... Mais que isso, é um disco que resistiu bravamente e com louvor ao teste do tempo – ouça-o hoje e confirme o que estou dizendo.

Não à toa que Andre definia o disco como "um divisor de águas" em sua carreira. E explicava: "Ali foi a minha primeira experiência profissional de verdade, com um produtor de verdade e com músicas excelentes."

Theatre of Fate foi o segundo e último disco do Viper com Andre. Ele saiu da banda quando ela atingiu seu auge, com seus dois álbuns sendo lançados no exterior, para se dedicar integralmente ao estudo de música. Logo em seguida ele ingressaria no Angra e aí começava outra história.

Antonio Carlos Monteiro

03
VIPER
TO LIVE AGAIN – LIVE IN SÃO PAULO
(2015)

FOTO: DENIS OKNO

O retorno do Viper rendeu a gravação de um CD/DVD ao vivo

No começo dos anos 80, a turma do bairro sonhava em ter bandas, fazer sucesso, subir em palcos, dar entrevistas, dar autógrafos... Sonhávamos com estúdios de gravação, shows lotados de fãs. Quantas turmas tiveram esses mesmos sonhos? Andre Matos realizou todos eles, e nós tivemos a alegria de realizar um desses sonhos dele: a volta do Viper. A turnê foi um retorno à sua "casa", aos braços de seus amigos de infância. A volta às raízes, à inocência, à amizade verdadeira e sincera. Até as brigas eram divertidas. Tudo era uma grande festa quando estávamos juntos. Sempre foi assim com o Viper.

Meu irmão, Felipe Machado, já tinha cogitado sobre essa reunião com o baterista Guilherme Martin. Quando nós, do Wikimetal, falamos sobre isso numa entrevista que fizemos com Andre, ele topou na hora, desde que fossemos nós os organizadores.

A volta do Viper reuniu os amigos de infância com Hugo Mariutti, companheiro inseparável de Andre. No início seriam um ou dois shows, mas começaram os ensaios e todos perceberam que tinha que ser mais. A ideia era tocar os dois primeiros álbuns na íntegra, com um intervalo no meio, e, no bis, as músicas do *Evolution* que Andre sempre quis ter gravado: *Spreading Soul*, *Rebel Maniac* e *Dead Light*. Foi um desafio enorme, mas deu muito certo. Foram uns trinta shows pelo Brasil, incluindo a abertura do Kiss, no Rio e em São Paulo, shows 'sold-out' e gravação de CD/DVD ao vivo.

Um dos momentos altos da reunião foi o Rock in Rio, onde praticamente tudo começou, só que 30 anos depois. É tão fácil ver a alegria de todos quando assistimos o DVD gravado na Via Marquês (SP). O nome da tour era propício: "To Live Again", uma das faixas de *Theatre of Fate*.

Era tão bom ver a emoção que a união desses amigos nos provocava. Até Yves Passarell apareceu no show de São Paulo. Ele era realmente o irmão mais velho que Andre não teve. A gente vibrava, se abraçava, comemorava... E os fãs se emocionavam, pois estavam revendo, ou vendo pela primeira vez, algo que parecia impossível.

Hoje choramos todos. Mas é um choro que nos enche de emoção por termos compartilhado momentos tão especiais juntos a um grande artista, um homem de bem, um coração enorme, um abraço caloroso, verdadeiro, um sorriso lindo. Uma pessoa que fez a diferença, que não tomou nenhuma decisão baseado em dinheiro; um homem íntegro, gentil e verdadeiro chamado Andre Matos.

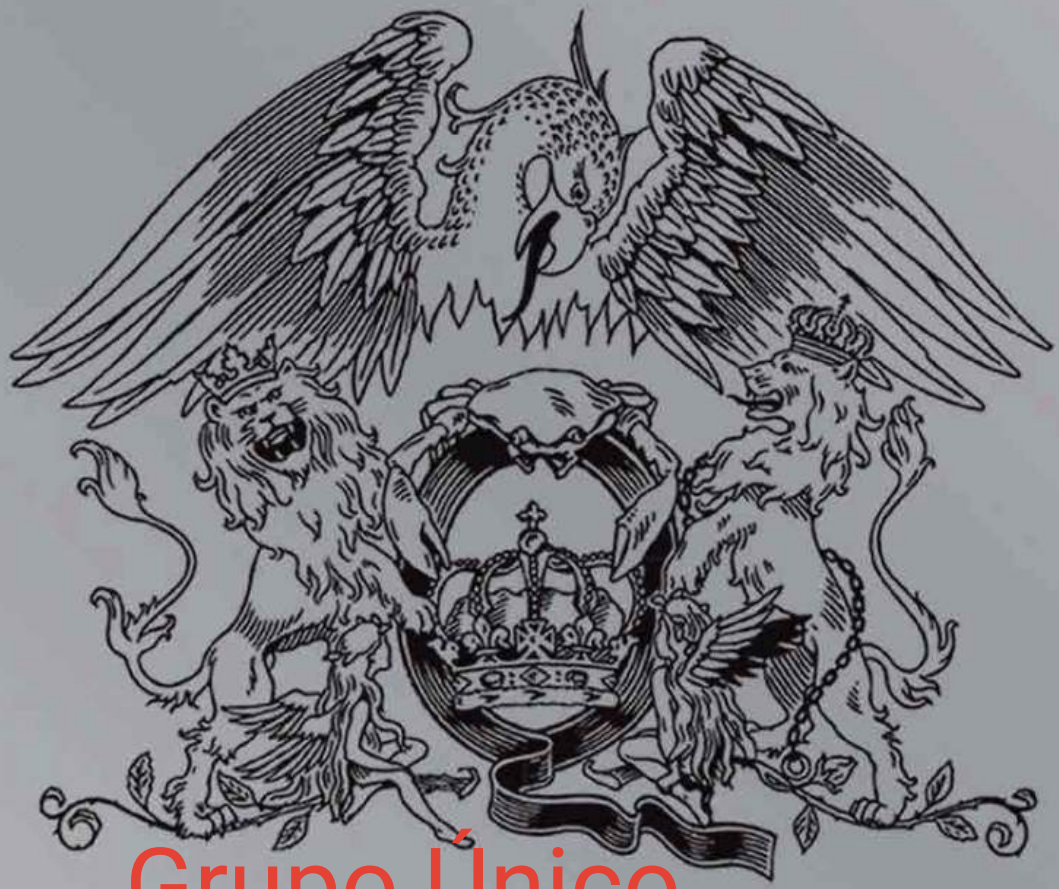
Nando Machado

PRODUZIDO POR **ROGER TAYLOR & BRIAN MAY**

QUEEN EXTRAVAGANZA

A Banda Oficial de Tributo ao Queen

Queen Greatest Hits



Grupo Único

12 DE SETEMBRO - CREDICARD HALL / SP | 13 DE SETEMBRO - KM DE VANTAGENS HALL / BH
14 DE SETEMBRO - VIVO RIO / RJ | 15 DE SETEMBRO - ESPAÇO PATRICK RIBEIRO / ES
17 DE SETEMBRO - CENTRO DE CONVENÇÕES ULYSSES GUIMARÃES / DF

Realização

POLADIAN PRODUÇÕES

Informações / Vendas

WWW.POLADIAN.COM.BR

A produção do evento não se responsabiliza por ingressos comprados fora dos pontos de vendas oficiais indicados no nosso site: www.poladian.com.br

04

ANGRA

ANGELS CRY

(1993)

Angels Cry, além de surpreender, rendeu prêmios ao Angra

Em 1993, a Internet ainda engatinhava no Brasil e não era fonte de informação para quem era 'heavy'. Até aquele momento, tudo o que se sabia sobre o paradeiro de Andre Matos é que, após o Viper, ele focou apenas nos estudos de Regência Orquestral e Composição Musical na faculdade, e nas aulas de canto lírico.

No final daquele ano, porém, numa tarde em meu primeiro emprego, estava com os fones do meu velho walkman no ouvido, curtindo a 89FM A Rádio Rock. Aí, um belo dedilhado, uma discreta cama de teclados e uma voz suave me surpreenderam. A música ia num crescendo, que culminava em um heavy metal técnico, pomposo, cheio de nuances e um leve toque sinfônico. Aquela voz refinada e aguda não me era estranha. Já contagiado, esperei pelo locutor. Não demorou, e ele revelou: "Caros ouvintes da 89, essa foi *Time*, música do Angra, nova banda de Andre Matos, ex-vocalista do Viper, que no ano passado lançou o primeiro disco sem ele, *Evolution*, que você conhece pela *Rebel Maniac*, também presente em nossa programação!".

No dia seguinte, após a escola, ainda com a música na cabeça, meu destino foi a extinta Devil Discos, na Galeria do Rock. Saí de lá com *Angels Cry* na sacola. Após o trabalho, corri para casa no intuito de conferir o disco. Bastou uma única audição e eu já tinha meu decreto: obra prima!

Passada a introdução *Unfinished Allegro*, *Carry On* foi crucial para eu ser arrebatado de vez pelo "Angra do Andre Matos". "E olha que a compus aos 21 anos, quando o Angra ainda era embrionário", gabou-se o vocalista anos mais tarde em entrevista à ROADIE CREW. "Lembro-me de tocá-la no piano para o Luis Mariutti, que disse: 'É isso que o pessoal quer ouvir.' Respondi: 'Sério? Achei tão bobo.' (risos) Mas foi aí que levei a sério", revelou.

Quase gastei meu vinil de tanto ouvir, principalmente *Carry On*, *Time*, *Streets of Tomorrow*, as baladas *Stand Away* e *Wuthering Heights* (cover de Kate Bush), e *Never Understand*, que se tornou minha favorita da carreira do Angra e de Matos.

Tenho *Angels Cry* como a obra definitiva do saudoso Andre Matos, mesmo apontando *Holy Land* como o mais criativo. Compositor de quase todas as músicas, exceto *Stand Away*, Matos mostrou evolução quanto ao cantor que fora no Viper. Suas linhas vocais soavam mais versáteis e seus timbres mais fortes e definidos. Além disso, como pianista/tecladista trouxe muito da música erudita ao heavy/prog de *Angels Cry*.

Leandro Nogueira Coppi

05

ANGRA

HOLY LAND

(1996)

A fase de transição de *Angels Cry* para o ousado *Holy Land*

Um trabalho ousado, que marcou época. Assim é *Holy Land*, o sucessor de *Angels Cry*. "É o disco do Angra com o qual mais me identifico e com o qual eu mais me envolvi, por causa da temática. (...) Tive grande ajuda do Rafael (Bittencourt). Ele foi atrás dessa parte de música regional e conseguiu uma coleção de gravações originais dos anos 30, 40 e 50, coisas do Xingu e do Amazonas, de floresta, sertão, interior mesmo do Nordeste", explicou o saudoso Andre Matos à ROADIE CREW.

Raul Seixas, um dos heróis de Bittencourt, já tinha mostrado que era saudável mesclar rock com música regional. Porém, nem o mais otimista poderia imaginar que, em 1996, duas das maiores bandas do Brasil fossem apostar suas fichas nesta tendência: Sepultura e Angra – apenas onze dias separam *Roots* de *Holy Land*. Antes disso, também houve a Tropicália, o Clube da Esquina, os Raimundos e a inclusão de percussão no som do Overdose.

A "terra sagrada", que dá título ao álbum, vai de encontro ao conceito do descobrimento do Brasil e das navegações dos séculos 15 e 16. "Quando compus *Holy Land*, que não tem nada a ver com a terra prometida de Israel, o ciclo fechou. Era a ideia que tínhamos de seguir. É uma das minhas melhores composições", afirmou Matos.

Não por acaso, Kiko Loureiro a aponta como a que melhor representa a obra de Matos. "Andre queria ser reconhecido como compositor e *Holy Land* vai representá-lo no seu máximo", disse.

O disco, produzido por Charlie Bauerfeind e Sascha Paeth, abre com *Crossing*, de Giovanni Pierluigi da Palestrina, compositor renascentista do século 16, seguida pela instigante *Nothing to Say*, que posteriormente teve versões gravadas por Cangaço e Venomous.

Já a épica *Carolina IV*, que antes atendia por *River to the Sky*, era uma das mais aguardadas na turnê. Esta trouxe a letra com trechos em português e uma inserção de *Bebê*, de Hermeto Paschoal, de quem Matos era fã.

No entanto, uma das mais promovidas foi o single/clipe da balada *Make Believe*. O repertório ainda traz *Lullaby for Lucifer* e mais três composições de Matos: *Silence and Distance* (conhecida como "*Pianinho*" durante a pré-produção), *Deep Blue* e *The Shaman*. Esta última, antes apelidada de "*Caetano (ex-Olodum 2)*" tem um gosto especial, já que, além de ser uma de minhas preferidas, me ajudou a convencer Matos, Confessori e Hugo a aceitarem uma sugestão de Luis para batizarem a banda que montaram após o Angra.

Ricardo Batalha

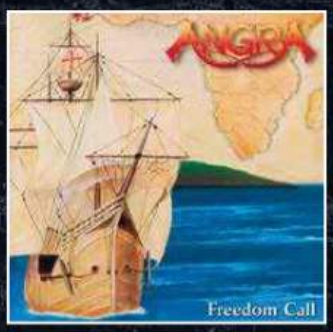
06

ANGRA

FREEDOM CALL

(1996)

Angra, em alta com *Holy Land*, soltou o EP *Freedom Call*



Era dezembro de 1996. Nove meses após lançar o espetacular *Holy Land*, o Angra apresentou o EP *Freedom Call*. Eu ainda tentava entender o impacto que a banda causara com o trabalho anterior. Depois do Sepultura ter garantido seu lugar na história da música pesada mundial, parecia surreal que outra banda brasileira fizesse o mesmo.

Parecia extravagância de banda gringa consagrada: um EP com só uma inédita, a faixa-título; os remixes de *Queen Of The Night* e *Reaching Horizons*, ambas da primeira, e já quase impossível de se encontrar, demo-tape; *Deep Blue* em formato editado; e, veja só!, a versão orquestrada para *Stand Away*, do disco de estreia; além do cover de *Painkiller* (Judas Priest). Como bônus, *Angels Cry* e *Never Understand* acústicas, que só estavam no EP *Live Acoustic at FNAC*, exclusivamente lançado no Japão e como CD bônus da edição francesa de *Holy Land*. Saí da loja onde comprei o EP convencido de que o Angra era "gente grande".

Quando as caixas de som do meu velho CD player fizeram tremer a janela do quarto com a introdução de *Freedom Call* me perguntei: "Como é que uma música excelente assim não estava em *Holy Land*?" A sequência *Queen of the Night / Reaching Horizons* impediu uma resposta. Fiquei sem ação ao perceber que, em 1992, quando ainda tentava abrir portas, o Angra tinha nível superior à maioria de seus pares entre o power metal mundial. A primeira delas está no meu Top 3 do grupo, ao lado de *Carry On* e *Carolina IV*.

Naquela distante primeira audição que tive do EP, assim que *Stand Away* invadiu meus ouvidos, veio aquele sentimento de emoção e orgulho por brasileiros terem criado aquela estonteante mescla entre metal e música clássica. E agora, pensando que esta é uma das melhores performances de Andre Matos, vem o choro pela passagem prematura do nosso ídolo. Ouço *Painkiller* mais uma vez para afastar a tristeza e fico imaginando como seria um dueto entre Andre e Rob Halford nesse clássico.

As duas acústicas que fecham o EP foram, à época, a pá de cal sobre o headbanger radical que existia em mim. Eu comecei a abrir minha mente com *Progress of Decadence*, lançado pelo Overdose em 1993, *Roots* (Sepultura) e o próprio *Holy Land*, ambos em 1996. Então, por qual motivo eu não poderia aceitar o Angra enlouquecendo os fãs franceses com violões e ritmos da música popular brasileira? Heavy metal é arte. Por isso, não pode ficar limitado a um modelo. Exatamente como Andre Matos sempre nos ensinou.

Alessandro Bonassoli

07

ANGRA

HOLY LIVE (EP, AO VIVO)

(1997)

FOTO: CARMELO GIORGINO

Andre Matos ao vivo, sinônimo de competência e elegância

Quando *Holy Live* foi lançado, em 25 de abril de 1997, o Angra já tinha na bagagem os EPs *Evil Warning* (1994), *Live Acoustic at FNAC* (1995) e *Freedom Call* (1996). À ocasião do lançamento deste material, gravado em 1996 em Paris (FRA), a banda estava em Buenos Aires (ARG), onde realizou três apresentações 'sold-out' seguidas – duas plugadas e uma acústica. Desde o show no Palace (SP), em 11 de dezembro de 1996, eu era um dos roadies naquela turnê e via, todas as noites, a magia acontecer.

O palco trazia o enorme backdrop criado por Dick Siebert (Korzus), com a bela arte de *Holy Land*, feita por Alberto Torquato. Os ajustes do cenário e da iluminação ficavam a cargo de Álvaro "Huguinho" de Oliveira. Já a montagem, regulagem dos instrumentos e a passagem de som eram feitas pelos roadies Maurício Gargamel Mattos e eu, sempre sob os comandos do engenheiro de som, Guilherme Canaes. O empresário Antonio "Toninho" Pirani cuidava da parte burocrática e auxiliava em coisas que estávamos precisando.

Assim como em toda aquela turnê, o começo do show vinha com *Crossing*. Ainda posso escutar a voz de Kiko Loureiro dando o sinal verde – "Pode soltar lá, Batalha" –, antes da 'intro' começar a tocar nos PA's. Depois vinha *Nothing to Say* e a speed *Z.I.T.O.*, a mesma sequência de *Holy Live*. Uma pena que tenha curta duração e que o repertório traga apenas *Carolina IV*, a 'intro' *Unfinished Allegro* e *Carry On*, um grande clássico que o saudoso maestro compôs.

Seja como for, o show só começava após eu ouvir o comando de Kiko para soltar a 'intro', mas quem me ensinou a operar o sampler Akay foi Andre Matos. Com a maior paciência do mundo, me explicou como preparar a ordem do set, já que, em algumas músicas, a parte orquestrada e outras sequências eram feitas não só pelo tecladista Leck Filho, mas através do sampler. Era tudo para os fãs terem um espetáculo fidedigno.

Nunca quis ser baterista profissional, como o amigo de escola Ricardo Confessori, que estudou muito para obter sua excelência, mas achava ótimo estar em contato direto com a magia do palco e a vida na estrada. Quando completei 28 anos, em 27 de abril de 1997, estávamos montando mais um show na Argentina. O pessoal veio até com bolo, cantou parabéns no palco e celebramos muito. Estas memórias jamais serão apagadas e sempre que vejo a capa de *Holy Live* me lembro desta fase da vida. Agora, então...

Ricardo Batalha

08
ANGRA
FIREWORKS
(1998)

FOTO: MARCOS BRAGATTO

Ricardo Confessori, Rafael Bittencourt, Kiko Loureiro, Andre Matos e Luis Mariutti no backstage do Dynamo (HOL) em 1999

Comprei *Fireworks* em um finado sebo na minha cidade, Araraquara (SP), no começo de 2001, três anos após seu lançamento oficial. Por falta de informações, mal sabia que estava adquirindo o derradeiro registro do Angra com Andre Matos. Li, tempos depois, que Matos já vinha descontente com o andamento empresarial do grupo desde o fim da turnê de *Holy Land*, deixando, inclusive, a banda (Edu Falaschi chegou a fazer alguns ensaios). Porém, um empresário francês acalmou os ânimos, dando sequência à produção, mas com André bem distante. "Ele trouxe as músicas *Lisbon*, *Fairy Tale* - que a banda não gostou, ficando para o Shaman - e *Wings of Reality*. Em *Speed*, eu fiz a música e ele a letra. Teve em *Rainy Nights*, certa colaboração, mas já distanciado. Fizemos o álbum, a banda cresceu mais, fez turnês maiores e aí ele não queria mesmo e saiu de vez", disse Kiko Loureiro em vídeo no seu canal no YouTube. "É algo que acontece em qualquer banda quando existem problemas não resolvidos na raiz. É mais importante você tentar consertar as consequências do que contornar a causa mais tarde. Talvez seja por isso que sempre optei pela forma mais dramática e abrupta de resolver uma coisa. Deixamos o Angra no auge e isso foi talvez até importante para as nossas carreiras", disse Matos em entrevista à ROADIE CREW.

No entanto, toda essa situação não transforma *Fireworks* em um ponto negativo na discografia da banda. Ao contrário, o álbum é ímpar por ser genialmente diferente de seus antecessores, com algo mais cru, direto e pesado, cuja produção é assinada pelo saudoso Chris Tsangarides (Judas Priest e outros) e com algumas captações no lendário estúdio Abbey Road.

Que tal a pesadíssima *Metal Icarus*? Se você é guitarrista, tente tocar *Speed*. A faixa-título traz algumas brasilidades e, por fim, a levada calma e serena de *Gentle Change* encanta logo de cara. Só que a mais linda do disco é 100% Andre Matos: *Lisbon*. A minha cópia de *Fireworks* é inteiramente autografada, faltando apenas o Luis Mariutti. Lembro com muito carinho quando Matos deixou sua assinatura nela. Eu o encontrei em 2012, quando o Viper fez show no festival Araraquara Rock. Levei um jornal com uma entrevista que fizemos para um jornal local e toda a minha discografia com a sua participação. Ele agradeceu e pediu para que eu autografasse o CD da minha banda, que também tocaria naquela noite. Saudades eternas, maestro.

Matheus Vieira

09
SHAMAN
RITUAL
(2002)

Hugo Mariutti, Ricardo Confessori, Andre Matos e Luis Mariutti: Shaman visitando a redação da ROADIE CREW

Ritual começou com um conceito global. Tentamos amarrar várias culturas, de épocas diferentes, não apenas no conceito lírico, mas também no musical. Esse é o lance bacana do disco. Cada música é contada de uma maneira diferente, com sons andinos, árabes, gaita de fole, percussão africana e, claro, a influência de música clássica que existe desde a época do Angra", disse Andre Matos a este repórter no dia 27 de setembro de 2002, quando o Shaman fez sua estreia no Rio de Janeiro. Mesmo hoje, com todos os predicados do primeiro álbum no consciente, a maneira como ele foi descrito por Andre mostra que o quarteto buscava sair da zona de conforto do estilo, a ponto de a sonoridade ser vendida como mystic metal.

"Isso começou quando nos perguntaram se faríamos metal melódico, e eu disse que não. Solos virtuosos, vocais agudíssimos, bateria com dois bumbos... Queríamos fugir disso. O termo não é invenção nossa, mas tem a ver com o xamanismo, a atmosfera das músicas, as letras, o conceito do álbum. Se os caras precisam de rótulo, tudo bem. Aceitamos sem resistir porque está mais próximo do que fazemos. No fim, prefiro que chamem a banda de mystic metal do que de metal melódico", disse Andre, sem se importar com o slogan 'a magia do metal está de volta'. "A mim não incomoda dizerem que nosso metal é mágico, até porque eu acredito no poder da música. Fizemos o *Ritual* com muita paixão, e imagino que as pessoas o ouçam com esse sentimento."

Assim, lá estava *Ancient Winds*, uma introdução musicalmente rica e mais longa do que o padrão, e o experimentos em *Distant Thunder*, *For Tomorrow* e *Over Your Head*, por exemplo. "É uma evolução que partiu da música regional para o que podemos chamar de world music dentro do heavy metal. Temos uma preocupação muito grande em deixar a banda coesa e forte, por isso até a música clássica no Shaman é usada de maneira diferente. Queremos menos virtuosismo. Colocamos os arranjos para complementar a música, mas se os tirarmos, ela continuará soando bem porque não depende deles."

E havia *Fairy Tale*, que integrou a trilha sonora de "Beijo do Vampiro", novela da Rede Globo. "Acho que não ficou brega (risos). Independentemente disso, podemos atingir outro público, porque muita gente passou a ouvir heavy metal com baladas do Kiss, Scorpions e Whitesnake. No mais, estamos honrosamente tirando o lugar do Belo (gargalhadas)". Sim, Andre Matos já está fazendo falta demais.

Daniel Dutra

10

SHAMAN

RITUALIVE

(2003)

Andre Matos: shows grandiosos do Shaman renderam um DVD/CD ao vivo em 2003

Disco de estreia lançado por uma grande gravadora, turnê bem-sucedida pelo Brasil – imagine uma banda brasileira de heavy metal tocando para mais de quatro mil pessoas no Rio de Janeiro, e na principal casa de shows da cidade... – e um DVD que, 15 anos depois de seu lançamento, continua sendo o melhor e mais bem produzido do estilo no país. E não se trata apenas de aspectos técnicos, como som e imagem perfeitos. Trata-se do repertório, dos convidados especiais e do clima alto astral que envolveu a apresentação e a gravação naquele dia 5 de abril de 2003 – tudo registrado numa cobertura especial na ed. #52 da ROADIE CREW.

Ou seja, *RituAlive* também saiu em CD, mas é o vídeo que conta. Gravado no Credicard Hall, em São Paulo, diante de um público de sete mil pessoas – e tem muita banda gringa que não toca para tanta gente no Brasil –, é o primeiro e único registro ao vivo do Shaman com a formação original. E Andre Matos, Hugo Mariutti, Luis Mariutti e Ricardo Confessori, que tinham a companhia de Fabio Ribeiro, foram reforçados por um time também de estrelas: Andi Deris e Michael Weikath, que estavam no país para promover o então mais recente disco do Helloween, *Rabbit Don't Come Easy*; Tobias Sammet (Edguy e Avantasia); Sascha Paeth (Heaven's Gate e Virgo); o violinista Marcus Viana (Sagrado Coração da Terra); e o percussionista George Mouzayek.

Obviamente, apenas a gravação do DVD já era razão suficiente para os fãs lotarem a casa, mas a performance impecável da banda e seus convidados não ficou restrita ao que você pode assistir em casa. Lá estavam todas as faixas de *Ritual* (2002), da introdução *Ancient Winds* a *Pride*, que, assim como a versão em estúdio, contou com a participação de Sammet. Mas teve mais do que aquilo que foi registrado. No disquinho há *Sign of the Cross*, do Avantasia, mas Sammet subira ao palco antes para cantar outra da sua metal ópera, *Inside*. *Lisbon* e *Carry on* ficaram para a posteridade, mas um medley com *Silence and Distance*, *Carolina IV*, *Time* e *Wings of Reality* já havia feito subir a temperatura dos fãs da fase Angra com Andre.

Living for the Night, do Viper, não entrou; *Eagle Fly Free* (Helloween), com Deris e Weikath, entrou, mas não foi o grand finale. Com todos no palco, *Breaking the Law* (Judas Priest) foi a que encerrou a festa. As ausências, no entanto, só reforçam como a noite foi especial e *RituAlive* é indispensável.

Daniel Dutra

11

SHAMAN

REASON

(2005)

Ricardo Confessori, Hugo Mariutti, Andre Matos e Luis Mariutti em Reason: enxugando excessos de *Ritual*

Sabe aquele disco que você custa a digerir? Pois bem, *Reason* se encaixa nessa categoria. Pelo menos foi assim para muita gente na época de seu lançamento. E, confesso, eu integrava a parcela de fãs que torceu o nariz. Paulatinamente, essa "birra" pelo segundo trabalho de estúdio do Shaman foi desaparecendo.

Produzido pelo alemão Sascha Paeth, com contribuições de gente como Amanda Sommerville e Marcus Viana, e lançado em 2005, via Deckdisc (o Shaman havia deixado a Universal, rumo a uma gravadora menor), *Reason* foi vendido como um disco mais direto e mais simples em relação à vibe pomposa de seu indefectível antecessor. "É como se tivéssemos dado uma enxugada nos excessos do *Ritual*", sintetizou Andre Matos à ROADIE CREW em certa ocasião. Os refrãos também não eram tão grudentos – a sentimental *Innocence*, carro-chefe do álbum, era uma das exceções.

No entanto, intrínseca à simplicidade de *Reason*, há uma dose de complexidade em algumas de suas dez canções, evidenciada na beleza dos arranjos, como em *Rough Stone*. "É um desafio você tentar fazer mais com menos. E tivemos a liberdade de variar", resumiu Matos.

Uma grata surpresa é a revitalizada versão para *More*, do The Sisters Of Mercy. Além dela, músicas como *Turn Away*, a faixa-título e *Iron Soul* sobreviveram ao teste do tempo, mostrando-se poderosas ao vivo, como ficou evidente durante a turnê de reunião da banda, iniciada no ano passado.

Neste disco, o grupo alterou seu nome para Shaaman, com adição de mais um "A". "Estávamos tentando nos precaver. Como há várias empresas com o nome de Shaman, as coisas podem ficar complicadas", tentou explicar Matos, à época. Curiosamente, uma banda de folk metal finlandesa de mesmo nome também foi rebatizada, em 2003: só que como Korpiklaani (sabe quem é, certo?).

Infelizmente, brigas internas resultaram na saída de Matos, do guitarrista Hugo Mariutti e do baixista Luis Mariutti, e o baterista Ricardo Confessori tornou-se detentor da marca naquele momento.

Em 2018, porém, o Shaman deixou as mágoas no passado e retornou com sua formação clássica. Tenho gravada na memória uma cena do show do dia 1° de dezembro do ano passado, em Belo Horizonte (MG), em que, em uníssono, os aficionados presentes entoavam o refrão de *Innocence*, enquanto Andre estampava um largo sorriso no rosto. Cena esta que ainda me causa arrepio na espinha e, agora, uma dor na alma. É... Tem coisa que não dá pra digerir!

Thiago Prata

12
VIRGO
VIRGO
(2001)

Andre Matos e Sascha Paeth promovendo o Virgo ao vivo na Alemanha

A amizade entre Andre e o guitarrista e produtor Sascha Paeth remonta à época em que o alemão trabalhou com o Angra na gravação de Angels Cry (1993). "O Sascha é a minha garantia de qualidade", confessou Andre certa feita. "Acho que toda fábrica de automóvel tem aquela pessoa no final da linha de produção que confere se está tudo certo. Comparando com meus trabalhos, é o que o Sascha faz." Isso, somado ao fato de ambos terem gostos musicais semelhantes, deu origem ao Virgo, ainda nos anos 90: "Como fazia pouco mais de um ano que Freddie Mercury tinha morrido, a gente, como fãs do Queen, começou a falar sobre a falta que a banda estava fazendo", contou ele a este repórter na época do lançamento do disco Virgo. Daí para ambos resolverem fazer algo na linha da banda britânica foi um passo. Só que o álbum sairia apenas oito anos depois, por conta da agenda apertada de ambos. Mas isso não impediu que o projeto fosse sendo maturado durante esse tempo.

O resultado foi de um grande ecletismo. A dupla insistiu na época do lançamento que o Virgo não era um projeto de heavy metal – e realmente não era. Andre chegou a comentar na entrevista comigo que achava "engraçado que muitos artistas de metal lançam discos solo que são iguaizinhos aos que eles fazem com suas bandas. Então, por que não fazem com a própria banda?" E continuou: "Nós queríamos expandir nossos universos musicais, queríamos nos superar. Mas isso não significa uma negação ao metal, de forma alguma."

Isso fica claro ao se ouvir o disco. Com quatro músicas de Andre, cinco de Sascha e apenas duas assinadas pela dupla, o que se ouve é um material de grande ecletismo, passeando por estilos que vão do rock à balada, chegando até a resvalar no pop (de alta qualidade, diga-se) e no gospel na belíssima River. Também se observa o teclado muito mais evidente do que nas bandas de heavy metal, confirmando o excelente instrumentista que era Andre. O cast que participou da gravação incluía Robert Hunecke Rizzo (bateria), Miro (teclados) e Amanda Sommerville (backing vocals).

Apesar de não ter tido continuidade, o Virgo chegou a fazer algumas apresentações, como na festa de lançamento realizada na Alemanha, em que reuniram-se vinte pessoas em cena, já que havia coral e cordas a acompanhar o Virgo. "Foi a primeira vez que toquei com orquestra e coral com uma banda de rock, foi emocionante", confessou Matos.

Antonio Carlos Monteiro

13
SYMFONIA
IN PARADISUM
(2011)

Andre Matos e Timo Tolkki ao vivo com o Symfonia no Blackmore Rock Bar (SP)

FOTO: LUCIANO PANTONI

Na minha opinião, vingou muito bem musicalmente. Talvez não tenha vingado comercialmente à altura que Timo esperava. E isso foi uma pena, pois acho que era um projeto que tinha um belo futuro pela frente – sem grandes pretensões; apenas de fazer o bom e velho metal melódico como todos sabemos fazer." Essa foi a resposta de Andre Matos quando lhe perguntei sobre o porquê de o projeto Symfonia não ter obtido uma maior repercussão. E, de certa forma, o vocalista tinha razão.

Formado pelo próprio Andre, Timo Tolkki (ex-Stratovarius), Jari Kainuianen (ex- Stratovarius), Uli Kusch (ex-Helloween) e Mikko Härkin (Sonata Arctica), o "projeto" Symfonia, tinha tudo para dar certo. Afinal, trazia dois grandes talentos do metal melódico mundial. A dupla Matos/Tolkki foi responsável pelas composições de *In Paradisum*, que, apesar do pouco sucesso obtido, mostrou-se um belo disco de metal melódico.

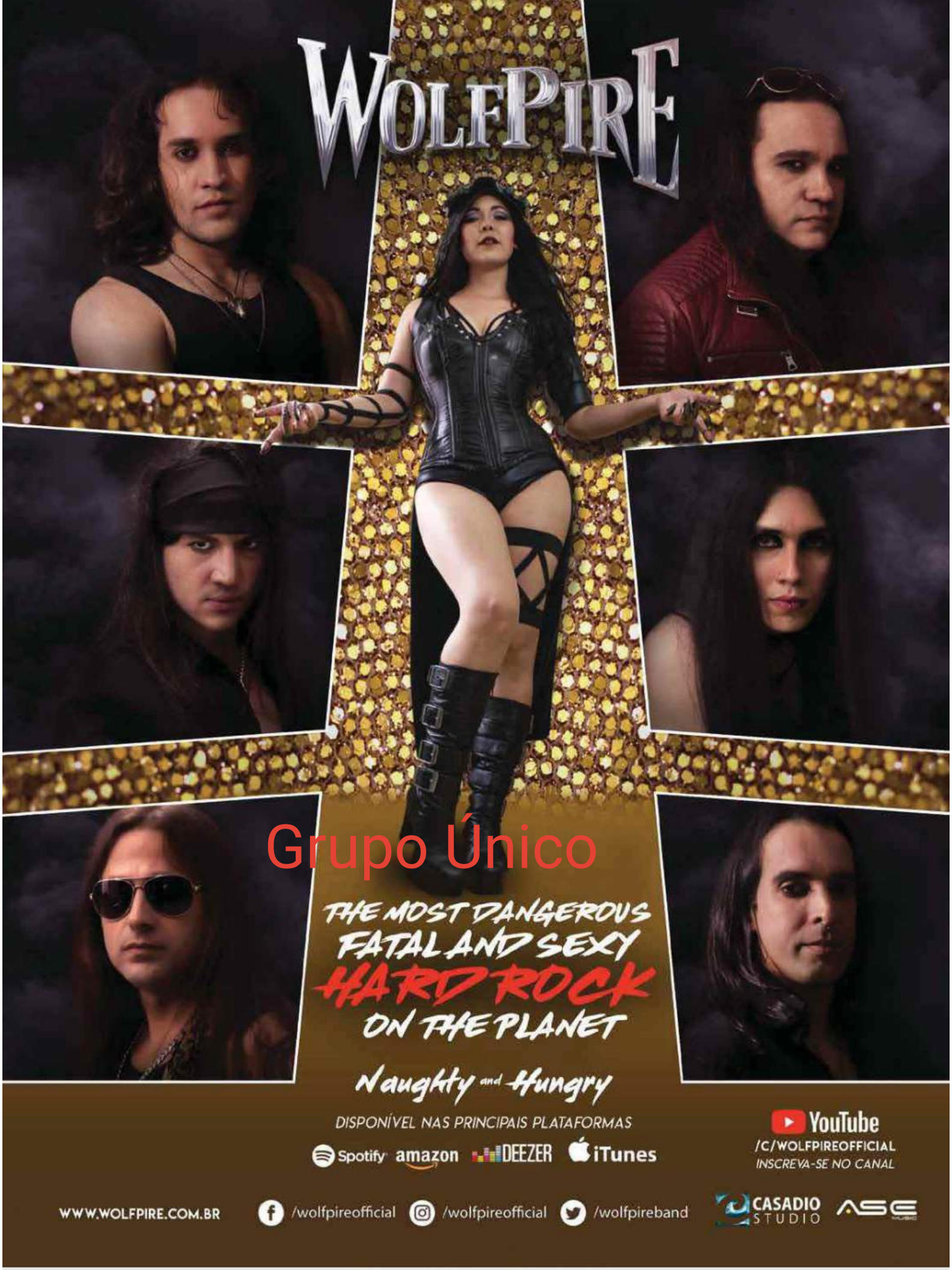
Nadando contra a corrente, o grupo apresentou um trabalho voltado às raízes de seus integrantes. Faixas com todas a características do estilo, como *Fields of Avalon*, que mostra como seria se um dia Matos fosse o vocalista do Stratovarius, assim como *Come By The Hills*, na qual o teclado de Härkin parece ter sido retirado de alguma música perdida da antiga banda de Tolkki. Já *Santiago* traz uma carga maior de peso (que fique claro, peso dentro do estilo, ok?), fazendo com que Matos saísse um pouco do seu habitat, explorando passagens mais diversificadas.

Forevermore mantém a atmosfera melódica, com um refrão tipicamente do estilo, enquanto Tolkki exibe seu talento como guitarrista, criando linhas bem interessantes durante a execução da composição. Já a faixa-título, extensa, com seus mais de nove minutos, é épica, pesada e bem estruturada. Não à toa, era a composição preferida do vocalista. "É a faixa mais completa do disco. Ela é uma espécie de saga, uma música longa, cheia de variações, como as boas grandes músicas do estilo", disse ele em entrevista à ROADIE CREW.

Ainda faixas como *Rhapsody in Black*, mais cadenciada, e *I Walk in Neon*, a mais Stratovarius de todas, mostram que o grupo, como dito anteriormente, poderia ter dado certo, mas... "Lamentavelmente, o Timo resolveu desfazer a banda da mesma forma que a fez", lamentou Matos.

Uma pena... Todavia, serviu como mais um grande registro do maior vocalista de heavy metal que o Brasil já teve.

Sergiomar Menezes


WOLFPIRE
Grupo Único
THE MOST DANGEROUS
FATAL AND SEXY
HARD ROCK
ON THE PLANET
Naughty and Hungry
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS
Spotify amazon DEEZER iTunes
YouTube
/C/WOLFPIREOFFICIAL
INSCREVA-SE NO CANAL
WWW.WOLFPIRE.COM.BR
/wolfpireofficial
/wolfpireofficial
/wolfpireband
CASADIO STUDIO
ASE

14

ANDRE MATOS

TIME TO BE FREE

(2007)

FOTO: RICARDO FERREIRA

O primeiro voo solo de Matos: encontrando a alegria de se sentir livre

Faz mais de uma década, mas ainda conservo a vívida lembrança da inesperada sensação de adrenalina correndo pelo corpo e o sorriso que dei quando aquelas músicas começaram a tocar no PA. Aquele era para ser mais um dia de trabalho como operador de som – profissão que exerci durante os anos que residi no exterior – no Club Choices. Mas não foi...

O rotineiro trabalho consistia em chegar ao local, descarregar o equipamento, montar o sistema de PA, regular e esperar para a passagem de som da banda de pagode, que empurraria mais uma domingueira. Imagine a dor...

Como a etapa de regulagem era um momento só meu, aproveitei para finalmente ouvir o recém-lançado *Time to Be Free*. De repente, *Letting Go* foi crescendo e me instigando a aumentar o volume. Punhos cerrados, cabeça balançando, potência saturada, paredes tremendo, a música preenchendo aquele clube ainda vazio... De olhos fechados, era como um show só para mim. Aquele foi o meu momento de ser livre.

Time to Be Free marcou o início de um novo e glorioso ciclo na vida de Andre Matos. Depois de 20 anos integrando bandas, a saída do Shaman em 2006 o fez enxergar novos caminhos e assim nasceu a banda Andre Matos. Para completar o time vieram os velhos companheiros Luis e Hugo Mariutti (baixo e guitarra) e Fábio Ribeiro (teclados), o ex-Angra André Hernandes (guitarra), além de Rafael Rosa (bateria).

O primeiro disco trouxe onze faixas autorais compostas por Matos, Ribeiro, Hernandes e os Mariutti, além de Pit Passarell, Roy Z e Alberto Rionda. O resultado da colaboração foi um trabalho cheio de energia positiva e de sonoridade ampla que refletia tudo aquilo que o nosso maestro já havia gravado até então.

Vocalmente, o álbum revelou um cantor que soube trabalhar a técnica e a agressividade alinhadas à expressão de emoções. É uma aula de interpretação e estilo em cada uma das faixas. Indo além, Matos buscou o equilíbrio e também cedeu o holofote para que cada um de seus companheiros de banda pudesse mostrar o respectivo talento. A palavra parceria suplantara a palavra solo.

Olhando em retrospectiva, a reação que tive não poderia ter sido outra. Afinal, *Time to Be Free* tinha tudo para ser um clássico indispensável na vida de qualquer fã de metal melódico. Como o próprio Matos me declarou em entrevista (RC #204): "Um disco só acaba virando um clássico depois de alguns anos." Ele estava certo, hoje *Time to Be Free* é um clássico.

Guilherme Spiazzi

15

ANDRE MATOS

MENTALIZE

(2009)

FOTO: RICARDO FERREIRA

Segundo solo de Matos veio com outra pegada em relação ao debut, *Time to Be Free*

Mentalize ganhou espaço na minha prateleira de uma maneira peculiar. À época, final de 2009, eu era editor do caderno de cultura de um importante jornal do interior de São Paulo e esse CD chegou, via correio, à redação para divulgação. Foi uma felicidade incomum. Pode parecer bobo, mas é legal quando você tem acesso a algo por meio de uma maneira totalmente inesperada. E toda essa ansiedade em relação ao material ia ao encontro da ótima impressão que fiquei com *Time to Be Free*, primeiro solo de Andre Matos. Porém, vale dizer que ambos são bem diferentes.

Enquanto o debut veio carregado de diversos elementos "mágicos" e sinfônicos, *Mentalize* traz uma sonoridade mais direta, com menos diálogos eruditos, mas sempre com o "selo" Matos de qualidade. Essa fórmula fica explícita logo na faixa de abertura: *Leading On*.

Someone Else aparece com uma vibe mais progressiva e um excelente solo de Hugo Mariutti. Aliás, a dupla Hugo e André Hernandes estava mais forte do que nunca, mostrando que a separação do Shaman não deixou, realmente, nenhuma sequela. A moderna faixa-título e a power metal *Shift the Night Away* montam um contraponto interessante. Para fechar o pacote de destaques, duas ótimas baladas: *Back to You* e *A Lapse in Time*, maravilhosamente executada ao piano e voz, em um total clima Avantasia.

Com uma capa enigmática, o contexto lírico de *Mentalize* não é conceitual e aborda assuntos ligados a religião, ciência e misticismo, temas constantes na mesa de leitura (e estudos) de Matos. "O labirinto da capa significa nós mesmos e o caminho que devemos percorrer até o centro para obtermos autoconhecimento", disse Matos em entrevista.

Primeiro trabalho do baterista Eloy Casagrande (atual Sepultura), então com 18 anos de idade, e com produção do multi-instrumentista brasileiro Corciolli, conhecido por seus trabalhos ligados ao mundo do cinema, a edição brasileira traz, como bônus, *Don't Despair*, presente apenas em uma versão lançada em CD da demo *Reaching Horizons*, do Angra. Já a cópia japonesa vem com *Forever Is Too Long* e uma versão para *Teo Torriatte (Let Us Cling Together)*, de *A Day at the Races* (1976), do Queen. "Andre explorou novas regiões nos vocais, mais graves, nas quais podemos perceber a beleza e perfeição de seu timbre, algo que havia sido muito pouco explorado em álbuns anteriores", disse Corciolli em entrevista ao fã-clube de Matos.

Matheus Vieira

16

ANDRE MATOS

THE TURN OF THE LIGHTS (2012)

Rodrigo Silveira, Hugo Mariutti, Andre Matos, Bruno Ladislau e André Hernandes registraram o último disco solo de Matos

A banda já não era a mesma do primeiro álbum. A cozinha, antes formada por Luis Mariutti (baixo) e Eloy Casagrande (bateria) – que, diga-se, havia entrado no lugar de Rafael Rosa logo depois de *Time to Be Free* –, agora estava nas mãos de Bruno Ladislau e Rodrigo Silveira. O tecladista Fabio Ribeiro tinha saído no ano anterior, e as guitarras ainda permaneciam sob a responsabilidade de Hugo Mariutti e André Hernandes – este deu seu lugar a João Milliet dois anos depois. Nada que abalasse a qualidade, e *The Turn of the Lights* pode ser encarado como o trabalho mais maduro da carreira solo do maior vocalista da história do metal brasileiro.

E um disco até certo ponto mais simples, quase despido de complexidades. O fã ainda encontra resquícios tradicionais em *Course of Life*, *Unreplaceable* e *Light-Years*, mas agora só nos resta imaginar qual seria a sequência natural. Algo que beirasse o introspectivo, como em *Stop!*, *On Your Own* e *Unreplaceable*? Talvez a elegância de *Liberty*, *White Summit* e *The Turn of the Lights*, que mexem mais com a cabeça do que com os pés? E de beleza, o CD traz duas das melhores criações de Andre: *Sometimes* e *Gaza*, esta assunto da Playlist que fiz para a ed. #220 da ROADIE CREW.

"Coincidentemente, o Marillion lançou uma música com o mesmo nome", lembrou Andre, referindo-se à faixa presente em *Sounds That Can't Be Made*, que saiu um mês depois de *The Turn of the Lights*, e que também versa sobre o território palestino ocupado pelos judeus. "Acompanho há muito tempo o conflito, e na Europa pude ter contato com vários refugiados, principalmente na Suécia. Iraquianos, sírios, palestinos... Conheci um coleguinha palestino do meu filho, e o pai dele contou a história de como a irmã tinha perdido os dois filhos na Palestina. Não podia mais ficar imune àquilo. Decidi escrever Gaza em primeira pessoa, como se fosse ela."

E naquele 10 de junho de 2016, brinquei com Andre que tinha as duas versões japonesas do álbum, uma vez que os covers de bônus eram diferentes – *Wings of Reality* (Angra), *At Least a Chance* (Viper), *I Don't Believe in Love* (Queensrÿche) e *Fake Plastic Trees* (Radiohead) –, e falei que mais uma vez perdi a chance de ter todos os meus CDs autografados por ele. "Não se preocupe com isso. É só trazer na próxima vez que eu assino o que você quiser. Será um prazer". Não houve próxima vez, mas o legado e as memórias são para sempre. Era muito mais que música.

Daniel Dutra

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

FOTO: FREDERICO BATALHA

Andre Matos em noite de jams no Black Jack Bar (SP)

Andre Matos sempre foi um artista muito requisitado para participar de álbuns ou músicas de outras bandas nacionais e internacionais tanto como vocalista ou compositor. O primeiro registro de participação especial que se tem em mente é na demo da banda paulistana Skyscraper com *Some Laws Of Life*, de 1991, na qual Matos canta o refrão e toca teclado. Outro registro raro e bem interessante foi ao lado do Henceforth, com *The Last Day*, banda que, na época, contava com seu irmão, Daniel Matos, e Hugo Mariutti.

Em 1997, o vocalista participou do álbum *Manifesto*, do grupo argentino Nepal, com as músicas *La Saga* e *Perfil Sinistro*. Trata-se de uma participação diferente do que nos acostumamos com Andre e bastante rara de se encontrar. No mesmo ano, aconteceu algo inusitado. O compositor Rodrigo Alves escreveu *Another Night Gets Longer* e contou com a participação de Matos e Edu Falaschi em uma mesma canção, sem prever o que poderia acontecer no futuro.

No ano seguinte, Matos lançou o projeto Looking Glass Self, no disco *Equinox*, que tinha uma pegada progressiva e com letras bastantes introspectivas. Nele, o destaque é a faixa *Stigmata*. No entanto, participações icônicas do vocalista ocorreriam em 2001 e 2002, com os projetos Hamlet e Avantasia. No Hamlet, cantou a faixa *To Be* com outros grandes cantores brasileiros. Já com o Avantasia, Tobias Sammet, líder do projeto, deu destaque para o vocalista nas duas primeiras obras da Metal Opera. Na balada *Inside*, Andre realiza dueto com Tobias de maneira magnífica. Ao longo dos anos, o músico participou de algumas turnês com o projeto.

Entre outras participações que merecem destaque está *Demonheart*, de *Prophet of the Last Eclipse*, de Luca Turilli. Já no DVD ao vivo do Dr. Sin, com a música *Fire*, mostrou sua versatilidade, e no projeto Aina, em *Days of Rising Doom*. Outro convite interessante foi para cantar com o Korzus em *Evil Sight*, do álbum *Ties of Blood*. Pela primeira vez, ele gravou uma faixa de thrash metal e se saiu bem.

Matos também gravou com Epica, Krusader, Eyes Of Shiva, Clairvoyants, Sagga, Karma, Soulspell, HDK, Superior, Time Machine e Thalion, My Alley, Art X, Empürios, Avalanch, Sagrado Coração da Terra e Brasil Heavy Metal (trilha do filme/documentário). Além disso, participou do último disco de estúdio do Viper, *All My Life* (2007), em dueto com Ricardo Bocci na faixa *Love is All*. Outro projeto no qual tinha bastante apreço era de seu amigo Corciolli, com o qual gravou algumas faixas e participou de DVD do compositor cantando *Who Wants to Live Forever* (Queen).

Matos teve a sua voz imortalizada não somente em suas próprias bandas e as participações especiais mostram o quanto respeitado e requisitado o cantor foi em vida. Sua última participação que se tem notícia é com o Dune Hill na faixa *The Mirror*, de *Song of Seikilos*.

Thiago Rahal Mauro

Grupo Único

ANDRE MATOS

CVIPER, ANGRA, SHAMAN

POR RICARDO BATALHA
FOTOS CLAUDIO VICENTIN E FERNANDO PIRES

En Force
QUEENSRŸCHE
THE WARNING

"Essa aqui é do primeiro do Queensrÿche. Também tenho este vinil. Tem aquela *Before The Storm* também e a *Take Hold of the Flame*, a mais famosa. Como as produções antigas tinham um som diferente... Eu acho que até o *Promised Land* era legal e depois deu uma mudada. (R.C.: Eles estão para lançar o *Operation: Mindcrime 2*). Mas é com o Chris DeGarmo? (R.C.: Não). Então não dá... Vai entender estas estratégias. Bem, mas o Queensrÿche é uma das bandas que eu acho que foi referência para todo mundo naquela época. Vieram antes da onda prog e já faziam mais ou menos isto, sem perder a raiz metal da coisa. Geoff Tate foi um cara que marcou época como vocalista, ninguém até então cantava como ele. Tinha o Midnight do Crimson Glory, que era mais um menos nessa praia, mas fazia de uma forma menos técnica que o Tate. Tanto é que a primeira vez que escutei o Michael Kiske achei que era Geoff Tate. O timbre era parecido, mas o som do Helloween era muito mais acelerado que o hard rock do Queensrÿche. Se for para escolher um disco de toda a história do heavy metal, talvez seja mesmo o *Operation: Mindcrime*."

Portas Negras
CENTURIAS
SP METAL 1

"*Portas Negras*. Esse cara, o Edu (Camargo), era o melhor vocal da sua época. O Paulão Thomaz na batera... Essa banda era foda, eu era muito fã. Eu ia na Praça do Rock, na Aclimação (SP), ver esses caras. Uma vez, em um festival no Sesc Pompeia, o Viper tocou com eles. A gente era bem novo e eu me lembro que estava nervoso porque ia encontrar os caras do Centurias. Juro por Deus. Quando cruzo o Paulão, sempre falo isso para ele. E chegamos a tocar esta música ao vivo! Ela mereceria também um cover decente, pois é uma das melhores que já fizeram aqui em português. Um dos raros casos onde o metal em português não ficou ruim. (R.C.: O EP *Última Noite* era fantástico e cantado em português). É mesmo, os caras sabiam escrever, o que é difícil e não fica ridículo. Inglês você enrola, manda uns 'baby, baby', mas em português eles tinham mesmo a manha. Eu já tenho este *SP Metal* em CD."

Leave Me in Hell
VENOM
BLACK METAL

"Porra, que gravação é essa, Batalha?! Venom! Vixe maria (risos). Isso era foda, cara. Cronos. A gente quase abriu o show do Venom na época do Viper. (N.R.: Mudamos de faixa para a *Countess Bathory* e Andre segue cantando-a). Essa eu já cantei... Agora sim! A gente achava na época o mais pesado, começaram com esse lance do black metal, mas eu soube depois, por parte de algum produtor da banda, que eles fizeram isso de propósito. E deu certo. Disse que os caras não acreditaram que deu certo. Porra, esquema Massacration!? (R.C.: Foi o Charlie Bauerfeind quem disse isso?). Não, foi coisa recente, que me falaram no exterior. Era o que o mercado estava pedindo e eles se saíram bem. O termo black metal foi esses caras inventaram!"

Seven Seas
TNT
KNIGHTS OF THE NEW THUNDER

"Olha, se isso não for anos 80 eu não sei mais nada... Vou esperar a voz. (N.R.: Demora). Meu, esta banda eu sei que não é das principais, e deve ser algo entre o Metal Church, o Crimson Glory ou algo assim. (R.C.: O videoclipe dela passava direto nos programas da época). Eu sei, é daquele tempo mesmo, do Realce (Gazeta). (R.C.: Dessa época era a única banda da Noruega). Nossa, mas hard assim mais 'melódicão'... Não sei não. (R.C.: É o TNT). Tá bom, me pegou (risos). Mas é verdade, no começo dos anos 80 eu só via o LP desta banda, mas é um som que não tem nada a ver com o que os noruegueses fazem hoje."

The Last Embrace
ELDRITCH
HEADQUAKE

"Esse som é bem 'doideira', bem prog... E é bem legal, muito interessante! De onde é esta banda, nacional? (R.C.: Não, é italiana). Não sei o que é, mas a banda tem uma proposta musical bem interessante, são bem desprendidos de qualquer fórmula. É um progressivo bem pesado mesmo. (N.R.: Mostramos a capa do CD). Ah, sim, já tocamos junto com eles! Por isso perguntei se era nacional, porque é italiana (risos). Quase (risos). É Terence (Holler) o nome desse vocal. O tecladista estava no Vision Divine... (R.C.: Sim, o Oleg Smirnoff). É... Será que ele bebe? (risos). É como colocar Tião Velho Barreiro (risos)."

POWERED BY audio-technica always listening.

Crime
VIPER
VIPERA SAPIENS

"Essa música, *Crime*, era para eu ter gravado, mas saí da banda antes. Na verdade, cheguei a gravar uma demo-tape dela. Eu gostava desse som e aí depois, quando a gente estava no Angra, até tentei fazer uma parecida com esta chamada *Don't Despair*, mas que também acabou nunca sendo gravada. (R.C.: Em seu último show com o Viper vocês chegaram a tocá-la). Isso, eu lembro, foi em 1990. Música do Pit Passarell, muito boa e que eu gostaria de ter gravado".

Night of the Demon
DEMON
NIGHT OF THE DEMON

"(N.R.: Em um segundo). *Night of the Demon*! Eu cantei esta música no meu primeiro show com o Viper! É um tesão isso aqui. Preciso arrumar em CD, pois só tenho em vinil. (N.R.: Andre passa o resto do tempo cantando-a). Eu lembro a letra toda. É boa pra caralho essa música. A capa tem umas mãos saindo pelo túmulo, parecia muito metal, mas aí o som era o maior hard rock. Eu estava mesmo muito a fim de escutar esta música... Legal! (R.C.: É uma pena ninguém ainda teve a ideia de regravá-la!). Boa ideia, vou pensar nisso."

Livin' In Hysteria
HEAVENS GATE
LIVIN' IN HYSTERIA

"Ah, sim, *Livin' In Hysteria* do Heavens Gate. Sascha Paeth. Legal! Esse Thomas Rettke canta pra caralho. É um puta som isso aqui! É tipo um Helloween mais pesado, com um instrumental mais Judas. (N.R.: Andre segue cantando). É legal esse som. Alemão toca com muita precisão, é impressionante. E essa era a época que o Heavens Gate era mais famoso, estava 'bombando' no Japão. Era uma boa banda. Tenho contato com todos, são muito gente boa. Vou a jogos na Alemanha com o guitarrista Bonny B., que é fanático por futebol."

Unholy Water
VIRGIN STEELE
THE MARRIAGE OF HEAVEN AND HELL PART TWO

"(N.R.: Demora e fica com cara de quem acha que sabe o que é, mas está com receio de chutar o nome). Eu não consigo reconhecer isto aqui. Me dá uma dica. (R.C.: Quando você estava no Angra realizou uma turnê com esta banda). Não é o Virgin Steele, é? (R.C.: Isso mesmo!). Cheguei a pensar neles mesmo, mas ele está cantando diferente aqui. David DeFeis é um ótimo vocalista, só que está um pouco diferente aqui. Bem, essa música eu não conhecia mesmo e não estava no setlist daquela turnê de 1996."

Eye to Eye
FATES WARNING
PARALLELS

"Você não ia colocar duas vezes Queensrÿche, mas é muito igual. Não pode ser... (risos). É igual... É o clone! É anos 80? (R.C.: Sim, quem gostava muito era o Felipe Machado, do Viper). Ah... (R.C.: Mostramos a capa do CD). Puta que o pariu, é mesmo, cara! (risos). Eu estava tentando lembrar... Tudo parecido e, provavelmente, nasceram juntos. Puta, foi mal... Naquela época tinha o Fates Warning e o Metal Church correndo por fora daqueles chamados medalhões."

(*) BLIND EAR ORIGINALMENTE PUBLICADO EM ABRIL DE 2006, NA EDIÇÃO #87

A MAGIA DO POWER METAL ESTÁ DE VOLTA!

Grupo Único

TREND KILL GHOSTS

com o álbum
- Kill Your Ghosts -
incluindo "Ghost's Revolution",
single com participação de
Ralf Scheepers (Primal Fear)

Disponível nas principais plataformas digitais:
Spotify Music DEEZER Music

www.facebook.com/tkgband/
www.instagram.com/tkgband/ ASE MUSIC

SABATON

8,5

THE GREAT WAR
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

Sem lançar um novo álbum completo de estúdio desde *The Last Stand* (2016), estava claro que um material inédito do Sabaton estava a caminho, especialmente se considerarmos a média de dois anos entre cada novo lançamento. Na verdade, os suecos estavam até 'atrasados' em seu próprio cronograma. A gana por novos materiais da banda foi apenas amenizada com o relançamento de seu maior sucesso: *Carolus Rex*, álbum em homenagem ao rei sueco Carlos XII, que morreu exatos 300 anos antes do relançamento do disco, no ano passado; e pelo novo single independente *Bismark*, que versa sobre um dos mais célebres navios de guerra. Mais uma coisa precisa ser levada em conta: 2019 é um ano especial, já que marca os vinte anos do Sabaton. Levando tudo isso em consideração, era claro que algo especial estava sendo preparado. Mantendo intacta a tradição de sempre evocar temas históricos em sua música, a banda optou por criar um álbum totalmente dedicado a Primeira Guerra Mundial, que foi nomeado simplesmente *The Great War*. Primeiramente, precisamos dar o devido crédito à banda por conta da atenção aos detalhes: o álbum começou a ser gravado em 11 de novembro do ano passado, exatamente cem anos após o fim da Grande Guerra. A busca por fontes e dados foi tão extenuante que finalmente os suecos conseguiram lançar seu canal de história oficial, e a densidade lírica aqui buscada foi superior a qualquer coisa que a banda tenha produzido em sua carreira até então.

Agora, quando se trata de transformar toda essa temática em música propriamente dita, aí é que a coisa realmente chama a atenção, pois não é tarefa simples. Em uma guerra onde heroísmo se confunde com egoísmo, e a coragem toma emprestado o manto da crueldade, é preciso mais do que imersão, é preciso buscar verdadeiramente uma empatia com cada quadro, e confesso que a abertura, *The Future of Warfare* não causa essa boa impressão. A competência está ali, mas os corais soam muito genéricos, e perdoem o trocadilho, era preciso uma música mais bombástica para um álbum ambientado na Primeira Guerra.

Tudo é corrigido logo em seguida, com a poderosa *Seven Pillars of Wisdom*, que versa sobre os feitos de Lawrence da Arábia, que chega com linhas de guitarra precisas e um refrão realmente impactante, tudo o que faltava até então. *82 And All The Way* tem potencial para se tornar um hino, *The Attack of the Dead Men* (sobre o uso do gás letal nas batalhas) evoca paixão e fúria, e *The Red Baron* parece mostrar que existe honra e heroísmo mesmo do lado dos considerados 'inimigos do mundo'. A conhecida *The Great War* mostra como usar direito aqueles mesmos corais, e *A Ghost in the Trenches* é a mais 'power metal melódico' do álbum, provavelmente. Mas, quer saber? Ouça o álbum completo, com uma xícara de café e prestando atenção nas letras. Uma história de cem anos merecia um álbum assim.

Valtemir Amler

ELUVEITIE

ATEGNATOS
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

Após os estranhos acontecimentos que envolveram a última passagem dos suíços pelo Brasil, muita gente estava predisposta a torcer o nariz para este novo álbum do Eluveitie, que chega cerca de dois anos depois de *Evocation II – Pantheon*. Sim, Chrigel e seus comparsas não dormem em serviço, e mais que isso, eles sabem trabalhar. Então, se você estava com o nariz previamente torcido, é preciso dizer, *Ategnatos* é um ótimo álbum de folk metal, tão bom (e em vários casos até melhor) do que tudo o que o Eluveitie fez antes, e convenhamos, como fãs de metal, isso é ótimo. A faixa-título já ganha o ouvinte de cara, e o álbum vai ganhando contornos ainda mais eficientes em *Deathwalker*, em *A Cry in the Wilderness*, e decola de vez em *The Raven Hill*, uma canção realmente linda, e que já anseio ver ao vivo (se for possível). Mas, o ouvinte tem muito mais para ficar atento, como as ótimas linhas de guitarra em *Mine Is The Fury*, a extrema *Worship* (com Randy Blythe, do Lamb Of God), e os belos vocais de Fabienne Erni em *Breathe*. Sem polêmicas, mais um álbum acima da média.

Valtemir Amler

TANK

RE-IGNITION
RUBICON MUSIC - IMP.

8,5

Sim, eu sou muito fã do Tank... E do Pink Cream 69. Ou seja, aguardava ansiosamente por este disco de regravações com a formação atual. E não estou nem aí para as "viúvas" de Algy Ward, que não pode mais tocar por ordem médica, mas fica lançando sozinho um monte de coisa de estúdio abaixo da média. Seja como for, *Re-Ignition* já nasceu vitorioso, seja pela escolha do repertório ou pela performance de David Readman (vocal, Pink Cream 69), Mick Tucker e Cliff Evans (guitarras), Randy van der Elsen (baixo) e Bobby Schottkowski (bateria, ex-Sodom). Mais que isso, o material traz participações de peso: Dani Filth (Cradle of Filth) em *Shellshock* e Tom Angelripper (Sodom) em *Power of the Hunter*. Interessante notar que, a despeito da fúria e o poder de fogo de algumas músicas antigas, o Tank está cada vez mais hard rock. E com o ótimo Readman, que até encaixou vários drives aqui e acolá, a tendência até aumentou. Destaques para *This Means War*, *Honour and Blood*, *The War Drags Ever On*, *(He Fell in Love With A) Stormtrooper*, *Blood, Guts and Beer*, *Echoes of a Distant Battle* e *W.M.L.A.*, promovida em videoclipe. Obrigatório!

Ricardo Batalha

MEMORIAM

REQUIEM FOR MANKIND
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Ao chegar ao seu terceiro álbum completo, o Memoriam não deixou para trás as comparações com o Bolt Thrower. E nunca deixará, seja pela origem da banda, seja pela sonoridade, pois de fato ao começar a ouvir os riffs da faixa de abertura, *Shell Shock*, sempre acompanhado pelos vocais característicos de Karl Willetts, a impressão é de que estamos ouvindo um novo álbum do Bolt Thrower. Mas, falando da influência das bandas de origem dos integrantes, *Undefeated* traz à memória a vibração do Cerebral Fix, o que revela a sempre presente influência de punk/hardcore na música dos ingleses. O álbum em si é formado por esse tripé básico: peso death metal, atitude crossover e a pegada beligerante típica de sempre da dupla Willetts/Whale. Simplesmente não consigo conceber a ideia de um fã de death metal não gostar do álbum, mas poderia citar alguns destaques, como a intempestiva *In The Midst of Desolation*, a densa *The Veteran* e a rápida *Fixed Bayonets*. Ótimo para fãs de Bolt Thrower, imperdível para fãs de death metal em geral.

Valtemir Amler

BURIAL INVOCATION

ABIOGENESIS
DARK DESCENT - IMP.

9,0

Quando você pega um álbum com cinco músicas distribuídas em mais de quarenta minutos, é quase natural imaginar que se trata de doom metal. No entanto, embora a música dos turcos do Burial Invocation tenha referências ao lado mais extremo do doom, o lance aqui é death metal, esporrento, grosseiro, maldito e violento. A faixa de abertura, *Revival*, em seus mais de nove minutos, dá a deixa: não espere trabalhos pomposos e melodicamente esmerados nesse trabalho, pois as coisas aqui seguem por caminhos tortuosos, algo como você ouviria em um álbum do Disma ou do Grave Miasma, só para ilustrar o potencial desta obra de estreia dos turcos. A faixa-título, *Abiogenesis*, ganha o ouvinte com linhas de guitarra criativas e variadas (cortesia de Cihan Akün) que garantem que os doze minutos passem quase que imperceptivelmente. Na seguinte, *Visions of the Hereafter*, a banda toda mostra que tem vocação para o death metal técnico, e o baterista Aberrant rouba a cena em *Phantasmagoric Transcendence*.

Valtemir Amler

DEATHGEIST

666
MUTILATION/RAPTURE - NAC.

9,0

O Deathgeist não precisa de apresentações, pois seu cartão de visitas foi bem entregue em 2017, com o debut homônimo. Fieis ao thrash metal alemão, principalmente de nomes como Destruction e Sodom, Adriano Perfetto (vocal e guitarra), Victor Regep (guitarra), Mauricio "Cliff" Bertoni (baixo) e Goro (bateria) estão de volta. Ótimos riffs, vocais rasgados, solos bem construídos e levadas velozes dão a tônica de *666*. Liricamente inteligente, o álbum faz algumas críticas sociais, como opressão, censura, religião, manipulação da mente, mortes e outras mazelas, conectando-as ao oculto e a enredos que agradarão headbangers amantes de terror. Após a obscura introdução *Darkness Around*, composta e gravada por Perfetto, vários são os destaques: *666*, a aniquiladora *Human Slaughter*, *Black Moon Rites* (para fãs de Tankard), *Creepshow* e *Returning to Sodom*, músicas que não diminuem a qualidade das demais, *Domain*, *Virtual Murder* e *The Man Who Was Death*, essa última com um desfecho tão belo quanto à 'intro' *Darkness Around*. *666* não é mais só o número da besta, mas também o título de um dos grandes álbuns de thrash de 2019.

Leandro Nogueira Coppi

KAMPFAR

OFIDIANS MANIFEST
MINDSCRAPE - NAC.

8,0

Quatro anos depois de lançar *Profan*, que ganhou o Grammy Norueguês, o Kampfar está de volta com o seu mais novo e oitavo álbum completo. Claro que todo o reconhecimento que a banda vem recebendo parece garantir uma posição confortável na hora de criar novas músicas, mas não é isso que temos aqui. *Ofidians Manifest* não é em nenhum momento um disco preguiçoso, conformado ou 'confortável', mas uma obra de caos e escuridão repleta de arestas afiadas, prontas para espalhar a infecção pelo mundo. Neste universo obscuro e sombrio, a negatividade de *Syndefall* parece empurrar o ouvinte para o chão, enquanto a rápida *Ophidian* simplesmente faz aquilo que o black metal faz melhor, criando um ambiente de gelo e névoa que nos envolve e cerca, enquanto a música alterna andamentos e destaca ótimas linhas vocais. *Dominans* traz os vocais convidados de Agnete Kjølsrud (Djerv) e vem com alguns elementos diferentes para a música dos noruegueses. Confira também *Eremitt*, outra ótima composição.

Valtemir Amler

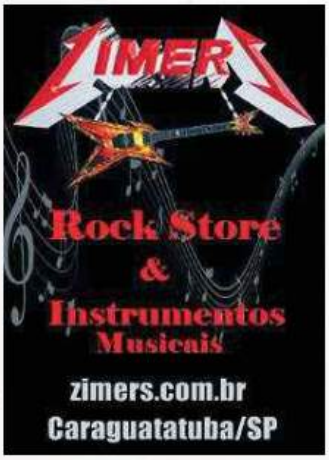
MYRKGAND

OLD MYSTICAL TALES
HEAVY METAL ROCK - NAC.

9,0

A 'one man band' capitaneada pelo multi-instrumentista Dmitry Luna mostra que toda atenção recebida no debut de 2017 não foi um golpe de sorte. Sim, pois o mix de folk/black/heavy metal está mais encorpado e dinâmico em *Old Mystical Tales*, que, de cara, chama a atenção pelo acabamento em digipack e a bela capa assinada por Emerson Maia. Já o conteúdo musical é uma verdadeira viagem pelos estilos mencionados, com tudo milimetricamente pensado e equilibrado, fazendo com que o material seja ouvido de ponta a ponta. Assim como no debut, temos um verdadeiro 'dream team' de convidados, que vão de formações como Korzus, Blind Guardian, Novembers Doom, Vulcano até Masterplan e At Vance. É até injusto destacar alguma música aqui, pois o lance aqui é o todo. Mesmo assim, as faixas *Black Thunders of Zyr* é uma espécie de black/folk, *Dunkelelf* mescla o sacro e o profano, enquanto *Chthonian Cyclops* tem a voz de fada de Liv Kristine (Midnattsol, ex-Leaves' Eyes, Theatre of Tragedy). Merece estar no primeiro escalão.

João Messias Jr.



CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

ANDRE MATOS
(VIPER, ANGRA, SHAMAN)

Queensrÿche - *Operation: Mindcrime*
Iron Maiden - *Powerslave*
Queen - *A Night at the Opera*
Manowar - *Sign of the Hammer*
Ozzy Osbourne - *Blizzard of Ozz*

BRUCE DICKINSON
(IRON MAIDEN)

Deep Purple - *Made in Japan*
Led Zeppelin - *Led Zeppelin II*
Jethro Tull - *Aqualung*
Rainbow - *Rising*
The Crazy World of Arthur Brown - *The Crazy World of Arthur Brown*

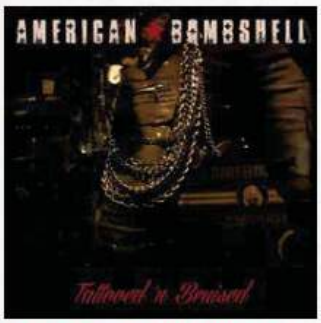
DARKTHRONE

9,0

OLD STAR
PEACEVILLE · IMP.

O que faz você amar o Darkthrone? Seriam aqueles elementos típicos da banda, que aparecem em maior ou menor grau em todos os álbuns? Ou seria justamente o fato de eles sempre trazerem um álbum que não soa exatamente como o seu anterior? Enquanto você pensa na resposta, que tal colocar este novo *Old Star* para rolar? Ao ouvir os primeiros acordes *I Muffle Your Inner Choir*, você poderá pensar em um Motörhead mais denso e maldito, já que as linhas de bateria de Fenriz realmente remetem àquilo que os ingleses faziam nos anos 70 e 80. Mas, conforme os minutos passam, uma aura negra e lúgubre vai ganhando forma e tomando conta da música, uma mudança de perspectiva e emoção que fisga o ouvinte imediatamente. Também assim assimilamos o riff inicial de *The Hardship of the Scots*, que poderia facilmente ser encaixado em uma antiga música do Saint Vitus. A faixa-título é outra que vem com aquela pegada de bateria típica de Fenriz e do metal oitentista, e mais uma vez é lúgubre e arrastada, com uma vibração doom inconfundível. *Alp Man* poderia ganhar o prêmio 'riff de ouro', e os vocais lembram muito aquele velho Darkthrone que tomou o mundo de assalto no início dos anos 90. *Duke of Gloat* traz um pouco daquele speed metal que temos ouvido na dupla norueguesa, mas a longa *The Key is Inside the Wall* recoloca o doom em evidência, sempre com aquela carga suja e pútrida do velho black metal. Então, já pensou na resposta para a pergunta que fiz no início? Não importa o que respondeu, este novo álbum do Darkthrone foi feito para você!

Valtemir Amler



AMERICAN BOMBSHELL

TATTOOED N' BRUISED
EMP LABEL GROUP · IMP.

8,5

Se alguém lhe colocar esse álbum para tocar e não disser o que é, possivelmente, ao ouvir músicas como *Money on the Liquor*, *Faster*, *Only Rock'n'Roll* e *Raising Hell & Living Sin*, você pensará que é algo novo do L.A. Guns. E não falo só do instrumental, mas também do vocal de Jay Cee, que quando rasga a voz lembra muito Phil Lewis. Por outro lado, a balada *Joyride* é altamente influenciada pelo Great White. Mas, independentemente da semelhança de algumas músicas, o fato é que nesse segundo álbum o American Bombshell, grupo americano de Indianápolis, segue fazendo um hard'n'roll eletrizante. É impossível ficar parado com as mencionadas *Money on the Liquor* e *Faster*, com as agitadas *Run Away* e *Stupid = Famous*, com a contagiante *The Bitter End* e com o 'rockão' *Pretty Fucked Up*. A edição americana de *Tattooed...* traz como bônus a ótima *My Drug* e *Saving Me*, que lembra *The Beautiful People*, do Marilyn Manson. Se é rock'n'roll com guitarras sujas e pra ser tocado no talo que você quer, *Tattooed N' Bruised* é uma boa pedida.

Leandro Nogueira Coppi

CELLAR DARLING

THE SPELL
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC.

8,0

Após estrearem muito bem em 2017, com *This Is The Sound*, e de uma aclamada passagem pelo Brasil ao lado do Therion, os suíços do Cellar Darling estão de volta com o seu segundo álbum completo, o conceitual *The Spell*. Envolto em uma história que envolve a velada paixão do homem pela morte, a música de Anna Murphy, Ivo Henzi e Merlin Sutter não perde a qualidade, e ainda ganha em dramaticidade, cortesia sempre garantida pela excelente vocalista que Anna vem provando ser ao longo dos anos. O som continua mantendo aquela pegada que você já conhece: moderno e com fortes flertes com a música pop. Sim, isso poderá até desagradar alguns, até porque nem sempre é isso que queremos ouvir (somos fãs de metal, certo?). Mas a qualidade das composições, o peso das linhas de guitarra ('groove' é a palavra-chave aqui) e as performances individuais inspiradas garantem o ótimo resultado. Não deixe de conferir *Death, Drown, Freeze* e *The Spell*, quatro canções que oferecem uma ótima visão do que este álbum pode oferecer.

Valtemir Amler

DARKENED NOCTURN SLAUGHTERCULT

MARDOM
WAR ANTHEM · IMP.

8,0

Formado em 1997 na Alemanha, o Darkened Nocturn Slaughtercult ainda não dispõe do status de um dos grandes do black metal, mas os seus seis álbuns de estúdio são uma boa mostra de que merece mais visibilidade. *Mardom* poderia, inclusive, ser usado como um exemplo de como o black metal realmente deveria soar, quando se visa uma sonoridade absolutamente caótica e desesperadora. Pulando a introdução, o que você encontra pela frente em *Mardom - Echo Zmory* é aquele black metal sujo e impuro que bandas finlandesas, especialmente Sargeist e Horna, fazem tão bem: sem melodias proeminentes e nem experimentos exacerbados. A produção combina com a proposta sonora, e, embora o álbum não soe como uma velha demo gravada em um velho galpão da Noruega noventista, você também não tem nada parecido com algumas superproduções dos nossos dias, o que já é uma ótima pedida. Confira os ótimos riffs da arrastada *A Beseechment Twofold*!

Valtemir Amler

COSMIC ROVER

SPITTING FIRE
ABRAXAS · NAC.

9,0

Quando o assunto é o gênero stoner, sempre rola aquela pergunta: é stoner metal ou stoner rock? Na dúvida, o power trio Cosmic Rover o fisgará pelos dois lados da moeda. O orgânico *Spitting Fire* despertará seu lado "bicho-grilo" com rockãos viscerais, como *Our Tattoos*, *Yesterday Was Crazy*, *Electrify*, *Lessons in a Bottle*, *Mushroom Memories* (quer título mais sugestivo para uma banda de stoner?), a setentista *Space Motherfucker* e o southern *Bright Highway*, essa com uma pegada funkeada na parte do solo, propiciada pelo groove do baixo de Rodrigo Felix. E o debut lhe fará bangear com o peso de *Spitting Fire* e as cadenciadas *Cosmic Rover* e *Never Forget*. Os riffs do jovem Rick Rocha (ex-Laboratori) grudam de imediato, mas o que mais impressiona é ver o experiente Edson Graseffi (ex-Panzer e Reviolence), baterista de longa rodagem no cenário, assumindo também a função de vocalista. E ele faz bonito cantando, mostrando timbres rasgados e construções cativantes. Se curte Black Sabbath (fase Dio), Sasquatch, Kyuss e Down, embarque na viagem do Andarilho Cósmico.

Leandro Nogueira Coppi

ROADIE METAL
FIVE YEARS DEATH
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

Continuando a celebração de seus cinco anos, a Roadie Metal trouxe este *Five Years Death*, também uma coletânea dupla, mas desta vez focada nas bandas mais voltadas ao som extremo. Embora o nome pareça indicar, não se trata de uma coletânea de death metal. Existe muito thrash metal de primeira aqui, que o diga Attomica (*Feeling Bad*), Claustrofobia (*Zica do Pântano*), Necrofobia (*Rotten Brain*), *MOFO* (*We Are Metal*) e o Faces Of Death, que mais uma vez rouba a cena, com *Priest From Hell*. Para os lados do crossover, R.I.V. (*Rainbow Warriors Mayday*) e o Feios, Sujos e Malvados (*Tortura*) assumem o comando. E o death metal? Se tem Gutted Souls (*Organic Portal – The Necropedophile*), e Death Chaos (*Forsaken*), o resultado está garantido, certo? Ah, e se tudo isso não bastasse, ainda tem o fantástico Torture Squad quebrando o mundo com *Blood Sacrifice*. Que venham os próximos cinco anos!

Valtemir Amler

FROZEN DREAMS
VOICES OF THE ARCTIC WINTER
INDEPENDENTE · IMP.

7,5

Ao chegar ao seu quarto álbum completo de estúdio em apenas três anos de existência, o sueco Frozen Dreams se mantém fiel ao black metal atmosférico que caracterizou sua estreia, *Journey Through The Realm*, de 2017. Então, você já sabe o que esperar da música desta banda: beleza sem conforto, uma viagem astral cheia de calafrios, feita na medida para suspender a sua respiração e tomar posse dos seus sentidos. Apesar disso, algumas coisas poderiam ser melhores. Os vocais poderiam ter ficado um pouco mais altos na mixagem final, por exemplo. Embora o volume mais baixo tenha ajudado na criação de um ambiente asfixiante, ele rouba um pouco daquela predominância do terror, tão urgente ao black metal. Mas, não espere que daqui surja um hino ao caos e a velocidade, pois esta não é a proposta. Dono de uma música épica, densa, contemplativa, o Frozem Dreams nunca explode para a violência sonora, e os vocais são a única reminiscência de música extrema. Ouça a bela e climática *A Dying World* e julgue você mesmo.

Valtemir Amler

ROADIE METAL
FIVE YEARS HEAVY
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Para celebrar os seus cinco anos de atuação no mercado musical, a Roadie Metal preparou duas coletâneas duplas, com artistas de seu cast. Esta primeira é a *Five Years Heavy*, que engloba bandas mais voltadas para os gêneros tradicionais do metal e do hard rock. Logo na primeira audição alguns nomes se destacam. Por exemplo, como não curtir o riff pesadão e o peso 'botequeiro' do Velho Buffalo Ruffus em *Você Não Sabe Onde Estou*? O Corram Para As Colinas é outro que ganha o ouvinte, com *A Marcha*, e a coisa fica ainda mais séria com The Goths (*Strange Way Of Living*), Heretic (*Jihad*), Brutallian (*Love Is All Around – But The World*) e na pedrada ultra pesada *Reichsführer*, do Escola Alemã. No geral, uma bela coleção de canções, que apresenta alguns dos nomes mais proeminentes do atual cenário brasileiro. E o melhor, é uma coletânea dupla, com boa produção, e cheia de novos nomes.

Valtemir Amler

FRONT COVER
POR MARCELO VASCO*

Grupo Único

ANGRA
ANGELS CRY

Infelizmente, perdemos um dos maiores e melhores músicos de heavy metal que o Brasil já teve, o ilustre Andre Matos. Por isso, como forma de homenageá-lo, abro esse pequeno "parêntese" para falar não só sobre a capa deste disco, que dispensa apresentações, como também sobre este músico genial.

Tive o prazer de conhecer o Angra em 1994, no show de lançamento de *Angels Cry*, no finado Garage, no Rio de Janeiro. Nesse show, o guitarrista Rafael Bittencourt não estava se sentindo bem e não tocou – ficou no ônibus, do lado de fora. Mesmo com aquele desfalque, o show foi incrível e fiquei embasbacado com toda aquela perfeição. Aquilo tudo já dizia claramente o que viria pela frente. Desde então, o Angra tem participado da minha vida musical, como influência e escola há muito tempo.

Quando tive o prazer de conhecer Andre Matos pessoalmente, no final dos anos 90, ele foi nota dez – extremamente simpático e solícito. Demos risadas e chegamos a conversar até sobre black metal! Sempre o admirei muito e tomei um baque grande quando soube de seu falecimento. Muito triste e uma perda irreparável.

Escolhi falar sobre a capa de *Angels Cry* porque, além de ser meu disco preferido do Angra, ela me transmite algo relacionado à paz e luto. Esta belíssima arte, assinada pelo artista brasileiro J. Alberto Torquato, é icônica e ficou gravada para sempre nos corações dos fãs de heavy metal.

A ilustração traz uma estátua de um anjo, com formas femininas e face voltada para o céu, segurando um ramalhete de rosas, solitário no meio de um vasto campo de trigo, revelando um ar de esperança, mas com certa melancolia. Ao fundo, algumas remotas montanhas e um céu avermelhado, quase apocalíptico. O conceito da capa é do próprio Andre Matos, inclusive. "Um dos conceitos de todos os tempos na banda é o contraponto entre os opostos. O céu vermelho intenso em cima de um calmo campo de trigo. O anjo é uma estátua, reafirmando o silêncio contra a fúria", explicou Rafael Bittencourt.

Torquato também assinou outras artes para o Angra, como para o segundo disco, *Holy Land*, e para o Viper, antiga banda de Andre, entre eles o brilhante *Theatre of Fate*, além de ter sido responsável por artes para bandas como Korzus, Vodu, Wizards, Panic, Metralion, entre muitas outras. Um grande talento!

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

UGANGA
SERVUS
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

Que o Uganga sempre se mostrou ávido a adicionar ingredientes inusitados ao seu caldeirão thrashcore, todos sabemos. E o faz com maestria. Mas em *Servus*, composto por 13 músicas, o grupo do Triângulo Mineiro foi além, ao confeccionar seu disco mais ousado e versátil, sem economizar no peso. Após uma dobradinha acachapante, formada pela faixa-título e *Medo*, a furiosa *O Abismo* surge com as brilhantes participações do vocalista Casito Luz (Witchhammer) e do saxofonista Marco Melo – repare como o sax a deixou mais pesada. Digna de elogios também é a contribuição do grupo de rap chileno Lexico em *Hienas*. Já a cantora pernambucana Flaira Ferro, notável por transitar por estilos como MPB, pop e frevo-rock, dá um colorido diferente a *E.L.A.*, música que passa longe de qualquer gênero do rock. Importante exaltar ainda a contribuição do espiritualista Sr. Waldir em *Depois de Hoje...*, a bela capa assinada por Wendell Araújo e o fato deste quinto álbum de estúdio do Uganga ter sido financiado pela Wacken Foundation, do Wacken Open Air, e pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia.

Thiago Prata

SEM FUTURO
SEMPRE PRONTO PARA O QUE DER VIER
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Fazendo um trocadilho infame logo no primeiro parágrafo, sim, há futuro para a Sem Futuro. Não, a galera não é novata, afinal são 12 anos de estrada. Mas digamos que a banda vive hoje o seu melhor momento, afinal, sem o menor pudor ou medo, o quinteto punk de Curitiba (PR) desfila todo o seu olhar sobre a doente sociedade brasileira neste *Sempre Pronto Para O Que Der E Vier*, segundo álbum da carreira. De bate pronto, a similaridade instrumental com Dead Kennedys e Sex Pistols chama a atenção. Porém, ao ouvir o disco com mais calma, nota-se que também há muita influência de icônicos nomes do estilo aqui no Brasil, como o Ratos de Porão (em alguns riffs pesados de guitarra) e Cólera (nos berros do vocalista Minhoca). Em uma produção aceitável, porém suja, como deve ser, a Sem Futuro desfila um set-list curto, rápido, crítico, despojado e sem enrolações. Perfeitas para aquelas "famosas rodinhas", as treze músicas do CD são bacanas, com destaque para a *A Culpa É De Quem* e *Deus Odeia os Pobres*. Rebeldes, inconformados e desajeitados (como eles se auto intitulam), a Sem Futuro foi a única representante brasileira no Rebellion Festivals 2016, na Inglaterra, chamando a atenção da lenda Jeff Turner, do Cockney Rejects. "Vocês são o futuro do punk", declarou Turner. *Sempre Pronto Para O Que Der E Vier* ainda conta com uma singela homenagem a amigos da banda que cometeram suicídio entre o processo de composição e gravação do álbum. Boa sorte nessa guerra.

Matheus Vieira

MAGO DE OZ
IRA DEI
WARNER · IMP.

8,5

Uma jovem palestina, chamada Rebeca, é inseminada artificialmente com o DNA de Cristo, retirado da cruz onde ele teria sido crucificado, e dá à luz a gêmeos: Cristo e Anticristo. Essa é a premissa do 13° álbum de estúdio dos espanhóis do Mago de Oz, *Ira Dei*, lançado em formato duplo no Dia Internacional da Mulher (8 de março) – a capa com Rebeca crucificada não é mera coincidência – e que traz 18 faixas. Se liricamente o sucessor de *Ilussia* (2014) aborda antagonismos sociais e religiosos, musicalmente o disco reúne todos os elementos característicos do grupo capitaneado pelo baterista Txus di Fellatio: andamento power metal, melodias e belíssimos arranjos folk de flauta e violino. Entre os destaques estão *In Eternum*, a festiva *Tequila Tanto por Vivir* – prima mais nova de *La Posada de los Muertos*, de *Gaia II* (2005) –, os quase 18 minutos de *Ira Dei* e as participações do violinista hispano-libanês Ara Malikian em *Te Traeré el Horizonte* e da cantora Diva Satanica (Bloodhunter) em *La Cantiga de las Brujas*. O saldo final poderia ser ainda melhor se algumas músicas mantivessem o nível das citadas.

Thiago Prata

THE RODS
BROTHERHOOD OF METAL
SPV/SHINIGAMI · NAC.

7,0

Toda vez que comento algo do The Rods eu coloco "cru, direto e honesto". Bem, *Brotherhood of Metal* também é, mas a abertura, com a longa faixa-título, que se inicia com piano e linha mais melódica, demora para engrenar. Para quem curte letra clichê e o lado mais "épico", ela vai agradar. Apesar dos bons riffs e de uma paradinha bem pesada, este não é o meu caso. Mas, calma, David "Rock" Feinstein (vocal e guitarra), Garry Bordonaro (baixo) e Carl Canedy (bateria) atacam depois com a hard'n'heavy *Everybody's Rockin'* e seguem com uma pegada Rainbow/Purple em *Smoke on the Horizon* e *Louder Than Loud*. Aliás, os teclados surgem em vários momentos do álbum, mas não há informação alguma no release e no site da banda de quem executou tais partes em estúdio. As tradicionais *Tyrant King* e *Tonight We Ride* trazem riffs característicos da NWOBHM, enquanto *Party All Night* apresenta um lado hard rock, com pegada Slade dos anos 80. Os riffs pesados se destacam em *1982*, que traz uma letra autobiográfica. O repertório ainda traz *Hell On Earth*, *The Devil Made Me Do It* e *Evil In Me*. Indicado para os fãs da banda e para quem curte Anvil, Manowar, Messiah's Kiss, Judas Priest, Deep Purple e Iron Angel. Ah, a arte de capa do artista belga Eric Philippe lembra uma versão futurística do clássico *Wild Dogs* (1982). É, mas a semelhança para por aí.

Ricardo Batalha

LEGACY OF KAIN
PARALELO XI
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

Quando um estilo se torna mais popular ele gera, na maioria das vezes, trabalhos que soam impecáveis técnica e visualmente, mas que carecem de identidade musical. São detalhes que separam os bons dos ruins. Nesse primeiro quesito se enquadra a galera do Legacy of Kain, que, desde a sua fundação em 2016, vem fazendo bonito com seu groove metal. Em seu segundo álbum, o grupo apresenta algumas novidades. A primeira fica por conta da temática, que aborda o massacre da tribo indígena Cinta Larga, ocorrida no Brasil. A segunda, e principal, é a musicalidade, que passeia pelo groove/thrash e chama atenção pelos timbres bem definidos da guitarra de Karim Serri, que dá o toque de maestro em canções como *The Pain is For Me and You*, *The Throne* e *The Promises You Made*, todas coesas e pesadas. Destaque ainda para a participação de Fernanda Lira (Nervosa) em *Split in Half* e numa improvável, e bem sacada, versão para *Get Lucky* (Daft Punk). Vá atrás porque a banda é boa!

João Messias Jr.

FORKILL
THE SOUND OF THE DEVIL'S BELL
DARK SUN · NAC.

9,0

Seis anos após debutar com o EP *Breathing Hate*, que contou com o ilustre Robertinho de Recife como produtor, o Forkill, enfim, lança seu primeiro álbum.

Mesmo passando por mudanças na formação, com as entradas de Matt Silva (vocal e guitarra) e Rodrigo Tartaro (bateria), que se aliam aos experientes Ronnie Giehl (guitarra) e Gus "Guzzy" NS (baixo), o grupo carioca mostra que continua 'respirando ódio'. Mantendo as referências do thrash metal americano, calcadas, principalmente, em Exodus e Testament, o Forkill está soando ainda mais carrancudo do que no EP. Rifferama e boas linhas vocais são os pontos fortes de *The Sound of the Devil's Bell*, que iria se chamar *Old Skulls*. Entre os destaques estão as dilacerantes *Emperor of Pain* (que ganhou um clipe bem produzido), *Let There Be Thrash* (disponibilizada em 2016 também em clipe), *R.E.D. (Requiem Endless Devil)*, *Killed at Last*, *Old Skullz*, *In Your Face* e a cadenciada *When Hell Rises*. Se você é maníaco por thrash, de agora em diante atente-se ao Forkill.

Leandro Nogueira Coppi

TS5

CIDADE DOS PECADOS
INDEPENDENTE · NAC.

5,0

Uma das grandes dificuldades de um artista é encontrar sua identidade. Ou seja, dar uma cara ao trabalho por meio de traços peculiares e bem definidos. Esse caminho não é curto, tão pouco fácil. É exatamente neste espaço de transição e identificação que a banda paulista TS5, fundada em 2013, encontra-se ao lançar o EP *Cidade dos Pecados*. Ao ouvir as seis canções, nota-se que os caras apostam naquele pop rock típico de bandas brasileiras dos anos 80, mas também há alguns diálogos com o hard rock nos riffs de guitarra. Só que o resultado final parece inacabado e quebrado em pequenas peças. Por exemplo, o vocal de Douglas Rafael apresenta alguns deslizes, mas estes seriam facilmente resolvidos em estúdio se a produção fosse mais apurada. Na melhor música, a faixa-título, fica nítido que, instrumentalmente, a banda tem um bom nível. Logo, torna-se imprescindível a presença de um produtor que os ajude a encontrar um norte. Acertando a proposta e definindo público, o debut da TS5 pode gerar frutos.

Matheus Vieira

SPECTRAL WOUND

INFERNAL DECADENCE
LES FLEURS DU MAL · IMP.

8,0

Quando se fala em black metal, convenhamos, o Canadá não é o primeiro país que vem à sua cabeça, certo? No que depender do Spectral Wound, talvez essa afirmação vá mudar. Chegando agora ao segundo álbum (o primeiro foi o bom *Terra Nullius*, de 2015), Jonah (vocal), Patrick (guitarra), Olwyn (baixo), Illusory (bateria) e o estreante Sean (guitarra) entregam um belo disco de black metal ríspido, bem aos moldes nórdicos do estilo. *Black Satanic Glamour*, segunda faixa, pode ser usada para ilustrar o que acabo de afirmar. Desde os riffs retos e embaralhados, passando pela bateria rápida e seca, até chegar aos vocais rasgados, tudo na música respira ao velho metal de gente como Horna, Baptism, Aegrus e até algo de Carpathian Forest. *Slaughter of the Medusa* traz os vocais de Jonah para os holofotes, e sua performance extrema faz lembrar a fase em que Magus Calígula esteve à frente do Dark Funeral, o que é um grande elogio para qualquer vocalista de black metal. Eis mais um motivo para pensar no Canadá.

Valtemir Amler

HÅRD:ON

BAD HABITS NEVER DIE
SHINIGAMI · NAC.

8,5

O segundo registro do quarteto de hard rock Hård:On já nasceu especial por alguns motivos. A começar pela escolha feliz do título e pela bela capa feita por Marcelo Calenda, que, inspirada em trabalhos clássicos de formações como Aerosmith e Autograph, sintetiza o que iremos ouvir no disquinho. Claro, é o bom e velho hard rock, só que, ainda que mantendo a veia anos 80, vem temperado com um toque atual. No entanto, os "radicais" não precisam se preocupar, pois, exceto pela pesadona *Dr. She*, o que temos aqui é um deleite para nós, "posers". Bons exemplos não faltam. Desde as festeiras *Catwalk* e a faixa-título, que saiu em videoclipe, passando pela certeira *Touchdown* e as grudentas *Sunset Drive* e *Open Your Eyes*, temos referências mais do que bem-vindas de um estilo que, assim como o thrash metal, tem como trunfo a fidelidade de seus fãs. Se ainda não se convenceu, ouça a balada introspectiva *Life* e perceba o que digo. Embora seja cedo para dizer, o segundo disco de Chris Hoff (vocal), Alex Hoff (guitarra), Ricardo Bolão (baixo) e Daniel Gohn (bateria) tem tudo para figurar entre os melhores de 2019. E, sim, ele é superior ao debut, *Hård:On* (2016).

João Messias Jr.

VOODOOPRIEST

CIPÓ DOS MORTOS
URUBUZ · NAC.

8,0

Depois da saída de Vitor Rodrigues, o baixista Bruno Pompeo assumiu os vocais, algo que já havia feito nos tempos de Aggression Tales. Porém, esta não foi a única mudança no Voodoopriest, já que o sucessor de *Mandu* (2014) vem com as letras em português. O quarteto, completado por César Covero e Renato de Luccas (guitarras) e Edu Nicolini (bateria, Anthares), segue apresentando o seu furioso thrash/death metal. Embora traga uma temática variada, que, inclusive fala de espiritualidade e outras crenças, como a umbanda (vide *Caboclo Mandu e o Povo do Pó* e *Voodoopriest*), o título faz referência à ayahuasca, conhecida bebida enteógena popularmente conhecida como santo-daime. Segundo Pompeo, que comanda rituais de ayahuasca, "é uma viagem nas profundezas da consciência, onde poucos têm coragem para pisar." Ao longo do repertório, que começa com *Comando Tronado*, lançada em videoclipe, você terá pela frente muitas palhetadas abafadas (ouça *Inteligência Artificial*), solos condizentes, com direito a alavancadas bem colocadas, além de vocais rasgados e guturais, e uma seção rítmica pulsante, criativa e bem trabalhada. A saída de Vitor Rodrigues poderia ter tido um grande impacto, mas o grupo não perdeu a sua fúria e agressividade. Ouça atento o relato contido em narrativa ao final da faixa *Voodoopriest*. Belo disco!

Ricardo Batalha

GRAND MAGUS

WOLF GOD
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC.

9,0

Prolífico desde o nascimento, o Grand Magus comemora neste ano duas décadas de atividade com o seu nono álbum completo de estúdio, marcando uma média surpreendente de lançamentos. Sem preciosismo, nós já sabemos o que esperar da música criada por JB Christoffersson (vocal e guitarra), Fox Skinner (baixo) e Ludwig Witt (bateria), que adoram entregar exatamente aquilo que queremos ouvir, pois compartilham da mesma paixão. Assim, espere de *Wolf God* aquilo que você sempre pode esperar do Grand Magus: músicas simples, mas com alma grandiosa, épica, reforçada por riffs pesados e cativantes e linhas de bateria seguras. E, claro, os vocais inconfundíveis de JB, que sempre caminham com confiança sob terrenos que vão do metal épico ao doom metal, sem vacilar. Dito isto, o lançamento de *Wolf God* só traz bons momentos para os fãs. A abertura, *Gold And Glory* tem clima de abertura de seriado épico, não cheira e nem fede. Mas, dali em diante, é uma música melhor que a outra: *Wolf God* já começa destacando ótimas linhas de guitarra, que ficam ainda melhores quando a voz de JB entra em ação. A próxima, *A Hall Clad in Gold* é a mais épica do disco, e serve meio que de contraste a *He Sent Them All to Hell*, que tem algo de hard rock antigo. Mas, falar de destaques neste álbum e não citar *Dawn Of Fire* seria brincadeira de mau gosto, principalmente por seu início, que faz pensar nos antigos álbuns de Enslaved e principalmente Bathory. Indispensável.

Valtemir Amler

DESTRUCTION

8,0

BORN TO PERISH
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC.

Depois de voltar a reviver outros momentos de sua carreira com a segunda parte do álbum de regravações, *Thrash Anthems II* (2017), o Destruction apresenta o novo de inéditas, primeiro com a nova formação. Os fundadores Schmier (vocal e baixo) e Mike Sifringer (guitarra) agora contam com o suíço Damir Eskic (guitarra, Gonoreas e Gomorra) e o experiente canadense Randy Black (bateria, Annihilator, Duskmachine, Primal Fear e outros). Segundo Schmier, o urubu de duas cabeças presente na arte de capa é uma analogia representando algo como uma "anti-águia", simbolizando a ganância insaciável das pessoas. Musicalmente, ainda que agora voltando a ser um quarteto, não se nota tanto aquele "choque" de quando era um trio e mudou sua linha para algo mais ousado e técnico na transição de *Eternal Devastation* (1986) para *Mad Butcher* (EP, 1987) e *Release from Agony* (1987). De fato, a única "diferente" é *Butchered for Life*, que começa com dedilhados e tem partes mais próximas do metal tradicional. De resto, é o Destruction de sempre, com o vocal característico de Schmier e um poder de fogo maior nas guitarras – sem exageros, diga-se. Destaques para a rifferama da pegajosa *Tyrants of the Netherworld*; *Fatal Flight 17*, que fala do voo MH17, da Malaysia Airlines, abatido por um míssil disparado do território ucraniano em julho de 2014; a acelerada faixa-título, que abre o repertório; e o belo trabalho de Randy Black com as viradas que iniciam *Betrayal*. Pode ir sem medo.

Ricardo Batalha

AMESLARI

AMESLARI
INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Para começar, é necessário dizer que a música criada pelo tecladista/vocalista Ameslari é desafiadora. Não no sentido de extremismo musical, muito pelo contrário, já que as canções aqui apresentadas possuem um acento pop muito evidente. E é exatamente aí que mora o desafio, já que somos uma revista especializada em rock pesado. E, aqui, não há nada 'pesado'. Por outro lado, tem boa música, tem referências ao indie, ao pop em geral, mas também ao rock progressivo, que, convenhamos, sempre bebeu da fonte do pop. Assim, ao ouvir o início com *Song for the Brokenhearted*, o ouvinte não deverá estranhar em perceber elementos que remetem ao som do Tame Impala, HAIM ou Florence + The Machine. Também não estranhe se o clima sonhador das melodias de *Dance With Me* lembrar algo de The XX, Lorde ou até mesmo do Ex Cops, onde a vocalista Myrkur começou a desenvolver seu estilo. Um bom disco para os ecléticos, mas que deve passar longe dos radicais.

Valtemir Amler

CULTES DES GHOULES

SINISTER, OR TREADING THE DARKER PATHS
HELLS HEADBANGERS · IMP.

8,5

Donos de uma sonoridade única dentro do black metal, os poloneses do Cultes des Ghoules fazem muito para elevar o nome do metal extremo produzido em sua terra natal. Neste quarto álbum, eles não reinventam a roda, mas investem pesado nas características que tornaram a banda notória em todo o mundo: os vocais ritualísticos, a mistura entre partes arrastadas e cadenciadas, e fortes elementos atmosféricos que fogem do padrão 'atmosfera gelada' para buscar um caminho mais voltado ao terror e ao sinistro, como o próprio título indica. A faixa de abertura, *Children of the Moon*, já traz muitos desses elementos, aliados com uma aura que faz lembrar o velho Von, especialmente nas linhas instrumentais repetitivas. Os mais de dez minutos de *Woods of Power* também agradam na primeira audição, e a seguinte, *Day of Joy*, quase ganha o título de melhor do disco, justamente por não ter nada de 'joy' nela. Porém, a melhor mesmo é *Where The Rainbow Ends*, que encerra a obra.

Valtemir Amler

DFRONT SA

NO STÚDIO
INDEPENDENTE · NAC.

7,5

Quem ainda não conhece o DFront SA, recomendaria a qualquer um cair de cabeça no debut *Do Céu ao Inferno* (2016), uma bolacha recheada com violência sonora e capaz de provocar alguns torcicolos logo na primeira audição. Aí depois vale a pena correr atrás dos EPs que o grupo lançou, como este mais recente *No Stúdio*, gerado neste ano. Trata-se de uma gravação seca e direta – sem firulas mesmo –, com todo o quarteto tocando junto no LM Estúdio, em Volta Redonda, terra-natal do DFront. O novo play, disponibilizado na íntegra no YouTube (com o nome *Ao Vivo em Stúdio*) e em plataformas digitais, contém cinco canções que transitam pelos campos do hardcore, do thrash e do crossover, incluindo a inédita *Inflamado*, uma boa prévia do que o conjunto está preparando para um futuro breve. Menção honrosa também para a execução de faixas antigas como *Sem Misericórdia*, uma porrada originalmente lançada no EP de mesmo nome, de 2012, e o single *Vida de Trauma*. Só não espere uma qualidade exorbitante de produção, uma vez que, como já dito, a gravação foi num esquema quase de "garagem".

Thiago Prata

EXXOCET

MIGHTY JUNGLE
INDEPENDENTE · IMP.

9,0

Qual não foi minha surpresa ao conhecer o glam rock do Exxocet através desse seu segundo álbum. É difícil acreditar que a banda não é produto de Los Angeles (EUA). E mais inimaginável ainda é saber que Chris Lion (vocal), Richie Love e Lukky Sparxx (guitarras), Danny Crow (baixo) e Tom Azzter (bateria) são oriundos do Chile, país que nunca teve representatividade no gênero, e descobrir que Richie já residiu no Rio de Janeiro. De cara, a capa com os integrantes em maquiagens ultracoloridas, remete ao álbum *Spirit*, da finlandesa Reckless Love. O som não fica atrás, é um hard rock moderno e bem produzido, que garante ótimos momentos. Se você também é um aficionado do estilo, viciará na própria *Mighty Jungle*, que abre com um riff que é praticamente um plágio do clássico *You're Really Got Me*, do The Kinks, só que na pegada do Van Halen. Além desta, destaques para as igualmente viciantes *Cannibal Carnival*, *Alive*, *Night & Day*, *Tal Para Cual* (em castelhano), *Summer Nites*, *Screams from the South*, *Rock & Roll* e na bela balada *Goodbye I Say My Love*. Que o Exxocet seja um gás a mais para o glam sul-americano. Valeu, Chile!

Leandro Nogueira Coppi

FURIA INC.

RAW

INDEPENDENTE · NAC

9,0

Que melhor maneira de celebrar dez anos de banda do que contemplar seus fãs com uma porrada sonora? Pois é exatamente dessa forma que Victor Cutrale (vocal), os irmãos Gustavo Romão (guitarra) e Neto Romão (bateria), e o mais recente membro, Fabio Carito (baixo, Warrel Dane, Instincted e Confessori), estão comemorando uma década de vida. Lançado cinco primaveras após o ótimo debut, *Murder Nature* (2014), *Raw* emerge com um metal moderno – tem metalcore, thrash, groove e death melódico aqui, ali e acolá – mais direto e pesado que o cartão de visitas do grupo. Composto por dez faixas (incluindo uma 'intro'), gravado no Loud Factory (SP) e masterizado na Califórnia, no Brendan Duffey Audio (Angra, Andre Matos, Almah), *Raw* divaga sobre temas como a luta por igualdade social (*Light the Fire*, que saiu em videoclipe), as mentiras espalhadas na internet e nas redes sociais (*The Endless Void*) e até faz uma homenagem ao magistral filme 'O Sétimo Selo' (1957), de Ingmar Bergman (*The Knight and the Bishop*; música maravilhosa, por sinal!). Tudo envolto a riffs monstruosos, cozinha pesada e vocais potentes. Parabéns, Furia Inc.!

Thiago Prata

HATRIOT

FROM DAYS UNTO DARKNESS

MASSACRE · IMP.

8,5

É curioso que o Exodus tenha uma música intitulada *Like Father, Like Son* e que justamente o vocalista nesta fase seja Steve "Zetro" Souza, já que seus filhos Cody Souza (vocal e baixo) e Nick Souza (bateria) apresentam agora o terceiro disco do Hatriot – o grupo é completado pelos guitarristas Kosta Varvatakis e Kevin Paterson. Mesmo sem Zetro, que gravou *Heroes of Origin* (2013) e *Dawn of the New Centurion* (2014), na jogada, o que vemos em *From Days Unto Darkness* é o mais puro thrash metal. A faixa de abertura, *One Less Hell*, é longa, traz riffs na escola Gary Holt e até uma lembrança a *Internally*, do Korzus. Porém, o que mais impressiona é a semelhança nos vocais, que ainda apresentam, aqui e ali, algumas variações próximas do gutural do death metal. As duas mais promovidas, *Organic Remains* e *Frankenstein Must Be Destroyed*, foram lançadas em lyric video. Destaques ainda para *Carnival of Execution*, *World, Flesh & Devil* e *In the Mind of the Mad*. Nunca vi a expressão "filho de peixe, peixinho é" cair tão bem!

Ricardo Batalha

HOLOCAUST

ELDER GODS

SLEASZY RIDER · IMP.

8,5

Capitaneado atualmente pelo fundador e guitarrista John Mortimer, o veterano grupo escocês Holocaust, que surgiu na fase da NWOBHM, apresenta o sucessor de *Predator* (2015). A temática de *Elder Gods* versa sobre antigos deuses como Ishtar e Astaroth, além da mitologia gnóstica, o misticismo e o cosmos. Musicalmente, o trio, completado por Mark McGrath (baixo) e Scott Wallace (bateria), coloca à mesa um som mais denso, com um clima sombrio e, em alguns momentos, "viajante" e psicodélico. A faixa de abertura, que dá o nome ao disco, poderia estar em algum trabalho do Pentagram – sim, é doom metal, como eles mesmos haviam feito tempos atrás em *Colossus*, do álbum *Primal* (2003). Afora a herança de Black Sabbath, há ainda toques de progressivo, com vocais mais limpos, que combinam com os temas abordados nas letras – ouça *Children of the Great Central Sun* e *Astaroth. Elder Gods* é envolvente, muito bem construído e traz algumas faixas cativantes. Confira, porque os escoceses estavam inspirados e você vai se surpreender!

Ricardo Batalha

TRAUMER

HISTORY

ROCK OF ANGELS · IMP.

8,5

Antes de tudo, há uma curiosidade sobre o novo álbum do TraumeR, sucessor de *The Great Metal Storm* (2014) e *Avalon* (2016), que foram bem em charts do Japão. *History* está sendo lançado no mundo todo com um ano de atraso em relação ao mercado japonês. Gravado, produzido e mixado pelo vocalista Guilherme Hirose e masterizado no Finnvox Studios (FIN) por Mika Jussila, *History* mostra uma qualidade de som refinada e mais equilibrada do que a de seus antecessores. Sonoramente, gritam as influências de Angra (ouça o single *Guardians of Time*, que você se lembrará do clássico *Angels Cry*) e Helloween, principalmente pelo trabalho vocal de Hirose, altamente inspirado em Michael Kiske. A parte instrumental, de responsabilidade de Fabio Polato (guitarra), Nelson Hamada (teclado), Regis Lima (baixo) e Felipe Santos (bateria), esbanja técnica e consistência. *Guardians of Time*, *The Land of Rising Sun*, *Innocence*, *Lonely Rain* e a balada orquestrada *Thousand Tears* são os destaques. *History* tem tudo para agradar você, fã do gênero, e manter a moral com os japoneses.

Leandro Nogueira Coppi

THE METAL CLUB

Avalie músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

www.themetalclub.com

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
HOLLYWOOD VAMPIRES RISE	**AMON AMARTH** THE PURSUIT OF VIKINGS	**POSSESSED** REVELATIONS OF OBLIVION	**DARKTHRONE** OLD STAR	**S.O.T.O** ORIGAMI

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

SQUARES FEAT. JOE SATRIANI

SQUARES

EAR MUSIC/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Quem conhece o virtuose guitarrista Joe Satriani, principalmente por sua consagrada carreira solo instrumental, dificilmente o imaginaria fazendo música simples e comercial. Mas era exatamente assim que soava o Squares, power trio que formou no final dos anos 1970 com o então cunhado Neil Sheehan, que apenas escrevia as letras – o line-up fechava com os competentes Andy Milton (vocal e baixo) e Jeff Campitelli (bateria). Satch resolveu tirar da gaveta as demos gravadas com o Squares no início dos anos 80 e agora as lança restauradas, mixadas e remasterizadas por John Cuniberti, que na época era o engenheiro de som nos shows. Sem fritações guitarrísticas, as músicas contagiam pelas influências de new wave, hard rock, AOR e punk, que se espalham pelo material. As festivas *Give it Up* e *Everybody*, as agitadas *So Used Up* e *Tonight*, as melosas *Can't Take it Anymore*, *Follow that Heart*, *B Side Girl* e *You Can't Light the Way*, mais a balada *Never Let it Get You Down* se destacam. Elas apresentam um Satriani que você possivelmente nunca havia conhecido, mas que, mesmo que tardiamente, irá curtir!

Leandro Nogueira Coppi

TONY MILLS

BEYOND THE LAW

BATTLEGOD PRODUCTIONS - IMP.

9,0

Lutando contra um câncer que não pode ser removido, é um alívio que Tony Mills tenha conseguido finalizar e lançar o seu novo disco solo, gravado ao lado de Tommy Denander (guitarra e teclado), Pete Newdeck (bateria, Midnite City) e os baixistas Josh Williams, Linda Mills, Toine Vanderlinden e Tony Forsythe. O sucessor de *Streets of Chance* (2017) traz diversas facetas do inglês, com músicas que poderiam constar em trabalhos de suas ex-bandas, seja Shy, TNT ou Siam. Além disso, o melodic rock de *Running Guns* vem com um forte tempero Journey mesclado com Shy da fase *Brave The Storm* (1985). Mills ainda presenteia os fãs com hard rock energéticos, como *We Sold Your City*, *Crackin' Foxy*, *Code of Silence* e *Gunfire*. Já a balada *Bonnie's Farewell* traz Patrick McKenna (Shy) ao piano e Chris Alldrige no saxofone. Não só ela, mas outras faixas se relacionam com o tema do casal de criminosos americanos Bonnie e Clyde, romantizados pelo cinema e interpretados na arte de capa. O melhor de tudo em *Beyond the Law* é que as construções e as performances vocais de Mills, que completou 57 anos em 7 de julho, estão excelentes. Se este for mesmo o derradeiro trabalho, ele se saiu muito bem!

Ricardo Batalha

KILLER

SCREAMGUNN

GENCO PURA - IMP.

7,0

Não se confunda, este é o veterano Killer suíço, que estreou em 1981 com *Ladykiller*. O som também não tem relação com o homônimo da Bélgica, já que este, formado atualmente pelo alemão Paddy Strobel (vocal), o fundador e guitarrista Crown Kocher, o guitarrista Peter Berger, o baixista Mirko Buccio e o baterista Roberto Antonucci, pratica hard rock e rock'n'roll. O mais curioso é que Strobel, que participou do The Voice of Germany, manteve o "estilo Brian Johnson" do vocalista original, Mark Broman. Além de AC/DC e Krokus, você notará toques de Nazareth não só na voz rouca, mas em termos de estilo – ouça *Hold You*. Destaques para *Love Handles*, que vem um pouco mais próxima do hard'n'heavy, e *Guitar Hero*, mais melódica. O restante do repertório, pelos nomes citados como referência, você já sabe o que vai encontrar pela frente, certo?

Ricardo Batalha

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

ANGRA

HOLY LAND

Como vimos no especial de Andre Matos, não é só a importância de *Holy Land* para a carreira do Angra que conta. Tanto o saudoso Matos como o guitarrista Kiko Loureiro apontam a faixa-título como aquela que representa a genialidade do maestro como compositor.

O processo de composição ocorreu durante um período de quatro meses em que Matos, Loureiro, Rafael Bittencourt (guitarra), Luis Mariutti (baixo) e Ricardo Confessori (bateria) trabalharam em um sítio no interior de São Paulo. As gravações foram feitas no Brasil e na Alemanha, sob o comando de Sascha Paeth e Charlie Bauerfeind, mesma dupla responsável pelo debut, *Angels Cry*.

Ressaltando a brasilidade, assim como *Roots* do Sepultura, *Holy Land* foi para as lojas em 23 de março de 1996. Como um trabalho com essas características merecia um lançamento à altura, a gravadora Eldorado, juntamente com a banda, criou um kit em edição limitada que trazia CD, camiseta, boné, adesivo e informativo sobre o Angra, tudo em uma lata encapada com a ilustração da capa. No exterior, contou com uma edição que trazia um CD bônus, tendo três faixas acústicas gravadas na França, incluindo *Chega de Saudade*, um clássico da MPB, tal qual se tornou *Holy Land*. Só que para o heavy metal...

Airton Diniz (editor): **8,5**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **10**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (colaborador): **9,5**
Écio Souza Diniz (colaborador): **10**
Fernando Pires (diretor de arte): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **10**
Heverton Souza (colaborador): **9,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,0**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **8,0**
Maicon Leite (colaborador): **10**
Matheus Vieira (colaborador): **10**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,5**
Sergiomar Menezes (colaborador): **9,5**
Thiago Prata (colaborador): **10**
Valtemir Amler (colaborador): **8,0**

MÉDIA FINAL: 9,15

A MONTREAL MUSIC chegou em São Bernardo!

MONTREAL
Music Shop

* Os músicos e amantes de música do ABC estão felizes com esta notícia.
* São 3 andares cheios de equipamentos para todos os públicos.
* Atendimento VIP, preços tentadores, instrumentos exclusivos e luthieria são alguns dos atrativos da loja.

Loja 1
Rua Saigon, 44 - Vila Formosa - São Paulo - SP
(11) 2076-0222 (11) 97351-9227

Loja 2
Rua Marechal Deodoro, 2455 - São Bernardo do Campo - SP
(11) 2355-8246 (11) 94056-1829

/montrealmusicshop @montrealmusics

ÁLBUM DE ESTREIA DO SICK DAMNATION

ASE

photo by ©Cris Rachel

SICK DAMNATION

DAMNØCRACY

DISPONÍVEL EM STREAMING NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS

Spotify DEEZER MUSIC amazon music cdbaby YouTube Music

©CRIS RACHEL

MARCOS DANTAS

NOME COMPLETO: Marcos Dantas Barros
NASCIMENTO: 18 de agosto de 1961, no Rio de Janeiro (RJ)
BANDAS QUE INTEGROU: Azul Limão, Turbo, X-Rated e Metalmorphose

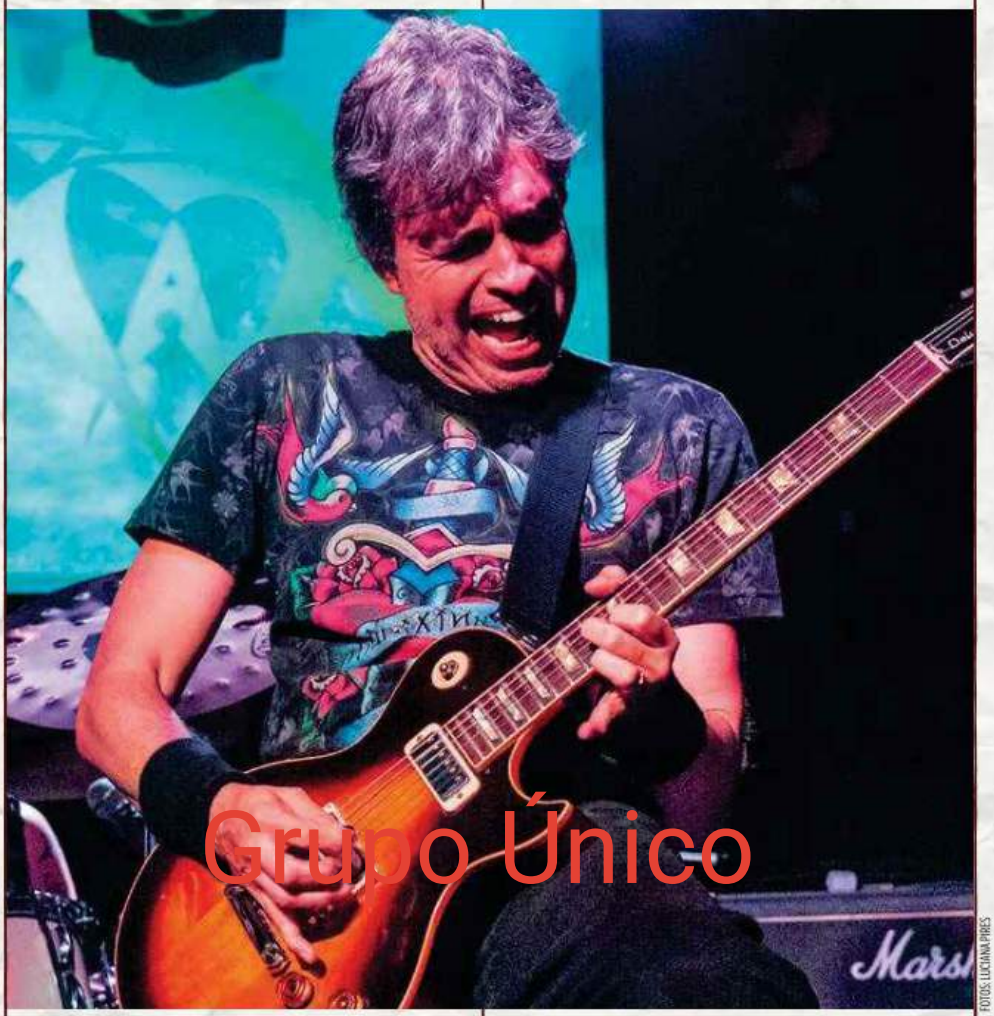
POR DANIEL DUTRA

Satã Clama Metal: "Ela nem era uma das mais famosas do Azul Limão no começo, e o engraçado é que eu estava com um pouco de vergonha quando fui mostrá-la à banda, porque estávamos caminhando para outro lado. Mas o pessoal gostou, nós começamos a tocá-la nos shows, e *Satã Clama Metal* assumiu o lugar de *Não Vou Mais Falar*, que era o nosso hit naquele começo. Hoje é uma música que não podemos deixar de tocar."
Álbum: Vingança (Azul Limão, 1986)

Vingança: "É de um momento em que eu estava com muita raiva, então ela saiu meio que cuspida. Se você notar bem, tem um ódio em *Vingança*. Fiz a música com muita raiva de uma determinada pessoa, e ela ficou pronta rapidamente por causa desse sentimento. É uma canção simples, de três acordes, e a banda gostou quando a mostrei. Durante um tempo ela abriu os shows, depois passou a ser a que fechava a noite. O engraçado é que, depois de um tempo, aquele meu sentimento de raiva se mostrou errado, mas a música acabou ficando."
Álbum: Vingança (Azul Limão, 1986)

Ordem & Progresso: "Uma das músicas da última fase do Azul Limão, e é uma pena que as outras, como *Salve-se Quem Puder*, não entraram no *Ordem & Progresso*, que foi basicamente uma continuação do *Vingança*. Todas as suas canções nós já tocávamos nos shows, à exceção de *Ordem & Progresso*, que foi composta pelo Rodrigo (Esteves, vocal) e fala da situação política do país à época. Ou seja, é uma música bem brasileira. Quando assinamos com a Point Rock, pensamos em fazer uma versão do disco em inglês, e a Cátia, que era namorada do Rodrigo à época e depois virou sua esposa, começou a traduzir as letras, mas houve dois problemas. O primeiro é que o Rodrigo não se sentia à vontade cantando em inglês, e o segundo é que Azul Limão é impronunciável, então teríamos que trocar de nome (risos). Mas a verdade é que os temas da banda eram muito particulares, tinham a ver com o Brasil, então um gringo nunca entenderia *Ordem & Progresso* como um brasileiro entende."
Álbum: Ordem & Progresso (Azul Limão, 1987)

Princesa do Prazer: "Essa história é curiosa. O Azul Limão e a Dorsal Atlântica tocavam bastante juntos, e as duas bandas eram muito próximas. Fizemos uma série de sete de shows pelo Brasil à época, e o baterista da Dorsal era o Marcos 'Animal', que escreveu a letra de *Princesa do Prazer* e era muito amigo do Ricardo (Martins, bateria) e do Vinícius (Mathias, baixo). Durante uma apresentação em Lambari, no interior de Minas Gerais, houve um problema na Dorsal, e aquele foi o último show do Marcos na banda, por isso eles pararam de tocar a música. Como a Dorsal havia homenageado o Azul Limão com uma versão de *Satã Clama Metal* no Caverna, nós resolvemos começar a tocar *Princesa do Prazer* no nosso estilo, fazendo também uma versão. Acontece que o pessoal começou a pedir nos shows, então virou quase uma música do Azul Limão (risos). E ela estava tão bem ensaiada, quando fomos gravar o *Ordem & Progresso*, que acabou entrando no disco."
Álbum: Ordem & Progresso (Azul Limão, 1987)



FOTOS: LUCIANA PIRES

Striptease Boogie: "Nós tivemos com o Azul Limão uma fama muito maior do que um dia imaginamos ter, e o que aconteceu? Tentamos transformar a banda numa profissão e viver dela, mas não deu, até porque todo mundo começou a cantar em inglês. Dorsal Atlântica, Taurus, Overdose e Korzus, por exemplo, e o Sepultura e o Viper, que nasceram cantando inglês, obtiveram muito sucesso lá fora. Isso deixou o Azul Limão numa encruzilhada. De turnês a uma gravadora, não estávamos conseguindo mais nada, e aí o Rodrigo e o Vinícius anunciaram que estavam saindo. Não tinha mais como continuar, só que havia alguns últimos shows marcados, então chamei meus amigos André Chamon, baterista do Stress, e o Tavinho Godoy, que cantava no Metalmorphose, além de um baixista conhecido, o Augusto Shultz, e um segundo guitarrista, o Celso Suckow, para cumprir essas datas. Depois disso, cheguei para o André e falei que deveríamos montar uma banda para fazer, desde o início, músicas em inglês, e ele topou, já que o Stress também estava parando. André sugeriu X-Rated, e o nome ficou. Chamamos o Luciano, que havia cantado no Metalmania e passou a se chamar Lucky Lizard, assim como eu troquei para Mark D.B., e a banda foi completada com o Alexandre França na outra guitarra e o Márcio Chicralla no baixo. Quando começamos a compor, decidimos ir para o hard rock porque muita gente gostava e porque ninguém estava fazendo aquele tipo de som, e *Striptease Boogie* não é apenas a primeira canção do primeiro disco. É a primeira

canção do X-Rated, mesmo! Compus a música, e o Lucky escreveu a letra, mas o França, que infelizmente já faleceu, e o Márcio não gostaram. Os dois imaginavam algo na linha do Poison, e o que eu queria era algo mais Aerosmith, então eles pularam fora. O Lucky disse que conhecia um baixista que tocava muito bem, o Bruno Schubnel, então ensaiamos, gostamos e fechamos a formação ali. Gravamos uma demo em 1989 com três faixas, *Striptease Boogie*, *Blue Heart* e *Realize It*, para tentar uma gravadora grande, mas foi muito difícil. Acabei usando meu conhecimento no meio do heavy metal para fechar com a Heavy, que já tinha lançado o Azul Limão. Você escolheu uma música muito emblemática, então me lembrei de toda a história, de quando o França e o Márcio resolveram sair, e eles montaram uma banda chamada Broken Heart, até a busca por um selo. *Striptease Boogie* foi o começo do X-Rated, e *Shaking Like a Bad Machine*, nome do album, é uma frase da letra."

Álbum: Shaking Like a Bad Machine (X-Rated, 1990)

Realize It: "Foi a mão dos deuses mexendo na banda (risos). Gravamos o *Shaking Like a Bad Machine* numa fazenda em Valença, no Sul do Estado do Rio de Janeiro, e ficamos empurrando *Realize It* para o fim da fila, porque era hit nos shows e molezinha para gravar. Só que quando finalmente chegou a vez dela, a fita de rolo acabou no meio da gravação. Como estávamos no meio do mato, não havia como conseguir outra, e a gravadora não tinha outra de vários canais. Como nosso orçamento era muito pequeno, *Realize It* acabou ficando fora do disco. Tempos depois, ficamos em terceiro lugar num concurso realizado no Circo Voador que colocaria duas bandas no Rock in Rio. Não passamos, mas o Mayrton Bahia, que trabalhava na Polygram, assistiu ao show e gostou, então nos contratou e chamou o Paulo Junqueiro, produtor que trabalhava com o Barão Vermelho, para fazer nosso segundo disco. Quando mostramos as músicas que tínhamos, ele apontou o dedo para *Realize It* e disse: 'É essa!', e em vez de entrar no primeiro álbum com uma produção de 16 canais, foi gravada em 24 canais num estúdio enorme da Polygram."

Álbum: Animal House (X-Rated, 1991)

It's Automatic: "Embora tivéssemos escolhido o hard rock, até meio sleaze, o que eu achava legal no X-Rated era que tínhamos gostos bem variados. *It's Automatic* é um funk Miami Bass que tocava bastante nos bailes cariocas, e, cá entre nós, eu acho muito legais várias coisas do Freestyle. Depois descambou para um lance meio estranho, mas no começo era muito bacana, e o X-Rated costumava tocar músicas que não tinham nada a ver com a banda, coisas do Terence Trent D'Arby e do Prince, por exemplo, mas as transformávamos para o nosso estilo, porque éramos do rock, gostávamos mesmo de heavy metal, hard rock e progressivo. Ainda estávamos na Polygram quando começamos a fazer o *Daresafesexdisorder*, mas ela não queria mais investir em nós. Fomos para um estúdio de oito canais, tocamos no pau e mostramos o disco para a gravadora, que disse que não era o momento e que tínhamos de esperar mais, então pensamos: 'Estamos na geladeira' (risos). Pedimos a rescisão do contrato, o que demorou muito tempo, e completamos aquela demo com duas músicas que tocávamos de zoação. Foi assim que gravamos *It's Automatic* e, também, *Jam at Planet Rock*, do Afrika Bambaataa, porque *Kiss*, do Prince, já estava na versão que mostramos para a Polygram. Fazíamos covers de Led Zeppelin e Aerosmith ao vivo, mas também de coisas diferentes para pegar o público de surpresa. Eu gostava de ver a reação das pessoas."

Álbum: Daresafesexdisorder (X-Rated, 1994)

Azul Limão: "Eu e o Vinícius começamos o Azul Limão em 1981 para tocar em colégios. Coisa de garoto, se bem que não éramos tão garotos assim (risos), mas era a onda de montar uma banda e tudo mais. Como não conseguíamos achar um bom vocalista, fomos uma para cada lado, mas encontrei na praia um amigo que tocava num grupo chamado Massa Falida, e ele disse que o irmão gostava de heavy metal e se encaixava no que eu queria fazer. Era o Rodrigo, e soube que era o cara assim que o ouvi cantando. Perguntei a ele se compunha, porque a banda se chamava Azul Limão e tinha essa música sem letra. O Rodrigo pegou e escreveu a letra de *Azul Limão*, que é emblemática por ser a primeira música da formação clássica do grupo. Tem um significado muito forte, só que no início éramos mais rock'n'roll, e a aura de heavy metal só veio depois muito por minha culpa, pois fiquei enchendo o saco dos caras para ouvirem Motörhead, Scorpions, Iron Maiden, Metallica... Tipo 'Olha só o que está acontecendo aí fora!' (risos). Quando fomos gravar o *Vingança*, canções como *Azul Limão* tinham perdido o sentido porque estávamos tocando mais pesado."

Álbum: Pegasus: The Tapes I (Azul Limão, 2001)

Coração de Metal: "Eu sempre gostei muito de Stress. A amizade naquela época era mais com o Roosevelt Bala, com quem eu sempre me encontrava, e o André era um conhecido da banda. Houve uma inversão quando eu o chamei para o X-Rated, aí o André virou até padrinho de casamento, enquanto o Bala voltou para Belém... Uma gravadora de Portugal queria fazer uma homenagem ao Stress, e um cara dela perguntou se gostaríamos de participar. É claro que sim! Eu sempre tive uma relação com *Coração de Metal*, porque é do Dicastro, do Sangue da Cidade, e eu estava na sua casa quando ele mostrou a música ao Bala: 'Olha só o que eu fiz! Você consegue decorá-la? Porque preciso gravar uma versão'. O Dicastro ligou a bateria eletrônica e tocou baixo, eu toquei uma guitarra ligada direta na linha, e o Bala cantou. Nós três gravamos a primeira versão de *Coração de Metal*, só que nessa época o Sangue da Cidade não estava muito ativo, então quem fez o primeiro registro oficial foi uma banda chamada Ataque. Mas a música ficou na cabeça do Bala, que fez a sua versão quando voltou para Belém. Como o Sangue da Cidade não a tocava mais, ela meio que virou um hit do Stress, um fenômeno como o do *Princesa do Prazer*, da Dorsal Atlântica, nas mãos do Azul Limão (risos)."

Álbum: Regras do Jogo (Azul Limão, 2013)

Vá pro Inferno: "Essa foi uma música que o Big (André Bighinzoli, baixista) fez, mas quando ele mostrou para o Tavinho... Bom, o Tavinho estava meio doidão e falou: 'Eu não vou cantar a palavra inferno!'. O Big respondeu 'Mas você não canta *Satã Clama Metal* nos shows. Qual o problema?', porque o Metalmorphose havia incluído o clássico do Azul Limão o repertório, e o Tavinho retrucou: 'É diferente!'. Mas o Big disse que iríamos gravar e pronto, então o nosso produtor, Gustavo Andriewiski, pediu que eu gravasse o solo. Disse que iria fazer algo na linha do Rainbow e do Iron Maiden, aí perguntei no fim: 'E aí, ficou meio Rainbow e meio Iron?', e o Gustavo rebateu: 'Não. Ficou Marcos Dantas, do Azul Limão' (risos). Ele pensou que eu tivesse ficado chateado, aí veio com um 'Mas isso foi um elogio'. É claro que foi, porque é uma questão de identidade de quem toca, e *Vá pro Inferno* era a música que abria os shows do Metalmorphose na época."

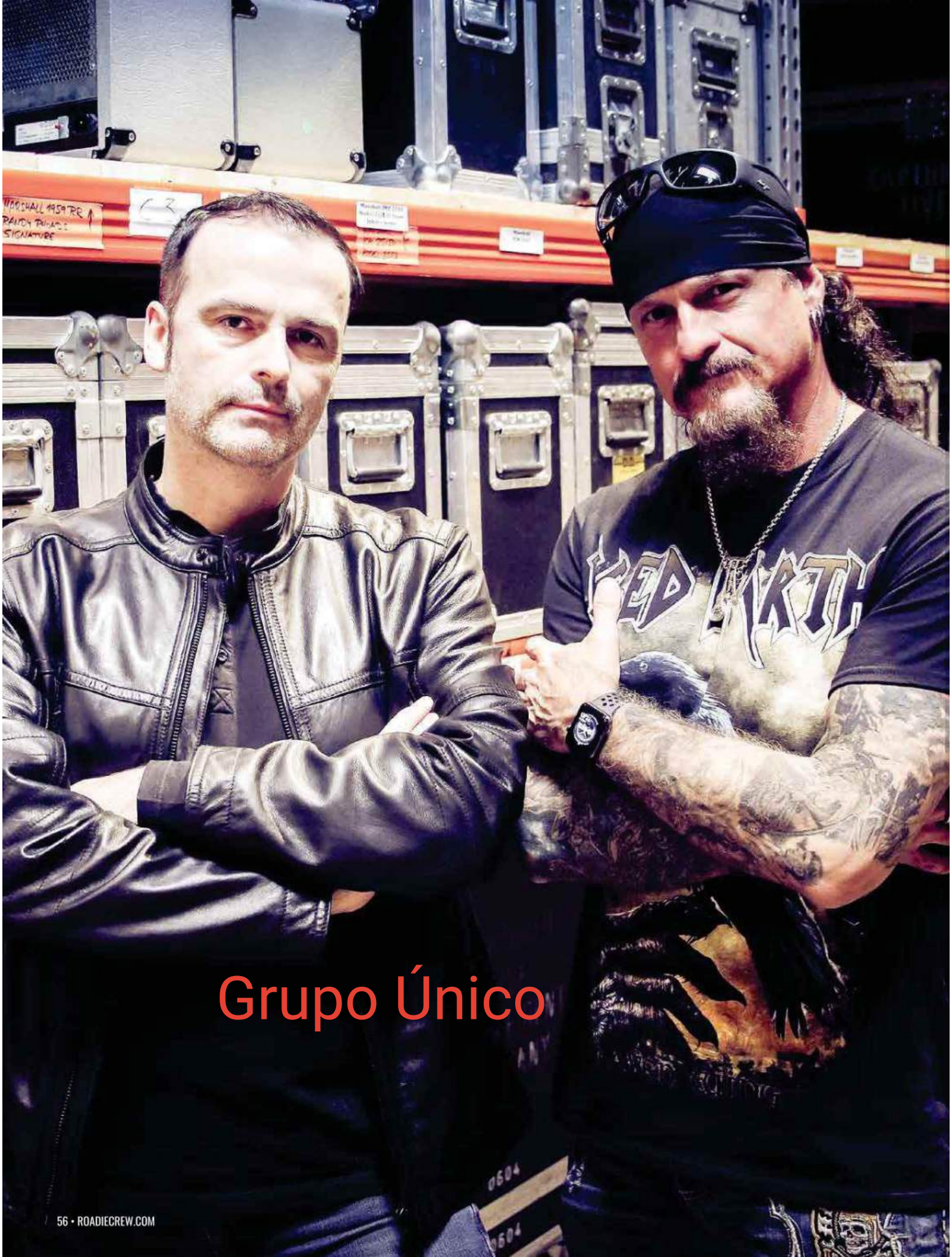
Álbum: Fúria dos Elementos (Metalmorphose, 2015)

Princesa do Metal: "Eu estava em dúvida se usava a palavra metal, porque já havia *Satã Clama Metal*, *Coração de Metal*, metal isso, metal aquilo, mas eu queria fazer uma homenagem às garotas que vão aos shows, porque hoje a presença feminina é muito maior do que nos anos 80. Fiquei com um estereótipo na cabeça, o da mulher com tênis cano alto, camisa preta e calça jeans, e fiz a música. O pessoal do Metalmorphose gostou, então gravamos como *Princesa do Metal* mesmo, e funcionou muito bem. A tocávamos nos shows, e a resposta era muito legal com o público cantando."

Álbum: Ação e Reação (Metalmorphose, 2017)

Guerreiros do Metal: "Eu fiz o riff e montei toda a melodia, mas não conseguir bolar uma letra. Estava travado, mas queria algo bem anos 80. Gravei uma demo no computador, mandei para o André Delacroix (baterista) e perguntei se poderia escrever a letra. Quando recebi a letra, vi que era exatamente o que eu queria. Ele conseguiu pegar o espírito, e eu só ajeitei o refrão para ficar *Guerreiros do Metal*. Eu até lembrei que o Korzus tem uma música com o mesmo nome, mas a verdade é que várias bandas têm (risos), e era a mensagem que queríamos mesmo passar. Ficou perfeito, e foi uma unanimidade na hora de escolher a faixa para abrir o disco."

Álbum: Imortal (Azul Limão, 2019)



Grupo Único

DEMONS & WIZARDS

A MATERIALIZAÇÃO DO RETORNO

HANSI KÜRSCH E JON SCHAFFER ESTÃO JUNTOS NOVAMENTE E TRAZEM TODOS OS DETALHES DO RETORNO E DO TÃO AGUARDADO TERCEIRO ÁLBUM

POR GUILHERME SPIAZZI

Há exatos vinte anos, Jon Schaffer (guitarra) e Hansi Kürsch (vocal) surpreenderam o mundo lançando o projeto Demons & Wizards. A ideia de união entre os respectivos líderes do Iced Earth e Blind Guardian não só mexeu com a emoção dos fãs, como resultou no lançamento dos álbuns *Demons & Wizards* (1999) e *Touched by the Crimson King* (2005). Porém, apesar da ânsia dos fãs e dos próprios músicos de continuarem a empreitada, o que se viu na sequência foi um longo período de silêncio. Em 2017, Schaffer confirmou estar trabalhando ao lado de Kürsch em material inédito. Uma turnê foi anunciada este ano e hoje vivemos o prelúdio do lançamento do tão aguardado terceiro álbum. Enquanto a dupla prepara o disco e a turnê que passará pelos festivais do verão europeu e nos EUA, a ROADIE CREW conversou com ambos sobre absolutamente tudo que está acontecendo, com direito a revelações inéditas dos planos futuros.

Como estão se sentido por finalmente conseguir focar no Demons & Wizards depois de tanto tempo?

Jon Schaffer: É ótimo, pois é sempre muito divertido trabalhar com Kürsch. A nossa intenção de continuar existe há muito tempo. Desta vez, as coisas se alinharam perfeitamente para isso.

Hansi Kürsch: É um sentimento ótimo. Ainda tenho uma longa estrada, mas até o momento o processo de composição foi perfeito, assim como a produção. Estou feliz por sermos capazes de criar músicas com tal potencial num curto espaço de tempo. Tem muita empolgação e energia em todas as músicas. É ótimo ver que a química é a mesma, mesmo depois de quinze anos.

Vocês estão vindo com tudo! Há o relançamento dos dois álbuns, uma turnê e o terceiro disco...

Jon: Sim, estamos indo com tudo. Estou muito empolgado com o resultado das remasterizações e a atualização nas artes, especialmente a de *Touched by the Crimson King*, que nunca me deixou feliz. Também estou muito empolgado com as novas músicas. Eu dei uma boa e longa pausa quando fui caminhar nas montanhas por cerca de um mês, antes de começar a compor. Distanciar-me de tudo trouxe um benefício gigante, pois quando retornei as ideias começaram a despencar. Eu trabalhei nos arranjos e comecei a enviar as ideias para Kürsch, para que ele pudesse trabalhar em suas partes. Do meu lado, a maior parte do trabalho está feita. Fizemos as baterias, guitarras, baixos e baterias. Kürsch está trabalhando os vocais. Nós já gravamos alguns vocais com um coral erudito holandês e no meio disso tudo tem os ensaios para turnê. Serão cerca de quinze festivais europeus e mais quinze datas nos EUA. O disco deve estar concluído logo após isso. Estamos mirando para um lançamento entre janeiro e fevereiro de 2020.

É possível fazer uma comparação entre o processo deste disco com os dois anteriores?

Hansi: Parece muito natural continuar de onde paramos há 15 anos. Eu não diria que parece ter passado tanto tempo quando se percebe o quão fácil foi fazer essas músicas. Claro que esses anos todos são uma realidade e nós amadurecemos, então as músicas falam uma língua completamente diferente. Acho que isso é uma vantagem para as composições porque... Eu acho que o primeiro e o segundo álbum não soam diferentes. Se naquela época nós tivéssemos continuado, depois de uns quatro anos de pausa (entre discos), o terceiro poderia ter mais similaridades com relação às composições e habilidades que tínhamos na época. Já hoje, havendo 15 anos entre eles, nós temos dois personagens completamente diferentes. Se eu olhar para mim e tentar imaginar quem era em 2005, essa pessoa não tem nada a ver com como eu sou agora. Acho que isso é mostrado nas novas composições. Será uma era completamente nova, mas, como de costume, as raízes não podem ser renegadas. Ainda é o jeito Schaffer de arranjar as músicas e o meu jeito de contar musicalmente uma história. É a paixão, a intenção que tento colocar em todas as músicas. Será diferente, mas todos dirão que se trata do D&W.

Por que remasterizar os dois primeiros álbuns ao invés de focar no inédito? É por conta do lançamento em vinil ou há alguma outra razão?

Jon: Esta foi a maior razão. Finalmente estamos lançando em vinil ao invés de picture disc (N.R.: disco de vinil com imagens em sua superfície), que era o único formato disponível. Ele tinha que ser remasterizado para sair em vinil e, com isso, decidimos fazer tudo. Claro que houve um

benefício, o primeiro disco tem 20 anos e o segundo quase 15 anos. Certamente ajuda e, em algum momento do futuro, quero fazer uma remixagem deles.

Pelo que entendi, haverá uma pausa nas gravações para que a turnê aconteça. Vocês acham que fazer isso pode influenciar, de alguma forma, o resultado final do álbum?

Jon: Eu não acho que tenha um grande efeito. Eu diria que haveria um efeito negativo em mim se fosse uma questão de composição e arranjo, mas como já fiz tudo isso, tudo bem. A situação cria um pouco de estresse para Kürsch, porque ele tem que trabalhar nas músicas antigas, mas sinto que a coisa está organizada de um jeito que conseguimos gerenciar e finalizar tudo. O fato é que a mágica acontece durante o processo de composição. Uma vez que isto está feito, a performance das partes apenas deve ser executada.

Hansi: Neste momento eu diria que esta não é a solução perfeita. Eu estava determinado a terminar o disco antes da turnê, mas por várias razões também relacionadas ao Blind Guardian, não foi possível. Estive na mesma situação quando fizemos *At the Edge of Time* (Blind Guardian, 2010). As preparações para gravação e turnê são um pouco diferentes. Se eu sobreviver à turnê e descansar o suficiente, claro que a energia para o estúdio pode ser beneficiada, porque haverá um pouco mais de agressividade. Por outro lado, sempre há o risco de exagerar nas coisas e eu soar mais áspero do que quero. Teremos que ver. No pior dos cenários eu terei que finalizar o disco antes das mixagens em setembro, o que não é um problema. Temos tempo. A coisa mais importante é que temos que dedicar tudo aos shows e à música – ambas requerem o mesmo tanto de atenção!

Foi mencionada a presença de um coral no álbum. Além dos corais, podemos esperar por orquestrações gravadas?

Jon: Não há muita orquestração neste disco. Tem uma música com alguns elementos, mas nela trazemos o coral. Qualquer orquestração presente já foi programada. O disco está matador, ele é muito legal, com uma variedade de atmosferas. Tem metal, classic rock e até mesmo coisas progressivas. Ele é definitivamente diferente dos dois primeiros discos, mas é totalmente Kürsch e eu.

Os músicos que gravaram o disco são os mesmos que acompanharão a banda?

Hansi: Alguns sim, outros não. O D&W se resume a Schaffer e eu. Qualquer músico talentoso tem a chance de fazer parte por um tempo. É claro que contamos com os nossos amigos, nas pessoas que são muito próximas de nós.

DEMONS & WIZARDS

TOUCHED BY THE CRIMSON KING

Para a turnê atual, podemos esperar por novas músicas sendo tocadas ao vivo?

Jon: Sim, mas não mais do que uma.

Como está sendo o processo de reaprendizado do material, especialmente considerando o fato de nunca terem feito a turnê de divulgação de *Touched by the Crimson King*?

Jon: Você está certo. Eu não toco aquelas músicas desde que elas foram gravadas. Deu um bom trabalho reaprender o material. Eu não lembro metade das músicas do último disco do Iced Earth, imagine de algo que fiz há 20 anos. Eu não sento e escuto as minhas músicas com frequência. Faço isso quando estamos trabalhando num álbum, quando vamos para a mixagem e masterização, mas quando a missão está completa você segue em frente e esquece daquilo. Parte dos ensaios será descobrir como serão executadas as partes com os músicos que temos agora.

Hansi: Eu estava tão envolvido nas novas composições e em terminar o disco orquestrado do Blind Guardian (N.R.: *Legacy of the Dark Lands*) que o tempo para me colocar em forma para a turnê tem sido bastante limitado. Preparei-me muito para as partes com os corais porque elas demandam toda a minha atenção. O que posso dizer é que um processo que demanda muito porque estou mais velho e o meu estilo de cantar mudou.

Explique melhor essa mudança no estilo de cantar.

Hansi: Bom, eu me tornei mais maduro e profissional. Deixe-me ver como posso explicar isso... Se houvesse um muro e um portão fechado, eu corria contra esse muro dez vezes e o pulava, sem ver o portão (risos). Eu só queria sair. Com a energia da juventude, eu acho que, às vezes, você não enxerga o óbvio. Hoje, observo o muro até encontrar a porta. É um desenvolvimento pessoal que influencia na minha performance vocal. Hoje faço aquilo que fiz no passado de um jeito muito melhor. Quando se canta, você emprega diferentes técnicas que podem estar relacionadas a certas épocas, a inocência, as inspirações, os excessos de confiança... Eu preciso me transportar para esses sentimentos se quiser capturar aquilo que fiz em 1999. É um processo desafiador, que está muito relacionado à exploração.

Quais são as suas melhores memórias do início do D&W?

Jon: O fato de Kürsch e eu descobrirmos que podemos compor juntos provavelmente foi o mais legal, porque já éramos amigos há uns oito anos. Não é porque você tem amizade com alguém que significa que é capaz de compor junto. Descobrimos que tínhamos uma química de composição muito poderosa por acidente, ou destino... Quando isso aconteceu, a primeira música que compusemos foi *My Last Sunrise*. Eu estava na casa de Kürsch – estávamos com muita ressaca –, havia uma guitarra na sala e comecei a tocar, e ele seguiu solfejando uma melodia legal. Nos olhamos e percebemos que aquilo poderia ser legal. Com isso, fomos para o estúdio do Blind Guardian e, em cerca de seis horas, gravamos uma demo. A gente sacou que precisaria fazer algo com aquilo algum dia. Um tempo depois, decidimos fazer um projeto e o resto é história.

Hansi: Havia muita empolgação porque começamos como uma folha em branco. Ficamos surpresos quando descobrimos termos a habilidade de compor de forma que parecia uma conexão espiritual. Isso trouxe um sentimento muito positivo, que nos fez voar através do período do primeiro disco. Ele foi recebido muito bem, conseguimos uma boa gravadora, fizemos alguns bons shows. Tudo brilhava. Aí veio o segundo álbum, mas manter o foco na produção foi muito mais difícil, pois havia muita agitação no mundo e nas nossas vidas. O (ataque de) 11 de setembro e a guerra no Afeganistão haviam acontecido, a indústria musical

Jon Schaffer e Hansi Kürsch: a soma entre Iced Earth e Blind Guardian gerou o Demons & Wizards

teve uma drástica mudança... O porão de Schaffer foi inundado e ele perdeu todo o equipamento. O Blind Guardian teve a sua primeira baixa com a saída de Thomas Stauch (bateria). Além disso, nos tornamos pais. Apesar de tudo isso, acredito termos feito um disco extraordinariamente bom e que, em alguns aspectos, se sobressai ao anterior. Eu fiquei muito orgulhoso, mas logo depois nos ocupamos tanto com as nossas bandas que não havia chance para outra atividade.

Então vocês somem por quinze anos e, de repente, são escalados como headliners em uma das noites do festival Wacken Open Air, o maior festival de metal do mundo. Como?

Hansi: (risos) Eu não esperava por essas apresentações em festivais neste ano. Se há dezoito meses você me dissesse que isso aconteceria, eu diria que seria impossível, que não fazia sentido porque já fazia muito tempo que tínhamos parado. Porém, assim que anunciamos que estávamos compondo, todos os festivais enlouqueceram e nos fizeram ofertas. Não fomos nós que pedimos (risos). Eu fiquei surpreso. Estou impressionado com o tamanho da empolgação e atenção com o D&W depois de tantos anos. Claro que sei que temos um bom público, sem dúvidas temos os nossos fãs, mas não esperava estar nessa posição. Honestamente acho que merecemos, mas não esperava por isso (risos).

O Brasil está no radar das turnês?

Jon: Provavelmente, começaremos a planejar 2020 por volta de setembro ou outubro.

Hansi: Tem uma pequena chance de fazermos shows no início de 2020, mas isso não foi decidido. Queremos manter o foco no álbum e nas apresentações que faremos no verão e depois decidiremos. Dependerá do tempo, se ele permitir... Talvez a gente lance o álbum e se separe. Porém, eu não acho que o próximo disco do D&W levará mais que três ou quatro anos. Com relação à turnê, teremos que ver. Eu gostaria de ir e fazer alguns shows na América do Sul e seria legal fazer isso no início do ano que vem.

O que faz você ter tanta confiança para dizer que um quarto disco do D&W deve aparecer em três ou quatro anos?

Hansi: Nós temos algumas ideias guardadas e o Blind Guardian não fará uma turnê para o projeto orquestrado – não temos a intenção. Começaremos a produção do disco de metal do Blind Guardian no início de 2020, que já está, em sua maior parte, composto. Quando eu estiver nesse modo de produção, posso ser produtivo com Schaffer novamente. Com isso, nós, possivelmente, podemos continuar compondo ano que vem, mesmo eu estando trabalhando com a minha banda e Schaffer na dele. Não haveria conflito de interesses, porque as coisas podem ser conectadas de forma leve e inteligente. Sei o quão rápidos podemos ser enquanto compositores. Se você gostou dos dois primeiros discos do D&W, ficará muito satisfeito com este terceiro.

Assim como *Touched by the Crimson King* foi parcialmente baseado na série literária "The Dark Tower", o novo disco também trará letras inspiradas em algo similar?

Hansi: Ainda estamos trabalhando, mas o que já foi escrito, de minha parte, é baseado no livro 'His Dark Materials', de Phillip Pullman. Também me influenciei pela série literária 'The Stormlight Archive', de Brandon Sanderson. Ainda estou com dificuldade em saber se há uma música que sirva para o livro 'The Name of the Wind', de Patrick Rothfuss. Tem uma música, que estou convencido de que abrirá o álbum, chamada *Diabolic*, e ela está relacionada à *Heaven Denies* (*Demons and Wizards*). Então, haverá algo sobre a queda de Lúcifer novamente. É claro que, ao falar disso, a inspiração vem de 'Paradise Lost', de John Milton. O resto será decidido, mas há coisas muito legais. Temos uma música que puxa muito para o classic rock da década de 1970. Eu bolei um conceito sobre uma sociedade alternativa, uma progressão alternativa do ser humano e essa música se chamará *The Children of Cain*.

Infelizmente, já estouramos o tempo. Para finalizar, deixe uma mensagem para os fãs brasileiros.

Jon: Amo tocar no Brasil – os fãs são muito apaixonados e incríveis. Estou muito empolgado para que os fãs escutem o novo álbum. Acho que as pessoas definitivamente ficarão muito surpresas. Acredito nisso com todo o meu coração. Estou animado desde o início das composições e acho que temos algo especial aqui. Estou empolgado para que os fãs brasileiros escutem o disco e também para ouvir a reação deles. Espero vê-los numa turnê com o D&W!

ANTHEM

AINDA PERSEGUINDO OS SONHOS

BAIXISTA NAOTO SHIBATA FALA SOBRE A FASE ATUAL DE UM DOS PIONEIROS DO METAL JAPONÊS AO LADO DE LOUDNESS E EARTHSHAKER

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

Já faz quase quarenta anos que o baixista Naoto Shibata criou o Anthem na cidade de Tóquio. De 1980 para cá, já foram quase vinte discos de estúdio, uma parada (de 1992 a 2000) e muita história para contar. Hoje contando com Yukio Morikawa (vocal), Akio Shimizu (guitarra) e Isamu Tamaru (bateria) ao lado de Naoto, o Anthem comemora o fato de finalmente ter conseguido aquilo que toda banda almeja: um contrato com uma major – no caso, a Nuclear Blast. E para estrear na nova casa, os japoneses optaram por regravar alguns de seus principais temas e lançá-las sob o título de *Nucleus*. Nesta entrevista, Naoto Shibata relembra fatos marcantes da longa trajetória da banda, fala sobre o contrato com a nova gravadora e explica por que não considera *Nucleus* uma simples coletânea.

Seu primeiro lançamento pela Nuclear Blast foi uma coletânea. Por que optaram por lançar um álbum reunindo com músicas antigas em vez de gravar um disco de inéditas? E por que decidiram regravar as faixas em vez de usar as gravações originais?

Naoto Shibata: Bem, nós temos uma longa história e naturalmente temos muitas composições e muitos discos (N.R.: são 17 álbuns, sem contar EPs, singles e discos ao vivo). Dentre eles, escolhemos as músicas que melhor representam nosso potencial e acabou ficando uma espécie de 'greatest hits'. E achamos que regravar as músicas era a melhor forma de mostrar esse potencial. Mas quero deixar claro que não estamos renegando nosso passado! (risos) Já tivemos inúmeras formações até hoje e cada uma delas teve sua própria característica e sua originalidade. Só que dessa vez nós escolhemos faixas que representam nosso pensamento atual e que melhor definem o que somos hoje. No fim das contas, eu considero esse disco muito mais como nosso novo trabalho do que uma coletânea. Creio que essa ideia se reflete tanto na seleção do repertório como na própria ordem das músicas.

Foi muito difícil escolher quais músicas entrariam no disco?

Naoto: Nós estamos com esta formação há cinco anos, então demos uma olhada nos repertórios das turnês que fizemos e selecionamos aquelas músicas que melhor representam este nosso momento. Por conta disso, o processo não foi tão desafiador. Mas não deixou de ser complicado escolher apenas treze músicas dentre as mais de trinta que selecionamos inicialmente! Fizemos incontáveis reuniões entre os músicos para decidir o repertório final, mas, no fim das contas, tudo deu certo.

Vocês tiveram que relembrar algumas das músicas para poderem regravá-las?

Naoto: Desde o início desse projeto, nós decidimos que não mudaríamos os arranjos das músicas. Os demais músicos trabalharam tendo em mente as gravações originais, mas mantendo suas próprias características pessoais. No meu caso em especial, eu não costumo planejar uma gravação. Então, não me preocupei em relembrar ou reaprender as músicas. O mais importante para mim é sentir o momento, seja em shows ou gravações.

No fim das contas, *Nucleus* acabou ficando um disco bastante variado em termos de estilo – há até um blues nele, *Ghost in the Flame*. Como você definiria o estilo do Anthem, principalmente levando em conta que isso é algo que se desenvolve com o tempo?

Naoto: Em minha opinião, o heavy metal envolve diferentes essências da música. Isso envolve a forma como ela é tocada, a maneira como é arranjada e até as mudanças que sofre no modo como é cantada com o passar dos anos. Para mim, o Anthem toca heavy metal. E isso abrange músicas rápidas, outras mais lentas, temas mais alegres ou mais melancólicos... Cada música tem sua própria essência e sua própria mensagem e não dá para dizer que tenha apenas uma direção ou que possa ser interpretada

Após Engraved (2017), Isamu Tamaru, Yukio Morikawa, Akio Shimizu e Naoto Shibata promovem Nucleus, álbum com regravações de seus clássicos

somente de uma maneira. O Anthem desenvolveu um estilo único e uma forma própria de se expressar dependendo de cada formação que teve. Porém, todas são o Anthem. A base nunca muda!

No ano passado vocês assinaram com a Nuclear Blast. Você acredita que agora finalmente o Anthem vai se tornar grande nos Estados Unidos e na Europa?

Naoto: Eu nunca me preocupo com o que o future nos reserva. Deus sabe! Claro que eu ficarei muito feliz se os fãs de rock nos Estados Unidos e na Europa tiverem a oportunidade de ouvir nosso disco – eu adoro quando fãs de todas as partes do mundo conhecem nossa música! E eu vou adorar se tiver oportunidade de tocar para eles. E acredito que isso seja possível caso curtam o disco.

Vocês pretendem sair em turnê mundial para divulgar esse lançamento? Há chance de vocês virem ao Brasil?

Naoto: Eu adoraria, mas acho um pouco cedo para pensarmos numa turnê mundial (risos). Por enquanto, participamos do festival Keep it True, na Alemanha, e fizemos alguns shows no Japão. Mas seria sensacional se pudéssemos tocar no Brasil. Estamos sempre abertos a propostas!

O Anthem teve ao longo dos anos muitas mudanças na formação. A que você acha que isso se deve?

Naoto: Ah, foi porque eu quis mudar! (risos) Não, estou brincando... Afinal, estou sempre satisfeito com o time que está fazendo parte da banda. Faz um tempo que nós quatro estamos juntos, nós nos respeitamos e estamos satisfeitos por estarmos em atividade e com o que temos produzido. Eu tenho a sensação de que finalmente poderemos levar nossa música para o mundo todo.

Vocês trabalharam com Graham Bonnet no álbum *Heavy Metal Anthem* (2000). Como foi essa experiência?

Naoto: Graham é meu ídolo! Até hoje eu ouço *Down to Earth* (disco que gravou com o Rainbow em 1981), *Assault Attack* (com o Michael Schenker Group, 1982) e *Disturbing the Peace* (com Alcatrazz, 1985). Foi incrível quando ele gravou músicas que eu escrevi e a tour pelo Japão foi uma experiência incrível. Além disso, foi a presença dele que motivou o retorno do Anthem, que estava parado desde 1992. Então, tudo isso é muito marcante pra mim.

O Anthem já tem três gerações de fãs. Quem acompanha a banda atualmente?

Naoto: Sim, é verdade... Há fãs que vão aos nossos shows com os filhos ou até mesmo com os netos. Mas eu percebo que o número de fãs mais jovens vem crescendo. Parece que a nova geração não tem qualquer tipo de resistência contra as bandas de metal mais tradicional, como o Anthem. É um fenômeno interessante e que me honra muito.

Além do Japão, onde o Anthem é mais popular?

Naoto: Eu não saberia lhe responder isso... Nosso foco sempre foi o Japão. Mas creio que gente de outros lugares nos acompanhem através das redes sociais e do YouTube.

NUCLEUS
NUCLEAR BLAST · IMP

Mas você recebe muitas mensagens de fãs do Brasil?

Naoto: Sim, e eu fico muito feliz com isso! A maioria das mensagens é do tipo: 'Quando vocês vêm tocar no Brasil?' É por isso que eu adoraria algum dia fazer uma tour pela América do Sul!

O Anthem surgiu em 1980, mais ou menos na mesma época e que o heavy metal começou aqui no Brasil. Foram tempos bem complicados para aos músicos, já que todos eram completamente inexperientes. Como foi essa época no Japão?

Naoto: No Japão os anos 80 foram muito bons para o heavy metal. E foi aí que o Anthem surgiu, como você comentou. Só que nos anos 90 as coisas mudaram e o mainstream deixou o metal de lado. Foi aí que nós inclusive nos separamos. Foi o momento mais difícil para nós. Bom, na verdade nunca é fácil em momento algum pra quem faz rock... Mas o que importa é que, independentemente do que aconteça, o melhor é acreditar na música que você ama e continuar criando.

Dentre tantos discos que vocês lançaram, qual o seu favorito e por quê?

Naoto: Ah, não me faça perguntas difíceis! O Anthem tem uma cara diferente a cada disco que grava. Então, fica muito difícil responder essa pergunta. Mas eu acho que o mais novo sempre mostra o melhor da banda. Então, o meu favorito é *Nucleus*.

Quais eram seus sonhos e planos quando você começou a banda, mais de trinta anos atrás? E quais seus sonhos e planos hoje em relação ao Anthem?

Naoto: Eu sempre quis propagar minhas experiências através da música que eu crio. Eu ficava extremamente feliz cada vez que pensava que nossa música poderia influenciar músicos mais jovens e dar vida a novas músicas. Ainda penso o mesmo hoje. É incrível saber que nosso trabalho pode alcançar as pessoas e fazê-las felizes.

S · O · T · O

METAL EM NOVA FORMA

COM NOVO ÁLBUM NA PRAÇA, JEFF SCOTT SOTO FALA DO PAPEL DO SOTO EM SUA CARREIRA RECHEADA DE GRANDES BANDAS E DISCOS EM 35 ANOS DE HISTÓRIA

POR DANIEL DUTRA

Grupo Único

A morte do baixista David Z no dia 14 de julho de 2017 abalou as estruturas do SOTO, mas não significou o fim da banda de Jeff Scott Soto (vocal) ao lado de Jorge Salan (guitarra), BJ (teclados e guitarra) e Edu Cominato (bateria). O trágico acidente envolvendo o micro-ônibus onde os integrantes do Adrenaline Mob – grupo no qual David estava tocando durante o recesso do SOTO – foi um duro golpe, como lembra o vocalista em entrevista para a ROADIE CREW. E num bate-papo franco, Soto falou da recuperação até o lançamento do terceiro disco da banda – agora com o velho conhecido Tony Dickinson no baixo – e de como o ótimo *Origami* segue a linha de música para muito além dos fãs tradicionais.

Lembro-me de você dizer que o SOTO não lançaria mais álbuns, apenas singles. Foi na época em que saiu o videoclipe de *Give in to Me*, versão para a canção do Michael Jackson. O que o fez mudar de ideia?

Jeff Scott Soto: Quando voltamos a trabalhar no SOTO depois de perdermos David Z, o caminho que iríamos seguir seria independente, porque é como muitas bandas vêm fazendo hoje em dia. Os lançamentos seriam por nossa conta, até porque não fomos bem-sucedidos com a nossa gravadora anterior (N.R.: earMusic), então pensei que era necessário fazer diferente. Acontece que o Sons of Apollo mudou absolutamente tudo, porque eu tinha um novo grupo e um selo (N.R.: InsideOut Music) que demonstrou interesse em continuar trabalhando comigo em outros projetos. Quando ofereceram um contrato para lançar um novo disco do SOTO, que estaria debaixo do mesmo guarda-chuva do Sons of Apollo, não pude recusar. Eu sabia que seria melhor para nós, porque era a oportunidade de levar nossa música para um número maior de pessoas, afinal, a InsideOut Music e a Century Media são duas das gravadoras mais fortes do estilo atualmente (N.R.: os dois selos fizeram uma parceria em 2009, e hoje a Century Media faz parte da Sony Music, que a comprou em 2015).

Passou pela sua cabeça acabar definitivamente com a banda depois da morte do David Z?

Jeff: Por um breve momento, sim. No entanto, o SOTO é maior do que qualquer um de seus integrantes, inclusive eu, apesar de o grupo levar o meu nome. Musicalmente, nós somos uma banda, tudo que fizemos até agora foi feito coletivamente. O único fator importante de eu fazer parte da banda é ela levar o meu nome, porque esses caras me ajudaram a criar o som e quiseram seguir em frente tanto quanto eu. A perda do David foi realmente muito grande, e tivemos de encontrar alguém capaz de ocupar o seu lugar e de nos fazer sentir que poderia ajudar a banda a crescer, então a morte do David não nos fez pensar em desistir. Pelo contrário, nos sentimos mais fortes para tornar a banda a maior possível porque temos de honrar o David. Ele é e sempre será uma parte do SOTO, por isso o novo álbum tem duas músicas que ele gravou. Uma delas, *Detonate*, foi composta pelo David em nossa última excursão, e mantivemos todas as linhas originais de baixo, que ele gravou no fundo do ônibus de turnê, na versão que está no CD. Nós construímos toda a faixa em cima do que o David deixou gravado, porque queremos que a sua família e todos os fãs saibam que ele sempre será parte da banda.

É bom saber que desistir nunca foi realmente uma opção, até porque você havia começado a trabalhar com o Sons of Apollo quando aconteceu aquele trágico acidente...

Jeff: Fui convidado a entrar no Sons of Apollo no fim de 2016, e o interessante é que estava gravando as demos do primeiro disco enquanto o SOTO estava em turnê. David ouviu as demos e foi um dos primeiros a saber como a banda iria soar, então é bom dizer que eu já estava no Sons of Apollo quando perdemos o David. Na verdade, todas as músicas do disco de estreia já estavam gravadas quando aconteceu o acidente, e faltavam duas semanas para eu entrar no estúdio e gravar os vocais para valer. Sabíamos que não haveria atividades para o SOTO em 2017, porque conversamos a respeito e decidimos juntos tirar aquele ano para fazer outras coisas, e esse foi um dos motivos por que David aceitou o convite para se juntar ao Adrenaline Mob. Ele sabia que eu iria me dedicar ao Sons of Apollo, e todos nós precisávamos de um tempo para cuidar de outras coisas. Infelizmente, porque se estivéssemos ocupados com o SOTO e não houvesse o Sons of Apollo, nós muito provavelmente teríamos começado a trabalhar num novo álbum, assim David não teria entrado no Adrenaline Mob e estaria hoje conosco.

ORIGAMI
INSIDEOUT MUSIC

É uma maneira dolorosa de pensar no que poderia ter acontecido, porque é algo que está fora do nosso controle...

Jeff: Eu sei, e na vida há sempre um monte de 'e se fosse desse jeito' ou 'e se fosse daquele jeito', porque ficamos pensando nas circunstâncias. No fim das contas, temos de lidar com o que aconteceu de verdade, e foi incrivelmente triste. Perdemos muito, porque se foi a pessoa, o músico e o amigo. Ainda é triste lembrar que David não está mais aqui, é difícil para todos nós. Nosso primeiro ensaio depois do acidente, em Porto Rico, para o primeiro show sem o David foi emocionalmente muito forte. Especialmente para o BJ, que ficou bastante emotivo, então tivemos que interromper o ensaio. Mas vamos carregar esse sentimento durante muito tempo, e sei que vamos porque David não era apenas o nosso baixista. Ele era nosso irmão.

Eu iria perguntar onde vocês encontraram Tony Dickinson, mas acredito que a questão é muito mais ter achado a pessoa certa não para substituir David Z, mas para fazer parte da banda.

Jeff: Exatamente, porque não buscamos alguém para substituir o David. Prefiro dizer que encontramos alguém para dar continuidade ao trabalho, e Tony foi parte do SOTO no estágio inicial da banda, mas como compositor. Ele compôs *The Fall*, que foi o primeiro single do nosso álbum de estreia, *Inside the Vertigo* (2015), e *Freak Show*, que foi o primeiro single do segundo disco, *DIVAK* (2016), então dá para dizer que ele está conosco desde o começo e também ajudou a criar o som da banda. Quando começamos a conversar sobre o que faríamos nesta segunda etapa do SOTO, Tony foi o primeiro nome que coloquei na mesa. Disse aos rapazes: 'Não há o que pensar, porque é uma decisão óbvia. Tony já é parte do som e da história do SOTO, e acredito que será muito importante para nós como baixista, músico e produtor', e todos concordaram 100%. Em momento algum cogitamos outra pessoa, sempre foi o Tony, que aceitou imediatamente assim que o convidei. Foi natural pensar que precisávamos dele na banda.

Falamos da sonoridade do SOTO, e *Origami* mostra não apenas que a banda se manteve fiel a ela, mas que continua experimentando. *HyperMania*, por exemplo, tem um começo que pode enfartar alguns fãs (risos).

Jeff: Entendi exatamente o que você quis dizer (risos), e foi bom ter tocado nesse ponto, porque uma das coisas que eu sempre lembro às pessoas é que o SOTO é uma banda. E é uma que se distancia completa e propositadamente daquilo que conhecem e esperam de mim. Ela não foi pensada para a minha base original de fãs, porque não é melodic rock, não é o tipo de música que eles identificam comigo, então devo dizer que espero atingir uma nova base de fãs, uma que estou tentando construir com o SOTO. Claro, todos aqueles que adoram o que fiz no passado, a música que fiz durante muitos anos, são muito bem-vindos a entrar na festa. Mas a verdade é que estou realmente buscando uma audiência completamente diferente, porque a música é muito diferente. Até por isso eu quero me forçar a outros estilos, a uma faceta da música que eu não preciso necessariamente conhecer ou ter o costume de ouvir. Quando ouvi *HyperMania* pela primeira vez, a primeira coisa que pensei foi que ela estava mais para um My Chemical Romance, e isso é empolgante! É algo novo e revigorante para mim, e eu adoraria que os fãs de bandas como aquela, ou desse tipo de música, escutassem também o SOTO. Meu sentimento sempre foi de que eu deveria construir assim a minha carreira e o meu repertório como artista, em vez de apenas dizer 'bem, esse é o tipo de som pelo qual vocês me conhecem há 20 ou 30 anos, então vou continuar fazendo isso até morrer'. Há muito mais que eu quero fazer musicalmente. Felizmente, os membros do SOTO escutam vários estilos diferentes e assim influenciam e ajudam a moldar o som do grupo, porque qualquer coisa que eu fizer, como cantor e compositor, vai soar como Jeff Scott Soto, não vai soar como um alienígena (risos). Mas eu quero que a música soe diferente e vá a outros lugares, e este é o desenho do SOTO.

Mais cedo você mencionou que nas demos do Sons of Apollo já dava para perceber a direção musical, então gostaria de matar uma curiosidade. Como os discos do SOTO têm o material mais pesado da sua carreira, de alguma forma isso influenciou a banda?

Jeff: Minha única influência está nas melodias e nos vocais. Eu não me envolvi musicalmente, porque sei que os rapazes têm uma visão bem particular de como a banda deve soar. Não tenho o menor problema com isso, não quero chegar para eles e dizer 'vamos tentar isso' ou 'vocês têm de mudar aquilo', tenho 1.000% de respeito pela sonoridade que eles sentem ser a certa para o Sons of Apollo, e eles têm o mesmo respeito por mim quando escrevo as melodias, minhas letras e gravo os vocais. É uma banda incrível e que funciona perfeitamente assim, porque temos enorme respeito uns pelos outros, e é assim que fazemos as coisas acontecerem. A cumplicidade e a química que temos são intocáveis.

Bom, minha curiosidade era porque *Psychotic Symphony* é definitivamente mais pesado do que eu esperava, o que foi uma agradável surpresa.

Jeff: Para mim também! É ótimo ouvir isso, porque fiquei satisfeito com o fato de irmos por um caminho mais pesado, em vez de sermos uma banda típica de progressivo. Sabe, há vários grupos de prog com grandes nomes na formação, assim como os do Sons of Apollo, então foi uma opção acertada fazer um som mais pesado. Além disso, acredito que se encaixa melhor para nós.

Para terminar, você construiu uma discografia impressionante em 35 anos de carreira. São mais de 40 álbuns desde o *Rising Force*, de Yngwie Malmsteen, em 1984, mas se tivesse que escolher cinco para mostra às pessoas 'é isso que eu faço, aqui está a minha voz e a minha música', quais seriam?

Jeff: Definitivamente, escolheria *Psychotic Symphony*, do Sons of Apollo, e o novo álbum do SOTO, *Origami*. Além destes dois, pode colocar o *Humanimal* (1994), do Talisman, e o *Marching Out* (1985), do Yngwie, porque é um disco que representa bem quem eu era quando bem mais novo. Falta um, certo? Deixe-me pensar... Eu provavelmente incluiria meu quarto álbum solo, *Beautiful Mess* (2009). Apesar de não ter sido um sucesso comercial, foi bem-sucedido ao mostrar outro lado musical meu. Todos os discos que mencionei são completamente diferentes uns dos outros. Durante toda a minha vida, sempre quis ser como Queen ou Freddie Mercury, que puderam mostrar várias facetas como músicos e artistas, e essa diversidade fez com que se tornassem artistas tão influentes. Acredito que quem ouvir estes cinco álbuns vai conhecer muitas fases diferentes do artista Jeff Scott Soto.

Jorge Salan, Tony Dickinson, Jeff Scott Soto, BJ e Edu Cominato: metal pesado e moderno para ouvidos diversos

Grupo Único

Durante toda a minha vida, sempre quis ser como Queen ou Freddie Mercury, que puderam mostrar várias facetas como músicos e artistas.

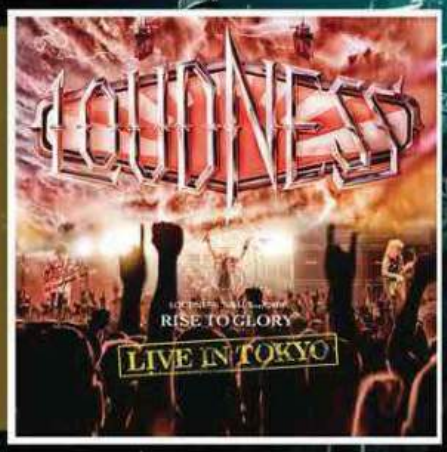
SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

CD DUPLO

2CDS + 1 DVD LIMITADO EM 500 UNIDADES



LOUDNESS

RISE TO GLORY LIVE IN TOKYO

A maior banda de heavy metal do Japão desde 1981! Agora ao vivo no METAL WEEKEND em Tóquio tocando seus maiores clássicos!

LOUDNESS

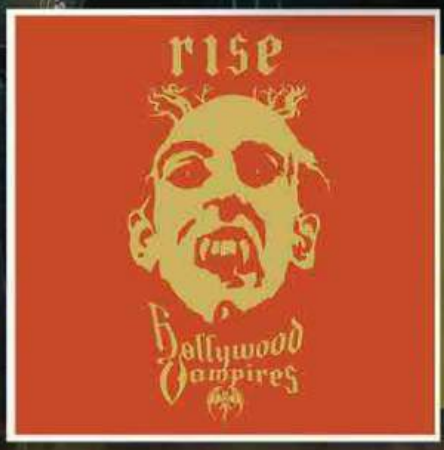
RISE TO GLORY

É o 1º álbum do Loudness em 4 anos e está cheio de agressão, melodia e vibrações positivas. A magia da guitarra de Akira Takasaki está presente! De bônus "Samsara Flight".

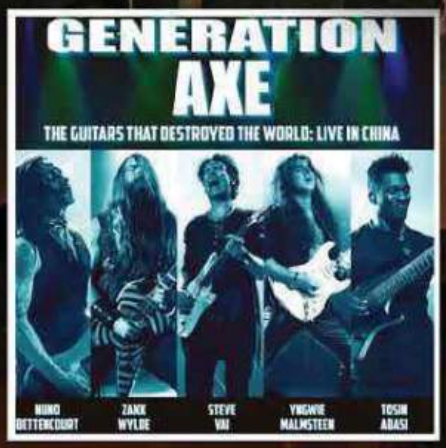
HOLLYWOOD VAMPIRES

RISE

Joe Perry (Aerosmith), o astro de Hollywood Johnny Depp e Alice Cooper unem forças para o segundo e imperdível álbum da carreira, Rise.



VERSÃO DIGIPACK E ACRÍLICO



GENERATION AXE

THE GUITARS THAT DESTROYED THE WORLD: LIVE IN CHINA

A experiência do Generation Axe vai muito além de simplesmente reunir cinco grandes nomes da guitarra É um show ininterrupto com uma banda de apoio e 5 guitarristas completamente talentosos e surpreendentes!

RELANÇAMENTO

DIGIPACK E ACRÍLICO

SAVATAGE - *EDGE OF THORNS*

RELANÇAMENTO

DIGIPACK E ACRÍLICO

SAVATAGE - *HALL OF THE MOUNTAIN KING*

RELANÇAMENTO

GAMMA RAY - *TO THE METAL*

anúncio: www.jduartedesign.com

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

Grupo Único - CLAU.

Burning Rain

Encarando de frente

DOUG ALDRICH FALA DA NOVA FASE E DO NOVO ÁLBUM DO BURNING RAIN, MENINA DOS OLHOS QUE VIRA, DE FATO, SUA PRIORIDADE COM AS FÉRIAS DO DEAD DAISIES

POR DANIEL DUTRA

Depois de três anos intensos com o The Dead Daisies, Doug Aldrich aproveitou o ano sabático do supergrupo para voltar suas atenções à banda que fundou com o vocalista Keith St. John em 1998. Com uma nova cozinha, formada pelo baixista Brad Lang (ex-Y&T) e o baterista Blas Elias (Trans-Siberian Orchestra, ex-Slaughter), o Burning Rain fez de seu quarto disco, o excelente *Face the Music*, um dos melhores lançamentos de 2019. E foi o próprio Aldrich quem explicou o momento que vive numa entrevista que teve de tudo um pouco, e você confere aqui alguns dos melhores momentos do bate-papo com um dos músicos mais gente boa desse tal de rock'n'roll.

O terceiro álbum, *Epic Obsession* (2013), foi feito enquanto você estava no Whitesnake, e *Face the Music*, enquanto você estava ocupado com o The Dead Daisies. Mas houve alguma mudança de fato além da nova cozinha da banda?

Doug Aldrich: Ah, sim! Como passou bastante tempo do segundo disco, *Pleasure to Burn* (2000), até o *Epic Obsession*, nós tínhamos muitas músicas

Keith St. John, Blas Elias, Brad Lang e Doug Aldrich: 2019 e um grande disco para fortalecer o Burning Rain

Grupo Único

para escolher quais usaríamos. Desta vez foi diferente porque fizemos tudo mais rápido, e o processo de composição começou exatamente quando passamos a compartilhar ideias, no início do ano passado. Quando chegou o verão (N.R.: No Hemisfério Norte, entre junho e setembro), decidimos finalmente começar a trabalhar no novo álbum, porque estávamos realmente satisfeitos com o material que tínhamos em mãos. E com as férias do Dead Daisies em 2019, tudo se encaixou perfeitamente, porque poderíamos lançar o disco e promovê-lo de verdade, o que não consegui com *Epic Obsession*. Foi impossível fazer isso enquanto estava no Whitesnake, porque eu estava sempre entrando em turnê. Agora, no entanto, eu e Keith estamos com uma nova seção rítmica, como você lembrou, e já temos algumas coisas agendas. Faremos o show de lançamento no dia 29 deste mês, em Las Vegas (N.R.: a entrevista aconteceu no dia 12 de março), e depois faremos alguns shows acústicos na Europa em abril, quando também nos apresentaremos no Frontiers Rock Festival (N.R.: que rolou em 11 de abril). Já estamos vendo alguns shows nos Estados Unidos, temos proposta do Japão e voltaremos à Europa para uma turnê completa no fim do ano, porque é lá que se encontra a maioria dos nossos fãs, mas antes eu adoraria levar o Burning Rain para a América do Sul! Sei que temos fãs no Brasil, no Chile e na Argentina, por exemplo, então acredito que isso seja possível em algum momento.

Você mencionou que o Dead Daisies resolveu dar uma parada em 2019, e eu iria mesmo perguntar sobre como seria a divulgação do *Face the Music*, porque a banda vinha sem parar desde o lançamento do *Make Some Noise* (2016), exatamente o seu disco de estreia. Ou seja, dá para dizer que todos precisavam de um tempo para cuidar de outras coisas, certo?

Doug: Sim, e o ano passado foi ainda mais intenso, então precisávamos nos esconder dos fãs para que eles comecem a sentir saudades da banda (risos). Claro, sempre haverá lugares onde não tocamos, e eu adoraria ter levado a turnê do *Burn it Down* (2018) para a América do Sul, porque deveríamos ter tocado no Brasil, mas a pausa era realmente necessária. Nós apenas conversamos e decidimos que era o certo a fazer.

Voltando ao Burning Rain, eu perguntei da banda quando o entrevistei ano passado exatamente sobre o Dead Daisies, e você adiantou que Brad Lang e Blas Elias eram os novos integrantes. Mas como você chegou até eles?

Doug: Conheci Blas em Las Vegas, onde eu fiquei um breve período tocando no espetáculo Raiding the Rock Vault, e ele é um grande cara. Conversamos sobre fazermos algo juntos, e Blas se mostrou empolgado com a possibilidade, então pensei nele quando precisei de um baterista. Brad, por sua vez, passou um bom tempo no Y&T (N.R.: de 2010 a 2016, quando se afastou da banda para tratar do vício em álcool), e eu sabia que também acrescentaria muito à banda. Tecnicamente, a performance deles no disco é maravilhosa, mas o mais importante é que os dois estão felizes por fazer parte do Burning Rain, o que nos deixou com a certeza de que fizemos as escolhas certas. Eu e Keith precisávamos de músicos comprometidos, que estivessem disponíveis e dispostos a sair em turnê.

Seria essa a razão por que Sean McNabb (Lynch Mob) e Matt Starr (Ace Frehley e Mr. Big) não continuaram na banda?

Doug: Sim, porque Sean sempre esteve envolvido com vários projetos ao mesmo tempo, e Matt entrou no Mr. Big tempos depois do *Epic Obsession*, sendo que ele também já era um cara bastante ocupado. Quando resolvemos trabalhar no quarto álbum, decidimos que precisávamos de novos integrantes, mas integrantes com os quais fosse trabalhar, e isso significa querer fazer parte do Burning Rain e promover a banda o máximo possível, como eu e Keith fazemos, uma vez que também temos outros compromissos.

De qualquer maneira, já é muito claro para qualquer um que você e o Keith são o Burning Rain.

Doug: É verdade, mas eu sempre quis que fosse uma banda, no sentido de coletividade, sabe? Isso aconteceu em alguns momentos, mas o Burning Rain

Grupo Único

é centrado em mim e no Keith porque somos nós que estamos sempre juntos, mesmo que nos curtos intervalos de tempo em que a banda está na ativa. Nós dois somos a constante, mas agora estou buscando esse espírito coletivo, tanto que hoje eu tenho apenas dois focos: o Burning Rain e o Dead Daisies. É claro que farei coisas diferentes aqui e ali, eventualmente algumas sessões com outros artistas, mas são essas duas bandas a minha prioridade.

A propósito, você trabalhou com Ronnie James Dio, David Coverdale e Glenn Hughes, três dos maiores vocalistas da história, e está em bandas com dois caras que merecem muito mais reconhecimento do que têm: John Corabi e Keith St. John.

Doug: Sabe o que acabei de lembrar? Como sou sortudo por ter trabalhado ou estar trabalhando com todos eles (risos). Ronnie dispensa apresentações, porque sempre será o mestre do heavy metal; David é o derradeiro cara 'cool', com uma presença maior que a vida; e Glenn é outro gigante, porque sua voz é inacreditável. Ele canta como se ainda tivesse 21 anos de idade! John tem uma voz diferente de todos eles, mas é à prova de balas! Vou lhe contar uma coisa: ninguém tem uma voz mais forte que a de John Corabi. Ninguém! O Dead Daisies fez mais de cem shows ano passado, mas se levarmos em consideração o set acústico que tocávamos antes, foram mais de 200 apresentações, e ele não demonstrou cansaço em momento algum. Simplesmente incrível! E John é um sujeito divertidíssimo, o que me faz gostar ainda mais de trabalhar com ele, sem dúvida alguma um cara que merece muito mais crédito. Você está certíssimo! E o que dizer do Keith? Esse cara é uma estrela (risos). Finalmente todos terão oportunidade de vê-lo em ação com o Burning Rain, porque ao longo dos anos nós fizemos apenas shows esporádicos. O fato de estarmos fazendo da banda uma prioridade desta vez, programando turnês, vai ajudar a mostrar seu talento a um número maior de pessoas, e mal posso esperar por isso.

Aliás, não consigo pensar em ninguém melhor do que o Keith para participar da turnê de reunião do Kingdom Come (N.R.: ele entrou na vaga deixada por Lenny Wolf, que não quis participar da volta da banda com sua formação original). Foi a escolha perfeita, não?

Doug: Sem dúvida! Eles estavam procurando por alguém, e Keith sabia exatamente o que fazer, afinal, o Kingdom Come é muito influenciado por Led Zeppelin (risos). Keith ama Robert Plant e, vez ou outra, faz shows com uma banda tributo ao Led, então foi mesmo a escolha perfeita (risos). Mas a verdade é que ele e James Kottak se conhecem há muitos anos, então James o procurou e disse: 'Lenny não está a fim, e eu adoraria se você nos ajudasse nas datas que iremos fazer', e Keith simplesmente respondeu: 'Claro que sim. Vamos lá'. Sei que eles não têm grandes planos além disso, mas o que estão fazendo é realmente muito legal.

Bom, já que estamos falando de Burning Rain, aqui vai uma que sempre quis perguntar: é impressão minha ou você revisitou o incrível riff de *Shot Down*, do primeiro álbum (N.R.: *Burning Rain*, de 1999), em *Love Will Set You Free*, que compôs com Coverdale em *Forevermore* (2011), do Whitesnake?

Doug: (rindo) Eu não havia pensando nisso até agora (risos), mas é que eu adoro esses riffs de guitarra em sétima menor. Dá para perceber similaridades entre os riffs de *Good to Be Bad* e *Love Will Set You Free*, que compus para o Whitesnake, e os de *Shot Down* e *Smooth Locomotion*, que também está no primeiro disco do Burning Rain. Você pode perceber esse padrão também em algumas músicas do *Face the Music*, como *Revolution*. Talvez eu tenha lhe contado isso antes, mas fiz *Love Will Set You Free* porque nunca tocamos *Good to Be Bad* ao vivo, apesar de ela ter sido ensaiada uma vez numa passagem de som. Pensei comigo mesmo: 'Por que não a colocamos no set? Talvez porque o tom seja alto demais para cantar'. Eu não queria forçar o David a cantá-la, obviamente, então compus uma canção nova com aquela progressão de acordes, e é uma progressão parecida com a dos riffs de um clássico do Whitesnake, *Fool for Your Loving*, e de *Lock Up Your Daughters*, do Slade. Acabei compondo *Love Will Set You Free* por isso, mas a gravamos em lá e a tocávamos ao vivo em sol, uma vez que ela foi o primeiro single de *Forevermore*, então tinha de estar no repertório dos shows. Ou seja, você tem razão em relação a *Shot Down*, mas eu acrescento que *Smooth Locomotion* é a original. Foi ela quem começou tudo (risos).

FACE THE MUSIC
FRONTIERS · IMP

Você não havia me contado essa história (risos), mas pelos menos teve a chance de tocar *Good to Be Bad* ao vivo com Glenn Hughes.

Doug: (rindo) Sim! E foi parte do acordo que fizemos quando ele disse 'Doug, eu quero fazer essa turnê e preciso de alguém capaz de tocar qualquer coisa da minha carreira' (risos). O guitarrista que o acompanhava não estava disponível, e a preocupação do Glenn é que não haveria tecladista, então ele queria um guitarrista que se destacasse. Eu apenas respondi: 'Estou pronto, então vamos nessa! Mas dá para incluirmos alguma música da minha fase no Whitesnake, especialmente uma que nunca tenha sido tocada ao vivo?', e ele topou na hora. Arrisco dizer que você estava no show que fizemos no Rio de Janeiro, certo? (N.R.: em 2015)

Na verdade, não, porque eu estava em Buenos Aires com a minha esposa, comemorando aniversário de casamento. Por isso, assisti ao show que vocês fizeram em Palermo.

Doug: Uau! Sério? Isso é sensacional! Sua esposa gostou?

Sim, e ainda bem, porque o show foi exatamente no dia do aniversário de casamento (risos). E a química entre vocês era incrível que fiquei particularmente empolgado com a possibilidade de os dois comporem e gravarem um álbum juntos.

Doug: E isso seria realmente legal, e talvez um dia ainda aconteça, mas no fim daquele ano o Glenn entrou no Rock and Roll Hall of Fame com o Deep Purple, e nós ficamos felizes e empolgado por ele... Bom, nós tínhamos uma turnê agendada para março de 2016, mas Glenn a cancelou para remarcar as datas mais para frente, só que eu não poderia acompanhá-lo porque tinha compromisso com o Dead Daisies. Na verdade, eu já havia mexido na minha agenda com a banda para poder fazer aqueles shows, então aquela mudança me fez pensar que não era para acontecer. Além disso, Glenn estava entrando no Rock and Roll Hall of Fame e não precisava de um guitarrista para roubar os holofotes, e não seria eu quem faria isso. O momento deveria ser único e exclusivo, mas num futuro próximo eu adoraria compor e gravar com ele. Glenn é meu irmão, e eu o amo.

KRYOUR

Grupo Único

NOVO ÁLBUM "WHERE TREASURES ARE NOTHING"
JÁ A VENDA E DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS DE STREAMING

Spotify DEEZER iTunes Google play

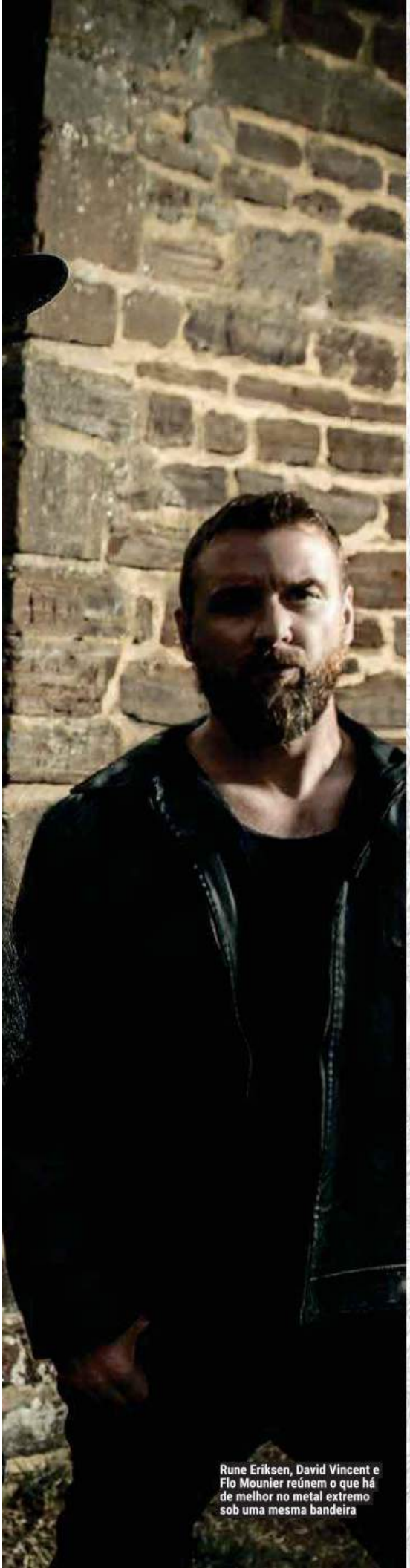
kryour.com | kryour.lojavirtualnuvem.com.br

Grupo Único

UM NOVO MAL FOI DESPERTADO

EM SEU PRIMEIRO ÁLBUM, *SOMETHING WICKED MARCHES IN*, VLTIMAS ATUALIZA O CONCEITO DE SUPERBANDA

POR VALTEMIR AMLER



Rune Eriksen, David Vincent e Flo Mounier reúnem o que há de melhor no metal extremo sob uma mesma bandeira

O Vltimas reúne o talento de três músicos consagrados do metal extremo: Rune 'Blasphemer' Eriksen (guitarra, Aura Noir, ex-Mayhem), Flo Mounier (bateria, Cryptopsy) e o lendário David Vincent, que fez história nos álbuns clássicos do início da jornada do Morbid Angel e hoje atua em bandas que vão, com a mesma naturalidade, do death metal ao country, no vocal e baixo. O primeiro fruto dessa união é *Something Wicked Marches In*, que chegou arrancando elogios da crítica e do público, e garantindo ao guitarrista e ao vocalista uma espécie de 'redenção' diante dos fãs mais radicais. Sim, Blasphemer tem em seu currículo o questionado *Grand Declaration of War* (Mayhem, 2000) e Vincent tem *Illud Divinum Insanus* (2011), o disco do Morbid Angel que quase ninguém gostaria de ter ouvido. Se, por um lado, o primeiro trabalho do Vltimas soa como a mistura atualizada e corrigida dos dois álbuns citados, Vincent nos garante que a intenção era apenas criar ótima música, livre de amarras e de rótulos predefinidos.

Essa é uma maneira um tanto clichê para começar a entrevista, mas até por conta dos envolvidos, existe uma grande curiosidade para saber como o Vltimas foi formado.

David Vincent: A coisa toda começou com Rune (N.R: Eriksen, também conhecido como 'Blasphemer' e mundialmente famoso como guitarrista do Aura Noir e por sua passagem pelo Mayhem). Ele foi o grande responsável pelo nascimento da banda. Bem, ele convidou o Flo Mounier (N.R: bateria, Cryptopsy), e, então, um dia ele me ligou e perguntou o que eu estava fazendo, e se tinha interesse em entrar em um novo projeto com ele. O que eu poderia dizer? É claro que podia e, então, aqui estamos.

Pelo que diz, você foi a última peça do quebra-cabeças na banda.

David: Isso. Bem, Rune e Flo já se conheciam há vários anos, eu acho que eles até já trabalharam juntos (N.R: ambos integraram a banda de death metal Nader Sadek, de 2011 a 2015, que também contou com os vocalistas Steve Tucker, do Morbid Angel, e Travis Ryan, do Cattle Decapitation). Eu conhecia Rune há muito tempo, mas nunca tinha encontrado Flo, embora já tivéssemos trocado mensagens. Rune fez a ponte, ele me ligou e, entre outras coisas, disse que 'um dia deveríamos trabalhar em algumas músicas juntos'. Na hora eu respondi: 'que tal hoje?'. Na hora ele topou, e era isso que eu queria.

Sendo assim, imagino que ele já tinha algumas músicas para o Vltimas antes de chamar vocês, certo?

David: Sim, com certeza. Quer dizer, ele não tinha músicas finalizadas, totalmente prontas, mas tinha trechos e partes, um conjunto de riffs que funcionavam como uma espinha dorsal para algumas canções. Então, nós começamos a trabalhar nas músicas e, ao todo, demoramos cerca de um ano e meio para finalizá-las. Esse tempo tem a ver com o fato de que nós não podíamos realmente ficar juntos por muito tempo, pois cada um de nós estava envolvido com outras bandas e precisávamos ficar indo de um lado para o outro para que tudo funcionasse. Eu diria para você que nesse ano e meio nos reunimos quatro vezes na minha casa, no Texas. Então, foi menos demorado do que parece, nos encontramos quatro vezes e estávamos prontos para gravar.

Além de todos estarem envolvidos em bandas que excursionam muito, ainda tem o fato de que moram em lugares diferentes. No fim das contas, parece ter sido um processo difícil.

David: Sim, foi mesmo. Um pouco difícil, pois, por outro lado, tinha o fato de que realmente acreditávamos no que estávamos fazendo. Cada vez que começávamos a trabalhar, podíamos sentir que as coisas estavam funcionando e evoluindo. Quando as coisas são assim, a geografia não é um desafio. Se você está realmente envolvido com algo e acredita naquilo, o esforço compensa. E é exatamente isso que sinto hoje!

Nada que alguns voos e boas bebidas não resolva, certo?

David: Com certeza (risos). Sabe, seria mais cômodo se nós tivéssemos apenas sentado diante do computador e compartilhado arquivos pela internet, quem nunca fez isso? Mas, por algum motivo, não é o que nós queríamos. Tudo em *Something Wicked Marches In* foi feito à maneira antiga. Espero que as pessoas possam perceber isso ao ouvir o disco, pois deu um bom trabalho.

Você mencionou que nunca tinha encontrado Flo Mounier antes de trabalharem juntos no Vltimas, então, como foi a sua impressão ao trabalhar com ele pela primeira vez?

David: Bem, para começar, eu gostaria de dizer que ele é um baterista fantástico, um dos melhores, sem dúvida. No começo, veja, a primeira coisa é você acostumar com a presença das pessoas, tornar comum a presença dela no dia a dia. É sempre assim quando trabalhamos com alguém pela primeira vez. Neste caso específico, também tinha a questão de me habituar à maneira que ele toca, na questão de técnica e estilo. E ele é impressionante, pois tem toda aquela velocidade e aquela técnica apurada, mas o que realmente me impressionou é

como ele conseguia inserir sua própria personalidade em um contexto musical tão extremo. Ele tem uma abordagem única e eu ficava olhando aquilo e dizendo: 'Como você fez isso?'. É realmente um baterista impressionante, e foi uma experiência muito interessante.

Acho que ele deve ter ficado com essa mesma impressão, já que a abordagem dele no Vltimas é bem diferente do que ele faz no Cryptopsy, não?

David: Sim, é o que eu também percebi. E isso é uma coisa muito louvável da parte dele. Bem, eu acho que ele não trouxe para *Something Wicked Marches In* muitas coisas que não soariam apropriadas no contexto musical do Cryptopsy. Quer dizer, ele não aceitou se unir à esta banda para sentar atrás da bateria e ser o baterista do Cryptopsy. Desde o primeiro momento ele se mostrou como o baterista do Vltimas e se preocupou que nossa música soasse original.

Isso é um pouco mais difícil no seu caso, como vocalista. Por mais que seja uma banda diferente, é meio automático que os fãs esperem ouvir algo como você fez no Morbid Angel quando veem o seu nome em um disco, certo?

David: Sim, isso acontece sempre. Eu realmente compreendo isso, não é um problema. A questão é que, mesmo assim, sempre há algo que possa ser um pouco transformado, melhorado, ou algo assim. O que quero dizer é que eu nunca acredito ter atingido o meu melhor resultado, pois sempre acho que ele ainda está por vir. É assim que gosto de encarar as coisas para seguir em frente.

Mantém a aura do desafio e, ao mesmo tempo, certo conforto.

David: Isso mesmo! As pessoas sabem o que esperar da minha voz no metal extremo, então eu vou lá e faço aquilo que costumo fazer. E eu acho que funcionou muito bem, combinou com o que estávamos buscando.

No fim, o resultado tem agradado muito as pessoas. Quer dizer, muita gente não sabia o que esperar depois de *Illud Divinum Insanus* (Morbid Angel, 2011) e *Something Wicked Marches In* acabou sendo uma ótima surpresa.

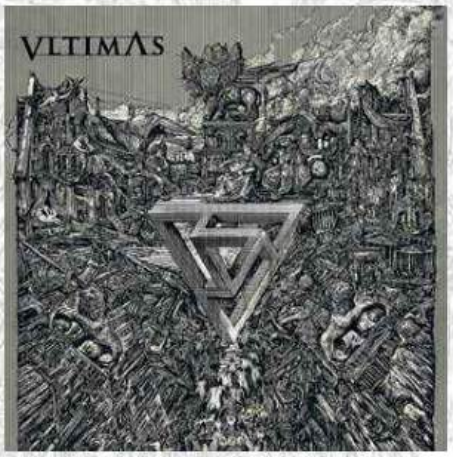
David: Eu entendo o que você quer dizer. Estou ciente do que as pessoas dizem sobre *Illud...* e não tenha dúvida, eu concordo que existem algumas coisas realmente estranhas naquele álbum. Mas eu também acho que existem algumas coisas fantásticas nele. Existem ideias ótimas e ruins, ambas as coisas. Quando você está numa banda, compondo um novo disco, está buscando algo novo e caminha naquela direção da melhor maneira que é possível naquele momento. Então, sim, *Illud...* tem um monte de coisas estranhas, as partes mais 'techno' parecem não ter agradado as pessoas, mas era o material que tínhamos e nos dedicamos a fazer o melhor que podíamos com ele. As pessoas gostam ou não, mas seguimos em frente.

Você diria que *Something Wicked Marches In* tem uma aura de 'redenção', por conta disso?

David: Eu não sei, cara, é difícil dizer. Mas o que posso dizer é que não foi com este pensamento que compusemos, esperando ter esse resultado. Nós simplesmente começamos a compor uma coleção de músicas que soavam bem aos nossos ouvidos, e, novamente, buscamos trabalhar o melhor que podíamos nelas. Quer dizer, criamos as músicas, gravamos e lançamos o álbum, mas é difícil saber o que as pessoas vão pensar delas, pois não está no nosso controle. Depois de criado o álbum, a aceitação é um mundo completamente a parte.

Entendo o que quer dizer. É difícil julgar nesse sentido, até porque é um trabalho de um time diferente.

David: Exato, esse é o ponto. As pessoas acompanham o meu trabalho por anos, então, é como dissemos, elas sabem o que esperar e eu fiz o que costumo fazer. Rune trouxe uma coleção de riffs incríveis para este álbum, e já falamos sobre o talento de Flo e de seu método de trabalho. Todos somos reconhecidos, mas este é outro trabalho. Sabe quando você conhece todos os ingredientes, mas não sabe qual prato será preparado? É uma receita diferente, isso acontece aqui. *Something Wicked Marches In* é resultado desse time. É exatamente como nós três soamos quando nos reunimos em uma sala para tocar. Claro, sempre seremos julgados, mas que seja pelo que fizemos aqui e não pelo que fizemos antes.



SOMETHING WICKED MARCHES
SEASONS OF MIST · IMP

Para você, como vocalista, existe uma diferença entre o que faz com o I Am Morbid e com o Vltimas?

David: Bem, acho que só no sentido de que são músicas diferentes, não muito além disso. Quer dizer, o I Am Morbid é mais como um tributo ou algo assim, e o Vltimas é uma banda, com novas músicas e tudo o mais. Mas a abordagem não é muito diferente, já que sempre estou procurando soar da forma mais adequada para cada música. A verdade é que não penso muito sobre isso, eu apenas sinto. Às vezes, a música pede algo completamente feio, em outras pede algo mais bonito. O vocalista precisa saber o momento certo de cada coisa, e acho que, nesses dois casos, caminhamos mais pelo lado feio (risos).

Falando sobre o 'lado bonito dos vocais', a quantas anda o seu projeto country?

David: Você ouviu sobre ele?

Na verdade, gosto muito de *Drinkin' With The Devil* e *Buyer Beware*, e adoraria ter um álbum desse projeto.

David: Ah, obrigado. Bem, eu sempre ouvi um pouco de música country, mas este não é o meu foco principal, é apenas algo paralelo em que eu gosto de trabalhar às vezes. Acho que faço apenas uns seis shows por ano com este projeto, é realmente algo bem pequeno e restrito. Mas que ótimo saber que gostou. Aliás, talvez tenhamos um álbum. Eu adoraria fazer isso ainda este ano, e, realmente, tenho algumas músicas escritas. É questão de ajustar o tempo, pois estou em turnê com o I Am Morbid (N.R: a entrevista aconteceu antes do início da turnê do Vltimas), e também precisarei descansar um tempo.

Bem, no ano passado a ROADIE CREW elegeu 50 grandes vocalistas do rock, e você estava na lista. O que acha disso?

David: Eu me sinto muito honrado, de verdade. Sabe, eu sempre fui um cara do metal, estive curtindo e me dedicando a este estilo de música desde a minha infância. Praticamente cresci dentro de bandas, e até hoje estou gravando álbuns e fazendo turnês, então, é uma grande coisa. Acho que realmente fizemos algumas coisas bem grandes, tenho certeza que algumas bandas tiveram forte influência daquilo que fizemos com o Morbid Angel. Então, fico muito feliz com o reconhecimento. Muito obrigado!

KAMPFAR
Ofidians Manifest
O novo álbum da lendária banda norueguesa de Black Metal
[edição de luxo]
True Norwegian Black Metal
KAMPFAR
OFIDIANS MANIFEST
Digipack com 6 painéis [500 cópias]
Taake
Próximos lançamentos
Taake
Doedskvad
Taake
Noregs Vaapen
MINDSCRAPE
MUSIC
mindscrapemusic
mindscrapemusic
info@mindscrape.net
www.mindscrape.net

Grupo Único

DISTRO ROCK RECORDS
METAL UNDER STORE
presents
NEW ALBUM
BLEEDING FOR THRASH
BLEEDING FOR THRASH
STAY FASTHRASH!
Grupo Único - CLAU.

Michael Lepond, Michael Pinnella, Michael Romeo, Russell Allen e Jason Rullo: surpreendendo ao vivo pelo mundo

Por nós e para os fãs

MICHAEL ROMEO CELEBRA O FIM DE UM HIATO, TECE COMENTÁRIOS SOBRE O PRÓXIMO DISCO E RELEMBRA O INÍCIO DE TUDO

POR GUILHERME SPIAZZI

O Symphony X é uma dentre poucas bandas de personalidade musical praticamente definida desde a sua formação. Da estreia, com *Symphony X* (1994), e no decorrer de mais oito discos de estúdio, a amalgama entre progressivo, thrash, erudito e trilhas sonoras de filme vem sendo aprimorada para o deleite de fãs que sempre aguardam pelo próximo disco e as turnês dos americanos. Depois de rodar o mundo promovendo *Underworld* (2015), o grupo entrou em estado de hibernação. Isto durou até maio último, quando Russell Allen (vocal), Michael Romeo (guitarra), Michael Lepond (baixo), Jason Rullo (bateria) e Michael Pinnella (teclados) surpreenderam os fãs com o anúncio da "Odyssey to the Underworld Tour", com passagens pela Europa e América do Sul. Conversamos com Romeo acerca deste inesperado retorno e as expectativas com relação ao décimo disco do grupo, além de outros não menos empolgantes temas.

Muita coisa aconteceu desde a última vez que conversamos em 2015 (Ed. #202). O que você enxerga quando olha para os quatro últimos anos?

Michael Romeo: Pois é, depois de *Underworld* nós fizemos algumas turnês, mas, depois disso, Allen teve aquele acidente enquanto estava com a sua outra banda (N.R.: Adrenaline Mob, em 2017) e nós meio que decidimos dar uma pausa. Acho que ele precisava de um tempo para fazer o que era necessário. Durante esse tempo eu trabalhei no meu disco solo (*War of the Worlds Pt1*, 2018) e outras coisas. Neste ano, eu disse para nos reunirmos novamente e trabalhar. Estávamos pensando em fazer um disco, mas não. Era melhor nos reunirmos como banda e tocar. Essa foi a decisão. Tivemos um pequeno hiato, mas como estamos juntos há tanto tempo, às vezes dar um tempo é uma coisa boa.

Você estava com saudades dos palcos e das viagens?

Michael: Dos palcos sim, mas não da imbecilidade dos aeroportos (risos). Acho que todos nós sentimos falta dos palcos. Ter essa pequena pausa foi bom. Eu pude trabalhar em algumas coisas, Allen pôde passar um tempo com a sua família... Sabe que muita coisa passa pela sua cabeça quando algo assim acontece. Durante esse período você sente falta desse tipo de coisa. Foi por isso que nós decidimos que o mais legal para nós seria tocar. Podemos conversar sobre um disco depois.

A "Odyssey to the Underworld Tour" passará pelo Brasil no início de agosto. Quais são as suas expectativas, já que a banda não promove material novo?

Michael: Os fãs brasileiros são fantásticos. Fizemos a primeira parte da turnê na Europa para ver como seria. Já que não temos um disco novo, seria interessante ver como a coisa se desdobraria. Como lá as pessoas estavam felizes e empolgadas, eu acho que os fãs por aí ficarão muito felizes.

Nós também estamos felizes, afinal já faz tempo que não vamos. É definitivamente muito bom estar lá tocando e vendo as pessoas curtindo.

O fato de não terem um disco para promover cria uma situação onde não há nenhum tipo de pressão? Você sente mais liberdade para escolher as músicas do repertório?

Michael: Isso é verdade! Nunca pensei dessa forma, mas você está completamente certo. Quando lançamos um disco, geralmente o repertório da turnê será baseado parcialmente ou completamente nele. Agora temos uma situação diferente, na qual decidimos nos divertir fazendo alguns shows. Estamos tocando um pouco de tudo (da discografia) por pelo menos noventa minutos.

Fazer uma turnê antes de compor o próximo disco pode influenciar, de alguma forma, as ideias?

Michael: Talvez um pouco, porque há aquela empolgação na cabeça que o faz pensar como é que aquela música que você está compondo soará ao vivo. Ainda assim, compor é compor – você tenta trazer algo novo e diferente que as pessoas achem interessante.

Lembro-me que na nossa última entrevista você afirmou que fica cada vez mais difícil fazer algo novo e não se repetir...

Michael: Isso é verdade. Leva tempo... Você pode ir ao estúdio e não compor nada ou criar algo que soa como outra música. Isso pode durar dias. Assim como você pode chegar lá e ter várias ideias legais. Você nunca sabe.

Em 2018, você lançou o seu segundo disco solo, *War of the Worlds Pt 1*, trabalho em que pôde levar a sua música para uma direção um pouco diferente ao explorar diferentes elementos. A experiência proporcionou algo que possa ser aplicado no Symphony X?

Michael: Essa é uma boa pergunta. Eu não saberia até sentar e começar a compor, mas há algumas coisas legais que talvez possamos incorporar. Talvez um pouquinho dos elementos eletrônicos numa música seja legal. O lance é que quando começo a compor apenas deixo as coisas acontecerem.

Convenhamos que misturar elementos eletrônicos com o metal já não é mais uma grande novidade, mas, mesmo assim, parece que todo mundo ficou espantado com isso...

Michael: Pois é... É o tipo de coisa que gosto. Gosto de grandes músicas orquestradas de filmes, um pouco de música eletrônica e dubstep etc. Obviamente que sou do metal, mas é tentando inserir outras coisas que você consegue algo diferente.

Você parece gostar bastante da parte de trilhas sonoras de filmes, não é mesmo?

Michael: Eu amo esse tipo de coisa! É óbvio que sou um grande fã de John Williams e Star Wars. Até mesmo Hans Zimmer e suas grandiosas trilhas. É épico! Você tem que achar um jeito de juntar o metal com essas coisas. Tentar as coisas é o que gosto de fazer quando estou compondo e tenho certeza de já ter tentado coisas que não funcionaram. É uma questão de experimentalismo, de tentar ser criativo. Acho que o tempo e paixão empregados no processo transcendem e as pessoas percebem isso no disco.

Algo que sempre me chamou atenção na sua forma de compor é o fato de você

UNDERWORLD
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

ser capaz de juntar riffs pesados que beiram o thrash metal, com melodia e arranjos que não se resumem a apenas o período romântico ou barroco da música erudita.

Michael: Concordo 100% com você. O material mais antigo do Symphony X era voltado para o barroco e, com o passar do tempo, eu fui ouvindo mais a fase romântica do erudito, além de coisas do Século 20 e trilhas sonoras. As coisas que gosto são fortemente influenciadas pelo período romântico, tipo Star Wars. É cara, você está certíssimo. Tem um pouco dessas coisas que foram mudando com o tempo. O material mais antigo talvez também seja um pouco mais prog. Ainda sou um grande fã de Rush e ELP, mas na época de *Paradise Lost* (2007) eu meio que quis voltar para as minhas raízes. Voltei para o Judas Priest, Metallica e Black Sabbath. Acho que os últimos discos são um pouco mais pesados porque eu meio que retomei o som que cresci ouvindo.

Já falamos bastante de um próximo álbum, mas, afinal, quando você começará a trabalhar nele?

Michael: Ainda não decidimos nada concretamente com relação ao tempo. Queríamos sair para tocar e ver como seriam as coisas. Depois disso eu devo começar a pensar de verdade nisso.

Se optarem por não trabalhar nada inédito com o Symphony X, podemos esperar pela segunda parte de *War of the Worlds*?

Michael: Se o trabalho com o Symphony X for postergado eu posso trabalhar nessa segunda parte. Vamos ver o que acontecerá depois dessa turnê para tomar decisões concretas.

Você está considerando a turnê atual como um termômetro para medir a reação dos fãs?

Michael: Um pouquinho, mas não exatamente. Acho que foi para nós mesmos. Como eu disse, Allen teve o acidente quando estava em turnê e eu tenho certeza de que você começar a se questionar com relação a estar na estrada, num ônibus de turnê... Você nunca sabe o que pode acontecer. Pode haver um pouco de apreensão. Há tantas coisas na equação, mas estamos fazendo isso por nós, para ver como seria voltarmos a tocar juntos e tem sido fantástico.

Acredito que esteja sendo, especialmente pelo fato de vocês estarem juntos há muito tempo. Falando em tempo, faz 25 anos que o grupo estreou com *Symphony X*. Quais são as suas memórias com relação ao processo de formação da banda?

Michael: Faz tanto tempo. Por volta de 1991, eu peguei um pequeno gravador e graveis umas músicas instrumentais voltadas para a guitarra. As enviei para umas revistas de guitarra, amigos e guitarristas com quem tinha contato e, eventualmente, o material chegou ao Japão. Algumas revistas de lá publicaram resenhas positivas e acho que uma gravadora japonesa viu isso, porque eles entraram em contato comigo perguntando se eu tinha uma banda que soasse como aquilo. Eu não tinha, mas disse que tinha, sim (risos). Acho que na época eu tocava com Tom Miller (ex-baixista), um amigo meu conhecia Pinnella e assim eu fui tentando juntar caras e fazer algo. Foi tudo corrido. Olhando hoje, a produção não foi boa. Foi assim que tudo começou.

De lá para cá a sua jornada tem sido construída com ótimos discos. Antes de nos despedirmos, deixe um recado para os fãs brasileiros.

Michael: Acho que todos se divertirão. Vimos muita gente feliz na Europa, então espero vermos ainda mais por aí. Já quero me adiantar e agradecer aos fãs que são sempre ótimos. Mal esperamos para ver todos curtindo uma noite de boa música.

POWERED BY
EDIFIER

EDU FALASCHI

POR RICARDO BATALHA
FOTO PAT PATAH

Grupo Único

IRON MAIDEN

ÁLBUM: PIECE OF MIND (1983)
MÚSICA: QUEST FOR FIRE

"Eu nunca me canso de escutar *Quest For Fire*, do *Piece of Mind*. Esta foi uma das primeiras que ouvi do Maiden e nunca mais parei. A melodia da voz é muito diferente e tem aquele toque operístico que tanto amo no Bruce Dickinson! Isso sem contar a cavalgada tão tradicional do Maiden que, nesse caso, vem numa levada mais lenta. Esse disco é uma verdadeira obra de arte. Foi o álbum que lançou o Nicko McBrain na batera e mostrou uma mega evolução da banda toda. Tenho muito apego emocional com esse álbum, pois foi meu início no metal. Lembro de ter ganhado um Walkman e escutava esse disco o dia todo no meu fone."

VAN HALEN

ÁLBUM: 1984 (1984)
MÚSICA: JUMP

"Como tenho alguns shows pela frente como convidado, terei que cantar umas coisas diferentes e voltei a escutar sons como *Jump*, do Van Halen, que faz parte da minha vida. Amo essa música e toda vez que escuto me emociono pela melodia e harmonia empolgante e marcante dos teclados e da guitarra. A musica já começa com um teclado bem característico da época. O mais legal é que quem criava esses teclados geniais era Eddie Van Halen, que nem tecladista era... Era tudo no feeling, no talento! Outra coisa que acho maravilhosa é a mixagem, as gravações, mixagens e masterizações. Não era tão comprimido como hoje em dia. Hoje tudo é 'chapado' na cara, mega comprimido e sem nada dimensional. É como se a música tivesse perdido o 3D do som, pois soa tudo 2D para mim."

RATT

ÁLBUM: INVASION OF YOUR PRIVACY (1985)
MÚSICA: YOU'RE IN LOVE

"Lembro quando fui a uma loja de discos quando adolescente e o vendedor me perguntou se eu gostava de hard rock. Então ele me indicou o álbum *Invasion of Your Privacy*. Quando ouvi a primeira nota de *You're in Love* já me apaixonei na hora e ouço desde então! O guitarrista Warren DeMartini era à frente da sua época, tocava muito, era algo impressionante, assim como a voz do Mr. Stephen Pearcy, que rasgava o som agradavelmente. Os arranjos e a produção de estúdio também chamavam muito a atenção. Isso sem falar no visual glam da galera, que ilustrava perfeitamente o som deles. Eu amava o disco todo. Só tem hit... Sei que a banda não ficou gigante, mas tem um valor muito grande na minha vida!"

TIL TUESDAY

ÁLBUM: WELCOME HOME (1986)
MÚSICA: COMING UP CLOSE

"De vez em quando eu resgato bandas que amo e que já ouvi muito. Recentemente tenho escutado muito a música *Coming Up Close*, que é uma balada linda Til Tuesday e me inspira a escrever músicas mais emocionais. Estou compondo um álbum solo e me inspiro muito com essas músicas. Eles faziam um som meio gothic, new wave e pop/rock. Tem uma nuance meio deprê que eu gosto. A voz e os baixos da Aimee Mann são meio hipnotizantes e agradam muito os ouvidos. Curiosamente, foi ela quem gravou os vocais femininos da música *Time Stand Still*, do Rush. Uma pena a banda não existir mais, pois adoraria ver um show deles!"

ZERO

ÁLBUM: CARNE HUMANA (1987)
MÚSICA: QUIMERAS

"Estou numa fase de rock nacional e tenho escutado recentemente muito a música *Quimeras*. Apesar de a banda Zero fazer um rock/pop, pós-punk e new romantic dos anos 80, esse som tem até uma pegada de prog. A melodia é muito bonita e o final do refrão é genial! Às vezes me pego cantarolando a música... Outro dia coloquei no som aqui em casa bem alto, apaguei as luzes e curti como se estivesse num show nos anos 80. Esses caras faziam um som com muita qualidade para a época. Eram músicos que se preocupavam com timbres e arranjos mais trabalhados. Adoro esse som! Uma pena o Brasil ter perdido a cultura de se ter uma música popular de nível mais alto."

DEF LEPPARD

ÁLBUM: PYROMANIA (1983)
MÚSICA: PHOTOGRAPH

"Def Leppard é uma das minhas bandas preferidas de todos os tempos. Acho o guitarrista Phil Collen genial e uma das minhas músicas preferidas é a *Photograph*. Muito empolgante! A melodia do refrão é muito bonita... Lembro de quando eu tinha uns 14 anos e ficava esperando tocar as músicas na rádio Globo para eu gravar. Isso mesmo, a rádio tocava hard rock e heavy metal. Era normal, e me lembro quando tocou Def Leppard. Eu me apaixonei, comecei a procurar tudo sobre os caras nas lojas de disco. É, não havia internet e você tinha que se envolver mesmo com a banda para ter contato com ela. Era muito legal essa época!"

SILVER MAMMOTH
RISE UP
Disponível em todas as plataformas digitais, incluindo videoclipe exclusivo no canal oficial da banda no YouTube. Acesse já!
Spotify
MUSIC
music
DEEZER
Google Play
OEBUICAOTA RECORDS
@silvermammoth
www.silvermammothband.com

Grupo Único

TOTH
EM BREVE
LANÇANDO O EP
"RISE OF THE GODS"
TOTH
DR. OBLIVIUM (GUITARRA)
DEMMOHA (VOCAL)
ATEF (BAIXO)
HER'RUR (BATERIA)
ASE MUSIC
@THEOFFICIALTOTH
@OFFICIALTOTH
OFFICIALTOTH.COM
INCLUINDO O SINGLE "NEVERLAND"

DOCTOR PHEABES

ACERTANDO A MÃO

Grupo Único

Paulo Rogério Ressio, Eduardo Parrillo, Fabio Ressio e Fernando Parrillo: levando o hard do Doctor Pheabes para o exterior

COM *ARMY OF THE SUN*, BANDA PAULISTANA EXPLORA VERTENTES DO HARD ROCK E ENCONTRA A SUA VERDADEIRA PERSONALIDADE

POR RICARDO BATALHA

A criação do Doctor Pheabes remonta à adolescência de Eduardo Parrillo (vocal), Fernando Parrillo (guitarra), Fabio Ressio (baixo) e Paulo Ressio (bateria), que começaram a tocar juntos em meados da década de 80. Porém, o grupo paulistano, que passou um tempo inativo, conseguiu se firmar muitos anos depois, quando começou a fazer shows e a abrir para grandes bandas do cenário mundial, como Rolling Stones, Guns N'Roses e Black Sabbath. Agora, com seu terceiro álbum lançado, o quarteto mostra que conseguiu criar a sua verdadeira identidade, focada no hard rock. Fernando Parrillo nos falou sobre a fase atual, com *Army of the Sun*, deu uma geral no passado do grupo e revelou alguns planos para a promoção do novo trabalho.

Antes do Doctor Pheabes, na fase do Tinta Fresca e Pig Head, vocês tocavam um som mais leve. Como se deu a mudança de direcionamento para algo mais próximo do hard rock?

Fernando Parrillo: O tempo foi passando e fomos encontrando um caminho para seguir. Sempre fizemos um som de coração e com muita verdade. No *Army of the Sun*, conseguimos encontrar uma sonoridade que define melhor a banda e isso ocorreu graças ao apoio dos produtores, que são o americano Kato Khandwala e Bruno Agra, brasileiro radicado nos Estados Unidos. A busca por uma música de qualidade, que agrade não só o nosso público, mas também outras pessoas, é algo que vamos perseguir eternamente.

O nome Doctor Pheabes veio por causa do filme "O Abominável Dr. Phibes" (1971), uma das grandes obras estreladas pelo saudoso Vincent Price, no papel de Dr. Anton Phibes. Na trama, ele se vinga dos médicos que operaram a sua esposa, Victoria Regina Phibes. Por que não adotaram uma linha temática voltada para o terror?

Fernando: A banda sempre foi ligada ao rock desde sua formação inicial, pois todos os integrantes escutam rock desde criança. Nós sempre pensamos que nossa música poderia atingir muitas pessoas que gostam de rock independentemente de um nicho específico. Justamente para não limitar nossos passos futuros é que nunca pensamos em fazer algo só nessa linha de terror. Eu penso que não combinaria muito com o tipo de música que é nossa verdade, e também com a mensagem de liberdade que queremos levar para os mais jovens. *Army of the Sun* vem com uma mensagem muito forte sobre seguir em frente, sobre superar seus medos e suas angústias.

Confesso que fiquei surpreso quando comecei a escutar o novo álbum, que abre com a faixa-título, *Army of the Sun*. Ela é bem melódica e traz uma mescla de Def Leppard, Black 'N Blue (fase *In*

***Heat*) e Black Sabbath. Como vocês a descreveriam?**

Fernando: *Army of the Sun* acabou se tornando o nome do disco justamente pelo sentimento que essa música causa em nós e nas pessoas que escutaram antes do lançamento. Ela se tornou um single nos Estados Unidos e começamos um trabalho para internacionalizar a banda depois de tantos anos. A sonoridade que conseguimos nesta faixa é algo muito inspirador para quem gosta de rock e, principalmente, para quem sonha em levar sua música para o maior número de pessoas possível. A aceitação vem crescendo a cada dia. Isso, para nós, é muito importante por conta de todo empenho e esforço que empregamos na construção deste trabalho.

Outras faixas, *Better Off Alone* e *Let's Go*, remetem a nomes como AC/DC e The Cult. *Let's Go*, inclusive, conta com a participação de Supla. Esta aproximação entre vocês se deu por causa do Rock in Rio ou vem de antes?

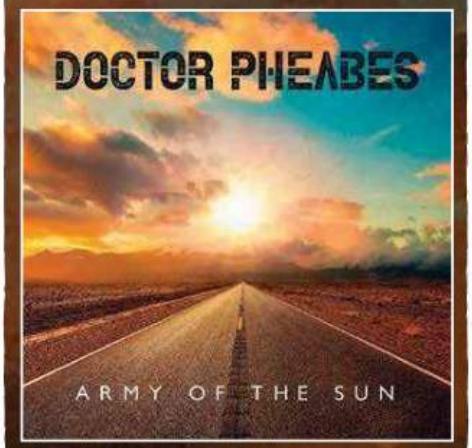
Fernando: Todas essas faixas citadas são músicas que gostamos muito e que inspiraram a banda a continuar seu caminho na música. Supla é um amigo de longa data, que sempre nos apoiou com seu talento e sua presença em nossos ensaios e na rotina do dia a dia. Tê-lo como convidado no disco foi uma forma de agradecer todo o carinho que ele teve conosco durante os últimos anos.

Como dito, *Army of the Sun* foi produzido pelo saudoso americano Kato Khandwala, falecido em abril de 2018, e por Bruno Agra. Eles chegaram a mudar alguma coisa que vocês criaram durante a produção do álbum?

Fernando: O disco sofreu várias mudanças ao longo de todo o processo criativo. O Kato parou para entender nossa banda, nossa musicalidade, nossos pontos altos e nossos pontos fracos. Isso nos ajudou muito na evolução musical que sempre buscamos. O Bruno, que é um cara que fala nosso idioma, contribuiu muito para todo o entendimento e construção do disco. Então, o apoio dele foi fundamental para que as músicas se tornassem o que são hoje. Com toda certeza, a produção musical fez uma diferença no conceito do trabalho e na nossa maneira de expor nossas músicas. Nós nunca vivemos uma relação humana tão forte em nossas vidas e em nenhum dos trabalhos que fizemos anteriormente e o resultado da cumplicidade e amizade que criamos está em cada música de *Army of the Sun*.

Entre outros destaques do repertório estão *Your Love is Mine*, *Ask of You*, *Find a Way* e *Back in Town*. Quais músicas vocês pensam em trabalhar para promover o disco?

Fernando: Existe uma visão diferente para cada mercado. No Brasil, nessa primeira fase, estamos trabalhando *Better off Alone*, *Your Love is Mine* e *Rebel Riders*. Nos Estados Unidos estamos começando a trabalhar *Army of the Sun*, *Rebel Riders* e *Here to Stay*, que é uma balada bem legal. Na Argentina, Chile, Peru e México estamos começando com *Army of the Sun* e *Better of Alone*, que despontaram no Spotify. Temos um longo caminho para percorrer. Pretendemos focar no mercado americano, por acreditar que essa sonoridade tem uma chance de aceitação bem grande por lá. Tivemos a chance de comprovar isso recentemente, durante os seis shows que realizamos em Los Angeles.



ARMY OF THE SUN
DITTO - NAC

Por falar nisso, como foram os recentes shows nos EUA? Há planos para apresentações no Brasil e em outros países?

Fernando: Para nós, que temos uma banda formada em uma garagem e já passou por diversas fases, esses shows tiveram um significado muito peculiar. A banda nunca teve um apelo comercial e isso acabou criando uma atmosfera amigável entre nós. Sempre tocávamos para os nossos amigos e pessoas que, de alguma maneira, nos conheciam. Esses shows mudaram tudo na nossa vivência musical: lugares pequenos, maiores ou icônicos... Lugares onde se apresentaram grandes bandas e onde astros do rock fizeram suas primeiras apresentações. Passar esse tempo vivendo apenas da música com 'load in', entrevistas, cronograma para cumprir, tocando com bandas brasileiras e americanas, foi algo que jamais vivemos na essência. Essa experiência nos motivou a continuar e a querer levar nossa música para mais pessoas. Vivemos momentos incríveis, fizemos alguns fãs americanos e fomos muito bem tratados. Conhecemos a realidade nem sempre tão amena do mercado deles, vivemos uma experiência na raiz onde tudo começou para muitas bandas das quais somos fãs. E precisávamos disso! A maior lição que levamos desta pequena tour é que não importa o tamanho do lugar, o que importa é o tamanho dos nossos sonhos e da nossa vontade. Voltamos com a disposição de quando éramos jovens, com a vontade de seguir em frente e crescer. Queremos tocar por algumas cidades brasileiras, alguns países na América Latina e pretendemos alçar oportunidades maiores nos Estados Unidos, que é o mercado que mais consome o nosso som.

Quando estavam promovendo *Seventh Dogs* (2013), vocês abriram shows de bandas de rock nacional, como Capital Inicial e Marcelo Nova. Por que não houve, inicialmente, uma aproximação maior com o mercado e o meio do rock pesado como ocorreu depois, quando tocaram em grandes festivais e abriram shows de Black Sabbath, Guns N'Roses e Rolling Stones?

Fernando: Sempre tentamos desenvolver um trabalho de qualidade e com uma sonoridade que fosse essencialmente algo que gostamos. Temos muitos amigos no rock nacional e somos muito gratos pela oportunidade que sempre tivemos neste segmento, mas nossa música é cantada em inglês e o tempo foi nos mostrando qual era o melhor caminho a seguir. Toda vivência para nós foi positiva de alguma maneira, e fomos conseguindo mostrar um pouco o som da banda para um público que não conhecia a Doctor Pheabes. Aprendemos com os erros e fomos otimizando os acertos para chegar neste trabalho atual, com a certeza de que seguimos em frente, mesmo com as adversidades. Quem gosta de rock sabe que não existe milagre nesta jornada, que é longa para qualquer um que decide seguir essa estrada.

Para finalizar, ainda com relação a shows, vocês pretendem gravar um DVD no Brasil? Como estão as tratativas para esta apresentação?

Fernando: Estamos movendo uma força tarefa para essa gravação, que também será o nosso show de lançamento do disco. Será um evento gratuito com uma ação social, para também ajudar uma instituição de caridade. Todo o público é bem-vindo para celebrar conosco. Em nossas redes sociais, vamos divulgar como os interessados podem retirar ingressos para participar do evento. Queremos fazer esse registro em vídeo, por conta da importância deste disco para a banda e também porque é uma ótima oportunidade de divulgação na internet, que sempre exige muito conteúdo para alimentar o canal no YouTube e redes sociais.

POR JOÃO MESSIAS JR.

ACID STORM

Mario Pastore, Marcus Vinicius, Eric Webber (acima), Alessandro Januzzi e Stéfano Moliner formavam o grupo na fase *Biotronic Genesis*

ORIGEM
BRASIL

ÉPOCA
ANOS 80/90

ESTILO
THRASH
HEAVY
PROG

FORMAÇÃO CLÁSSICA
Mário Pastore (vocal), Marcus "Metal" Vinícius e Eric Webber (guitarras), Stéfano Moliner (baixo) e Alessandro Januzzi (bateria)

DISCOGRAFIA
Why?...Dirty War (EP, 1989) e *Biotronic Genesis* (1991)

O ano de 1986 foi um período mágico para o metal, em especial ao thrash, que conquistava mais territórios. A expansão fez com que novas bandas aportassem por todos os cantos do globo, inclusive no Brasil, onde um promissor Acid Storm dava seus primeiros passos. Inicialmente atuando como Exterminator, a formação depois se estabilizou com Robson Goulart (vocal, ex-Performances, Destroyer e Spitfire), Marcus "Metal" Vinícius e Eric Webber (guitarra), Chico Comelli (baixo) e Alessandro Januzzi (bateria). Adepto do thrash da Bay Area, o quinteto apresentou alguns diferenciais, que deram as caras no EP *Why?... Dirty War*, lançado em 1989 pela Rock Shirts Live. "Robson, que trabalhava na Rock Shirts, veio com a notícia que a loja viraria um selo e que queriam lançar a gente", recordou Januzzi.

Gravado em 36 horas no JG Estúdio (Sepultura, Overdose), o trabalho apresenta uma musicalidade voltada ao thrash, mas um diferencial estava presente em *Scourge of Gods*, um lado que a banda exploraria com maestria anos depois. Outro aspecto que destacava o Acid Storm eram as letras, que abordavam temas inspirados na ficção científica, baseada em obras de gênios como Isaac Asimov e Arthur Clarke. "Eu sou fã de ficção científica antes mesmo de tocar guitarra. Tirando o Voivod, ninguém escrevia sobre esse tema", afirmou Marcus "Metal" Vinicius.

No entanto, após gravar o EP, Comelli se juntou ao MX e foi substituído por Marcos Torrada. "Fizemos o show de lançamento no dia 14 de abril de 1990 com Marcos. O Dama-Xoc estava lotado e nós abrimos para o Ratos de Porão. Também tocamos no Projeto SP e alguns shows em Belo Horizonte", completou.

Além disso, vieram outras baixas com as saídas de Robson e Marcos, substituídos por Mario Pastore e Stéfano Moliner, ambos ex-Social Fears. Assim, a banda expandiu os limites do thrash e bateu na porta do metal tradicional e prog. Após a demo *Last Days of Paradise*, veio o trabalho mais ambicioso. Lançado em 1991 pela Hellion, o clássico e conceitual *Biotronic Genesis* vem sob uma temática futurista baseada nos já citados Clarke/Asimov. A bela capa foi inspirada na Capela Sistina (Michelangelo), onde o homem toca as mãos de Deus, só que aqui o homem toca a máquina, desenvolvida por Moliner e Marcus Metal.

A sonoridade, apesar das guitarras fincadas no thrash, mostrou-se renovada e sem limites, começando pela voz de Pastore, inspirada no metal tradicional. Curiosamente, este foi o primeiro vinil gravado pelo vocalista. "Foi legal gravar no estúdio JG. Ficamos vinte dias em Belo Horizonte e, como o orçamento era limitado, gravei as vozes em três horas. Também gravamos um cover para *Electric Eye* (Judas Priest), que não foi incluída no vinil", relembrou Pastore.

Essa fusão gerou músicas "avançadas" para a época, como *Star Lost*. "Eu já escutava mais música progressiva, como ELP, Yes, Premiata Forneria Marconi e Rush, o que contrastava com aquele thrash mais tradicional. Foi tudo bem natural, nada forçado", afirmou Moliner.

Porém, não bastava ter um bom disco na bagagem para conquistar o topo. "A prensagem era pouca e a usávamos para fazer contatos. Mandávamos o material para o Brasil e exterior. A revista Trip da 89FM fez uma matéria com a gente na época", lembrou Januzzi.

Então, divergências culminaram nas saídas de Pastore e Moliner, que retomaram o Social Fears. Com o retorno de Robson Goulart ao vocal, vieram as demos *Tomorrow Soldier* e *No Man's Land*, que, apesar da qualidade, não deram em nada.

Alguns dos membros da formação clássica já não estão mais envolvidos com a música. Januzzi, que ainda toca, vive no Panamá. Moliner continua tocando, mas em uma praia mais voltada ao prog/jazz, enquanto Pastore construiu uma carreira solo, além de participações em bandas/projetos como Tailgunners, Delpht, Hamlet e Kiko Shred.

Uma história que tinha tudo para ser vitoriosa, mas que pelo menos deixou dois excelentes discos para a posteridade. Hoje, tanto *Why?... Dirty War* quanto *Biotronic Genesis* possuem suas versões em CD, trazendo as demos como bônus.

WHY?...DIRTY WAR (1989)

BIOTRONIC GENESIS (1991)

Setembro Negro Festival
13ª Edição
Demolition Hammer
Exodus
Cirith Ungol
Incantation
At War
Vomitory
Legion of the Damned
Necrophobic
Monstrosity
Borgiasm
Soul Congregation
Rotten Sound
Monolord
Night Demon
Midnight
Impurity
Lvcifyre
Full of Hell
Pathological
Baixo Calão
Expose Your Hate
Grave Desecration
6.7.8 de Setembro / 2019 / Carioca Club/SP
www.tumbaproductions.com.br
tumba
Ashby
Roadie Crew
Burn Artworks
Heavy Metal
Rock Brigade

RUSH

PARTE 8

Depois de vinte anos, Geddy Lee, Neil Peart e Alex Lifeson ainda se mantinham firmes no propósito de uma banda sem amarras musicais

COMO EM UM PASSE DE MÁGICA

Na era das transformações o Rush reencontra o seu antigo som, mas não deixa de incitar a criatividade e a inovação

POR VALTEMIR AMLER

Vinte anos de experiência não é pouca coisa e, em 1988, o Rush, a despeito das reviravoltas de seu início de jornada, tinha alcançado essa importante marca. Mais do que um terreno fértil para experimentações musicais, o tempo de estrada tinha ensinado certos 'truques' para o trio, que poderiam ser usados na medida certa para marcar a passagem dos anos e o final de um período.

Assim, em 1989, eles repetiram um velho truque e assinalaram o fim de mais uma era de sua carreira com o lançamento de mais um álbum ao vivo: *A Show of Hands*. O sucessor dos ao vivo anteriores, *All the World's a Stage* (1976) e *Exit...Stage Left* (1981), foi quase inteiramente gravado durante a turnê do ano anterior, que promovia *Hold Your Fire*, mais precisamente em três cidades dos Estados Unidos: San Diego, Phoenix e New Orleans. As exceções eram *Witch Hunt* e *Mystic Rhythms*, ambas gravadas em New Jersey durante a turnê de *Power Windows*. Embora o álbum duplo tenha alcançado uma boa posição (21º posto da Billboard 200 e Disco de Ouro nos EUA), ficou realmente marcado por encerrar a 'era dos sintetizadores'. Assim, ainda em 1989, o trio traria o seu novo álbum de estúdio.

TIRANDO O COELHO DA CARTOLA

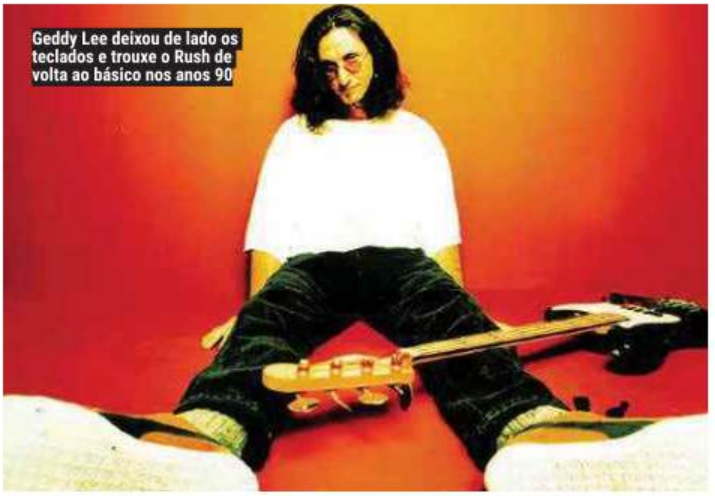
Para que todo o trabalho dedicado ao novo de estúdio valesse realmente a pena, o Rush sentiu que uma grande mudança era necessária. E, claro, falando em transformação, eles eram as pessoas certas para o ofício. A primeira transformação tinha mais a ver com os negócios: após uma longa jornada ao lado da Polygram, a banda escolhia seguir adiante com a Atlantic. Em entrevista publicada na época pela *Kerrang!*, Alex Lifeson revelou que havia mais do que simplesmente o fim de um contrato e a assinatura de um novo acordo no ar. "A Polygram mudou no decorrer dos anos 80", o guitarrista contou. "Parecia que eles tinham outros interesses prioritários acima de nós." Lifeson ainda reclamava do que achava uma falta de compromisso da gravadora com a promoção dos álbuns do Rush. Estes tinham uma ótima semana de abertura e, então, tinham as vendas estagnadas, o que, de fato, pode ser observado em quase todos os álbuns lançados pela banda na década de 1980.

Porém, outras diferenças seriam mais sentidas pelos fãs. A começar pelo novo produtor. Peter Collins, que havia acompanhado os últimos registros estava fora, e o escolhido para a vaga foi Rupert Hine, que tinha em seu currículo álbuns bem sucedidos de astros pop como Thompson Twins, Tina Turner e outros. Geddy Lee oferece suas lembranças sobre este novo momento de transição: "Nós vínhamos de alguns álbuns com Peter Collins, que foram uma ótima experiência para nós, e trabalhamos muito na Inglaterra. Acho que com Rupert nós estávamos determinados a trabalhar mais perto de casa."

A escolha por Hine, segundo Lee, tinha a ver com a experiência que ele tinha em trabalhar ao lado de grandes compositores, o que combinava com aquele momento, em que o Rush estava determinado a fazer alguns experimentos justamente neste sentido. Ele ainda deixa claro que esta não era a primeira vez que o nome de Rupert tinha surgido na mesa de discussões. "Nós tínhamos falado com a equipe dele antes, durante todo o desastre que foi o trabalho em *Grace Under Pressure*, aquela experiência ruim com Steve Lillywhite, mas não funcionou por conta do conflito de agendas."

Desta vez, ao menos, tudo tinha corrido bem. Com todas as peças ajustadas, Lee, Lifeson, Peart, Hine e seu engenheiro de som, Stevie Tayler, estavam juntos, e a experiência

Neil Peart seguiu evoluindo como letrista, alcançado com *The Pass* um resultado que impressionou até seus parceiros


Geddy Lee deixou de lado os teclados e trouxe o Rush de volta ao básico nos anos 90

parece ter sido boa em vários sentidos. Animado com o andamento do trabalho, o guitarrista contou à Kerrang! que os trabalhos tinham seguido mais tranquilamente do que o esperado: "Nós terminamos o trabalho três ou quatro semanas antes, e voltamos com um grande sorriso no rosto. Foi o primeiro trabalho em muito, muito tempo em que realmente tivemos alguma diversão."

O resultado é um álbum mais solto, aparentemente mais natural e sóbrio, e, para uma grande parcela de fãs que havia se sentido esmagada pela sonoridade que a banda assumira após *Signals*, *Presto* foi uma injeção de ânimo. Era a prova de que o Rush ainda podia compor realmente bem sem soterrar toda a sua obra em um mundo de melodias sintetizadas.

Musicalmente, as boas ideias se espalhavam pelos mais de cinquenta minutos de música aqui estabelecidos. *Superconductor*, em outros tempos, certamente teria se tornado um hit, e *Scars* era uma daquelas músicas tão cheias de elementos percussivos que estaria eternamente na memória dos bateristas. Além delas, a faixa-título tem uma melodia tão bela que é difícil se livrar dela após uma primeira audição. Mas era pelo labirinto rítmico de *Show Don't Tell* e na liricamente poderosa *The Pass*, um memorável hino anti-suicídio, que *Presto* ficaria para sempre marcado, inclusive na memória de seus compositores. "*The Pass* é uma das melhores músicas que já compusemos. Eu amo essa música! Tem algo na atmosfera e na natureza da letra; é uma das melhores composições de Neil. Ela aborda um tema realmente complicado de uma maneira muito positiva", se entusiasmou Lee. Para terminar, ele ainda acrescentou: "É uma música que guardo comigo. Eu amo tocá-la, eu amo cantá-la, acho que é uma conquista para um compositor."

Apesar de tanto, *Presto* não figura entre os álbuns favoritos de seus compositores. Na verdade, fica quase encolhido à sombra, sem grandes destaques além de *The Pass*. O próprio Lee oferece a sua visão: "Eram músicas interessantes, mas, olhando em retrospecto, não acho que eram ótimas músicas. Quer dizer, não são músicas que me fazem olhar e dizer 'este é o nosso melhor trabalho'. Não vejo assim. *The Pass* ultrapassa o álbum, mas não consigo pensar em nenhuma outra que se destaque. São interessantes, mas não acho que sejam profundas em composição."

Peart é outro que vai por este caminho: "Acho que os outros caras diriam que este é um álbum que eles gostariam de refazer. Claro, existem muitos elementos que precisam se alinhar em um disco, a composição, o instrumental, o som, a orquestração, produção, tudo isso. E *Presto* não alcançou o seu próprio potencial, ou do material que existe nele. Isto é o que eu sinto."

Apesar de tudo isto, *Presto* seria lembrado para sempre por sua capa, mais um trabalho de Hugh Syme. Os coelhos que saíam da cartola se tornaram uma imagem tão icônica que até se tornaram parte da turnê, com dois enormes coelhos infláveis que apareciam em todas as apresentações, inclusive da turnê seguinte. E seria um pequeno problema tirá-los de cena.

ESCOLHENDO A PRÓPRIA VIDA

O Rush abriu caminho na década de 1990 com um disco marcante, *Roll the Bones*, lançado em agosto de 1991. Muito do que havia nele era uma evolução das ideias e dos ideais que o trio tinha começado a desenvolver no álbum anterior. Então, era mais do que natural que eles o tratassem como um sucessor mais maduro e bem trabalhado que *Presto*. Claro que esta impressão derivava de vários elementos, dos ótimos refrãos até as imagens musicais mais nítidas e ousadas que marcam a obra. "Bem, estamos ficando mais velhos", resumiu Lifesson à Kerrang!. "Espero que sejamos um pouco mais sábios, e acho que talvez tenhamos começado a olhar para as coisas em termos mais amplos."

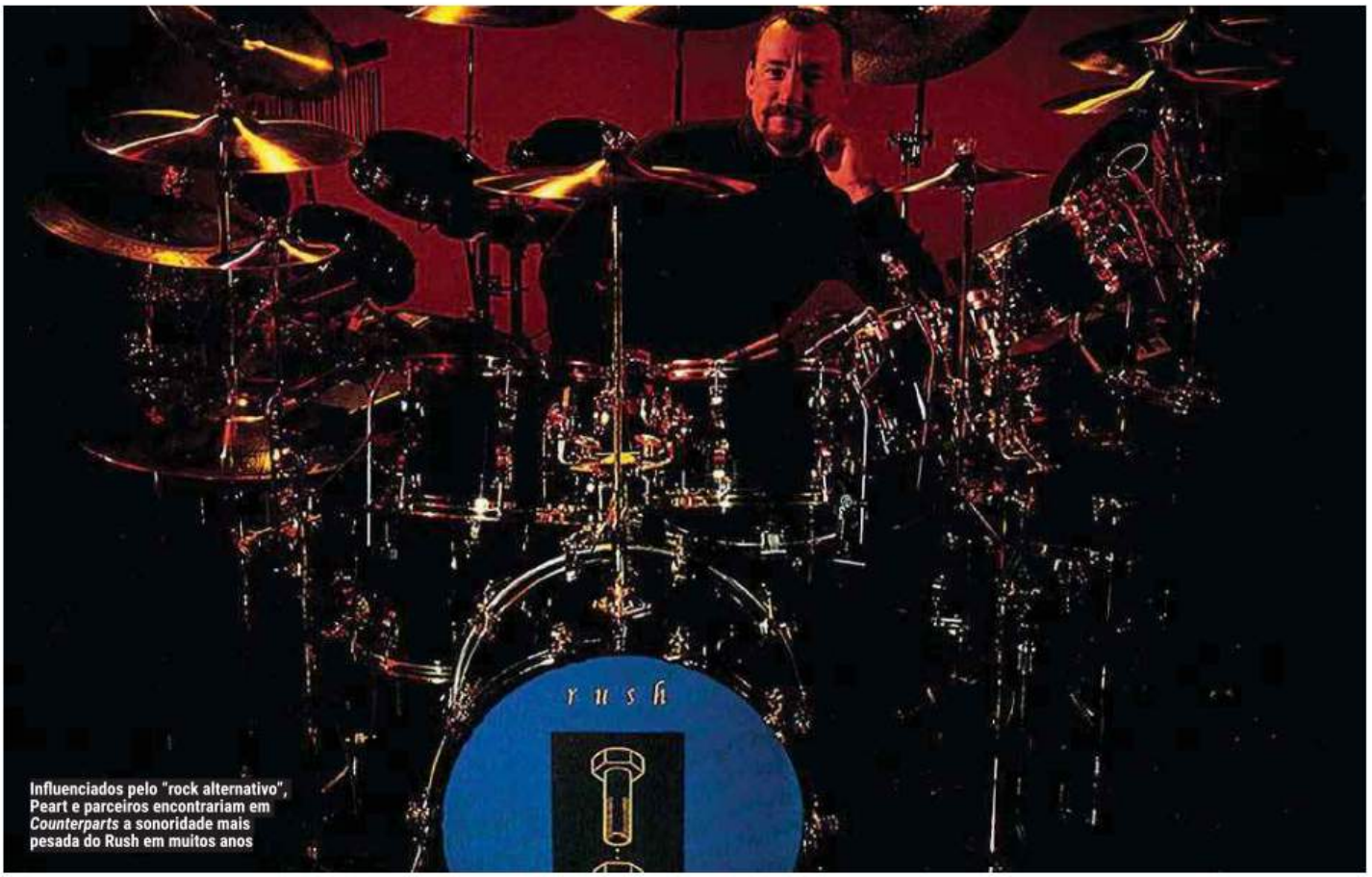
A verdade é que depois de muitos anos, finalmente existia na música do Rush um leve toque daquele hard rock clássico que marcou seus primeiros anos, embora em proporções bem menores. Paul Henderson, da Kerrang!, se entusiasmou ao falar de *Roll the Bones* na época: "E certamente a melhor coisa que eles fizeram em anos. Com *Roll the Bones*, o Rush parece ter reavaliado o que são, viraram uma nova página e, de certo modo, redescobriram o rock'n'roll. Estão de volta ao básico. De volta ao simples, boas músicas, riffs violentos, instrumentais inspiradores (ainda altamente talentosos) e, talvez mais importante, a confiança de ir para o 'take' com vibração matadora ao invés daquilo que é aceito pelo computador como perfeito."

Novamente trabalhando ao lado de Rupert Hine, o trio havia aproveitado a vibração intensa adquirida durante a turnê de *Presto*. Esta foi curta porque, alguns anos antes, a banda já havia decidido reduzir a extensão de suas turnês. Assim, após um período de descanso, ainda mais curto, já que o trio preferiu interromper a folga por conta da criatividade aguçada, Lee, Lifeson e Lee foram para o Chalet Studios, um pequeno estúdio localizado em Claremont/Ontário, trabalhar nas músicas.

As demos foram registradas em oito canais e, logo de cara, mostravam aquilo que muitos esperavam: o uso dos teclados havia sido reduzido e, novamente, as músicas eram guiadas por linhas de guitarra inspiradas e cativantes. Esse ótimo trabalho na composição das linhas instrumentais foi complementado à altura por um Neil Peart ainda mais inspirado do que normalmente, e que escreveu linhas que ficariam para sempre gravadas na memória dos fãs.

Assim, logo na primeira audição era fácil encontrar destaques. *Bravado*, que soa como uma sequência para *The Pass*, do álbum anterior, é uma das que cativam o ouvinte de primeira, com sua melodia pungente e bela. "É uma que eu amei a música e a letra se encaixou", comentou Peart. "É uma das nossas canções mais bem sucedidas no geral – arranjo, performance, todo o conjunto".

No entanto, *Bravado* não seria a única a exigir seu lugar diante do olhar de um de seus criadores. A faixa-título também



Influenciados pelo "rock alternativo", Peart e parceiros encontrariam em *Counterparts* a sonoridade mais pesada do Rush em muitos anos

mereceu uma atenção especial de Peart: "Ela é parte de uma crescente série de canções onde nosso intuito é mesclar diferentes estilos dentro de uma mesma canção. E eu me diverti muito fazendo a parte rap no meio da canção. É uma música de 1991, o rap estava se tornando proeminente na época."

Por fim, a faixa que encerra o álbum, *You Bet Your Life*, também mereceu menção: "Gosto particularmente da letra dela", admitiu o baterista e letrista. "Há referências para todas as diferentes religiões, estilos musicais e tudo mais. Trabalhar nela foi realmente divertido e satisfatório. É, eu gosto dela", ele concluiu.

O próprio Peart tentou explicar o brilhantismo lírico presente em *Roll the Bones* mais tarde, em *Roll the Boats*, texto que acompanha o 'tour book' da 'Roll the Bones Tour': "Músicos, às vezes, são considerados imaturos. Não nós, vocês entendem, mas alguns dos outros que conhecemos. Como eles, passamos nossos anos de adolescência unidos aos nossos instrumentos, obcecados pela música, excluindo praticamente tudo o que existe na 'vida normal'. E, talvez, essa seriedade juvenil, de quem de certa forma está crescendo muito depressa, signifique que o senso adolescente de imortalidade e irresponsabilidade permanece conosco um pouco mais, na época em que deveríamos ser adultos. Isso é chamado de 'temperamento artístico'. Isso também é chamado de uma boa desculpa. O ponto é que cada um de nós experimenta um momento em que nos sentimos imortais, quando o tempo não está passando e nunca vamos morrer. Mas é uma oferta por tempo limitado - o tempo passa, e logo as realidades da vida se acumulam sobre nós, quer estejamos prontos ou não, e temos que nos levar a sério. Isso é chamado de 'enfrentar o mundo real'."

Essa maturidade lírica era acompanhada também pelo título do álbum. O próprio Peart já disse que *Roll the Bones* foi pensado no sentido mais literal, referindo-se a lançar os dados, que por sua vez são feitos de ossos. Mas ele mesmo enxerga todas as implicações que este título pode ter. E não se furta a dizer que, de fato, o título soa como um pedido para que o fã siga em frente, não se abale diante dos desafios que a vida impõe diariamente. Como ele mesmo escreveu na letra de *Bravado*: "nós pagaremos o preço, mas não contaremos o custo." Quem melhor nos poderia oferecer um conselho como este?

UM NOVO CAPÍTULO COM PETER COLLINS

Às vezes você simplesmente deixa o tempo passar e a experiência tomar a dianteira no trabalho mais duro. Porém, em outros casos, simplesmente não consegue se desligar e ser levado pelo automático. Com o Rush, a experiência sempre esteve a serviço da inventividade. O ótimo resultado de *Roll the Bones* (alcançou o terceiro posto na Billboard 200 e Disco de Platina nos EUA) não os faria mudar de atitude. Na verdade, como habitual, eles estavam ligados naquilo que acontecia no mundo da música e partiram para o processo de composição do seu 15º álbum, *Counterparts*, com objetivos previamente definidos. Segundo Peart, a banda tinha duas metas principais: "buscar um senso de equilíbrio entre espontaneidade e refinamento" e "trabalhar em uma abordagem mais orgânica das músicas." O que poucos acreditam é que esse desejo partia daquilo que influenciava a banda na época, e, como eles mesmos diriam, se tratava de Primus e Pearl Jam.

Assim, a tal 'abordagem orgânica' traria como fruto principal um disco com ainda menos partes de teclado do que o seu antecessor, e com guitarras ainda mais evidentes em cada uma de suas canções. Para muitos, *Counterparts* aparecia como o álbum mais pesado do Rush em mais de uma década. Nem há como questionar isso. "*Counterparts* foi definitivamente uma resposta a toda essa coisa de teclados, não tenho dúvida quanto a isso", sintetizou Lee. "Nós havíamos levado isso até o limite. Eu diria que depois de trabalharmos com Rupert, e de algumas turnês, estávamos realmente começando a nos frustrar; sei que Alex estava ficando realmente frustrado. Acho que o processo de composição de *Counterparts* reflete isso. É por isso que tem tão pouco teclado no

Apesar de apresentar a guitarra como protagonista depois de vários álbuns, *Counterparts* não figura entre os favoritos de Alex Lifeson

Grupo Único

álbum, apenas algo simbólico. E, sério, quando eu escuto aquelas partes, sinto que elas nem precisariam estar ali, aquelas linhas de teclado. É como um hábito que tínhamos e que estava sendo difícil de largar."

Para garantir esse retorno ao lado mais pesado de seu som, o Rush trouxe de volta o produtor Peter Collins depois de dois álbuns sem ele. Collins corroborava essa intenção que o Rush tinha de soar mais pesado, já que agora trazia em seu currículo nomes como Gary Moore, Queensrÿche, Alice Cooper e Suicidal Tendencies. "Trabalhar com Peter nos introduziu a ideia de aprender com outras pessoas. Se quisermos continuar a ser uma banda depois de todos esses anos, talvez tenhamos que mudar as pessoas à nossa volta de vez em quando, assim continuamos aprendendo coisas novas", explicou Lee, que, em seguida, contou o que mais impressionava no trabalho do novo engenheiro de som do Rush, Kevin Shirley. "Ele tinha uma atitude muito diferente dos engenheiros com quem trabalhamos antes." A verdade é que Shirley sempre gostou de opinar, sempre teve uma ideia muito clara do tipo de som que buscava, e nunca descansou antes de conseguir exatamente o som que procurava, e Geddy, sem dúvida, sentiu isso, principalmente quando lembrava da experiência em *Grace Under Pressure*. "Eu acho que ele foi ótimo para este projeto", afirmou Lee, cheio de elogios ao seu novo engenheiro. "Eu acho que é um dos nossos álbuns com melhor som. Acho que ele fez um trabalho incrível gravando esse álbum. E nós o fizemos todo em Toronto."

Ainda assim, ao menos diante dos olhos da banda, *Counterparts* sofria do mesmo problema que *Presto*, sendo um álbum que não alcançou seu potencial pleno. "Eu gosto de *Counterparts*, mas é um disco estranho para mim", disse Lee. "Liricamente, ele tem um humor estranho, mas o que mais gosto, mais do que tudo nesse álbum, é o som. Mas eu acho o material meio irregular."

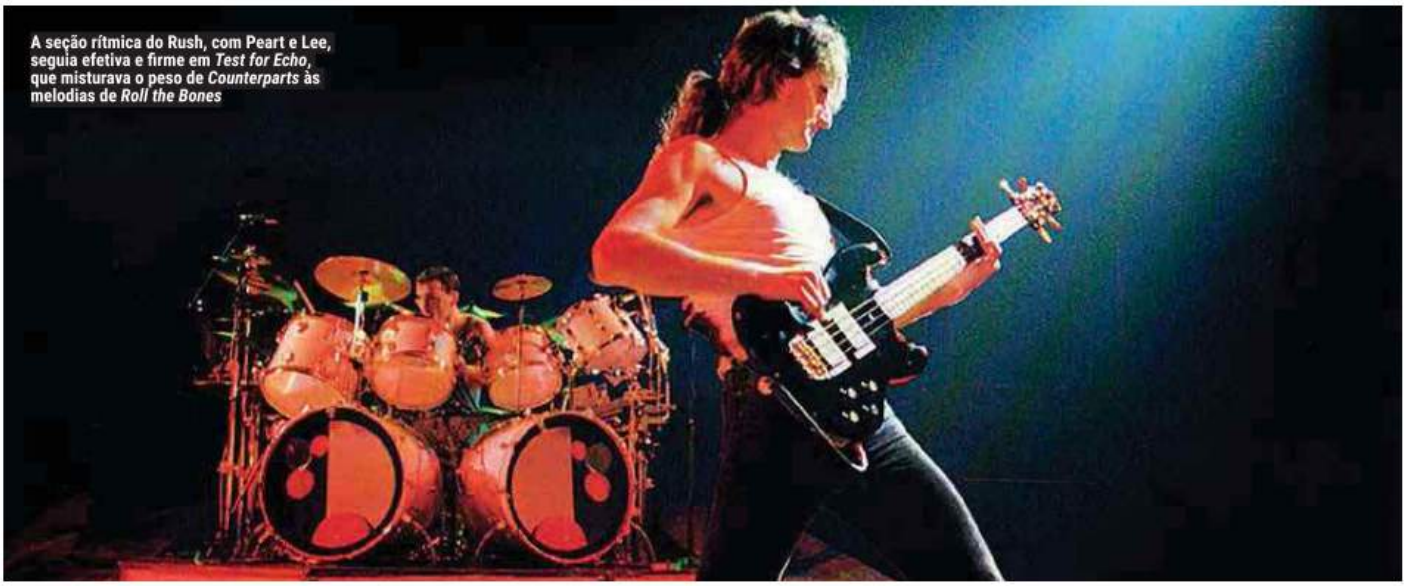
A opinião do vocalista/baixista/tecladista era embasada pelo guitarrista: "Têm ótimas coisas nele, mas têm outras que poderiam ter sido melhores", afirmou Lifeson. Já Peart parecia indicar que o processo de criação do álbum não havia sido dos melhores, e que isso poderia ter afetado a forma como viam as coisas: "Eu não gosto muito da maneira como fizemos, mas gosto muito do resultado. De novo, nem tudo chegou ao seu potencial máximo."

Como curiosidade, foi mais ou menos nessa época que surgiu o boato de que Peart estaria sofrendo de uma doença terminal. Na verdade, chegou-se a divulgar que o baterista teria morrido, o que fez a redação da revista Modern Drummer quase entrar em choque com o volume de ligações que recebia. Basicamente, o que motivou toda a falácia foi que na época Neil vivia o auge de suas aventuras de motocicleta pelo mundo e, antes de suas viagens, costumava raspar os cabelos muito curtos. Ele explicou para a Modern Drummer: "Acho que o que também convenceu as pessoas foi que na nossa última turnê eu estava usando bandanas na cabeça", disse ele. "Até minha filha disse que eu parecia um paciente de quimioterapia! Mas aqueles bandanas faziam um ótimo trabalho mantendo o suor longe dos meus olhos." Pois é, as famosas 'fake news' não são uma 'dádiva' dos dias atuais...

TEMPO E MOVIMENTO

Depois de terminar a turnê de *Counterparts*, o Rush merecia uma folga. Lee queria estar em casa para acompanhar o primeiro ano de sua filha, e isso deixou todos com certo tempo extra para descansar, e claro, se envolver em atividades paralelas. Durante este tempo Alex Lifeson lançou seu primeiro álbum solo, *Victor*, e Peart, sempre envolvido com literatura e viagens de moto, participou ainda do álbum tributo *Burning For Buddy*, uma homenagem ao baterista americano de jazz Buddy Rich, falecido em 1987. Cada uma das atividades em que eles se envolveram parece ter trazido algo novo para aquele que seria o 16º álbum do Rush, *Test For Echo*.

Ideologicamente, o Rush tentava em *Test For Echo* combinar o foco melódico dos álbuns criados ao lado de Rupert Hine com as guitarras densas e o clima mais pesado de *Counterparts*. Tal mistura se mostraria possível, especialmente na época em que o



A seção rítmica do Rush, com Peart e Lee, seguia efetiva e firme em *Test for Echo*, que misturava o peso de *Counterparts* às melodias de *Roll the Bones*

álbum estava sendo preparado. Lançado em 1996, *Test For Echo* foi concebido no auge do chamado rock alternativo, e a banda (especialmente Lee) se dizia influenciada por bandas como Smashing Pumpkins e Soundgarden. De fato, basta uma audição mais cuidadosa do álbum para perceber que algumas linhas instrumentais mais casmurras e taciturnas tinham de onde vir.

"*Test For Echo* foi uma extensão daquilo que vínhamos fazendo há anos", afirmou Alex. "Foi um álbum muito agradável de criar. Há uma energia grandiosa e tranquila no álbum, bem parecida com aquela de *Moving Pictures*. De fato nós comparamos os dois no sentido de como foram feitos e como soam. Aos meus ouvidos, *Test For Echo* é um pouco mais claro, tem mais brilho, é um pouco mais rítmico... muito rítmico", completou.

Gravado no Bearsville Studio, em Nova York, boa parte dessa fluidez sentida por Lifeson derivava do bom trabalho da equipe envolvida na produção, mais uma vez comandada por Peter Collins. Ao seu lado Collins tinha Andy Wallace, justamente alguém que entendia muito de música alternativa, com um longo currículo construído ao lado de nomes como Rage Against The Machine, Korn, The Cult, Mudvayne, System Of A Down, Disturbed e Faith No More, além dos campeões do thrash, o Slayer. Assim, na ficha técnica do álbum Collins e o Rush dividiam os créditos de produção, ao passo que Wallace ficava com a mixagem e Clif Norrell com a gravação.

Dentre as músicas, certamente a que se saiu melhor foi a faixa-título, que alcançou a primeira posição nos EUA, na Billboard. Era a primeira vez que um single do Rush alcançava o posto mais alto das paradas desde *New World Man*, em 1982, e uma prova de que o Rush ainda era uma banda relevante, mesmo no cenário complexo da década de 90.

Além dela, *Driven* chegou à terceira posição, e *Half The World* à sexta, com o álbum chegando à terceira posição no Canadá e à quinta na Billboard 200. Um feito e tanto para uma banda de rock progressivo na era do rock alternativo. "Eu realmente gosto dele", revelou Peart, falando de *Test For Echo*. "Como fã, este seria o meu favorito dos anos 90", acrescentou. Claro que muito da boa opinião de Peart sobre o álbum vinha do desenrolar do trabalho no álbum, onde, depois de muito tempo ele realmente pode experimentar uma nova maneira de tocar.

ROLL THE BONES (1991)

COUNTERPARTS (1993)

Como dito, Peart tinha aproveitado a pausa nos trabalhos do Rush para se dedicar ao tributo a Buddy Rich. E foi nesse projeto que travou contato com outra lenda da bateria, Freddie Gruber. Peart quase imediatamente começou a ter aulas com Gruber e, mesmo sendo reconhecido como um dos melhores bateristas de todos os tempos, começou a treinar diariamente durante cerca de um ano e meio. Ele buscava encontrar uma nova, e ainda melhor, performance. Neil contou que ao chegar ao estúdio para gravar o novo álbum do Rush, mostrou a sua nova performance para Lifeson e Lee, que não sentiram a diferença imediatamente. Apenas na hora de registrar as músicas que perceberam que Peart estava tocando com um tempo sutilmente alterado, o que os obrigava a sair da zona de conforto e encontrar o 'timing' perfeito para as novas composições. É claro que eles amaram o desafio, e o resultado pode ser sentido no álbum.

Como curiosidade, Lee explicou o título do álbum, que funcionaria como um teste de pergunta e resposta, como quando você entra em um quarto escuro e pergunta 'tem alguém aí?', esperando por uma resposta ou pela ausência dela. Era basicamente isso, mas aplicado a um conceito muito mais abrangente. Sobre a música de mesmo nome ele diz: "É como uma visão das coisas que estão acontecendo na nossa cultura através dos olhos da mídia em tempo real, mas as coisas que vemos não estão certas. Mesmo assim, elas continuam sendo expostas. Ela é sobre muitas coisas, mas para mim é sobre uma cultura de mídia fora do controle."

Test For Echo acabou sendo o último álbum de estúdio do Rush na década de 90. E eles já estavam preparados para encarar o novo milênio.

EDU FALASCHI
TEMPLE OF SHADOWS
IN CONCERT
15
ANOS
Grupo Único
24.08.2019 - 22h
CARIACICA/ES
MATRIX MUSIC HALL
Informações: (27) 3336 - 4776 / (27) 98136 - 4304
REALIZAÇÃO:
PONTOS DE VENDA:
ONLINE:
PROMOÇÃO:
APOIO:
hot
JOURNEY ROCKS
MATRIX Hall
A SUA CASA DE SHOWS
Vep
Music Store
Informática
blueticket
Panetteria + Opção

Dean Ashton, Andy "Abbz" Abberley, Karl Wilcox, Rasmus Andersen e Brian Tatler

UM CLÁSSICO MODERNO

AS MUDANÇAS NO SOM DA BANDA DÃO O TOM DA CONVERSA COM O INCANSÁVEL REPRESENTANTE DA NWOBHM, BRIAN TATLER

POR GUILHERME SPIAZZI

Quantas bandas de metal nascidas na década de 1970 continuam em atividade? E quantas dessas ainda lançam discos inéditos, carregados daquela energia visceral que parece não habitar mais os corpos de muitos grupos que estão por aí enrolando os seus fãs? Dentre as poucas existentes, o Diamond Head é um exemplo vivo de banda que consegue lançar algo do quilate de *The Coffin Train*, álbum que instantaneamente se apresenta como candidato ao título de clássico. A fonte de tanta energia, segundo nos conta nesta entrevista o fundador e guitarrista Brian Tatler, está no amor pela música somado a um agente catalisador: o vocalista dinamarquês Rasmus "Ras" Bom Andersen. Se em sua estreia, com *Diamond Head* (2016), ele foi mais comedido, em seu segundo disco com os ingleses pôde mostrar o seu arsenal sem fazer concessões. Ao elevar o nível, junto se tem a chance de conquistar novos territórios, algo que pode comemorado pelos fãs, já que o grupo nunca fez uma turnê em nível mundial. Confira as impressões e aspirações de um digno representante da NWOBHM: Brian Tatler.

***The Coffin Train* se mostra desafiador para os padrões do grupo. Quais são as suas impressões acerca dele?**

Brian Tatler: Obviamente, estou muito satisfeito com o disco. Ras colocou muito dele no trabalho. Ele escreveu as letras e coescreveu as músicas, além de também produzir e mixar o álbum. Acho que *The Coffin Train* soa melhor que o último disco. Há ótimas músicas em ambos, mas a produção foi outro passo à frente. *Belly of the Beast*, *The Messenger* e *Death by Design* soaram muito bem nos ensaios, muito poderosas quando comparadas a outras músicas. Acho que é um disco muito forte. A arte é fantástica, um cara da Califórnia chamado Travis Smith a fez para nós. Essa é a melhor capa que temos desde *Borrowed Time* (1982).

***The Coffin Train* parece trazer mais da personalidade de Ras que o anterior. Podemos assumir que você estava mais confortável para deixá-lo fazer o que quisesse?**

Brian: Acho que sim. Acredito que no primeiro disco (com o grupo) ele apenas queria ser aceito pelos fãs. Nós certamente não queríamos os enfurecer. Para isso, tínhamos que entregar um álbum poderoso e com boas músicas. Eu sabia que ele era um bom cantor, mas você tem que se lançar e ver qual será a resposta. O retorno que tivemos foi positivo e isso nos deu confiança para voltar para o estúdio, compor mais músicas e fazer outro disco. Desta vez, Ras disse que queria fazer a produção porque ele não estava 100% satisfeito com a mixagem de *Diamond Head*. Nós demos a ele a oportunidade e

responsabilidade, porque ninguém mais da banda poderia fazer isso melhor que ele. Nós sabíamos que Ras se interessava pela produção e havíamos ouvido algumas demos e mixagens dele. Ras fez um ótimo trabalho e o álbum soa muito bem!

Parece que trazer Ras para a banda foi como ganhar na loteria.

Brian: (risos) Essa é uma boa forma de ver isso. Eu acho que sim, estou muito feliz com Ras, ele é um ótimo cantor e um cara legal, com quem nos damos bem. Também compomos bem juntos e não há ego ou jogo de interesses, apenas fazer o melhor disco possível com o que temos. Ele é muito talentoso. Faz cinco anos que Ras está na banda e quanto mais o conheço, mais eu descubro o que ele é capaz de fazer. Eu aprendo cada vez mais toda vez que começamos uma nova etapa.

A química entre os integrantes é uma coisa muito importante, principalmente quando se trata de composição. Comparando a sua experiência compondo com os vocalistas anteriores, Sean Harris e Nick Tart, como fica esta questão de química musical com Ras?

Brian: Eu tive uma ótima química com Harris, pois era fácil compor com ele, especialmente no início. Aprendemos como compor juntos quando tínhamos dezesseis anos. Essa foi a primeira banda que tivemos. Nós preenchíamos as necessidades um do outro. Eu era bom em riffs de guitarra e ideias musicais, enquanto Harris era bom com as letras e arranjos. Trabalhamos muito bem juntos e isso continuou por anos, até a banda parar de trabalhar em 1995. Quando Tart entrou, a pegada era diferente. Olhando em retrospectiva, acho que sempre tentei me acomodar ao jeito de Tart. Eu tentava tirar o melhor do estilo e da voz dele. Acho que o estilo do Diamond Head mudou um pouco para se encaixar ao dele. Não éramos mais tão pesados e poderosos. Quando Ras estreou e começamos a compor, percebi que poderia dar qualquer ideia porque ele era capaz de criar algo. Além disso, Ras parecia muito bom em filtrar coisas que não eram especificamente para o Diamond Head. Isso é importante porque, em ambos os discos, estabelecemos que algo que não soasse como Diamond Head não seria utilizado.

Em *The Coffin Train*, você parece trazer mais do metal dos anos 1980 do que o hard rock setentista que está presente nos três discos anteriores.

Brian: Acho que é parcialmente por causa de Ras. Ele é dinamarquês e curte mais as bandas modernas do que eu. Eu sou filho dos anos 1970 – cresci ouvindo os clássicos. Ras nasceu em 1984 e, provavelmente, cresceu ouvindo as bandas mais pesadas dos anos 1980 e 1990. Uma das suas bandas favoritas é Soundgarden. Ele ama o Queen, mas não soamos como eles (risos). Além disso, quando tocamos em festivais nós vemos tantas bandas pesadas que aquilo começa a contaminar um pouco. Você precisa manter as coisas renovadas e quer compor músicas poderosas, que funcionem bem ao vivo. Sempre tento criar os riffs mais pesados que posso, sem entrar no mundo das baixas afinações e bumbos duplos em todas as músicas. A energia de todos os músicos que estão no disco, o som da banda, tudo ajudou a fazer um álbum mais contemporâneo. É um disco do Diamond Head para o Século 21.

***The Coffin Train* soa 'old school', mas não aquela coisa ultrapassada. A produção soube manter o som dos elementos chave, como o som de guitarra...**

Brian: Os sons de guitarra mudaram muito nos últimos quarenta anos. Obviamente, quando comecei você tinha um amplificador Marshall e era praticamente isso. Os primeiros discos eram gravados com ele e uma Gibson. Já hoje você tem acesso a sessenta amplificadores diferentes, modulação digital etc. Há muito mais ganho disponível hoje do que naqueles amplificadores da década de 1970. Hoje é praticamente fácil saturar o som da guitarra. Eu ainda gosto do som dos anos 1970, mas Ras deu suas mexidas para que a coisa soasse um pouco moderna. Eu gosto do som e acho que ele provavelmente tentou atualizar a sonoridade da banda.

Um som matador não vale nada se você não estiver faminto para compor. Considerando que você está na estrada há 43 anos, existe alguma coisa que o inspire a continuar tocando e compondo?

Brian: Acho que é apenas o amor pela música e pela guitarra. Tento praticar todos os dias e se surgir um riff, eu o gravo. Na hora de compor uma música, busco pelas melhores ideias nas minhas fitas. Eu sempre fiz isso e consegui criar bons riffs. Não sei de onde eles vêm, acho que é uma coisa que sempre tentei fazer por ouvir Jimmy Page, Tony Iommi e Ritchie Blackmore. Quando adolescente, no meu quarto, percebi que todas as músicas que curtia provavelmente começavam com um riff e, então, tentava fazer o mesmo.

Falando em riffs poderosos, é impossível não citar *Belly of the Beast*, que abre o disco de forma explosiva.

Brian: Acho que esta é a mais rápida que temos, mais que *The Prince* ou *Helpless* (*Lightning to the Nations*, 1980). Esta foi a última composta para o disco e percebemos que seria ótima para abri-lo.

Aproveitando a comparação, passados tantos anos e discos, você diria que *The Coffin Train* reflete o legado do Diamond Head?

Brian: Eu diria que sim. Espero que os fãs ao redor do mundo gostem. É difícil agradar a todos. Provavelmente haja alguns discos do nosso catálogo que são deixados de lado, que não tocamos ao vivo, mas esperamos que este disco cubra o legado. Todo mundo ainda adora o primeiro disco e ele parece ser o clássico do Diamond Head, então sempre há uma espécie de reverência a ele na hora de compor.

O Diamond Head foi fundado em 1976, mas, mais de quatro décadas depois, você se imaginava falando com gente do Brasil sobre um novo lançamento?

Brian: (risos) É claro que não! Eu não conseguia enxergar os próximos doze meses. Tudo que pensava era em fazer o próximo show ou a próxima música. Eu não considerava uma carreira ou que faria algo nessa idade – completei 59 anos. Eu achava que ou você se tornava muito grande e famoso, ou desapareceria e voltaria a ter um emprego normal. Era isso que tinha em mente. Eu não pensava num meio termo, onde você poderia ter uma carreira e se sustentar. Você não necessariamente seria um rockstar milionário, mas conseguiria se manter, ter uma casa e um carro sem ser uma das maiores bandas do mundo. Não tinha ideia deste conceito. Infelizmente, o Diamond Head nunca tocou na América do Sul. Amaríamos ir algum dia. Isso ainda é uma das coisas que conversamos e está na minha lista de desejos.

THE COFFIN TRAIN

SL MUSIC/SHINIGAMI · NAC

NERVOCHAOS

Thiago Anduscias, Diego Mercadante, Edu Lane e Guiller mantém a aura extrema e inquieta do Nervochaos em *Ablaze*

ATEANDO FOGO NO MUNDO!

EDU LANE FALA SOBRE A GRANDIOSA TURNÊ DE *NYCTOPHILIA* E TODO O PROCESSO QUE CULMINOU NO NOVO ÁLBUM, *ABLAZE*

POR VALTEMIR AMLER

Quando falamos na música do Nervochaos, o ouvinte pode sempre esperar algumas transformações. Death, black, grind, hardcore, doom até rock'n'roll aparecem no caldeirão de ideias que, há mais de 20 anos, é alimentado pelo baterista Edu Lane e seus asseclas. Apenas duas coisas continuam sempre presentes: o extremismo musical e a boa música. Em seu oitavo álbum, *Ablaze*, o grupo mais uma vez vai além da premissa básica e entrega um álbum acima da média. O cuidado extra no processo de composição resultou não apenas em arranjos mais bem trabalhados, mas em disco em que cada detalhe parece ter sido pensado como parte de um todo, de uma obra única e maior que tudo o que foi feito antes. Para conhecer os meandros dessa nova fase do Nervochaos e o saldo do álbum anterior, *Nyctophilia* (2017), falamos com o líder Edu Lane.

Em 2017, o NervoChaos lançou *Nyctophilia*, que contou com uma turnê enorme, creio que a maior que uma banda de metal extremo já realizou pelo Brasil. Como fizeram para viabilizar uma jornada tão grande através do imenso território brasileiro?

Edu Lane: Sim, em 2017 fizemos na tour Brasil 54 shows e, em 2018, fizemos 48 shows, sendo que, em ambas, foram shows seguidos. Em um período de 2 meses, passamos por todos os estados brasileiros. Trouxemos o modelo de turnês que vemos pela Europa e EUA, onde as bandas fazem tudo via terrestre. No nosso caso fizemos em um ônibus de turnê (ônibus com camas), levamos o nosso backline (equipamento de palco) e também uma banda conosco.

A primeira parte contou com o suporte do Justabeli, e a segunda com o Coldblood. Como foi essa experiência para vocês, já que uma turnê nesse formato não é algo comum por aqui? Deu para sentir que este formato pode funcionar no nosso país, e talvez até expandir para a América do Sul?

Edu: Em 2017, foram duas partes, sendo a primeira junto com o Justabeli e a segunda com o Coldblood. Em 2018, foram três partes, sendo a primeira com o Anal Vomit, a segunda com o Nervecell e a terceira com o Master. O pacote de bandas torna mais interessante para o público, e, aos poucos, também estamos mostrando que é possível fazer shows durante dias de semana e com horários mais adequados. Não sei se funciona pela América do Sul nesse formato (via terrestre), mas pelo Brasil com certeza é viável. A única exceção fica em uma parte da região Norte, pois as estradas/acesso ainda são bem precários via terrestre.

Ainda em 2017 aconteceu a morte da guitarrista Cherry Taketani, que, inclusive, gravou *Nyctophilia*. Na última

entrevista que fizemos, você chegou a mencionar que a conhecia há mais de vinte anos, então é fácil imaginar que não foi uma experiência simples para vocês, não apenas pelo lado profissional. O que pode nos dizer sobre o período em que conviveu quase que diariamente com ela e que marcas ela deixou no Nervochaos?

Edu: A perda de alguém querido nunca é fácil para aqueles que ficam. O que nos conforta um pouco é saber que ela viveu da forma que queria, fazendo o que amava, até o fim. Ela teve um papel essencial para a banda, em tantos aspectos, que até por isso eu a escolhi para fazer parte quando surgiu a oportunidade. Sinto-me honrado de ter sido amigo dela e ter tido a oportunidade de conviver por tantos anos com ela. Fizemos muitas coisas bacanas juntos e são essas memórias boas que guardo.

Quando começou o processo de composição para *Ablaze*? Quanto tempo dedicaram a esta etapa, e como transcorreu o processo?

Edu: De janeiro a maio de 2018 trabalhamos forte nas músicas que viriam a ser *Ablaze*. O processo funciona sempre da mesma maneira, ou seja, todos trazem suas ideias (riffs e letras) e vamos fazendo as músicas juntos. O processo inicial é feito em casa, e depois que as músicas tomam forma vamos para o estúdio tocá-las e dar os ajustes finais. Fizemos 18 músicas novas e 16 entraram em *Ablaze*. As duas músicas – uma inédita e um cover do Cólera para a faixa *Medo* – que ficaram de fora de *Ablaze* vão virar um EP 7", intitulado *Crypts Ablaze*, e que deve ser lançado em 2020.

A nova formação do NervoChaos traz algumas novidades, e também um bem-vindo retorno. Como o círculo fechou com esta formação?

Edu: O Guiller retornou à banda em janeiro 2018 como guitarra e vocal. O Diego (ex-Coldblood e Unearthly) entrou logo na sequência, também como guitarra e vocal. Com essa formação – Guiller, Diego, Thiago e eu –, gravamos o *Ablaze*.

Além de necessárias, você diria que existe algum ganho com essas mudanças de formação?

Edu: As mudanças de formação se fazem necessárias para que a banda continue seguindo firme e saudável. Com certeza, cada novo integrante traz a sua bagagem e 'sangue novo', o que é muito interessante na hora de compor. Independentemente disso, a banda tem uma sonoridade própria e sempre nos mantivemos fiéis à nossa proposta inicial.

Falando em evolução, o NervoChaos nunca teve medo de evoluir, pois sempre demonstrou conhecer os caminhos que trilhava.

Edu: Exato! Eu, como único membro original da banda, mantenho isso vivo na nossa sonoridade, mas sem medo de evoluir e sempre buscando a nossa sonoridade própria. Nunca nos prendemos a rótulos preestipulados e sempre navegamos livremente pelas diversas vertentes da música extrema.

E quanto às habilidades e o background pessoal de cada integrante, como adicionar o talento único de cada pessoa no caldeirão de ideias do NervoChaos sem perder a forte identidade musical?

Edu: É como mencionei antes. Por exemplo, quando um integrante traz um riff que não é a 'cara' da banda, acaba se transformando para se adequar à nossa sonoridade ou, caso isso não seja possível, acaba sendo descartado.

ABLAZE
HAMMERHEART - NAC.

Mais uma vez mesclando muitos elementos, o NervoChaos traz em *Ablaze* um álbum em que o rótulo mais adequado é simplesmente 'metal extremo'. Essa impossibilidade de encaixar a banda em um único gênero já causou algum problema para vocês no passado?

Edu: Vira e volta ainda enfrentamos algumas dificuldades por causa disso. Por outro lado, isso se tornou a marca registrada da banda. No fim das contas, fazemos o que gostamos sem nos preocuparmos em estar dentro de um ou outro rótulo. Não entendo por que a necessidade de se rotular e limitar a música. O que realmente importa, em minha opinião, é fazer música boa.

A abertura do álbum, *Necroccult*, acaba soando também como um diferencial. Até onde me lembro, esta é a primeira vez que o Nervochaos tem uma música cadenciada e instrumental na abertura.

Edu: Essa foi a última música que fizemos. A ideia foi justamente ter algo instrumental e cadenciado, que funciona como uma introdução. Achamos que seria algo interessante para preparar o ouvinte para a viagem sonora chamada *Ablaze*. Inclusive, também temos iniciado os shows com ela e a receptividade tem sido muito boa.

Vocês também parecem ter tomado um cuidado extra com a dinâmica do álbum, algo que já senti nos anteriores, mas que aqui é acentuado. Basta comparar a sequência *Demonic Juggernaut* e *Feast of Cain*, que vai de uma faixa veloz e agressiva para outra mais cadenciada e "perigosa".

Edu: Todos os detalhes em *Ablaze* foram planejados, e, desta vez, tomamos um cuidado extra com isso desde o início, no processo de composição. *Ablaze* tem músicas rápidas, mid-tempo e pesadas. Métrica e rima nas letras. Solos de guitarra onde achamos adequado, dois vocais, backing vocals, vinhetas (criadas por nós) e 'intros', também. Na parte gráfica também houve esse cuidado e, por isso, não tenho dúvida que esse é o nosso melhor trabalho até o momento!

Também gostaria de destacar o ótimo trabalho nos vocais em *Ablaze*. Além das linhas vocais principais, como gravaram os 'gang vocals'?

Edu: Já havíamos usado dois vocais no passado, assim como backing vocals, mas, como mencionei antes, desta vez mergulhamos mais fundo nos detalhes do processo todo. Também com a experiência e mais maturidade, conseguimos atingir um resultado muito superior em termos de composição. O Guiller e o Diego têm excelente vocal, com características próprias, e seria um desperdício não aproveitar isso. Os backing vocals gravamos nós mesmos, além de ter contado com a participação de Seb (Into Darkness) e de Dario (Mortuary Drape).

Começamos esta conversa falando sobre a turnê de *Nyctophilia*, então é justo terminarmos falando da turnê de *Ablaze*. Como foram os shows até agora, e quais são os planos para o futuro? Teremos novamente uma 'corrida' como foi a anterior?

Edu: Este ano, com a tour de *Ablaze*, vamos passar em todos os continentes do mundo e será a primeira vez que conseguimos esse feito. A tour teve início em junho, quando tocamos no Oriente Médio, Ásia e Oceania. Em julho e agosto estaremos pela Europa e, em setembro, vamos tocar pela América do Norte. Em outubro pela América Latina e África, e, para concluir, em novembro e dezembro estaremos em tour pelo Brasil. Devemos chegar novamente em 100 shows durante este ano, e a ideia é continuar promovendo *Ablaze* até 2020, ano que devemos entrar em estúdio para gravar um novo álbum para ser lançado em 2021.

Grupo Único

O flagelo de deus

MAIS DE TRINTA ANOS DEPOIS, JEFF BECERRA REVELA MAIS UM CAPÍTULO DO GRIMÓRIO DO DEATH METAL

POR VALTEMIR AMLER

Grupo Único

Quem realmente acreditava que o Possessed lançaria um novo álbum? Depois de transformar a história da música com dois álbuns lendários, um dos nomes primordiais na gênese do death metal desapareceu nas sombras e parecia mergulhar de vez na escuridão quando seu líder, o então vocalista e baixista Jeff Becerra, foi baleado e ficou paraplégico. Mas a constante vontade de seguir adiante, aliada ao clamor dos fãs e amigos, levou-o a retomar os trabalhos. Primeiro nos palcos, e, agora, finalmente em estúdio, com *Revelations of Oblivion*, o terceiro na jornada do Possessed e já um contendor para o posto de álbum do ano. Em uma entrevista exclusiva, ele nos contou todo o caminho percorrido até chegar ao novo álbum.

***Revelations of Oblivion* chegou como uma grata surpresa para os fãs do Possessed, já que a maioria sequer imaginava que a banda lançaria um novo álbum 32 anos depois do EP *The Eyes Of Horror*. Sabemos que você planejava lançar um novo disco antes, então, o que tornou este o momento certo para o retorno discográfico?**

Jeff Becerra: A verdade é que nunca houve um plano para que existisse sequer uma pausa na nossa discografia. Deixe-me explicar melhor: em 1987, a banda basicamente deixou de existir, pois todos meus antigos parceiros saíram. Isso foi logo depois do lançamento de *The Eyes of Horror*. Então, houve toda essa tragédia onde eu fui baleado (N.R: em 1989), e aí tudo ficou mais difícil. Não vou mentir, foi um período longo e muito difícil para mim. Eu realmente sentia vontade de retomar a banda, de fazer todas as coisas voltarem a acontecer, mas o fato é que não conseguia. Provavelmente, eu poderia ter feito alguma coisa um pouco mais cedo, mas era necessário que me sentisse realmente bem para que isso funcionasse. Eu estava quebrado por fora e por dentro. Mas as coisas foram acontecendo. Com o passar do tempo eu me casei, tive dois filhos lindos... Eu recuperei o meu centro, por assim dizer, e então eu sabia que era o momento certo.

Foi necessário todo um processo para se reconectar consigo mesmo para chegar neste momento.

Jeff: Sim, é uma jornada intensa, pela qual todos nós passamos ao longo da vida, em maior ou menor escala. Todos vivem altos e baixos, e existe essa coisa da jornada espiritual, de se reencontrar, como você disse. A minha vida estava melhor do que antes. Eu conseguia me sentir bem de novo, mas, sabe, eu sentia falta de alguma coisa, como se estivesse faltando encaixar uma peça para deixar a engrenagem perfeita.

Não foi difícil perceber o que era. Eu estou fazendo música há quarenta anos, isso é parte de quem eu sou, e precisava me reconectar a este aspecto da minha vida para me sentir novamente completo.

E, então, apareceu o Sadistic Intent.

Jeff: Exato. Eles participariam de um tributo ao Possessed (N.R: *The Seven Gates of Horror – A Tribute To Possessed*, lançado pela Karmageddon Media em 2004; o Sadistic Intent participou com a versão para a clássica *The Exorcist*, que abre a coletânea), e me chamaram para gravar os vocais. Isso foi muito legal da parte deles. Foi o ponto de retomada, com certeza. Foi naquele momento que senti que eu queria muito voltar, mas que as pessoas também estavam realmente a fim de ver esse retorno. Eu comecei a realmente me conectar e a me concentrar nas toneladas de e-mails que recebia todos os dias de pessoas que gostariam de me ver, de falar comigo. Pessoas que me enviavam fitas demo e todo tipo de coisas porque realmente se importavam com a minha opinião. Eram muitas pessoas que queriam basicamente me ver, que queriam a banda de volta. Então, o próximo passo foi colocar o Possessed de volta aos palcos, e claro que o Sadistic Intent era a banda certa para estar ao meu lado. Tocamos em alguns festivais, excursionamos por vários países, e, aos poucos, as coisas foram tomando forma e fui encontrando novos parceiros. Isso é sempre um desafio. Olha, foi uma grande jornada, com desafios, com sonhos frustrados e novos sonhos nascendo e florescendo, tudo o que puder imaginar.

Durante todo este tempo você permaneceu acompanhando o cenário, interagindo com o que acontecia no mundo da música.

Jeff: Sim, com certeza. Isso também é algo que me faz pensar que este é o momento certo para lançarmos um disco. Quer dizer, eu não sei se teria lugar no mundo para uma banda como o Possessed nos anos 90, você entende o que quero dizer? As coisas estavam mudando muito depressa. Não sei se uma banda como esta chamaria alguma atenção em um cenário tão afeito a transformações bruscas. Se você comparar com hoje, veja, as pessoas estão realmente interessadas em death metal. E eu senti que poderia trazer algo diferente para as pessoas. O Possessed fez isso nos anos 80, mas nos anos 90 era coisa demais acontecendo. Agora nós tínhamos algo diferente mais uma vez e, então, este era o melhor momento.

Faz sentido. O death metal revolucionou o mundo da música, depois ficou restrito a um público fiel, e está voltando a tomar o seu posto de destaque no cenário. Nada mais justo do que a banda que iniciou toda esta jornada aparecer com um novo álbum.

REVELATIONS OF OBLIVION
NUCLEAR BLAST / SHINIGAMI - NAC.

Jeff: Pois é, exatamente isso! Uma coisa é engraçada: o metal também envolve muitos momentos, muitas 'tendências', por assim dizer. Um dia é o thrash, outro dia é o groove, aí tem o 'revival' do metal tradicional, tudo isso. Você não pode imaginar quantas vezes eu ouvi ao longo dos anos a conversa de que o death metal estava morto. Cara, foram tantas vezes... Mas, o que as pessoas que dizem isso acham que gente como eu e você estávamos ouvindo e comprando durante todos esses anos? Nós continuamos seguindo o death metal, pois ele sempre esteve ali. Sempre teremos os clássicos, mas não faltavam novas bandas. Ao longo dos anos, o death metal se tornou uma fera muito maior do que era, pois ganhou mais cabeças e muitos subgêneros, que se unem em uma mesma e gigantesca família. Hoje as pessoas que quiseram colocar este gênero à margem do metal não podem fazer outra coisa senão engolir as suas palavras e, de uma forma ou de outra, ouvir death metal (risos).

Sim, hoje o gênero está misturado com tudo, do progressivo ao experimental.

Jeff: Sim, pois o espírito do death metal sempre foi de mudança. É compreensível que exista toda essa batalha pelo sentido léxico do termo, essa bagunça sobre o que é, e o que deixa de ser death metal. Sempre foi assim. Antigamente, quando nós éramos a única banda de death metal, o nosso intuito já era de não permanecer sempre a mesma banda. Naquela época lançamos três discos, e nos esforçamos para fazer com que fossem diferentes. Não queríamos ficar parados, e isso nos deu uma certa liderança sobre as demais que surgiam. Hoje a coisa está maior, e acho que as pessoas compreendem melhor essa mistura de subgêneros na busca de uma sonoridade mais elaborada e intensa.

Esse inconformismo musical fez com que muitas pessoas deixassem de associar o Possessed ao death metal. Hoje é muito comum falarem de vocês como uma banda de thrash metal, o que eu acho estranho se pensarmos nas bandas que realmente tocam thrash.

Jeff: Sim, eu concordo. Nós nunca fomos uma banda thrash, embora tenhamos elementos dele aqui e ali. Agora veja, se um fã de thrash metal colocar um dos discos do Possessed para tocar sem ter uma noção exata de quem somos, ele não vai gostar. Nós éramos muito satânicos, muito pesados para ser uma banda thrash. Mas as pessoas não consideram o passar dos anos, não consideram a história que está sendo construída ao longo das décadas. Elas pegam a sua banda favorita de death metal hoje e comparam com o que tocamos no meio dos anos 80, e esperam que seja igual, caso contrário não é death metal. Como assim? É óbvio que o Venom não vai soar como uma banda de black metal norueguesa, pois não é. O Possessed não vai soar como uma banda de death metal atual, pois é uma questão histórica. Temos outras raízes, mas o fruto é o mesmo. O Possessed é uma banda de death metal!

O que pensa do cenário atual do death metal? Pessoalmente, estou bem empolgado, pois os gigantes estão lançando ótimos álbuns, e novas bandas surgem todos os dias.

Jeff: Sim, eu diria que vivemos uma nova era de ouro. Temos várias novas bandas ótimas, como Tomb Mold, Necrot, Fetid... Acho que todo mundo é novo se comparar comigo (risos). Mas, do outro lado, tem bandas como Obituary, Krisiun, Pestilence, Incantation, todos lançando ótimos álbuns. É um ótimo momento para ouvir música, e também por isso nós precisávamos lançar nosso álbum agora.

E como começou o processo de composição de *Revelations of Oblivion*?

Jeff: A primeira coisa em que eu pensei foi no conceito central do disco. Eu estava pensando em como as coisas são estranhas, pois, se você observar com cuidado, vai perceber que hoje em dia Satã está se tornando algo 'mainstream', saca? Nos anos 80 era uma coisa muito underground e muito bem definida. O Diabo assustava as pessoas, Deus era bom e o Diabo era ruim, os dois jamais poderiam se encontrar. De repente, houve uma grande inversão de valores, como se fosse um sinal do apocalipse: hoje, se você falar de religião na música, você é o estranho que gera conflito, e, se falar no Diabo, então você é descolado. Eu estava pensando sobre isso e comecei a pensar em um conceito maior, muito mais abrangente. Um mundo onde Satã é legal e um mundo onde Deus é totalmente ausente, onde o homem é seu próprio deus, e onde os dogmas são nossas próprias ideias. Em um cenário como esse, basta se afastar um pouco do autocontrole para criar o apocalipse, para vermos a humanidade como agente de sua própria ruína, da sua própria extinção. Essa ideia foi o ponto de partida para o que temos aqui.

Robert Cardenas, Emilio Marquez, Jeff Becerra, Daniel Gonzalez e Claudeos Creamer, a nova encarnação da mais antiga lenda do death metal

É possível perceber que esta história vai ganhando tons ainda mais complexos no decorrer do álbum.

Jeff: Sim, a ideia era essa mesmo. Em um cenário apocalíptico as coisas vão sempre piorando, coisas diferentes vão acontecendo e se acumulando... A questão é que, para atingir o nível que eu queria com este conceito, fui usando diferentes vozes ao longo das canções. Existem momentos que a letra flui como uma narrativa em terceira pessoa, e outros em que um personagem assume a voz e toma conta da narrativa. Assim, a perspectiva passa para a primeira pessoa. Senti que essa abordagem era necessária, pois são muitas coisas acontecendo, temos pessoas adorando o demônio e, então, vem as consequências desse ato. Temos músicas que falam das pessoas sendo manipuladas como marionetes pelas forças das trevas, grandes líderes das nossas nações que são manipulados por forças demoníacas, por um culto das sombras...

Sim! E é uma história que também adquire sentidos mais profundos. Você pode tomar como uma analogia a própria experiência humana no mundo.

Jeff: Sim, é isso. Se pararmos para pensar, as pessoas sempre estudaram deuses e demônios, pedindo para uns e conjurando outros, mas sempre com o mesmo intuito. Você pode estudar antigos livros sagrados e conhecer os dogmas religiosos para adquirir proteção ou o que quer que seja. Ou você pode pegar para estudar antigos grimórios de doutrinas ocultas e fazer missas negras para conjurar demônios e adquirir alguma espécie de poder. Não importa se chamam de arcanjo ou demônio, as pessoas estudam as forças ocultas para tentar manipulá-las, para tentar conseguir algo delas. Sempre foi assim, desde o princípio dos tempos. Somos fascinados pelo poder e pelas possibilidades que ele nos dá. O poder do bem e do mal em nossas mãos, nas rezas ou nos ritos negros. Achamos que podemos controlar as forças do bem e do mal, e o que esta história se propõe a discutir é: e se não pudermos controlar? Se no fundo nós é que estamos sendo usados?

Como traduziram esse conceito em música?

Jeff: Bem, o conceito gira em torno de uma peça central, mas é aberto a diferentes interpretações. A forma que cada um entende as músicas é muito variável, e eu aprecio isso. Mas quando falamos da música, aí a coisa é mais restrita. Nós começamos a compor a parte musical pensando na tradição do Possessed. Não faria nenhum sentido lançar um novo álbum depois de mais de trinta anos e esse não soar como o Possessed; então, esse foi o ponto de partida.

Qual você diria que é a marca registrada da música do Possessed?

Jeff: A primeira coisa que qualquer pessoa pensa é nas melodias, nas linhas de guitarra, na batida, os interlúdios, todo esse aspecto técnico que envolve a música, e que tem a ver com a imaginação e a habilidade dos músicos envolvidos. Mas eu realmente sinto que, no caso da nossa banda, existe algo mais. Existe algo nas entrelinhas da música do Possessed, uma energia diferente, uma vibração que é muito difícil de explicar e é tipicamente nossa, que está em todos os álbuns. Uma pessoa pode aprender a tocar cada pequeno detalhe da nossa música, e ainda não soará como o Possessed.

Isso não foi um problema quando começou a trabalhar com músicos diferentes da formação clássica do Possessed?

Jeff: Não, por conta da maneira como fizemos as coisas. Demanda certo tempo para compreender a vibração desta banda. Eu sabia disso e, então, o que fizemos foi nos debruçar por anos sobre o antigo material do Possessed, ensaiando, ouvindo, tocando muitos shows; foi assim por anos e anos. Hoje esses caras estão mais tempo ao meu lado do que o Possessed 'original', por assim dizer. E eles são músicos fenomenais, inteligentes e rápidos!

Isso transpareceu na hora de compor?

Jeff: Totalmente. Claro que quando um riff ou algo do tipo era criado, eu ficava atendo, pois precisava garantir que soasse como Possessed. Mas em pouco tempo eu nem precisava mais fazer isso, pois todos já estavam na vibração certa, eles intuitivamente sabiam o que fazer e como fazer. O que é justo, pois somos o Possessed.

Como garantir essa vibração criativa da equipe? Quer dizer, você e os integrantes da formação clássica – Mike Torrao, Larry LaLonde e Mike Sus – tinham um entrosamento muito forte. Olhando de fora, pareciam pensar de uma mesma forma.

Jeff: Entendo o que quer dizer, mas eu jamais diria que nós quatro pensávamos da mesma forma. Muito pelo contrário. Claro, nós nos amávamos, éramos como irmãos, mas sempre existia um tipo de raiva no antigo Possessed. Mas era assim que as coisas funcionavam – e muito bem (risos). Cada banda tem uma dicotomia e uma forma de trabalho, e aquela era a nossa. Mas posso dizer que desta vez é diferente, é realmente fácil trabalhar com esses novos caras.

Com o novo álbum em mãos e recebendo muitos elogios, como você se sente com o 'velho' Possessed?

Jeff: É fantástico, como eu disse, nós éramos irmãos. Foi realmente frustrante para mim quando eles resolveram seguir outros caminhos. Nós estávamos crescendo, estávamos fazendo turnês com o Slayer, vendendo muitos álbuns... Eu pedi que ficassem, mas tinha que respeitar o fato de que eles tinham de viver sua própria jornada. E mais, como líder de uma banda, eu não podia ficar sentado vendo-os arrumando as malas. Eu tinha que seguir em frente, e fiz isso. Eu ainda amo aqueles caras e tudo o que fizemos juntos. É parte da minha história e o que me permite estar aqui conversando com você.

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO
ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIROROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW

FOTO: LUCIANO PANTONI

ANDRE MATOS, O CAMISA 10

Foi numa Feira da Música, não me pergunte em qual. O Angra estava no auge e seus músicos participavam de uma tarde de autógrafos no estande da revista Rock Brigade, em que eu trabalhava na época. Como sempre, formou-se uma fila a perder de vista de gente querendo um autógrafo, uma foto, um aperto de mão. E o mais procurado era, invariavelmente, Andre. Nessa ocasião em especial o assédio foi além da conta. Responsável pela matéria sobre a Expomusic, saí à cata dos entrevistados quando os músicos já atendiam os fãs. Fiz várias entrevistas e voltei algumas horas depois. A fila continuava monstruosa. Andre continuava o mais procurado. E continuava assinando, tirando fotos e conversando com os fãs com o mesmo sorriso no rosto de horas antes. Lembro de ter falado com Luis Mariutti e perguntado como ele se sentia por não ser tão procurado quanto Andre. Sábio e bem humorado como sempre, Luis devolveu na lata: "Eu não me incomodo em ser o lateral-esquerdo."

Sem nenhum demérito a Mariutti – um dos melhores baixistas e uma das pessoas mais gentis que conheci em todos esses anos –, a verdade é que ali ele, por tabela, definiu Andre Matos: ele era o camisa 10. Aquele cara em torno de quem o jogo se desenvolve, aquele cujo toque de classe faz tudo funcionar, aquele que faz as pessoas saírem de casa para vê-lo exercitar sua arte.

Tive o privilégio de estar com ele em inúmeras ocasiões – profissionais ou não. Numa delas em especial, conversamos bastante e Andre fez várias perguntas sobre meu trabalho. Estava verdadeiramente interessado no assunto e se mostrou um sujeito com inteligência e sagacidade acima da média – sacou algumas nuances sobre minha profissão que muita gente mais experiente que ele sequer suspeitou. Havia um imenso respeito mútuo e eu tinha certeza que isso não se devia ao fato de eu ser "da imprensa". Andre era um cara que respeitava todo mundo e que também tinha um ótimo senso de humor. Na Rock Brigade, muitas matérias eram assinadas apenas com as iniciais do nome do redator. Meu "ACM" rendeu toda sorte de brincadeiras por remeter ao finado político baiano. E minha versão de *Angels Cry* tem uma dedicatória que começa com "Ao também ACM", já que sua "sigla", de Andre Coelho Matos, era igual à minha.

Quem perdeu com a morte de Andre não foi o heavy metal. Não foi o rock. Não foi a música. Foi a arte. Andre Matos era um artista no significado mais profundo do termo. E o mundo perdeu um ser humano inteligente, cordial, simpático, gentil. Um cara do bem, enfim. Fica a saudade...

BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL
LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR

FOTO: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO/DIVULGAÇÃO

MEU AMIGO PONEIS

Acho que foi em 1990, pois minha memória diz que foi a primeira vez que o encontrei desde que saíra do Viper. Digo isso pela sensação que tive meio de pisar em ovos quando cheguei à casa do Andre para pegar emprestado um disco do Manowar (*Sign of the Hammer*). Éramos todos fãs do Manowar, e o Andre tinha o vinil importado, lindão.

Toquei a campainha e ouvi a voz dele: "Entra aí, Téti (meu apelido)". Ele estava ao piano, peguei o disco e falei para ele algo que desconfiava havia cinco anos, desde que nos conhecêramos. "Tenho certeza que você só virou vocalista e descobriu esse talento porque era igual o Bruce Dickinson". Ele riu, meio enigmático como sempre foi, e deixou a resposta no ar, daquele jeito mezzo formal mezzo reverencial como tratava tudo: "Luiz Cesar, Luiz Cesar".

Quase 30 anos depois continuo com a mesma opinião. Porque o Andre tinha talento de sobra para alcançar a magnitude que atingiu, mas não tinha personalidade leonina para o status de frontman que conquistou.

Ele era o menino falsamente tímido de óculos de lentes grossas quando o conheci num ensaio do Viper. As lentes eram tão grossas que, somado ao globo ocular reduzido, ele não era o Matos, mas o André Poneis (leia como se tivesse acento circunflexo no e, na diminuição de jaPoneis).

Falava pouquíssimo e impostava a voz, como garotos muito inteligentes fazem. E ele era extremamente inteligente e o mais garoto entre todos – era sete meses mais novo que eu, o que fazia baita diferença aos 13 anos.

Convivemos intensamente nos tempos de Viper, e até hoje todos da turma continuam meus amigos, até o Cássio Audi, que desistiu de ser o Charlie Benante brasileiro.

Depois do Viper encontrávamos esporadicamente, mas o Andre tinha uma memória bizarra. Quando o Viper foi lançar o documentário *Living for the Night – 20 Years*, me chamaram para fazer as entrevistas com todos os membros. Fui fazendo uma a uma e quando entrevistei o Andre, falei para ele: "Não é possível, mano, que você tenha essa memória fotográfica. Você está colando de algum lugar". Ele ria, e deixava a resposta no ar.

Puta cara legal, puta ser humano legal.

No dia 15 de junho organizamos uma missa para ele. A igreja abarrotou de amigos e fãs como nunca vira em uma missa. Nos dias seguintes ao falecimento, tive uma dimensão do artista que tinha se tornado que, assumo, não fazia ideia.

O Andre conseguiu me surpreender durante os 34 anos que fomos amigos. Só que não me engana. Tenho certeza que só se tornou esse vocalista porque era igual um mini Bruce. Saudades, cara.

A LOOK AT METAL

POR CLAUDIO VICENTIN
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR
DA REVISTA ROADIE CREW

CAMPO DE BATALHA

POR RICARDO BATALHA
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE
DA REVISTA ROADIE CREW

A concentração plena de Matos antes de gravar seus vocais em estúdio

FOTO: ARQUIVO BRASIL HEAVY METAL

OS VOCALISTAS E O VOCALISTA/COMPOSITOR/MAESTRO ANDRE MATOS

Existe a música clássica, a instrumental, e algumas composições sem a presença de vocal são de emocionar, vide *For the Love of God* de Steve Vai. Porém, uma banda com vocal, na maioria das vezes, chamará mais atenção. Não apenas pela performance da "garganta", mas também a presença de palco e a comunicação com o público. O vocalista é como um instrumentista, produz sons musicais com a voz e precisa ter técnica. Cantar bem requer tempo, autoconhecimento e dedicação, com a prática regular.

Vamos nos envolver aqui com heavy metal e classic rock, nossas vertentes. Impossível listar todas as grandes vozes, pois temos uma infinidade de ótimos vocalistas. Mas, para mim, alguns estão na frente e sempre agradaram meus ouvidos de forma contundente. Freddie Mercury, Ronnie James Dio, Bruce Dickinson, Ian Gillan, Ian Astbury, David Coverdale, Corey Taylor, Sammy Hagar (apesar de preferir Van Halen com o David Lee Roth), Michael Kiske, Mikael Akerfeldt, John Bush etc.

No entanto, Andre Matos é um dos meus preferidos em todos os tempos. Dono de uma técnica vocal apurada e um agudo potente, foi um vocalista peculiar por ter uma voz um pouco afeminada, o que lhe dava um timbre único, muitas vezes soprano (voz mais aguda/clara e com maior alcance).

Escutar os primeiros álbuns do Angra com Matos reforça a sensação de que ele era singular. Não apenas isso, pois era também um compositor de mão cheia. Em *Angels Cry*, as músicas chegaram aos ouvidos dos europeus e japoneses de forma arrebatadora. *Carry On* talvez seja o maior exemplo do alcance que Andre tinha nas notas. Claro, não apenas nessa faixa. Escute o trabalho em *Time* e *Stand Away*, que é de emocionar. O álbum *Holy Land*, com *Make Believe*, *Deep Blue*, *The Shaman*, a faixa que deu título à banda Shaman através de uma ideia de nosso redator-chefe, Ricardo Batalha, e tantas outras.

Ao vivo tudo era igual: qualidade, técnica e performance de palco arrebatadora. Vi isso de perto por mais de um ano, quando trabalhei de roadie do baterista Ricardo Confessori. Aliás, a banda toda era de uma qualidade musical e técnica irrepreensível.

Na carreira solo, destaco o álbum *Time to Be Free* e, em especial, a faixa-título, que é uma das melhores composições de toda a carreira de Matos. Amigo Andre, sua música é eterna e jamais deixarei de ouvi-las com enorme prazer. Como estou fazendo no momento que escrevo essa coluna, ao som de Virgo. Não conhece? Corra para escutar, pois é mais um álbum fenomenal na discografia do Maestro!

ANDRE MATOS ETERNO

"Valeu, Batalha, você me salvou, bicho!". Esta frase me foi dita por Andre Matos, depois que o segurei e o impedi de tomar um tombo grande quando saía do praticável da bateria após ter tocado *Back in Black*, do AC/DC, em um show da turnê europeia do Angra, em 1997. A banda fazia um set longo, que trazia, além dos clássicos de *Angels Cry* e *Holy Land*, uma parte acústica e alguns covers, que variavam entre Judas Priest, Manowar, Black Sabbath, Iron Maiden e AC/DC. Neste último, Ricardo Confessori ia para o vocal e Andre para a bateria. Não foi a primeira vez que ele tocou bateria e eu estava presente. Em uma festa de aniversário minha, em abril de 2001, ele tinha tocado uma música do Metallica em uma jam, no Black Jack Bar (SP). Depois, repetiu a dose no evento produzido por Richard Navarro, o "Metal Heroes - Tribute to Viper & Angra", em homenagem a ele e que ocorreu na Led Slay (SP). Ele ainda tocou bateria em *More*, do Sisters of Mercy, que o Shaman havia feito uma versão, em um evento organizado pelo Stay Heavy no Blackmore Rock Bar (SP), e que teve meu ex-companheiro de banda, Roger Lombardi, no vocal.

Porém, eu queria poder ter escutado dele a mesma frase que comecei este texto muitos anos depois. Queria ter ouvido isso no dia 8 de junho de 2019, a tempo de salvá-lo da morte. Ah, o número 8... Aquele místico, que torcedores do Corinthians tanto gostam e comentam porque jogadores como Basílio, Sócrates, Luizinho, Rincón e Paulinho se deram bem o usando nas costas. Quis o destino que ficasse marcado também para Andre, um dos torcedores ilustres do Timão. O maestro estreou nos palcos com o Viper no dia 8 de abril de 1985 e faleceu no dia 8 de junho de 2019. Seu último lançamento – Viper, *To Live Again - Live in São Paulo* (CD e DVD) – ocorreu oficialmente em 8 de abril de 2015, em uma grande festa no Manifesto Bar (SP), repleta de amigos, convidados e fãs.

Felizmente, quando olho em retrospectiva, percebo que muitos momentos da minha vida estão ligados à carreira de Matos. No show de lançamento do primeiro disco do Viper, *Soldiers of Sunrise* (1987), que ficou conhecido como o "da tocha", lá estava eu filmando no Colégio Rio Branco – já escrevi aqui sobre este evento marcante e polêmico. Tem a ligação com o Angra e a do Shaman...

Ah, o número 8... Considerado o número da sorte chinês, o oito, quando na horizontal, se transforma no símbolo do infinito. Não por acaso, assim será a obra que Andre Matos nos deixou: infinita. Descanse em paz, amigo.

FOTOS: ALEX MINICONE

Grupo Único

LEANDRO CAÇOILO

(VIPER | ENDUST | CARAVELLUS | SEVENTH SEAL | HARDSHINE)

POR RICARDO BATALHA

Primeiro disco que comprou:
"Iron Maiden - *A Real Live One*."

Melhor disco de Heavy Metal:
"Iron Maiden - *Piece of Mind*."

Último disco que comprou:
"Megadeth - *Countdown to Extiction* (remaster)."

Disco que mudou sua vida:
"Kiss - *Creatures of the Night*."

Disco que mais ouviu na vida:
"ARK - *Burn the Sun*."

Melhor capa de disco:
"Iron Maiden - *Powerslave*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Qualquer um do Nirvana."

Disco que gostaria de ter gravado:
"ARK - *Burn the Sun*."

Música que gostaria de ter composto:
"*Detroit Rock City* - *Kiss*."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Led Zeppelin - *Physical Graffiti*."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Iron Maiden - *Piece of Mind*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Kiss - *Revenge*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"ARK - *Burn the Sun*."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Kiss, Iron Maiden, ARK e Caravellus."

Música que mais gosta de tocar:
"Endust - *Someone to Blame*."

Música que melhor define sua carreira:
"Eterna - *Epiphany*."

Três hinos do Rock/Metal para você:
"Judas Priest - *Painkiller*, Iron Maiden - *Rime of the Ancient Mariner* e Accept - *Balls to the Wall*."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Maneater*, de Daryl Hall & John Oates."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Slayer."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"ARK."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Kiss."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Kurt Cobain."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Kiss."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Bateria."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Rock'n'roll."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Blues, soul music (Motown) e ópera."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Desenhista."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Não tenho nenhuma história bizarra. Todos os encontros com fãs são sempre bacanas."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Estou trabalhando com música!"

Site:
http://leandrocacoilo.com.br

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A N° 1 EM MÚSICA EXTREMA

Valhall Music

EDIÇÕES ESPECIAIS COM SLIPCASE E PÔSTER EXCLUSIVO!

AVANTASIA

THE MYSTERY OF TIME —A ROCKEPIC—

**A metal opera de Tobias Sammet com convidados de peso!
Biff Byford (Saxon), Michael Kiske (Helloween),
Eric Martin (Mr. Big) entre outros!
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo e
2 faixas bônus!**

EDGUY

AGE OF THE JOKER

**Um álbum marcante na carreira dos alemães!
Relançamento especial com slipcase, pôster
exclusivo e 2 faixas bônus!**

EPICA

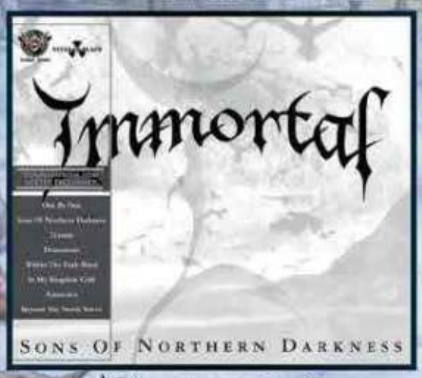
THE QUANTUM ENIGMA

**Um dos melhores trabalhos da banda que conta com
a bela voz de Simone Simons
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo
e 1 faixa bônus!**

DIMMU BORGIR

PUROPTICAL CARNIVOROUS MISANTHROPIA

**Grande clássico da banda Norueguesa de Black Metal!
Relançamento especial com slipcase, pôster exclusivo e
1 faixa bônus!**



Immortal

SONS OF NORTHERN DARKNESS

**Outro clássico do Black Metal Norueguês, disponível
novamente no Brasil!
Relançamento especial com slipcase com nova arte e
pôster exclusivo! Encarte com a arte original!**

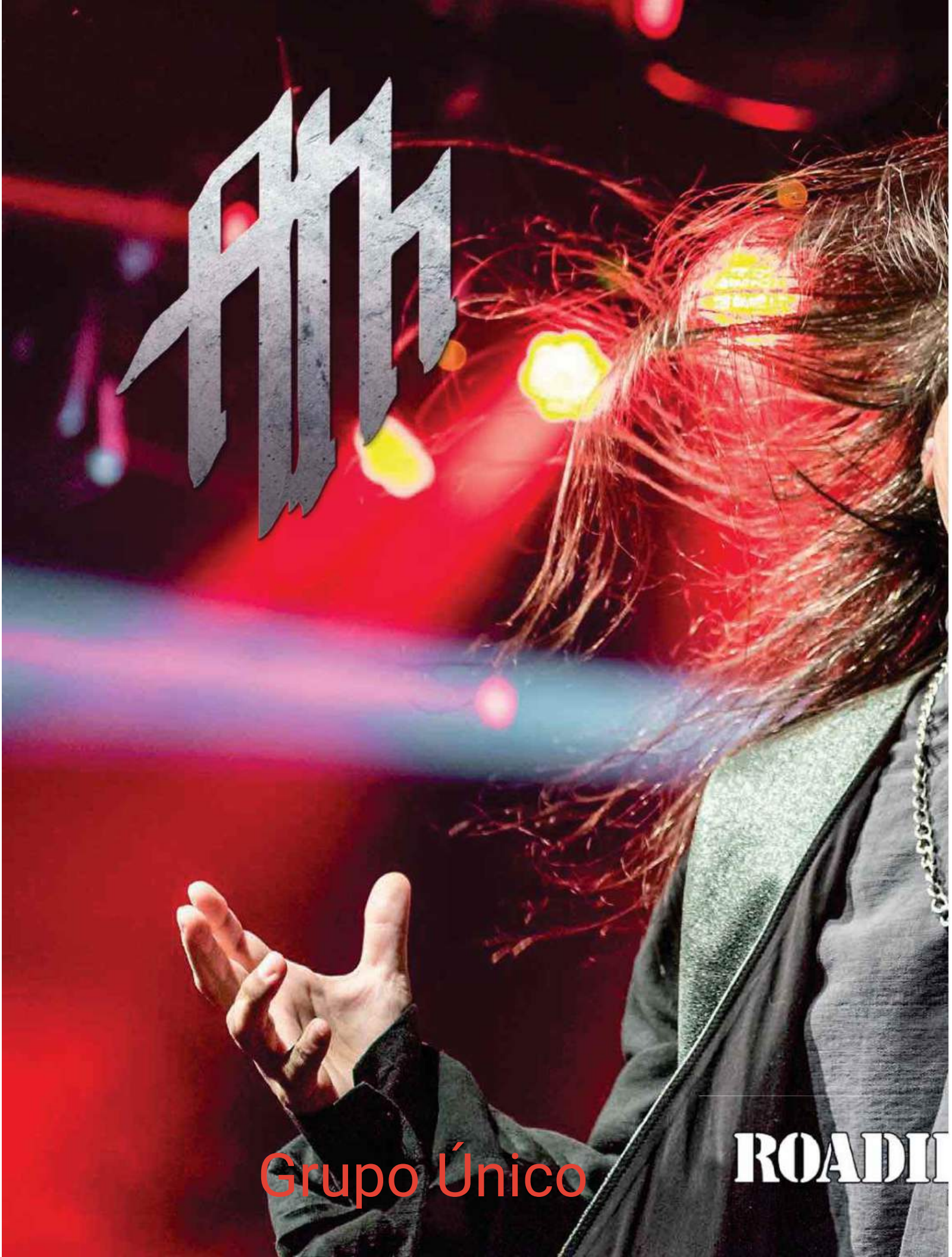
anuncio black_heartsrc@outlook.com

CONHEÇA NOSSA LOJA VIRTUAL!!

www.valhallmusic.com.br

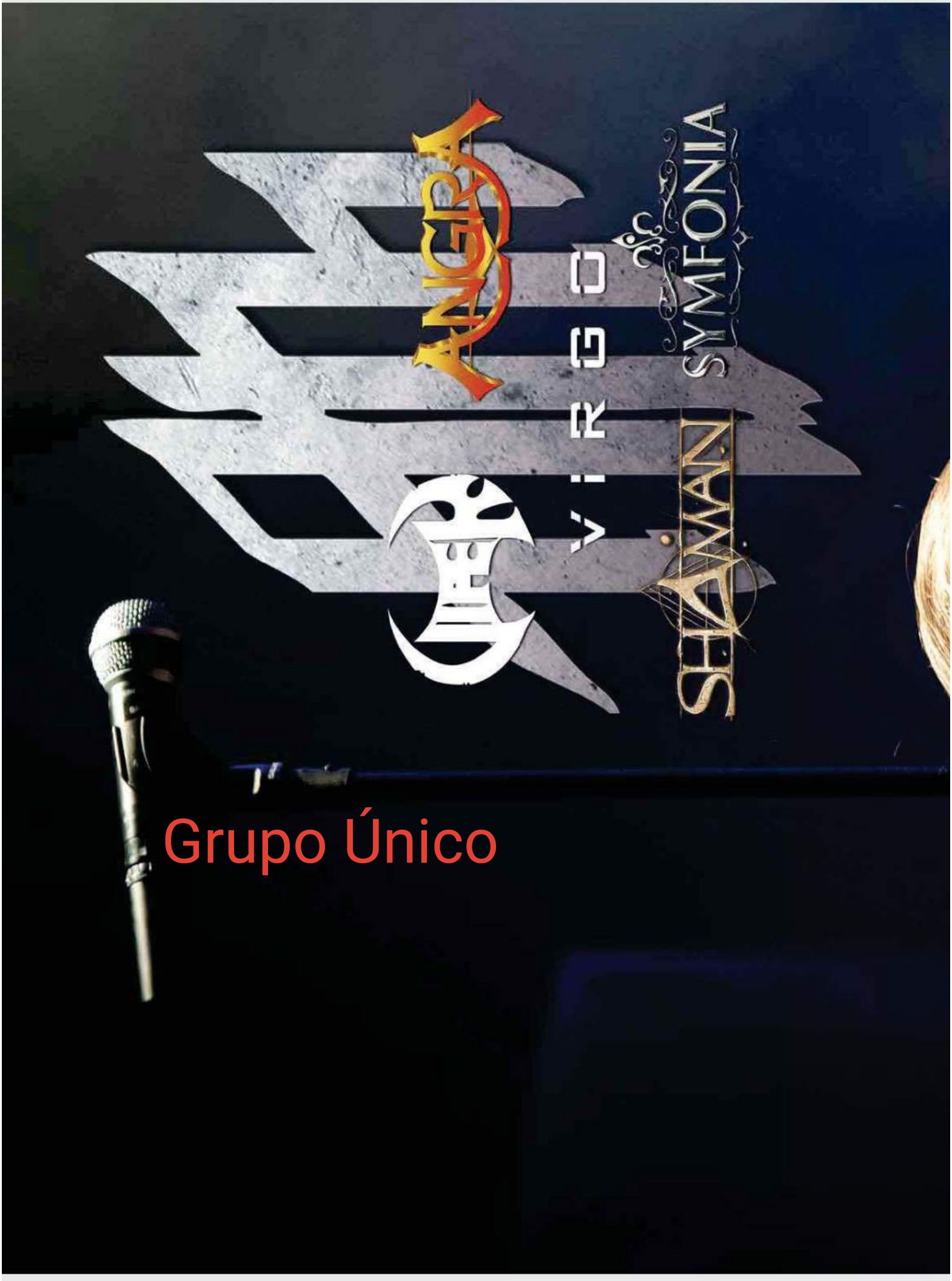
Valhall Music

info@valhallmusic.com.br www.facebook.com/valhallmusic/ (11) 2012 - 5088



Grupo Único

Grupo Único
E CREW
Heavy Metal & Classic Rock
FOTO: FERNANDO PIRES / ROADIE CREW

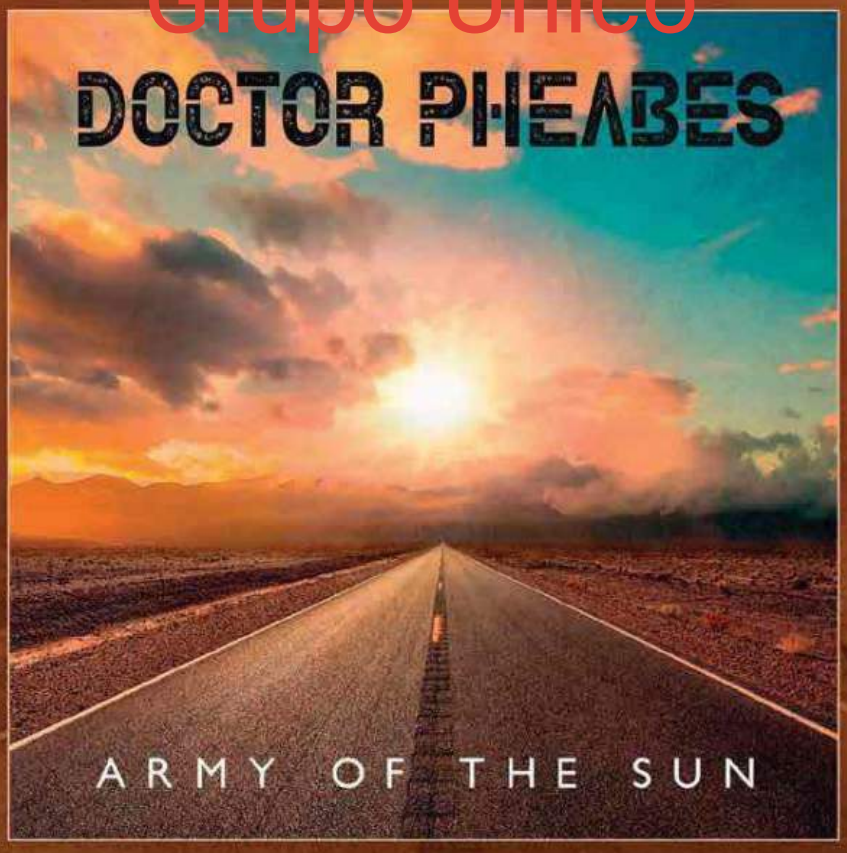


Grupo Único

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock
FOTO: RICARDO FERREIRA / ROADIE CREW

Grupo Único

Grupo Único



NOVO ÁLBUM JA DISPONÍVEL PARA STREAMING

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · GET IT ON Google Play · napster

CONTATO PARA SHOWS:
SHOWS@DOCTORPHEABES.COM

/DOCTORPHEABESOFFICIAL

@DOCTOR_PHEABES